TEBAIDA

LIVROS I-XII

PÚBLIO PAPÍNIO ESTÁCIO

NOTA EDITORIAL

Tradução portuguesa revista dos doze livros da Tebaida, elaborada a partir da versão inglesa de J. H. Mozley (1928), com cotejo do texto latino e da versão francesa de Nisard. A numeração entre colchetes foi preservada; as notas são reunidas ao final de cada livro.

LIVRO I

[1] Meu espírito, tocado pelo fogo das Piérides, dispõe-se a narrar a luta entre irmãos, a guerra pelo reino alternado, travada em ódio sacrílego, e toda a história criminosa de Tebas.

Por onde, ó deusas, ordenais que eu comece? Cantarei as origens dessa raça terrível, o rapto sidônio, as condições inexoráveis impostas por Agenor e Cadmo errante pelos mares?[1] Muito para trás recuaria a narrativa, se eu contasse o lavrador inquieto daquela guerra oculta, semeando combates em solo profanado; se investigasse até o fim com que canto Anfião fez moverem-se os montes tírios para compor as muralhas da cidade; de onde vieram as graves iras de Baco contra as torres de sua própria cidade; que obra realizou a cruel Juno; contra quem o infeliz Atamante ergueu o arco; e por que a mãe de Palêmon, trazendo-o nos braços, não temeu lançar-se no vasto mar Jônio.[2] Antes, aqui e agora, deixarei para trás as dores e alegrias de Cadmo: que a casa atormentada de Édipo estabeleça o limite de meu canto,[3] pois ainda não me é permitido ousar o tema dos estandartes da Itália e dos triunfos do Norte, do Reno duas vezes submetido ao nosso jugo, do Istro duas vezes sujeito à nossa lei, dos dácios precipitados do monte de sua conjuração, nem das batalhas travadas em defesa de Júpiter, quando mal te aproximavas da juventude;[4] nem ainda de ti, ó glória acrescentada ao nome latino, a quem Roma, vendo suceder tão cedo às últimas façanhas de teu pai, deseja possuir para sempre.

Sim, ainda que um limite mais estreito constranja todos os astros para te dar lugar, e te seduza a região luminosa do céu[5] que desconhece as Plêiades, Bóreas e o raio que tudo rasga; ainda que aquele que governa os corcéis de pés flamejantes coloque com a própria mão sobre teus cabelos o esplendor sublime de seu diadema, ou que Júpiter te conceda parte igual no vasto céu, permanece contente com o governo dos homens, senhor da terra e do mar, e concede constelações ao céu.[6] Virá o tempo em que, fortalecido pelo delírio das Piérides, narrarei teus feitos; agora afino a lira apenas para cantar as armas aônias[7] e o cetro fatal a ambos os tiranos; a loucura que nem a morte conteve e a luta das chamas na discórdia da pira funerária;[8] os corpos de reis privados de sepultura e as cidades esvaziadas por morticínios recíprocos, quando as águas azul-escuras de Dirce coraram com o sangue de Lerna e Tétis, horrorizada, contemplou o Ismeno - antes acostumado a roçar margens ressequidas - descendo carregado de imensos montes de mortos.

Qual herói primeiro me darás por assunto, ó Clio? Tideo, incapaz de dominar a ira? O súbito abismo que se abriu para o profeta coroado de louros? Também o impetuoso Hipomedonte, repelindo com cadáveres o rio inimigo, exige meu canto; devo lamentar o valoroso árcade e suas guerras, e cantar, com ardor ainda mais violento, o destino de Capaneu.

[46] Já Édipo, com mão vingadora, escavara profundamente os olhos culpados e submergira sua vergonha criminosa numa noite eterna, permanecendo numa longa morte em vida. Mas, enquanto se abraçava às próprias trevas e ao isolamento extremo de sua morada, guardando o aposento secreto que nem os raios do sol nem o céu contemplavam, o dia feroz da consciência continuava a pairar ao redor dele com asas incansáveis,[9] e as Fúrias vingadoras de seus crimes assaltavam-lhe o coração.

Então mostrou ao céu as órbitas vazias, castigo cruel e digno de compaixão por toda a sua vida; com as mãos manchadas de sangue golpeou a terra oca[10] e, em terríveis palavras, pronunciou esta prece: "Deuses que governais as almas culpadas e o Tártaro, exíguo para tantas penas; tu, ó Estige lívida, que já contemplo em teu fundo sombrio; e tu, Tisífone, tantas vezes invocada em minhas orações, mostra-te agora propícia e favorece meu desejo contra a natureza. Se em alguma coisa alcancei teu favor; se me acolheste no regaço quando caí do ventre de minha mãe e curaste as feridas de meus pés perfurados; se busquei o lago de Cirra, que serpenteia entre os dois cumes da montanha,[11] quando poderia ter vivido contente com o falso Pólibo; se, na garganta da Fócida onde três caminhos se encontram, agarrei o velho rei e fendi o rosto do ancião trêmulo enquanto procurava meu verdadeiro pai; se, guiado por ti, resolvi os enigmas da cruel Esfinge; se exultante conheci o doce delírio e a união fatal do leito materno, suportei tantas noites profanadas e gerei para ti filhos - como bem sabes -; se, pouco depois, ávido de castigo, voltei contra mim mesmo os dedos dilacerantes e deixei meus olhos junto de minha mãe desventurada: ouve-me até o fim, se peço algo digno, algo que tu própria sugeririas a um furioso.

Embora cego e expulso do trono, meus filhos, em qualquer leito que tenham sido gerados, não procuraram guiar-me nem consolar minha dor; ao contrário, soberbos - ah, aguilhão enlouquecedor! -, erguidos à realeza como se eu estivesse morto há muito, zombam de minha cegueira e detestam os gemidos do pai.

Também eles me julgam maldito? E o covarde pai dos deuses contempla tudo e nada faz? Ao menos tu, minha legítima defensora, vem até aqui e dá início a uma vingança que arrase para sempre a descendência deles! Coloca sobre a cabeça a coroa ensanguentada que minhas unhas sangrentas arrancaram; inspirada pelas maldições do pai, interpõe-te entre os irmãos e corta com a espada os laços que os unem pelo sangue.

Concede-me, rainha do abismo do Tártaro, concede-me contemplar o mal desejado por minha alma. O ânimo dos jovens não tardará a seguir-te: vem apenas como és digna de ti mesma, e reconhecerás neles verdadeiros filhos meus."

[88] Assim ele orou, e a deusa cruel voltou o rosto sombrio para escutá-lo. Por acaso estava sentada junto ao lúgubre Cócito; soltara as serpentes de sua cabeça e permitia que lambessem as águas sulfurosas.

Imediatamente, mais veloz que o fogo de Júpiter ou que as estrelas cadentes, saltou da margem tenebrosa. A multidão das sombras abriu caminho diante dela, temendo encontrar sua rainha; então, atravessando as trevas e os campos obscurecidos por fantasmas em tropel, apressou-se rumo à entrada do Tênaro,[12] cujo limiar ninguém pode atravessar e novamente regressar.

O Dia percebeu-lhe a presença; a Noite interpôs sua nuvem de pez e espantou os cavalos luminosos. Ao longe, o gigantesco Atlas estremeceu, e o céu vacilou sobre seus ombros trêmulos. Logo, elevando-se do vale de Maleia, ela se lançou pela estrada conhecida até Tebas: em nenhuma missão é mais rápida ao ir e retornar; nem mesmo prefere o Tártaro, que lhe é aparentado.

Cem serpentes de chifres erguidos sombreavam-lhe o rosto; e aquilo era apenas a parte menor da multidão de sua cabeça terrível.[13] No fundo dos olhos encovados ardia uma luz cor de ferro, como quando encantamentos atrácios[14] fazem Febe, em trabalho de parto, avermelhar-se por entre as nuvens. Impregnada de veneno, sua pele se distendia e inchava de corrupção; da boca maligna saía um vapor de fogo, trazendo aos homens sede insaciável, doença, fome e morte universal.

Dos ombros caía um manto eriçado e medonho, cujos nós azul-negros se reuniam sobre o peito: Átropos e a própria Prosérpina renovavam-lhe esse traje. Então ambas as mãos se agitaram na ira: uma brilhava com uma tocha funerária; a outra açoitava o ar com uma hidra viva.

[114] Ela deteve-se onde os cimos abruptos do vasto Citéron se erguem ao encontro do céu e, de seus cabelos verdes, soltou repetidos silvos ferozes, sinal dirigido à terra. Toda a costa do golfo aqueu e o reino de Pélops ecoaram ao longe. Também o Parnaso, no meio do céu, ouviu o som, e o turbulento Eurotas; com o estrondo, o Eta oscilou e cambaleou, e o Istmo mal resistiu às ondas que o golpeavam dos dois lados.

Com as próprias mãos, a mãe arrebatou Palêmon do dorso curvo do delfim errante que lhe servia de montaria e apertou-o contra o peito.[15]

[123] Então a Fúria, precipitando-se sobre as torres de Cadmo, lançou de imediato sobre a casa as trevas que lhe eram habituais. Um pavor inquieto apoderou-se do coração dos irmãos, e a loucura da raça os inspirou: a inveja, que se consome diante da felicidade alheia; o medo, gerador de ódio; depois, a feroz paixão pelo poder, a ruptura do pacto mútuo, a ambição que não suporta o segundo lugar, a alegria ainda mais querida da supremacia solitária e a discórdia que acompanha um governo compartilhado.

Assim também um lavrador desejaria unir sob o jugo do arado dois novilhos escolhidos de uma manada selvagem; indignados - pois o frequente sulco ainda não curvou aqueles pescoços arqueados até os ombros musculosos -, eles puxam em sentidos contrários e, com forças iguais, rompem os arreios e confundem os

sulcos com trilhas divergentes. Não de outro modo a discórdia furiosa enfurece os irmãos soberbos. Ficou estabelecido que o governo seria trocado pelo exílio ao término de cada ano alternado.

Por uma lei invejosa ordenaram que suas fortunas se revezassem, de modo que, por um pacto precário, um novo herdeiro atormentasse sempre quem ocupava o trono. Nenhum outro vínculo unia os irmãos; esse era o único freio que ainda os afastava das armas, e não estava destinado a sobreviver ao segundo reinado.

Entretanto, ainda não brilhavam tetos revestidos de espessas lâminas de ouro, nem colunas arrancadas das pedreiras gregas sustentavam salões imensos, capazes de acolher livremente a multidão compacta dos clientes; lanças não guardavam o sono inquieto do monarca, nem sentinelas gemiam sob o retorno periódico da vigília; ainda não pensavam em confiar pedras preciosas ao vinho, nem em macular o ouro com alimentos. Os irmãos se armaram pelo poder nu e simples: um reino miserável era a causa de sua luta.

E, enquanto disputavam qual dos dois lavraria os campos exíguos e esquálidos de Dirce ou se vangloriaria no humilde trono do exilado tírio, quebravam-se as leis divinas e humanas, perecia a justiça e desaparecia toda honra, tanto na vida quanto na morte.

Ah, infelizes! Que limites impondes à vossa ira? Que faríeis se ousásseis, com igual impiedade, disputar os extremos do céu, sobre os quais o sol contempla quando sai da porta oriental e quando mergulha em seu porto ibérico; ou as terras que toca de longe com raio oblíquo e errante, terras que o vento do Norte congela ou que o Sul úmido aquece com sopro ardente? Que faríeis, ainda que se reunissem como prêmio as riquezas da Frígia e de Tiro? Uma terra de horrores e uma cidade amaldiçoada pelos deuses bastaram para acender vosso ódio; e com monstruosos furores comprastes o direito de sentar-vos no lugar de Édipo!

[164] E já, vencido pelo lançamento da sorte, Polinices via seu reinado adiado. Que dia de orgulho para ti, feroz tirano,[16] quando, sozinho e sem rival no palácio, contemplaste todo o poder como teu, todos os demais homens como súditos e nenhuma cabeça que não se curvasse diante de teu domínio! Já, porém, murmúrios se espalhavam entre o povo equiônico;[17] o povo discordava em silêncio do príncipe e, como costuma acontecer com a multidão, amava justamente o pretendente ausente.

Um deles - cuja maior preocupação era ferir com palavras mesquinhas e venenosas, e cujo pescoço jamais suportava em submissão o jugo dos governantes - disse: "É esta a sorte que os duros destinos estabeleceram para nossa terra ogígia,[18] mudar tantas vezes aqueles a quem devemos temer e prestar fidelidade incerta a um poder alternado? Eles lançam de mão em mão o destino dos povos e, por vontade própria, tornam a Fortuna instável.

Deverei servir para sempre a príncipes que se revezam no exílio? Foi esta tua decisão, supremo pai dos deuses e das terras: incutir semelhante disposição nos dois consortes do trono? Ainda conserva força para Tebas o antigo presságio?

Cadmo, obrigado a procurar em vão pelo mar Cárpato a graciosa carga do touro sidônio, encontrou nos campos hiântios[39] um reino de exilado e, quando a terra grávida se abriu, deixou como augúrio eterno aos descendentes a guerra entre irmãos. Vede como o tirano, livre do companheiro, se ergue mais ameaçador sob as sobrancelhas cruéis! Que terror em seu olhar, que arrogância em seu orgulho! Este homem algum dia aceitará uma condição subordinada? O outro, porém, era brando diante de nossas súplicas, afável ao falar e mais paciente com o direito alheio.

Que espanto há nisso? Ele não estava sozinho. Somos, na verdade, uma multidão desprezível, pronta para qualquer mudança, obediente a qualquer senhor, seja ele quem for! Assim como as velas cedem, de um lado, ao frio vento Norte e, do outro, ao Euro carregado de nuvens, e o destino do navio permanece oscilante - ai da sorte cruel e intolerável dos povos, torturados pela dúvida e pelo medo! -, também agora um governa e o outro ameaça."

[197] Entretanto, por ordem de Jove, a alta corte e o conselho escolhido dos deuses haviam se reunido nos espaçosos salões da esfera giratória, nas regiões mais íntimas do céu. De lá, todas as extensões do mundo estavam igualmente distantes: as moradas do Oriente e do Ocidente, e a terra e o mar estendidos sob o céu infinito.

Majestoso, o próprio Rei avançou pelo meio deles, fazendo todos tremerem, embora seu rosto permanecesse sereno, e tomou assento no trono estrelado. Os celestes não ousaram sentar-se até que o próprio pai lhes permitisse com gesto tranquilo. Em seguida, uma multidão de semideuses errantes, de Rios aparentados com as altas nuvens e de Ventos, cujos clamores o medo silenciara, encheu os salões dourados.

As abóbadas do céu tremiam, impregnadas da majestade dos deuses; os cimos resplandeciam com luz mais intensa, e um brilho desconhecido da terra florescia nos portais. Quando se ordenou silêncio e o orbe aterrorizado emudeceu, ele começou a falar de seu trono elevado. Suas palavras sagradas possuem autoridade e poder imutáveis, e o Destino aguarda sua voz: "Queixo-me dos crimes da Terra e da mente humana, que nenhuma potência vingadora consegue saciar.

Deverei consumir-me para sempre castigando os perversos? Estou cansado de descarregar minha ira com o raio fulgurante; há muito os braços laboriosos dos Ciclopes começam a falhar, e enfraquecem os fogos que servem às bigornas de Éolo. Permiti até que os cavalos do Sol corressem livres de seu falso condutor, que o céu fosse incendiado pelas rodas errantes e que a terra se cobrisse das cinzas daquele que um dia foi Faetonte.

Nada disso, porém, teve proveito; tampouco o teve, irmão, teres lançado com teu poderoso tridente o mar em vasta inundação sobre as terras que lhe eram proibidas. Agora descerei com o castigo sobre duas casas das quais eu próprio sou progenitor. Uma estende seus ramos até a Argos de Perseu; a outra corre desde sua fonte até a Tebas aônia.

Em toda a linhagem permanece o caráter nela semeado. Quem ignora o massacre de Cadmo,[20] a hoste das Fúrias guerreiras tantas vezes chamada das profundezas infernais, os prazeres profanados das mães, as correrias enlouquecidas pelos bosques e as afrontas contra os deuses que convém encobrir com silêncio?[21] Mal bastariam a duração do dia ou a passagem da noite para que eu narrasse as impiedades dessa raça.

E ainda esse herdeiro ímpio ousou subir ao leito do pai e profanar o ventre da mãe inocente, retornando - ó horror! - à própria origem da vida. Contudo, ofereceu aos deuses do alto uma expiação eterna, expulsando de si a luz do dia, e não mais se alimenta do ar celeste. Seus filhos, porém - feito indizível! -, pisaram os olhos que dele caíram.

Agora, agora tuas preces estão atendidas, velho terrível! És digno, sim, digno, mesmo na cegueira, de esperar que Jove seja teu vingador. Enviarei nova contenda ao reino culpado e arrancarei pela raiz toda a estirpe dessa raça mortífera. Que Adrasto, tornado sogro,[22] e as núpcias de mau agouro me forneçam as sementes da guerra.

Também esta raça resolvi castigar: nunca o engano de Tântalo nem o crime do banquete impiedoso[23] foram esquecidos nos conselhos secretos de meu coração."

[248] Assim falou o Pai onipotente.

Ferida por suas palavras e alimentando súbita ira no coração em chamas, Juno respondeu: "Sou eu, então, ó mais justo dos deuses, aquela a quem ordenas entrar em guerra? Bem sabes como sempre ofereço homens e riquezas às torres ciclópicas e ao célebre cetro do grande Foroneu, embora ali tenhas cruelmente lançado ao sono e matado o guardião da novilha de Faros, e embora penetres em torres fechadas sob uma chuva de ouro.[24] Perdoo-te os amores sob disfarce; odeio aquela cidade[25] onde vais sem disfarce, onde fazes soar os trovões que proclamam nossa elevada união e empunhas os raios que pertencem a mim.

Que Tebas expie seus crimes; mas por que escolhes Argos como inimiga? Se tamanha discórdia tomou conta de nosso leito sagrado, vai, arrasa Esparta; leva a destruição da guerra a Samos e à antiga Micenas. Por que, em qualquer lugar,[26] o altar de tua esposa deve aquecer-se com sangue de sacrifícios ou perfumar-se com montes de incenso oriental? Mais doce é para ti a fumaça que sobe dos santuários votivos de Copto mareótica, ou das multidões em lamento e dos címbalos de bronze do rio Nilo.

Mas, se a humanidade agora deve expiar os crimes de homens antigos, e se tão tarde te ocorreu servir à tua ira e voltar os olhos para os tempos passados, até que recuo no tempo bastará expulsar a loucura da terra e purificar os séculos anteriores? Escolhe desde já como ponto de partida o lugar onde Alfeu, seguindo de longe as pegadas de seu amor siciliano, desliza com ondas que atravessaram o mar.

Ali, em solo amaldiçoado, os árcades te ergueram um templo - e isso não te envergonha. Ali está o carro guerreiro de Enômao e os cavalos que ficariam

mais adequadamente estabulados sob o Hemo gético;[37] ali ainda jazem, rígidas e sem sepultura, as cabeças cortadas e os corpos mutilados dos pretendentes. Mesmo assim, ali recebes as honras agradáveis de um templo; e até a culpada Ida[38] te agrada, e Creta, que mente a respeito de tua morte.

Por que, então, me invejas o direito de permanecer em minha terra tantálida? Afasta daqui os tumultos da guerra e compadece-te de teu próprio sangue. Possuis muitos reinos vastos e perversos que suportariam melhor os crimes de filhos ofensores."

[283] Juno terminara sua súplica misturada a censuras. Ele, porém, respondeu sem palavras ásperas, embora cruel[39] fosse o propósito: "Na verdade, não imaginei que acolherias favoravelmente tudo o que eu pudesse conceber, ainda que com justiça, contra tua Argos. Tampouco ignoro que, se a ocasião permitisse, Baco e Dione ousariam prolongar suas defesas em favor de Tebas; mas o respeito por minha autoridade os impede.

Pelas águas terríveis do rio Estige, pertencente a meu irmão, juro - juramento permanente e irrevogável - que nada me fará recuar de minha palavra! Portanto, meu Cilênio,[40] supera em voo alado os ventos que te transportam; deslizando pelo ar límpido até os reinos sombrios, leva esta mensagem a teu tio. Que o velho Laio suba ao mundo dos vivos - Laio, a quem o golpe do filho privou da vida e a quem, pela lei do profundo Érebo, a margem mais distante do Lete ainda não recebeu. Que ele leve minhas ordens ao neto odioso: mantenha longe de seus salões, apesar do parentesco - como já deseja com razão -, o irmão a quem o exílio trouxe confiança e a amizade argiva, orgulho insolente; negue-lhe a honra alternada da coroa.

Assim se abrirá o caminho para a ira, e eu próprio conduzirei o restante em sua ordem devida."

[303] Obedecendo à palavra do pai, o neto de Atlas prendeu imediatamente aos tornozelos as sandálias aladas; com o chapéu de largas abas, cobriu os cabelos e moderou o brilho dos astros. Depois tomou na mão direita a vara com a qual costumava dissipar ou reconduzir o doce sono, penetrar nas portas do Tártaro sombrio ou chamar de volta à vida as almas dos mortos.

Então lançou-se para baixo, e o ar frágil estremeceu[41] ao recebê-lo. Sem demora, abriu as asas em voo rápido pelo vazio das alturas e traçou uma vasta curva sobre as nuvens.

[312] Enquanto isso, o filho de Édipo, havia muito tempo exilado e errante longe das terras paternas, atravessava às ocultas os lugares desertos da Aônia. Já se consumia pensando no reino que, para seu mal, lhe era devido e clamava que o longo ano permanecia imóvel em suas constelações tardias. Um único pensamento, repetido de noite e de dia, dominava-o: se pudesse contemplar o parente rebaixado do trono e a si próprio senhor de Tebas e de todo o seu poder, entregaria uma vida inteira por aquele dia.

Ora se queixava de que o exílio era tempo consumido em ociosidade; pouco depois, a rajada do orgulho principesco elevava-se em seu peito, e ele imaginava

o irmão já derrubado e a si mesmo sentado, soberbo, em seu lugar. A esperança ansiosa arrebatava-lhe a mente e, no prolongado desejo, consumia antecipadamente todas as alegrias do coração.

Então resolveu seguir sem temor para as cidades de Ínaco, as terras de Dânao e Micenas, obscurecida pelo recuo do sol,[32] quer fosse a Fúria que lhe pilotava os passos, quer a direção fortuita do caminho, quer Átropos imutável o chamasse. Deixou as grutas ogígias que ressoavam com furores frenéticos e as colinas que bebiam profundamente o sangue báquico;[33] depois passou pela região onde o longo Citéron desce suavemente até a planície e inclina sua altura fatigada para o mar.

Em seguida, por uma subida vertiginosa em estrada rochosa, deixou para trás os infames penhascos de Círon, a terra de Cila, onde reinava o monarca da madeixa púrpura,[34] e a hospitaleira Corinto; no centro da planície, ouviu ressoarem duas costas.

[336] Já, porém, através dos vastos domínios que Febo, terminada a jornada do dia, deixara vazios, erguia-se a rainha Titânia. Transportada para o alto por um mundo silencioso, ela refrescava e rarefazia o ar com seu carro orvalhado. Aves e feras emudeciam; o Sono aproximava-se furtivamente das preocupações vorazes dos homens, inclinava-se e fazia sinais do céu, envolvendo outra vez a vida fatigada em doce esquecimento.

Contudo, nenhuma nuvem avermelhada prometia o retorno da luz; nem, à medida que diminuíam as sombras, a aurora brilhava com longos raios que refletissem o sol.[35] Uma noite negra - ainda mais negra junto à terra e não atravessada por raio algum - cobria todo o polo.

E já as prisões rochosas da Eólia[36] eram golpeadas e gemiam, enquanto a tempestade próxima ameaçava com rouco mugido. Os ventos, clamando em voz alta, encontravam-se em correntes contrárias e arrancavam a abóbada celeste de seus gonzos firmes, cada qual disputando o domínio do céu. Mas Austro, o mais violento, adensava sombra sobre sombra em turbilhões de escuridão e derramava chuva, que o cortante Bóreas, com hálito gelado, endurecia em granizo. Relâmpagos trêmulos faiscavam, e do choque dos ares irrompia fogo repentino.

Já estavam encharcados Nemeia e os altos cumes da Arcádia que confinam com os bosques do Tênaro. O Ínaco corria numa cheia imensa, e o Erasino inchava em ondas geladas. Regatos que antes eram caminhos poeirentos desafiavam agora toda contenção das margens; Lerna erguia-se de suas maiores profundezas e espumava com o antigo veneno. Todas as florestas estavam despedaçadas; galhos envelhecidos eram varridos pela tempestade, e os abrigos estivais e sombrios do Liceu, jamais contemplados por sol algum, apareciam agora despidos à vista.

[364] Ele, porém, ora admirando as rochas derrubadas das montanhas fendidas, ora escutando aterrorizado as torrentes nascidas das nuvens que despencavam das colinas e a enchente furiosa que arrastava a casa do pastor e o estábulo do

rebanho, não diminuía o passo. Desorientado e incerto do caminho, devorava, através dos silêncios escuros, as extensões solitárias da estrada: de todos os lados o medo o impelia, e de todos os lados o irmão.

E assim como um marinheiro surpreendido pela tempestade em alto-mar, a quem nem o lento Carro nem a Lua, com raio amigo, mostram o rumo, permanece sem recursos em meio ao tumulto do céu e do mar, esperando já o escolho traiçoeiro oculto sob as ondas ou aguardando que rochas espumantes e serrilhadas se lancem contra a proa e a levantem no ar; assim o herói cadmeu percorria apressado as trevas da floresta. Com o escudo enorme enfrentava as cavernas de feras terríveis e, curvado para a frente, abria passagem por entre as moitas. A influência sombria do terror acrescentava esporas à sua decisão, até que, acima da cidade de Ínaco, vencendo a escuridão com um feixe de luz derramado sobre as muralhas inclinadas, brilhou a altura de Larissa.

Para lá, estimulado por toda esperança, apressou-se. À esquerda, no alto, ficava o templo de Juno em Prosímna;[37] mais além, o pântano negro das águas de Lerna, marcado pelo fogo de Hércules.[38] Por fim, abriram-se as portas e ele entrou. Logo avistou os portais reais; ali deixou cair os membros enrijecidos pela chuva e pelo vento e, apoiando-se às portas do palácio desconhecido, convidou o sono leve para seu leito duro.

[390] Ali reinava o rei Adrasto, já inclinado da metade da vida para a velhice, governando seu povo com tranquila moderação, rico na herança dos antepassados e remontando por ambos os lados sua linhagem a Jove. Faltavam-lhe descendentes do sexo masculino, mas era afortunado em filhas: duas jovens lhe davam promessa de amor e amparo. Febo, obedecendo ao destino, anunciara-lhe que se aproximavam genros - horror mortal de contar, embora logo a verdade se manifestasse - sob as formas de um javali eriçado e de um leão fulvo.

Nada compreendia o pai, por mais que meditasse; nem tu, sábio Anfiarau, porque teu senhor Apolo o proibia. Apenas o coração paterno adoecia continuamente numa ansiedade profunda.

[401] Mas eis que Tideo, o olênio,[39] deixando a antiga Cálidon por decreto do destino - o horror culpado do sangue fraterno o expulsava -, percorria sob o véu sonolento da noite as mesmas estradas selvagens. Também ele se queixava do vento e da chuva; com as costas cobertas de gelo e o rosto e os cabelos escorrendo sob a tempestade, chegou ao mesmo abrigo, do qual o primeiro estrangeiro, estendido sobre a terra fria, já ocupava uma parte.

Então aconteceu que ambos foram tomados por uma fúria sangrenta e não suportaram que o mesmo teto os protegesse da noite. Durante algum tempo permaneceram trocando ameaças; depois, quando os insultos lançados elevaram a ira ao extremo, cada um se ergueu, desnudou os ombros e desafiou o outro para o combate sem armas.

O tebano era mais alto, de membros longos e ainda no vigor íntegro da juventude; Tideo, porém, não lhe era inferior em força nem em coragem.

Embora seu corpo fosse menor, maior valor dominava cada parte.[40] Fechando-se ferozmente, desferiram muitos golpes no rosto e nas têmporas, como chuvas de dardos ou granizo rifeu, e, dobrando os joelhos, golpearam as cavidades dos flancos.

Assim, quando o quinto ano traz de volta a festa do Tonante de Pisa,[41] e tudo é poeira, calor e suor bruto dos homens, enquanto de um lado e do outro os favores rivais da multidão incitam os jovens lutadores, e as mães, excluídas do espetáculo, aguardam os prêmios dos filhos: do mesmo modo aqueles dois, estimulados apenas pelo ódio, sem desejo de glória que os inflamasse, lançavam-se um contra o outro; as unhas agudas penetravam-lhes profundamente no rosto e abriam caminho até os olhos vulneráveis.

Talvez - tamanha era a ira - tivessem desembainhado as espadas presas ao lado, e tu, jovem tebano, terias caído às armas inimigas - sorte muito melhor - e teu irmão teria podido chorar-te, se o rei, admirado pelo clamor incomum daquela noite e pelos gemidos ferozes que subiam de uma respiração ofegante, não tivesse dirigido para lá os passos. A idade e o peso de graves preocupações já lhe concediam apenas um sono interrompido e inquieto.

Avançando pelos altos salões com um séquito de tochas, ele encontrou as trancas abertas e, no limiar dianteiro, contemplou algo terrível de narrar: rostos dilacerados e faces deformadas por sangue corrente. "De onde vem esta fúria, jovens estrangeiros?", exclamou. "Nenhum de meus cidadãos ousaria semelhante violência. De onde nasce este desejo implacável de perturbar com vosso ódio o silêncio tranquilo da noite? Há tão pouco espaço no dia, ou é penoso suportar, ainda que por breve tempo, o sono e a paz do espírito? Vinde agora e dizei-me: de onde viestes, para onde ides e qual pode ser a causa da disputa? Não podeis ser de alma vil - tamanha cólera o demonstra -; mesmo através do sangue, distinguem-se claramente os nobres sinais de uma linhagem orgulhosa."

[448] Mal terminara de falar, e ambos, entre clamor misturado e olhares de soslaio, começaram ao mesmo tempo: "Príncipe aqueu! Rei tão bondoso! Para que palavras? Tu próprio vês este rosto coberto de sangue..." As vozes perderam-se no som confuso de acusações amargas. Tideo, tomando primeiro a palavra, contou assim sua história: "Buscando algum consolo para minha sorte infeliz, abandonei a rica Cálidon, nutriz de monstros, e os campos do Aqueloo. Eis que, dentro de teus limites, a noite mais profunda me surpreendeu.

Quem era ele para me proibir um abrigo contra o céu? Acaso porque alcançou primeiro este limiar? Centauros de dupla forma, dizem, partilham o mesmo estábulo; os Ciclopes vivem em paz juntos sob o Etna; até às feras selvagens a natureza concedeu leis e uma ordem própria de justiça - e nós não podemos dividir um pouso sobre o chão? Mas por que gastar palavras? Ou tu, quem quer que sejas, partirás hoje alegrando-te com meus despojos; ou, se a dor que cresce não embotar meu sangue, saberás que pertenço à estirpe do poderoso Eneu e que não sou descendente degenerado de meu antepassado Marte!"

"Também não me faltam coragem nem linhagem", respondeu o outro; mas, consciente no coração do destino cruel, hesitou em nomear o pai.

Então o bondoso Adrasto: "Vamos, cessai as palavras ameaçadoras que a noite, a ira repentina ou a coragem inspiraram, e passai sob o teto de meu palácio. Uni agora as mãos direitas como penhor da união dos corações.

O que aconteceu não foi vão nem ocorreu sem a aprovação dos poderes celestes. Talvez até estas querelas enfurecidas apenas anunciem uma amizade futura, de modo que um dia encontreis prazer na lembrança." E as palavras do velho não foram presságio vazio: dizem que da comunhão de feridas nasceu entre eles uma lealdade semelhante à que Teseu demonstrou ao partilhar o perigo extremo com o temerário[42] Pirítoo, ou à de Pílades, quando libertou o desvairado Orestes da fúria de Megera.[43] Cedendo, pois, os corações selvagens às palavras apaziguadoras do rei - assim como as águas, transformadas pelos ventos em campo de batalha, descem ao repouso, embora nas velas caídas um último sopro ainda tarde a morrer -, entraram submissos no palácio.

[482] Ali, pela primeira vez, Adrasto teve tempo para percorrer com os olhos as vestes e as poderosas armas dos heróis. Sobre as costas de Polinices viu a pele arrancada de um leão, toda áspera com a juba não penteada, semelhante àquele que, nos vales teumesianos,[44] o filho de Anfitrião abateu ainda jovem e com cuja pele se vestiu, antes da luta contra o monstro de Cleonas.[45] Os ombros largos de Tideo, por sua vez, mal podiam ser envoltos pelos orgulhosos despojos de Cálidon, terríveis de cerdas e presas curvas.

Horrorizado e imóvel diante de tão terrível presságio, o velho rei recordou os oráculos divinos de Febo e a advertência proferida na cela inspirada. Seu rosto ficou preso num silêncio gelado, enquanto um estremecimento de alegria lhe percorria os membros. Compreendeu que haviam chegado, guiados por clara indicação celeste, aqueles que o profético Apolo, em obscuridades enigmáticas, anunciara como seus genros destinados, sob a forma simulada de feras.

Então, estendendo as mãos para os astros, exclamou: "Ó Noite, que lançaste teu manto sobre a terra e o céu fatigados e envias os astros de fogo por seus diversos cursos errantes; restauradora benigna do espírito, até que o próximo sol derrame um nascimento alegre sobre os mortais exaustos; tu, Noite bondosa, por tua generosidade me trazes a certeza que procurei longamente entre perplexidade e dúvida, e revelas os antigos desígnios do destino. Favorece agora minha obra e confirma os sinais que me deste.

Esta casa, ao longo de todos os períodos do ano em seu círculo, te conservará para sempre em elevada honra e culto; vítimas negras, escolhidas pela beleza do pescoço, serão sacrificadas a ti, ó deusa, e o fogo de Vulcano devorará as entranhas purificadoras sobre as quais correrá leite recém-ordenhado. Salve, antiga verdade do trípode misterioso! Salve, gruta secreta! Comprovei, ó Fortuna, a verdade dos deuses!"

[510] Dizendo isso e entrelaçando os braços aos dois jovens, avançou para as câmaras interiores da morada. Ainda dormiam os fogos sobre as cinzas grisalhas

dos altares e ainda estavam quentes as libações derramadas do sacrifício. Adrasto ordenou que se despertassem novamente as chamas e que o banquete tardio fosse renovado. Seus servidores obedeceram com pressa rival; um tumulto múltiplo ecoou por todo o palácio.

Uns adornaram os leitos com púrpura delicada e bordados de ouro que farfalhavam, elevando os coxins; outros ergueram e dispuseram as mesas redondas. Outros ainda se prepararam para expulsar as trevas da noite sombria, estendendo correntes para lanternas douradas. A estes coube assar na ponta do espeto a carne já exangue dos animais abatidos; àqueles, moer o grão sobre a pedra e amontoar o pão nos cestos. Adrasto alegrava-se ao ver a casa iluminada pelo serviço obediente.

[525] E já ele próprio, elevado sobre os orgulhosos coxins de um trono de marfim, resplandecia; em outra parte reclinavam-se os jovens, com as feridas lavadas e secas pela água purificadora, e, contemplando mutuamente os rostos marcados, concediam-se perdão. Então o velho rei ordenou que chamassem Acasta - ama das filhas e guardiã fiel, escolhida para vigiar o pudor virginal consagrado às núpcias legítimas - e murmurou-lhe algo ao ouvido silencioso.

[533] Ela não se demorou em cumprir a ordem. Imediatamente, ambas as donzelas saíram do aposento secreto, semelhantes no semblante - prodígio de contar - à Diana portadora da aljava e à guerreira Palas, mas sem o terror das deusas.

Ao verem os rostos desconhecidos dos heróis, envergonharam-se. A palidez e o rubor invadiram-lhes ao mesmo tempo as faces purpúreas, e os olhos temerosos voltaram a procurar o venerável pai.[46] Quando, no decorrer do banquete, a fome foi saciada, o filho de Iaso,[47] como era seu costume, ordenou aos escravos que trouxessem uma taça belamente trabalhada com figuras e brilhante de ouro, da qual Dânao e o antigo Foroneu costumavam derramar libações aos deuses.

Nela havia imagens em relevo: todo de ouro, um jovem alado segurava a cabeça decepada da Górgona de cabelos serpentinos e, naquele mesmo instante - assim parecia -, saltava para a brisa errante; ela quase movia os olhos pesados e a cabeça pendente, e chegava mesmo a empalidecer no ouro vivo.[48] Aqui, o caçador frígio[49] era levado para o alto em asas fulvas; o maciço do Gárgaro descia sob ele enquanto subia, e Troia se apagava abaixo. Tristes permaneciam seus companheiros; em vão os cães cansavam as gargantas em latidos, perseguiam-lhe a sombra ou uivavam para as nuvens.

Dessa taça Adrasto derramou o vinho corrente e, segundo a ordem ritual, invocou todos os habitantes do céu, Febo antes dos demais. Todos, amigo e servo, coroados de folhagem casta ao redor do altar, invocaram e louvaram a presença de Febo; pois em sua honra celebravam o dia, e os altares, renovados por abundante incenso, brilhavam por entre coroas de fumaça.

[557] "Talvez pergunteis, ó jovens", disse então o rei, "o significado deste sacrifício e a razão pela qual prestamos a Febo tão singular homenagem. Não foi

uma devoção ignorante, mas a pressão de terríveis calamidades, que levou antigamente o povo argivo a estabelecer esta oferenda. Concedei-me vossa atenção, e narrarei a história.

Depois que o deus abateu o monstro escuro e retorcido em espirais, Píton, nascido da terra, que envolvia Delfos em sete círculos medonhos e triturava com as escamas os carvalhos antigos, enquanto, estendido junto à fonte Castália, abria a língua trífida, sedento de alimentar seu veneno mortal; depois que Febo, tendo gasto as flechas em incontáveis feridas, deixou-o finalmente morto, mal cabendo estendido sobre cem jeiras do solo cirreu,[10] veio buscar uma nova expiação por sua morte na humilde morada de nosso rei Crotopo.

Uma filha, nos primeiros anos da delicada juventude e de beleza admirável, guardava aquela casa piedosa: uma virgem casta. Quão feliz teria sido se nunca houvesse mantido um encontro secreto com o Délio nem partilhado um amor furtivo com Febo! Pois sofreu a violência do deus junto ao rio de Nemeia e, quando Cíntia completara por dez vezes o círculo pleno de seu rosto, deu à luz um menino, neto de Latona, brilhante como uma estrela.

Temendo então o castigo - pois o pai jamais perdoaria uma união forçada -, escolheu os ermos sem caminhos e, às escondidas, entre os currais, entregou o filho a um guardião errante das montanhas para que fosse criado junto ao rebanho. Nenhum berço digno de nascimento tão nobre, criança infeliz, te ofereceu o leito de relva ou tua casa trançada de ramos de carvalho; envoltos em fibras de casca de medronheiro, teus membros se aqueciam, e uma flauta oca te conduzia ao sono suave, enquanto o rebanho partilhava teu lugar de repouso.

Mas nem mesmo essa morada os destinos permitiram. Enquanto jazia despreocupado, respirando o céu de boca aberta, cães ferozes e vorazes dilaceraram a criança e saciaram as mandíbulas de sangue. Quando a notícia chegou aos ouvidos horrorizados da mãe, pai, vergonha e medo foram esquecidos. Desvairada, ela encheu imediatamente a casa de lamentos selvagens e, descobrindo o peito, apresentou-se diante do pai com a narrativa de sua dor.

Ele, porém, não se comoveu e ordenou-lhe - ó horror! -, como ela própria desejava, que sofresse uma morte cruel.

[596] Tarde demais recordando tua união, ó Febo, concebeste um consolo para a sorte miserável da jovem: um monstro gerado no mais profundo Aqueronte, no covil profanado das Fúrias. Tinha rosto e peito de donzela; da cabeça erguia-se uma serpente que jamais cessava de silvar, dividindo em duas a fronte cor de ferrugem. Essa peste imunda, deslizando à noite com movimentos invisíveis para dentro dos aposentos, arrancava dos seios que os amamentavam as vidas recém-nascidas e, com presas manchadas de sangue, engordava e se empanturrava do luto dos pais.

Coroebo, porém, o primeiro em valentia militar e coragem elevada, não o suportou. Reuniu jovens escolhidos, insuperáveis no valor e dispostos a ampliar a fama ao risco da própria vida, e saiu como campeão voluntário. O monstro abandonava moradas recém-devastadas, no ponto em que dois caminhos se

cruzavam junto a um portal; dos lados pendiam os cadáveres de duas criancinhas, e suas garras recurvas ainda rasgavam-lhes as entranhas, enquanto as unhas de ferro permaneciam quentes nos jovens corações.

Cercado por sua companhia de heróis, o jovem lançou-se ao ataque e enterrou a larga espada no peito cruel. Sondando profundamente com o aço fulgurante o esconderijo do espírito, devolveu enfim ao Júpiter infernal o monstro que lhe pertencia.

Que alegria aproximar-se e ver de perto aqueles olhos lívidos na morte, a horrenda secreção do ventre e os seios endurecidos de corrupção imunda, pelos quais nossas jovens vidas pereciam! Horrorizados permaneciam os jovens de Ínaco; sua alegria, embora grande agora que terminara a dor, ainda era pálida e sombria. Com estacas agudas trituraram os membros mortos - consolo inútil para a tristeza - e esmagaram nas faces os ásperos molares: tinham poder para tudo, mas não conseguiam saciar a ira.

Dela fugistes sem vos alimentar, aves que girais com clamores noturnos; fugiram também, segundo contam, os cães vorazes e os lobos, aterrorizados diante dela, com as bocas secas.

[627] Contra os infelizes jovens, porém, o Délio ergueu-se mais feroz, porque os destinos lhe haviam arrebatado a vingadora. Sentado no cume sombrio do Parnaso de duas pontas, espalhou cruelmente, com arco implacável, flechas portadoras de peste e cobriu de nuvens ardentes os campos e as elevadas moradas dos Ciclopes.[a] Vidas agradáveis se curvavam e pereciam; a Morte ceifava com a espada os fios das Irmãs e, segurando a cidade conquistada, conduzia-a nas mãos às sombras.

Nosso chefe perguntou então qual seria a causa, que fogo funesto vinha do céu, por que Sírio reinava durante todo o ano. A palavra do mesmo deus Peã trouxe a ordem de sacrificar ao monstro ensanguentado os jovens responsáveis por sua morte.

Ó valor abençoado pelo céu! Ó mérito destinado a conquistar uma longa era de fama! Não foste covarde vil que escondesse numa morte secreta o triste fio da vida; enfrentaste a ruína da pátria, interrompeste o caminho da calamidade e, inflamado por justa indignação, soltaste estas palavras:

Eu sou, ó Febo, aquele que derrubou teu flagelo mortífero; sou eu aquele a quem tu, cruel, procuras atingir por meio da nuvem venenosa, da luz do dia profanada e da negra corrupção de um céu funesto.

Mas, ainda que monstros enfurecidos sejam tão caros aos deuses do alto, que a destruição dos homens seja perda de menor preço para o mundo e que o céu seja tão severo e impiedoso, em que pecaram os argivos? Minha vida, somente minha vida, ó mais justo dos deuses, deveria ser oferecida aos destinos! Ou é mais agradável ao teu coração contemplar as casas abandonadas e os campos inteiros resplandecendo com as piras dos lavradores entregues às chamas? Mas por que, falando, atraso as armas de teu poder? Nossas mães aguardam, e já se pronunciam por mim as últimas preces.

Basta: mereci que sejas impiedoso. Traz, pois, tua aljava; estende o arco sonoro e envia uma alma nobre à morte! Mas, enquanto morro, dissipa a névoa acumulada que, do alto, paira pálida sobre a Argos de Ínaco.'

[661] A sorte justa favorece aqueles que o merecem. O respeito diante daquela morte conteve o ardente filho de Latona; cedendo, ele concedeu ao herói o triste dom da vida. As nuvens mortíferas dispersaram-se de nosso céu, enquanto tu, atendido em tua prece, te afastaste da porta de Febo atônito. Desde então, todos os anos renovamos em banquete solene o sacrifício estabelecido e aplacamos o santuário de Febo numa festa recorrente.

De que estirpe procedeis, vós que talvez visitais estes altares? Se meus ouvidos ainda agora entenderam corretamente vosso clamor, Eneu de Cálidon é teu pai, e a ti pertence o senhorio da casa de Partáon.[53] Mas tu, revela quem és, tu que assim chegaste a Argos, pois a hora permite agora uma conversa variada."

[673] Imediatamente, o herói ismênio[54] baixou os olhos tristes para a terra e lançou a Tideo, ainda ofendido, um olhar silencioso de soslaio. Depois de longa pausa, falou: "Não convém, em meio a estas honras prestadas ao céu, perguntar-me sobre o nascimento, a pátria ou a antiga origem de meu sangue; é duro confessar a verdade entre ritos sagrados. Mas, se desejas com urgência conhecer minha história infeliz: Cadmo foi o antepassado de meus pais, minha terra é Tebas mavórcia, e minha mãe, Jocasta."

[681] Adrasto, movido por compaixão amiga - pois o reconhecera -, disse: "Por que ocultar o que todos já ouviram? Sabemos disso: a notícia também chegou a Micenas. Sim, daquele reinado, daquela loucura e daqueles olhos que se envergonharam de ter visto, ouviu falar até o homem que treme sob o sol ártico, aquele que bebe do Ganges, aquele que navega para o Oceano que escurece no Ocidente e aqueles a quem o litoral móvel das Sirtes desorienta.

Cessa de lamentar ou de enumerar as desgraças de teus pais. Também em nossa casa o dever familiar se desviou muitas vezes; mas o erro passado não acorrenta a posteridade. Procura apenas, diferente deles e com o favor da fortuna, conquistar esta recompensa: justificar teus antepassados. E já o condutor gelado da Ursa hiperbórea[55] inclina-se fatigado, com o timão voltado para trás. Derramai vosso vinho sobre os fogos dos altares e entoemos nossa prece, repetidas vezes, ao filho de Latona, salvador de nossos pais!"

[696] "Febo, Pai! Quer te ocupem, nos cumes nevados da Lícia, os matagais de Pátara;[56] quer te agrade banhar os cabelos dourados no orvalho puro de Castália; quer habites em Troia como senhor de Timbra[52], onde, segundo dizem, carregaste de boa vontade, sobre ombros sem recompensa, os blocos frígios;[57] quer te agrade o Cinto latônio,[58] lançando sua sombra sobre as ondas do Egeu, e Delos, agora firmemente assentada no fundo do mar e já não precisando de tua procura: tuas são as flechas e o arco que se retesa contra o inimigo selvagem ao longe; teus pais celestes concederam-te o eterno viço das faces. És hábil em prever as cruéis mãos das Parcas, o destino que está além e o que agradará ao alto Jove: a quais povos chegam anos de peste ou guerras, que mudança de cetros anunciam os cometas. Submetes o frígio[59] à tua lira; em honra de tua mãe,

estendes Tício, nascido da terra, sobre as areias do Estige. A verde Píton e a mãe tebana[60] contemplaram-te horrorizadas, triunfante com a aljava; para vingar-te, a sombria Megera comprime em eterno contato o faminto Flégias,[61] que jaz sob rochas cavernosas, e o incita a um banquete profano, embora a repugnância misturada à fome o impeça de comer. Faz-te presente em nosso auxílio, lembrado de nossa hospitalidade, e favorece amorosamente os campos de Juno,[62] quer seja correto chamar-te Titã rosado, à maneira da raça aquemênida,[63] quer Osíris, portador das colheitas, quer Mitra, que sob a caverna rochosa da Pérsia torce os chifres do touro indignado em segui-lo."

NOTAS AO LIVRO I

1. Cadmo, filho de Agenor, rei da Fenícia, foi enviado pelo pai à procura de Europa, raptada por Zeus sob a forma de touro. Mais tarde fundou Tebas e ali semeou os dentes do dragão; daí a imagem do "lavrador inquieto" e das batalhas nascidas da terra.

2. O ciúme de Juno causou a morte de Sêmele, mãe de Baco. Atamante enlouqueceu e matou o filho Learco; Ino lançou-se ao mar com Palêmon. Ino e Sêmele eram filhas de Cadmo.

3. A expressão também pode significar: "seja o curso, a linha seguida por meu canto".

4. Alusão às campanhas de Domiciano contra germanos e dácios e à participação do jovem príncipe nos conflitos do Capitólio entre flavianos e vitelianos, em 69 d.C.

5. A região meridional do céu.

6. A passagem imagina a futura apoteose de Domiciano: o imperador deverá permanecer por ora no governo humano e, mais tarde, acrescentar ao céu novas constelações, em vez de apressar sua própria ascensão entre os astros.

7. Aônio significa beócio e, neste contexto, tebano.

8. Ver XII, 429, onde a chama da pira de Etéocles e Polinices se divide em duas porções hostis.

9. Édipo arrancou os próprios olhos ao descobrir o parricídio e o incesto. Estácio recorda a imagem virgiliana da "noite negra" que envolve a cabeça (Eneida VI, 866), mas aqui é o "dia feroz" da consciência que paira sobre ele.

10. Alguns intérpretes entendem que Édipo golpeia as órbitas vazias. Golpear a terra, contudo, era gesto reconhecido para invocar divindades infernais.

11. A fonte Castália, em Delfos, situada sob os dois cumes do Parnaso, onde Édipo foi consultar o oráculo. Ele fora criado como filho de Pólibo, rei de Corinto; por isso o poeta o chama de "falso Pólibo".

12. Promontório da Lacônia onde havia uma caverna considerada entrada para o mundo subterrâneo.

13. O latim chama esse conjunto de serpentes de "parte menor" da multidão existente na cabeça da Fúria. Os comentadores entendem que as cem serpentes visíveis seriam apenas uma fração do enxame ou seriam pequenas em comparação com a grande hidra empunhada por Tisífone.

14. Atrácio equivale aqui a tessálio. A Tessália era famosa por encantamentos mágicos e feiticeiras.

15. Palêmon é o menino que Ino levou consigo ao lançar-se ao mar; ambos foram transformados em divindades marinhas. Veja-se o episódio resumido na nota 2.

16. Isto é, Etéocles.

17. Equiônico significa tebano, por Equíon, um dos guerreiros nascidos dos dentes do dragão e rei de Tebas em certas tradições.

18. Ogígio significa tebano, por Ógiges, considerado fundador de Tebas em uma das tradições.

19. Hiântio significa beócio.

20. O massacre dos guerreiros armados que brotaram dos dentes do dragão semeados por Cadmo.

21. Os comentadores antigos viam aqui uma ambiguidade deliberada: crimes praticados pelos deuses ou contra os deuses. O segundo sentido é mais imediato, como nos casos de Níobe, Penteu e Sêmele.

22. O latim diz literalmente "Adrasto como sogro": Júpiter anuncia que a aliança matrimonial de Polinices com a filha de Adrasto fornecerá as sementes da guerra.

23. Segundo uma tradição, Tântalo esquartejou o filho Pélops e o serviu cozido num banquete oferecido aos deuses. Tântalo foi considerado rei de Argos em algumas versões, embora outras o situem na Lídia ou na Frígia.

24. Foroneu, filho de Ínaco, era considerado fundador de Argos, cujas muralhas se atribuíam aos Ciclopes. Em Argos foi morto Argos, o guardião de Io, e ali Júpiter visitou Dânae sob a forma de chuva de ouro.

25. A cidade é Tebas. A referência é à união de Júpiter com Sêmele, quando o deus se revelou em toda a majestade, entre trovões e raios.

26. O sentido é: por que Juno deveria receber culto em qualquer lugar, se Júpiter a desonra dessa maneira? A passagem alude ainda a Io, identificada pelos antigos com a deusa egípcia Ísis.

27. Sob o Hemo, na Trácia, viviam os cavalos antropófagos do rei Diomedes. Os cavalos de Enômao, rei de Pisa, devoravam os

pretendentes de sua filha Hipodâmia derrotados na corrida de carros.

28. O monte Ida mencionado fica em Creta. Sobre a falsa notícia da morte de Zeus, compare-se Calímaco, Hino a Zeus, 8: os cretenses eram acusados de mostrar um túmulo do deus imortal.

29. O propósito das palavras de Júpiter é cruel porque pretende acirrar ainda mais a discórdia entre os irmãos.

30. Mercúrio, filho de Júpiter, nasceu no monte Cilene, na Arcádia. Sua mãe, Maia, era filha de Atlas.

31. No latim, o ar frágil se arrepia ou estremece ao receber Mercúrio. Algumas traduções transferem o estremecimento para o próprio deus durante o salto.

32. Ínaco e Dânao foram antigos reis de Argos. Micenas foi coberta de trevas como sinal da cólera divina quando Atreu serviu a Tiestes, num banquete, os próprios filhos deste.

33. Sangue derramado nos ritos de Baco.

34. Cila era filha de Niso, rei de Mégara, de quem dependia a madeixa púrpura que garantia a segurança do reino.

35. Isto é, não havia aurora matinal que anunciasse a chegada do dia. O adjetivo latino também pode significar uma claridade persistente, e não necessariamente raios que se projetam ao longe.

36. O domínio de Éolo, senhor dos ventos, como em Virgílio, Eneida I, 52.

37. Prosímna era o território situado abaixo do Heraion de Argos, segundo Pausânias (II, 17, 1).

38. Hércules queimou com fogo os pescoços da Hidra para impedir que as cabeças cortadas voltassem a nascer.

39. Olênio significa aqui etólio, por uma cidade chamada Oleno.

40. Estácio recorda Homero: Tideo era "pequeno de corpo, mas guerreiro" (Ilíada V, 801).

41. Isto é, Zeus Olímpico. Os jogos eram celebrados em Olímpia, na região de Pisa, em intervalos de quatro anos completos - daí o retorno no quinto ano.

42. Pirítoo é chamado temerário porque tentou raptar Prosérpina do mundo subterrâneo.

43. Megera é uma das Fúrias que perseguiram Orestes depois que ele matou a própria mãe.

44. Teumeso é um monte próximo de Tebas.

45. Trata-se do leão de Nemeia. Cleonas era uma localidade próxima de Nemeia.

46. O verbo latino haurire é aplicado por zeugma tanto à palidez, em seu uso natural, quanto ao rubor, com o sentido de "inundar" ou "sufundir" as faces.

47. Iaso foi antigo rei de Argos e pai de Adrasto segundo a tradição seguida por Estácio.

48. O ouro é naturalmente pálido e, por isso, sugere o rosto que empalidece na morte. "Ouro vivo" significa o metal em seu estado natural.

49. O caçador frígio é Ganimedes, arrebatado por Júpiter e levado ao céu.

50. Cirreu deriva de Cirra, porto de Delfos; a forma volta a aparecer adiante.

51. Isto é, Argos, cujas muralhas primitivas se atribuíram aos Ciclopes.

52. Timbreu é epíteto de Apolo, derivado de seu santuário em Timbra, na Trôade.

53. Partáon foi rei de Cálidon e pai de Eneu.

54. Ismênio significa tebano, pelo rio Ismeno.

55. Estácio combina de modo singular os dois nomes da constelação: Ursa e Carro. A Ursa hiperbórea representa simplesmente o Norte.

56. Pátara, na Lícia, possuía um célebre santuário de Apolo. Os "matagais" e os cumes nevados evocam aqui a atividade venatória do deus.

57. Apolo ajudou a construir as muralhas de Troia, carregando as pedras frígias para o ingrato rei Laomedonte.

58. Cinto é o monte da ilha de Delos, consagrado a Apolo e Ártemis, filhos de Latona.

59. O frígio submetido à lira é Mársias, vencido por Apolo numa competição musical.

60. A "mãe tebana" é Níobe, filha de Tântalo e esposa de Anfião, rei de Tebas. A identificação antiga como filha de Cadmo é incorreta.

61. Flégias, um lápita, incendiou o templo de Apolo e foi condenado no mundo subterrâneo.

62. Os campos de Juno são os campos de Argos.

63. A alusão é ao culto solar dos persas. Mitra é frequentemente representado dominando ou sacrificando um touro. "Perséico" deriva de Perses, filho de Perseu e Andrômeda e ancestral mítico dos persas.

LIVRO II

[1] Enquanto isso, o alado filho de Maia regressava das frias sombras, cumprida a missão do grande Jove. Nuvens pesadas lhe embaraçavam por toda parte o caminho, e um ar nevoento o envolvia; não eram Zéfiros que sustentavam seu curso, mas os vapores impuros do reino silencioso. De um lado, a Estige, que nove vezes circunda o mundo infernal; do outro, uma barreira de torrentes de fogo encerrava-lhe a passagem.

Atrás dele seguia, trêmula, a sombra do velho Layo, ainda coxeando por causa da ferida. Mais fundo que o punho da espada penetrara em sua vida o golpe ímpio de um parente e desferira o primeiro ataque da Vingança; contudo, avançava, fortalecendo os passos com o poder curativo do caduceu. Então as florestas estéreis, os campos povoados de espíritos e os bosques de cor lívida se espantaram; a própria Terra admirou que estivesse aberta a estrada de retorno, e nem aos mortos, nem aos já privados da luz, faltou o pálido veneno da inveja.

Um deles, mais perversamente ansioso que os demais por injuriar sempre os deuses - e fora justamente essa disposição que lhe trouxera um destino penoso - e por lamentar a felicidade alheia, gritou: "Boa viagem, afortunado, qualquer que seja a ordem que te chama: quer o comando de Jove, quer uma Fúria irresistível te arraste novamente ao dia, quer alguma feiticeira delirante da Tessália te faça erguer do sepulcro secreto. Ah, tu que tornarás a ver o céu agradável, a luz do sol que deixaste, a terra verde e as fontes de águas puras, ainda mais triste regressarás depois a estas trevas."

[26] Cérbero, deitado no limiar sombrio, percebeu-os e ergueu todas as bocas escancaradas, feroz até mesmo contra os que entravam. Já o pescoço negro se avolumava ameaçador, e ele teria dilacerado e espalhado pelo chão os ossos dos viajantes, se o deus, com o ramo do Letes, não tivesse acalmado o corpo eriçado e apagado, sob um sono tríplice, o brilho de aço dos olhos.

[32] Há um lugar, chamado Tênaro pelo povo de Ínaco, onde o temido promontório da espumante Maleia se levanta nos ares e não permite que olhar algum alcance o cume. Sublime, o pico contempla sereno ventos e chuvas; somente às estrelas fatigadas oferece repouso. Ali descansam os ventos exaustos, ali passam os relâmpagos; nuvens ocas envolvem o meio da montanha, mas nenhum bater de asas chega às regiões superiores, nem o rouco estrondo do trovão.

Quando o dia, porém, se inclina para o ocaso, uma sombra imensa estende largas franjas sobre as águas planas e flutua no meio do mar. Ao redor de uma baía interior, o Tênaro curva sua costa interrompida, sem ousar enfrentar as ondas exteriores. Ali Netuno recolhe ao porto os cavalos cansados do mar Egeu:

à frente, os cascos ferem a areia; atrás, os corpos terminam sob a água em caudas de peixe.

Nessa região, segundo se conta, uma passagem oculta conduz as pálidas sombras e enriquece com multidões de mortos os vastos salões do Jove sombrio.[1] Se os lavradores da Arcádia dizem a verdade, ali se ouvem gritos e gemidos dos condenados, e toda a terra se agita com a pressa de formas terríveis; muitas vezes, até o meio-dia, ressoaram os clamores e os golpes das Fúrias, e os latidos do guardião de três formas da Morte expulsaram os camponeses dos campos.

[55] Por esse caminho, então, o ágil deus, inteiramente envolto em sombra escura, saltou para o mundo superior, sacudiu do rosto os vapores infernais e serenou as feições com longos haustos do ar dos vivos. Depois, passando por Arcturo e pelo silêncio central da Lua, seguiu sobre campos e cidades. O Sono, conduzindo os cavalos da Noite, encontrou-o e, envergonhado, levantou-se para saudar-lhe a divindade, desviando o carro da rota celeste.

Abaixo do deus voava a sombra, reconhecendo as estrelas que lhe haviam sido arrebatadas e a terra de sua origem. Já contemplava do alto as elevações de Cirra e a Fócida, poluída por seu próprio cadáver. Chegaram a Tebas; perto do limiar do filho, Layo gemeu e hesitou em entrar nos conhecidos Penates.

Quando viu o próprio jugo suspenso nas altas colunas e o carro ainda manchado de sangue, quase retrocedeu, tomado de pavor, e fugiu; nem as supremas ordens do Tonante nem o sopro do caduceu árcade[2] puderam detê-lo.

[71] E acontecia ser aquele o dia assinalado pela célebre queda do raio do Tonante, quando teu nascimento precipitado, terno Êvio,[3] fez com que teu pai te acolhesse no próprio corpo.

Os colonos tírios[4] haviam encontrado nisso motivo para atravessar a noite sem dormir, rivalizando em jogos. Espalhados pelas casas e pelos campos, entre coroas e crateras esvaziadas de vinho, ainda sob a luz do dia exalavam o deus da vinha; então ressoaram numerosas flautas de buxo e címbalos mais fortes que o estrondo dos tambores de couro de touro.

O próprio Citéron, exultante, impelira matronas ajuizadas, sob o efeito de um Baco mais nobre, através dos bosques sem caminhos: assim os bistônios[5], reunidos em turba delirante, celebram banquetes no Ródope ou nas profundezas dos vales do Ossa. Para eles, é festim a fera ainda semiviva arrancada às mandíbulas dos leões, e luxo acalmar com leite novo a sede de sangue; mas, quando os alcança o odor feroz do Íaco ogígio, então é belo arremessar pedras e taças, derramar o sangue imerecido dos companheiros, recomeçar o dia e repor as mesas da festa.

[89] Tal era a noite em que o veloz Cilênio desceu pelo ar silencioso até o leito do príncipe equiônico,[6] onde ele lançara o corpo enorme sobre um tálamo alto, acumulado de colchas assírias.[7] Ah, corações mortais, que nada sabeis de vosso destino! Ele se banqueteia e dorme.

Então o ancião cumpriu o que lhe fora ordenado e, para não parecer apenas uma falsa visão noturna, revestiu o rosto escurecido, a voz e as conhecidas faixas

de lã do velho profeta Tirésias. Permaneceram-lhe os cabelos longos, a barba branca que descia do queixo e a palidez própria; mas uma ínfula fingida percorreu-lhe as madeixas, e viam-se claramente as fitas sagradas entrelaçadas com a oliveira glauca.

Pareceu então tocar-lhe o peito com o ramo de oliveira e pronunciar estas palavras do destino: "Não é tempo de dormir, indolente, enquanto, no fundo da noite, repousas despreocupado de teu irmão. Há muito grandes feitos te convocam, e graves preparativos do futuro te aguardam, preguiçoso.

Tu hesitas como o piloto que, quando os Austros já levantam as ondas do vasto mar Jônio, permanece deitado sob uma nuvem negra, esquecido dos cabos e do leme que governa as águas. Teu irmão, entretanto - assim conta a Fama -, orgulha-se do novo casamento, reúne forças para tomar o reino e negar-te tua parte, e destina para si uma longa velhice em teus salões.

Adrasto, sogro prometido por antigo presságio, e o dote de Argos lhe dão coragem; também Tideo, manchado pelo sangue de um irmão, foi por ele recebido com agrado numa aliança para toda a vida. Daí seu orgulho crescente e a promessa, feita ao irmão, de um longo exílio para ti.

O próprio pai dos deuses, compadecido, enviou-me do alto: conserva Tebas e expulsa teu parente, cego pela ambição do reino e capaz de tentar contra ti os mesmos crimes. Não permitas que, ansioso pela morte do irmão, confie por mais tempo nas fraudes que prepara, nem que traga Micenas para reinar sobre Cadmo."

[120] Assim falou; ao retirar-se - pois os cavalos do Sol já dispersavam as pálidas estrelas -, arrancou da cabeça o ramo e as faixas de lã, revelou-se como avô e inclinou-se sobre o leito do terrível neto. Depois descobriu a garganta aberta pela ferida e inundou-lhe o sono com o sangue que jorrava.

O repouso de Etéocles se rompeu. Ergueu os membros, saltou do leito cheio de visões monstruosas e, sacudindo de si o sangue ilusório, recuou horrorizado diante do avô e procurou o irmão ausente.

Assim a tigresa, ao ouvir o rumor dos caçadores, volta-se feroz contra as redes e expulsa o sono indolente: deseja a guerra, abre as mandíbulas, prepara as garras e logo se precipita entre as fileiras, levando na boca um homem ainda vivo para alimentar os filhotes cruéis. Da mesma forma, despertado pela ira, o príncipe consumia em pensamento a guerra contra o irmão distante.

[134] Já Aurora, erguendo-se de seu leito migdônio,[8] expulsara do alto céu as frias trevas; sacudindo o orvalho dos cabelos, corava intensamente sob os raios do Sol que a perseguia. Voltado para ela entre as nuvens, o róseo Lúcifer recolhia suas chamas tardias e, com lento cavalo, deixava o céu alheio, até que o pai de fogo enchesse o disco e proibisse a irmã de usurpar-lhe os raios.

Então o velho filho de Tálau, e logo também os dois heróis de Dirce e do Aqueloo,[9] ergueram-se rapidamente dos leitos. Sobre eles, fatigados pelos golpes e pela resistência à tempestade, o Sono derramara toda a abundância de seu corno; pouco repouso, porém, visitara o peito do rei de Ínaco, que meditava na

vontade celeste, nos novos laços de amizade e nos destinos que acolhia em sua casa com os inesperados genros.

Encontraram-se no centro do palácio, estreitaram as mãos uns dos outros e se sentaram onde melhor pudessem trocar conselhos secretos. Como os jovens hesitassem, Adrasto começou: "Jovens incomparáveis, que uma noite propícia, sob impulso do céu, trouxe a meu reino, e cujos passos o meu próprio Apolo guiou até este palácio, apesar da chuva, do relâmpago e do céu intempestivo do Tonante, não posso crer que ignoreis - vós e o povo pelasgo - quantos pretendentes desejam ardentemente aliar-se à minha casa. Minhas duas filhas, alegre promessa de netos, alcançam juntas os anos plenos da juventude nupcial.

Quão grandes sejam sua beleza e seu pudor, não confieis na palavra de um pai: pudestes julgá-lo no banquete de ontem. Muitos, capazes de se gloriar de tronos e vastos domínios, desejaram-nas; seria longo enumerar os príncipes de Feras e da Lacônia.[10] Também mães de toda a Acaia buscaram essa esperança de descendência. Nem teu pai Eneu desprezou alianças oferecidas, nem o pai da noiva de Pisa com suas terríveis rédeas.[11] Mas não me é permitido escolher para minhas filhas homens de Esparta ou da Élida: a vós o antigo destino promete meu sangue e a guarda de minha casa.

Os deuses foram propícios, pois chegastes a mim com nascimento e coragem tão elevados que posso alegrar-me com seus oráculos. Este é o prêmio conquistado pelos sofrimentos da noite, esta a recompensa pelos golpes que suportastes."

[173] Eles o ouviram e por algum tempo conservaram os olhos fixos um no outro, como se cada qual cedesse ao companheiro a precedência da resposta.

Tideo, porém, mais audacioso em toda ação, começou: "Com que modéstia tua mente sábia te permite proclamar a própria glória, e quanto teu mérito supera todos os favores da fortuna! A quem Adrasto cederia em poder? Quem ignora que, expulso do trono ancestral de Sícion, deste leis à turbulenta Argos? Oxalá, ó justo Júpiter, tivesses confiado a estas mãos os povos que o Istmo dório encerra entre as terras interiores e os que separa sob a outra costa! Não teria fugido de Micenas a luz interrompida;[12] não teriam gemido os vales da Élida sob competições ferozes;[13] Fúrias diferentes não teriam atormentado reis diferentes, nem teria acontecido tudo aquilo que tu, ó tebano, mais podes lamentar.[14] Quanto a nós, aceitamos, e nossos corações se abrem para ti."

Assim falou; e o outro acrescentou: "Quem recusaria receber semelhante pai de sua esposa? Embora Vênus ainda não sorria para nós, exilados e banidos da pátria, todas as tristezas do coração se aquietaram, e desapareceu a dor que se prendia à nossa mente.

Não menos alegremente acolhemos este consolo que um navio dilacerado pela tempestade quando contempla a costa amiga. Agrada-nos entrar num reinado de bons presságios e passar, sob teu destino, o restante das vidas e trabalhos que nos couberam."

Sem mais demora, levantaram-se. O pai de Ínaco reforçou cada promessa com palavras ardentes e jurou que os auxiliaria e os reconduziria aos reinos paternos.

[201] Quando se espalhou pela cidade a notícia de que haviam chegado à corte do rei maridos para suas filhas, e de que a ilustre Argia e Deípile, não menos célebre pela beleza, entregariam ao matrimônio a juventude vigorosa, os argivos prepararam com entusiasmo uma grande celebração.

A Fama voou pelas cidades aparentadas, passou de boca em boca pelas terras vizinhas, alcançou os bosques do Liceu, ultrapassou os do Partênio e chegou aos campos efireus.[16] Não com menor tumulto a mesma deusa desceu sobre a Tebas ogígia.

De asas estendidas, pairou sobre aquelas muralhas e levou ao chefe labdácida um terror semelhante ao da noite anterior: contou a acolhida e o casamento, o pacto real e a união das casas - que licença furiosa possui a língua desse monstro infernal! - e, por fim, anunciou a guerra.

[213] O dia tão esperado espalhara os argivos por toda parte;[16] os átrios reais enchiam-se de alegre multidão. Ali podiam contemplar de perto seus antepassados e ver bronzes que rivalizavam com os rostos vivos. Tanto ousara e realizara a arte!

O próprio pai Ínaco, de dois chifres, inclinava-se para a esquerda sobre a urna intitulada; ao lado estavam o velho Iásio, o sereno Foroneu, o guerreiro Abas, Acrísio indignado contra o Tonante, Coroebo trazendo uma cabeça sobre a espada nua, e a sombria imagem de Dânao, que já meditava o assassínio;[17] depois deles, mil outros príncipes.

Quando a onda ruidosa do povo recebeu entrada pelos soberbos portais, toda a companhia dos nobres e aqueles cujo grau mais se aproximava da majestade do rei ocuparam os primeiros lugares. No interior, o palácio ardia com os fogos sagrados e ressoava com o tumulto das mulheres; um coro casto de argivas cercava a rainha-mãe, enquanto outras, reunidas em torno das jovens, tornavam amáveis os novos vínculos e consolavam-lhes o temor.

As noivas avançavam ilustres, majestosas no rosto e no traje, os olhos baixos e um rubor púrpura derramado sobre a brancura das faces. O último amor pela virgindade penetrava-lhes silenciosamente o coração, e o primeiro pudor da culpa confundia as feições; então uma chuva honesta umedeceu-lhes o rosto, e as lágrimas alegraram os pais enternecidos.

Assim poderiam Pallas e a irmã mais severa de Febo[18] descer juntas do alto céu, terríveis ambas nas armas e no semblante, os cabelos dourados presos no alto, trazendo uma do Cinto e a outra do Aracinto[19] suas companheiras virginais. Por mais que olhasses - se aos olhos fosse permitido -, jamais decidirias qual tinha maior majestade, qual maior graça, ou qual possuía mais de Jove; e, caso desejassem trocar as vestes, a aljava ficaria bem em Pallas, e o elmo de crista na Délia.

[244] Os filhos de Ínaco competiam em alegria e fatigavam os deuses com votos, cada qual conforme os recursos de sua casa e de seu culto. Uns suplicavam com as vísceras e a vida da vítima, outros com um simples torrão de relva; outros ainda, não menos ouvidos quando o coração era aceito, buscavam merecer o favor divino com incenso e sombreavam os portais com ramos arrancados às florestas.

Mas eis que um medo súbito - assim ordenava a cruel Láquesis - atingiu-lhes a mente, expulsou a alegria do pai e perturbou o dia.

Aproximavam-se do limiar[20] da Pallas sem núpcias, que, entre as cidades, não prefere as colinas de Muníquia[21] à Larissa argiva. Ali, segundo o costume dos antepassados, as filhas de Iásio, tão logo os anos castos amadureciam para o matrimônio, ofereciam os cabelos virginais e pediam perdão pelo primeiro leito.

Enquanto subiam os degraus e se aproximavam do templo elevado, caiu do ponto mais alto do santuário um escudo de bronze, despojo do árcade Euipo, e esmagou as tochas que anunciavam o cortejo, luz festiva da cerimônia. Quando ainda não ousavam avançar com segurança, um poderoso som de trombeta, vindo do recinto mais profundo do templo, encheu-as de terror.

Ao primeiro golpe do pânico, todos se voltaram para o rei; depois negaram ter ouvido qualquer coisa. Ainda assim, o presságio sombrio inquietava a todos, e as conversas diversas aumentavam o medo. Não era de admirar: tu, Argia, trazias o presente funesto de teu esposo, o terrível colar de Harmonia.[22] A história remonta a tempos distantes, mas seguirei o conhecido fio de desgraças e mostrarei de onde veio a força tão terrível daquele novo presente.

[269] O deus de Lemnos,[23] assim acreditavam os antigos, há muito atormentado pela traição de Marte e vendo que nenhum castigo impedia o amor descoberto, nem as correntes vingadoras eliminavam a ofensa, fabricou o colar para que fosse a glória do dote de Harmonia no dia do casamento. Para a obra, ainda que acostumados a trabalhos maiores, esforçaram-se os Ciclopes; também os Telquines, famosos pela habilidade das mãos, ajudaram em amistosa competição. Mas sobre o próprio artífice recaiu o suor mais pesado.

Formou um círculo de esmeraldas ardentes de fogo oculto; acrescentou diamantes gravados com figuras de mau agouro, olhos de Górgona, brasas deixadas na bigorna siciliana pela última fabricação de um raio, e as cristas que brilham sobre a cabeça das serpentes verdes. Juntou depois o fruto doloroso das Hespérides[24] e o ouro terrível do velo de Frixo; entrelaçou pestes diversas, a víbora-rainha arrancada dos cabelos medonhos de Tisífone e a força perversa que dá poder ao cinturão de Vênus.[25] Com astúcia, ungiu tudo com espuma lunar[26] e derramou sobre a obra o veneno do prazer.

Não foi Pasiteia, a primeira entre as irmãs graciosas,[27] nem o Encanto, nem o jovem do Ida que lhe deram forma, mas o Luto, todas as Paixões, a Angústia e a Discórdia, trabalhando com toda a destreza da mão direita.

A obra provou pela primeira vez seu poder quando as lamentações de Harmonia se transformaram em silvos terríveis: acompanhando Cadmo

rastejante, ela sulcou com o longo peito os campos da Ilíria.[28] Depois, mal a impudente Sêmele colocara no pescoço o presente nocivo, e Juno enganadora cruzou-lhe o limiar.[29] Tu também, infeliz Jocasta, segundo dizem, possuíste a bela abominação e adornaste o rosto com aquele esplendor - ah, para agradar em que leito! Depois veio uma longa série de outras mulheres.

Por fim, Argia resplandeceu com o presente e, orgulhosa do adorno e do ouro consagrado à desgraça, superou a aparência mais simples da irmã. A esposa do profeta destinado à morte[30] o vira e, em todos os altares e banquetes, alimentava secretamente uma inveja feroz, desejando que algum dia lhe fosse permitido possuir a joia cruel; de nada, ah, lhe serviram os presságios tão próximos.

Que lágrimas amargas ela deseja! Para que ruínas tendem seus votos ímpios! Ela, certamente, é digna deles; mas o que mereceram as armas enganadas do esposo infeliz? Que culpa teve o delírio inocente do filho?

[306] Depois que doze dias encerraram os banquetes reais e a alegria do povo, o herói ismênio voltou os olhos para Tebas e desejou procurar seu reino. Recordava o dia em que, favorecido o irmão pelo acaso, permanecera sem poder no palácio de Equíon, vendo os deuses abandonarem sua causa, os companheiros se dispersarem em apressado tumulto, e ele próprio ficar desguarnecido de todos os lados, com toda a fortuna em fuga.

Uma única irmã ousara acompanhar os passos tristes do exilado; mesmo dela se separara logo no início do caminho e, com grande ira, reprimira as lágrimas. Desde então, noite e dia, ordenava na memória aqueles cuja alegria observara ao partir, os que haviam sido mais diligentes em adular o príncipe injusto e os que vira lamentar seu exílio. A dor lhe devorava o espírito, a ira enlouquecida e a esperança - peso acima do qual nenhum mais grave se acrescenta aos cuidados mortais quando tarda por muito tempo.

Revolvendo no peito semelhante nuvem de pensamentos, preparava-se para buscar Dirce e as casas de Cadmo que lhe eram negadas.

Assim um touro soberano, privado do vale amado, depois que um vencedor o expulsou do pasto habitual e o obrigou a mugir de longe pela novilha arrebatada, encontra no exílio repouso que lhe agrada, recupera o sangue, vê o pescoço tornar-se novamente poderoso e recorda os carvalhos que partiu contra o peito; então deseja a luta, reclama os pastos e o rebanho cativo. Já domina pela velocidade e pelos chifres; o próprio vencedor teme seu retorno, e os pastores espantados mal reconhecem o animal de antes. Não de outro modo o jovem teumesiano afiava em silêncio a ira.

A esposa fiel, porém, percebera o desejo secreto de partir. Deitada no leito à primeira claridade pálida da aurora, envolvendo o marido com os braços, disse: "Que pensamentos de fuga são estes que revoles? Nada escapa aos olhos de quem ama. Conheço teus lamentos insones, os suspiros amargos e o sono sempre inquieto.

Quantas vezes, ao tocar-te com a mão, encontro este rosto banhado de lágrimas e teu peito gemendo sob o peso dos cuidados! Não é a ruptura de nosso matrimônio que me aflige, nem uma juventude viúva, embora nosso amor ainda seja recente e o leito, desde as núpcias, não tenha perdido o primeiro ardor. É tua segurança, amado - apresso-me a confessá-lo -, que tortura meu coração.

Buscarás o reino desarmado e sem amigos? Poderás sair de tua própria Tebas, se ele o negar? A Fama, sempre hábil em surpreender o pensamento dos príncipes, conta que ele está inchado e soberbo com o poder roubado e pouco disposto a escutar-te; e ainda nem completara um ano de reinado.[31] Também me assustam ora os adivinhos, ora as entranhas que anunciam deuses ameaçadores, o voo das aves e as visões perturbadoras da noite. Ah, jamais me recordo de Juno aparecer falsamente em meus sonhos.

Para onde te leva essa viagem? A menos que um amor secreto te conduza a Tebas e a esperança de um sogro mais ilustre."

Então, por fim, o jovem equiônico sorriu brevemente; consolou com um abraço a delicada dor da esposa, depositou beijos oportunos nas faces entristecidas e conteve-lhe as lágrimas: "Liberta o coração do medo. Conselhos prudentes, acredita, conquistam dias tranquilos; não te convêm cuidados mais fortes que tua idade.

Se algum dia o pai Saturniano tomar conhecimento de meu destino, e se a Justiça ainda pensa em baixar os olhos do céu e defender na terra o que é reto, talvez chegue para ti o dia em que contemplarás as muralhas de teu esposo e caminharás como rainha por duas cidades."

[363] Assim falou e saiu apressado do aposento amado. Triste, dirigiu-se a Tideo, já companheiro do empreendimento e já igualando-lhe os cuidados com coração fiel - tão forte amor unira as duas almas depois da contenda -, e ao sogro Adrasto.

Delongaram-se em conselho. Depois de examinarem muitos planos, uma decisão prevaleceu sobre todas: provar a lealdade do irmão e, por humilde pedido, verificar se estava aberto um caminho seguro para o reino.

O audacioso Tideo ofereceu-se espontaneamente para a missão. Também a ti, mais valente da raça etólia, Deípile tentou deter com muitas lágrimas; mas a ordem do pai, a inviolabilidade assegurada ao embaixador e as justas preces da irmã venceram sua resistência.

[375] Já havia percorrido toda a extensão de uma viagem difícil por florestas e litoral: passara pelo pântano de Lerna, onde o calor da Hidra queimada ainda aquece as profundezas das águas culpadas; pela longa Nemeia, em que mal ressoa o canto escasso de pastores ainda temerosos;[32] pela face oriental de Éfira, voltada para os Euros, pelos portos de Sísifo e pela onda irada contra a terra, contida na enseada curva de Lequeu, sagrado a Palêmon.[33]

Depois passou por Niso, deixou-te à esquerda, benigna Elêusis, atravessou os campos de Teumeso e entrou nas torres de Agenor.

Ali encontrou o cruel Etéocles elevado no trono e cercado de armas eriçadas. Já terminado o período marcado de seu reinado, governava ferozmente o povo para além da lei e do tempo que pertenciam ao irmão. Sentava-se preparado para qualquer crime e queixava-se de que o pacto fosse reclamado tão tarde.

[389] Tideo deteve-se no centro - o ramo de oliveira o declarava embaixador - e, interrogado, revelou o nome e a causa da viagem. Como sempre fora pouco hábil no falar e inclinado ao calor da ira, embora sua causa fosse justa, começou misturando palavras ásperas:

"Se te restassem lealdade simples e respeito pelo juramento, seria mais justo que daqui partissem embaixadores para teu irmão, agora que teu ano terminou; que tu, no momento devido, depusesses a majestade e, satisfeito, deixasses o trono, para que ele, depois de longas peregrinações e indignos sofrimentos em tantas cidades estrangeiras, sucedesse enfim ao reino prometido.

Mas, como reinar é tua paixão querida e o poder exerce doce fascínio, nós te convocamos. O veloz giro já fez retornar o globo estrelado, e as montanhas recuperaram as sombras que haviam perdido,[34] desde que teu irmão suportou a sorte infeliz da pobreza e do exílio em cidades desconhecidas. Agora chegou a tua vez de passar os dias sob o céu aberto de Jove, deixar que o frio da terra congele teus membros e suplicar humildemente junto às lareiras alheias.

Impõe um limite à prosperidade. Por tempo bastante, entre o rico esplendor do ouro e da púrpura, zombaste do ano de pobreza de teu irmão. Advirto-te: desaprende voluntariamente as alegrias do governo e, com exílio paciente, merece o retorno."

[410] Tideo terminou. O coração ardente do outro enfureceu-se dentro do peito silencioso, como a serpente irritada por uma pedra que, consumida pela longa sede no covil profundo, se ergue de repente e concentra todo o veneno na garganta e no pescoço escamoso.

"Se os sinais que me advertiam da contenda do irmão fossem duvidosos, se o ódio secreto não me brilhasse diante dos olhos como a luz do dia, bastaria essa tua audácia: semelhante a ele no pensamento, preludias assim o furor dele, como se um novo exército de sitiantes já rompesse nossas muralhas defendidas e as trombetas inflamassem de ferocidade as fileiras inimigas.

Mesmo que estivesses falando face a face, no meio deles, aos bistônios ou aos pálidos gelonos, sobre os quais o sol quase não brilha, serias mais moderado na eloquência e mais atento ao que é justo ao expor tua causa. Nem te censuro por essa loucura: apenas repetes ordens.

Agora, pois, já que todas as vossas palavras estão cheias de ameaças, que exigis o cetro sem garantia de lealdade ou paz, e que vossas mãos permanecem próximas do punho da espada, leva de volta ao príncipe argólico, em resposta, estas minhas palavras, ainda muito aquém das tuas: conservo, e conservarei por muito tempo, a sorte que justamente me pertence, o cetro que a prerrogativa dos anos me consagrou.

Fica com o palácio recebido em dote de tua esposa de Ínaco; acumula as riquezas dos dânaos - por que eu invejaria feitos tão nobres? Reina sobre Argos e Lerna sob felizes auspícios. A mim bastam os ásperos pastos de Dirce e as praias estreitadas pelas ondas da Eubeia; não me envergonho de chamar o infeliz Édipo de pai. Gloria-te de tua larga nobreza - Pélops e Tântalo são teus antepassados! - e une por um caminho mais próximo o sangue de Jove ao teu.[35]

Tua rainha, acostumada ao luxo paterno, suportará esta casa simples? Com razão minhas irmãs puxariam para ela, inquietas, os fios da roca; minha mãe, desfigurada pelo longo luto, e aquele velho maldito, ouvido talvez gritando das trevas profundas, certamente a ofenderiam. O coração do povo já se acostumou ao meu jugo. Envergonha-me que a plebe e os anciãos suportem tantas vezes a incerteza da fortuna, mudem de governo entre gemidos e obedeçam contra a vontade a um tirano duvidoso.

Um reinado breve não poupa os povos. Volta-te e contempla o terror e o espanto dos cidadãos diante do perigo em que me encontro. Deixarei estes, aos quais sob teu comando aguarda castigo certo? Vens enfurecido, ó parente. Ainda que eu quisesse, os próprios pais não permitiriam que eu entregasse a coroa, se conheço seu amor e existe gratidão por meus benefícios."

[451] Tideo não suportou mais e, interrompendo o discurso, lançou-lhe a resposta: "Tu a devolverás!", gritou; e repetiu: "Devolverás! Ainda que uma muralha de ferro te cerque, ou Anfião, ouvido novamente, reúna ao teu redor três muralhas com outro canto, nem armas nem fogo impedirão que expies tua audácia e, antes de morrer, golpeies o chão sob nossas armas com o diadema cativo.

Tu merecerás esse destino; tenho pena daqueles cujas vidas, para ti sem valor, arrancas às esposas e aos filhos e arremessas a combates infandos e à destruição, ó excelente rei! Quantos funerais, ó Citéron, farás rolar; quanto sangue, ó Ismeno, levarás em tuas águas! Esta é tua piedade, esta tua grande fidelidade! Não me espantam os crimes de vossa raça: assim foi o primeiro autor de vosso sangue, assim foram os pais incestuosos. Mas há uma falha em tua linhagem: somente tu és verdadeiro filho de Édipo. Esta, homem violento, será a recompensa de teu pecado e de teu crime! Reclamamos nosso ano. Mas desperdiço palavras..."

Assim ainda gritava audaciosamente no limiar; depois se lançou de cabeça através das fileiras desordenadas.

Assim o famoso campeão da Diana de Eneu,[36] com as cerdas eriçadas e o golpe fulminante das mandíbulas armadas de presas, embora cercado pelo bando argivo, que faz rolar sobre ele pedras e ramos arrancados das margens do Aqueloo, deixa ora Télamon, ora Íxion prostrado no chão e investe contra ti, Meleagro; ali, por fim, foi detido pela ponta da lança e deixou a força do golpe perder-se no ombro que se debatia.

Tal era o herói de Cálidon ao abandonar o conselho ainda aterrorizado, lançando ameaças selvagens como se fosse ele o privado do reino. Apressava-se, arremessando para longe o ramo de oliveira. As mães, espantadas, observavam-

no das portas e amaldiçoavam o feroz filho de Eneu; no íntimo do coração, também amaldiçoavam o rei.

[482] O monarca, porém, não ficou inativo, nem lhe faltaram recursos astutos para o crime e a fraude indizível. Reuniu um grupo fiel de guerreiros escolhidos, animando-os ora com recompensas, ora com o ardor de palavras persuasivas; planejou ferozmente um ataque noturno e decidiu ferir o embaixador - nome venerado pelos povos desde tempos imemoriais - por meio da traição e da espada escondida no silêncio.

O que os reis não consideram desprezível? Que artifícios inventaria ele se pusesses em seu poder o próprio irmão, ó Fortuna? Conselhos cegos e culpados! Crime sempre temeroso! Um bando juramentado de soldados parte contra uma única vida, como se se preparasse para assaltar um acampamento ou derrubar o flanco elevado de uma cidade com golpes de aríete. Cinquenta homens formam fileiras compactas e marcham em ordem pelos altos portões. Que o céu favoreça agora tua coragem, herói julgado digno de tão numeroso inimigo!

[496] Um caminho mais curto os conduziu por bosques cerrados; avançaram depressa por uma passagem oculta, cortando a floresta espessa. Era um lugar escolhido para a emboscada:[17] ao longe da cidade, dois montes se apertavam um contra o outro, separados por uma garganta estreita e hostil. A sombra da montanha superior e as cristas folhosas da mata curva encerravam o lugar. A própria natureza implantara ali a traição e os meios de um ataque secreto.

Entre as rochas serpenteava uma trilha áspera e estreita; abaixo se estendiam uma planície e larga extensão de campos inclinados. Em frente erguia-se ameaçador um rochedo elevado, morada do monstro alado de Édipo.[18]

Ali estivera outrora a fera, elevando as faces pálidas, os olhos corrompidos e as penas coalhadas de sangue indizível. Abraçando restos humanos e apertando contra o peito nu ossos semidevorados, percorria os campos com olhar terrível, esperando que algum estrangeiro ousasse disputar em palavras enigmáticas, ou que um viajante a enfrentasse e entrasse em comércio com sua língua funesta. Sem demora, afiava as garras descobertas das mãos lívidas, mostrava os dentes partidos de tanto ferir e erguia-se com terrível bater de asas ao redor do rosto dos hóspedes.

Nenhum homem solucionou o enigma até que, vencida por um herói à sua altura, sentiu as asas fraquejarem e - ó horror! - do rochedo ensanguentado lançou desesperada contra as pedras inferiores o ventre insaciável.

A floresta conserva a lembrança do crime: os novilhos temem os pastos vizinhos, e o rebanho, embora faminto, recusa a erva condenada. A sombra não agrada aos coros de Dríades nem convém aos ritos dos Faunos; até aves de mau agouro fogem do bosque monstruoso.

A companhia destinada à morte chegou ali com passos silenciosos. Apoiada nas lanças e mantendo as armas prontas junto ao solo, esperava o inimigo soberbo e cercava a mata com densa guarda.

[527] A Noite começara a cobrir Febo com o manto úmido e derramara sobre a terra uma sombra azul-negra. O herói se aproximava da mata e, de um aterro elevado, viu o brilho vermelho dos escudos e dos elmos de cristas altas, onde os ramos deixavam uma abertura; através da sombra oposta, o tremor flamejante da lua brincava sobre o bronze das armas.

Espantou-se com o que via, mas continuou. Apenas aproximou as lanças ásperas e a espada encerrada na bainha até o punho. Então perguntou primeiro, sem terror servil: "De onde vindes, homens? Que significa estardes ocultos assim, armados?"

Nenhuma voz respondeu; o silêncio suspeito negava qualquer garantia de paz. Eis que uma lança, torcida pelo braço enorme de Ctônio, chefe da tropa, voou através do ar escuro; mas o deus e a Fortuna abandonaram o audacioso. Ainda assim, atravessou a cobertura do javali olênio e o dorso negro de cerdas; passou sobre o ombro esquerdo, quase extraindo sangue, e, privada da ponta, atingiu-lhe inutilmente a garganta.

Com os cabelos eriçados e o sangue gelado em torno do coração, Tideo olhou em volta, atento e feroz, pálido de ira. Não acreditava que tão grande tropa tivesse sido reunida contra ele. "Saí contra mim! Vinde para o campo aberto! Por que tanta audácia medrosa, tamanha covardia? Sozinho vos desafio, sozinho!"

Eles não esperaram. Quando os viu, muito mais numerosos do que imaginara, surgindo de esconderijos incontáveis - uns descendo das cristas, outros crescendo em número desde o fundo do vale, muitos já ocupando a planície -, como quando o primeiro grito conduz a presa cercada para o espaço aberto e todo o caminho se ilumina com o brilho das armas, correu para as alturas da terrível Esfinge, único caminho de salvação em seu embaraço. Ferindo as unhas na parede abrupta, escalou o declive medonho e dominou o rochedo, seguro pelas costas e com amplo campo para lançar a morte para baixo.

Então arrancou da pedra um bloco enorme, que bois gemendo mal poderiam, com toda a força, mover do chão e arrastar até uma muralha. Erguendo-o com todo o vigor, procurou equilibrar a massa mortal, como o magnânimo Folo levantara a cratera vazia contra os lápitas. Espantados, os inimigos o viram no alto, exatamente no caminho da morte. A montanha precipitou-se e os esmagou; membros e rostos humanos, armas e escudos confundiram-se imediatamente numa única ruína.

Quatro homens gemeram dilacerados sob aquela pedra; logo o restante da tropa fugiu aterrorizado, expulso de sua empresa.

Não eram covardes os mortos: Dórilas, de golpe fulminante e valor digno de príncipes; Téron, descendente de Marte e orgulhoso de antepassados nascidos da terra; Hális, insuperável no domínio do cavalo sujeito às rédeas, mas caído a pé na fuga por aqueles campos; e Fédimo, que remontava a Penteu e ainda te encontrou, Baco, como inimigo.[39]

[576] Quando viu a companhia aterrorizada e em fuga desordenada pela morte repentina dos quatro, Tideo lançou duas lanças - as únicas que carregava e que apoiara contra a montanha - e enviou-as atrás dos fugitivos.

Logo, para que os dardos não caíssem sobre o peito desprotegido, saltou voluntariamente e com rapidez para a planície. Apoderou-se do escudo que vira rolar quando Téron foi esmagado; com a cobertura habitual sobre as costas e a cabeça e o peito protegido pela arma inimiga, firmou-se no lugar.

Os ogígios se reuniram novamente num só corpo compacto e avançaram. Tideo puxou imediatamente a espada bistônia, presente guerreiro do grande Eneu, e, voltando-se igualmente para todos os lados, enfrentou ora estes, ora aqueles, derrubando com o ferro as armas brilhantes. O próprio número os atrapalhava, as armas se comprimiam umas às outras; não havia força nos esforços, mas as mãos erravam sobre os companheiros, e os corpos que caíam se enredavam na própria desordem.

Ele aguardava o assalto, alvo estreito para as lanças, e resistia firme, inexpugnável.

Assim — se é lícito acreditar na Flégra gética[40] — o imenso Briareu se ergueu contra o céu armado, desprezando de um lado a aljava de Febo, de outro as serpentes da sombria Pallas; aqui a lança de pinheiro do Peletrônio Marte, com ponta de ferro; ali o raio tantas vezes renovado pelo fatigado Pirácmon. Cercado em vão por todo o Olimpo, ainda se queixava de que tantas mãos permanecessem ociosas.

Não menos ardente, Tideo oferecia o escudo ora de um lado, ora do outro; recuava, girava sobre si, às vezes corria contra as fileiras hesitantes e apertava a vantagem. Arrancava as numerosas lanças que tremiam cravadas em todo o escudo, arsenal para o próprio herói. Recebia muitos ferimentos dolorosos, mas nenhum penetrava nos caminhos secretos da vida, nenhum podia esperar ser mortal.

Com golpe giratório abateu o furioso Deíloco; mandou Fegeu, que o ameaçava com o machado levantado, acompanhá-lo às sombras; matou também Gias de Dirce e Licofontes da raça de Equíon. Já, tomados de medo, os inimigos se procuravam e contavam; o amor ao sangue não era o mesmo, e lamentavam que tropa tão grande se tornasse rarefeita.

[613] Eis Crômis, descendente do tírio Cadmo. Certa vez a fenícia Dríope o carregava no ventre pesado quando foi arrebatada subitamente pelos coros e, esquecida da carga, enquanto arrastava para ti, Êvan,[41] um touro segurando-lhe os chifres, o bebê caiu sob o esforço excessivo.

Naquele momento Crômis, audacioso por causa das lanças e da pele de um leão capturado, brandia um bastão robusto de pinheiro nodoso e gritava em desafio: "Um só homem, guerreiros, um só irá para Argos triunfando de tantas mortes? Mal a Fama acreditará nele quando regressar! Companheiros, nenhuma mão, nenhuma arma ainda tem força? Foi isso que prometemos ao rei, Cídon? Foi isso, Lampo?"

Enquanto ainda gritava, a haste teumesiana[42] entrou-lhe pela boca aberta, e a garganta não a deteve. A voz sufocou-se, e a língua cortada flutuou na torrente de sangue. Permaneceu de pé por algum tempo, até que a morte se espalhou pelos membros; então caiu e, ao cair, silenciou, mordendo a lança com os dentes.

[629] Também a vós, ó téspios, por que eu vos negaria e vos privaria de glória honrosa? Perifas - nenhum jovem de espírito mais brilhante ou devoção mais fiel - levantava do chão o corpo moribundo do irmão. Com a mão esquerda sustentava o pescoço lânguido; com o braço direito envolvia-lhe o lado. Sob a couraça, o peito se consumia em soluços sufocantes, e os fechos do elmo não conseguiam conter as lágrimas que transbordavam.

No meio dos gemidos profundos, uma lança pesada quebrou-lhe por trás as costelas curvas. Saindo dele, atravessou também o irmão e uniu com uma só arma os peitos aparentados.[43]

O moribundo firmou os olhos que já nadavam, ainda com alguma luz; ao ver o parente morto, fechou-os na escuridão. Aquele em quem ainda restavam vida e força, apesar da ferida, gritou: "Que teus filhos te deem semelhante abraço e semelhantes beijos!" Assim caíram, iguais no destino, cumprindo - ah! - na morte o juramento, e cada qual teve os olhos fechados pela mão do outro.

[645] Tideo atacou logo Menetes e o impeliu adiante, aterrorizado, com escudo e lança, numa retirada apressada, até que, tropeçando no terreno desigual, ele perdeu o equilíbrio. Então, com ambas as mãos estendidas em súplica, procurou afastar a ponta que lhe apertava a garganta:

"Poupa-me, suplico, por estas sombras entretecidas de estrelas, pelos deuses do alto e por esta noite que te favorece. Permite que eu leve a Tebas a triste notícia de teus feitos e, apesar de nosso rei, te louve diante do povo trêmulo. Assim nossos dardos caiam inúteis, nenhum ferro penetre teu peito, e tu retornes triunfante ao desejo de teu amigo!"

Terminou. O outro, sem alterar o rosto: "Desperdiças lágrimas inúteis. Tu, se não me engano, prometeste minha cabeça ao príncipe cruel. Entrega agora as armas e a luz do dia. Por que buscas conservar uma vida covarde? A guerra te espera."[44] Enquanto ainda falava, a ponta da lança regressou espessa de sangue.

Depois perseguiu os vencidos com palavras amargas: "Não celebrais agora uma noite trienal nem festa solene; não vedes as orgias de Cadmo nem mães desejosas de profanar Baco. Pensastes carregar peles de corça e tirsos frágeis ao som de vossa música sem guerra, ou travar combates vergonhosos, desconhecidos dos homens verdadeiros, ao som da flauta de buxo de Celenas?[45] Aqui o massacre é outro, outro o furor. Ide para as sombras, covardes, e poucos demais!"

Assim trovejava. Seus membros, contudo, já o abandonavam, e o sangue fatigado golpeava pesadamente o coração. A mão erguida descia em ataques inúteis, os passos se tornavam lentos, e o braço já não sustentava o escudo transformado pelos despojos que carregava.[46] Um suor frio caía sobre o peito

ofegante; os cabelos e o rosto ardente escorriam com orvalho de sangue e a imunda aspersão dos moribundos.

Assim um leão que expulsou o pastor para longe dos prados e se fartou de ovelhas massílicas, depois que a fome se perdeu na abundância de sangue e o pescoço e a juba se tornaram pesados de corrupção, permanece enfermo no meio do massacre, de boca aberta, vencido pelo excesso de comida. Já não recrudesce a fúria: apenas golpeia o ar com mandíbulas vazias e, com a língua pendente, lambe delas a lã macia.

[682] Carregado de despojos e sangue, Tideo teria ido até Tebas e exibido o triunfo diante do príncipe e do povo espantados, se tu, virgem Tritônia,[47] não tivesses julgado o herói, ainda ardente e envolto na névoa de tantos feitos, digno de teu conselho:

"Filho do soberbo Eneu, a quem há pouco, embora ausentes, concedemos vitória sobre Tebas, impõe agora um limite e não forces além da medida o favor excessivo dos deuses. Busca apenas que acreditem nestes trabalhos. Parte, pois já usaste suficientemente a fortuna."

Restava, sobrevivente contra a vontade à morte amarga dos companheiros, Méon, filho de Hêmon. Ele previra tudo, instruído nos presságios do ar e não enganado por ave alguma; não temera tentar conter o chefe, mas os destinos haviam privado de crédito suas advertências.

Condenado a uma vida inútil, digno de compaixão, recebeu trêmulo a ordem implacável de Tideo: "Quem quer que sejas entre os aônios, tu que a Aurora de amanhã verá arrancado por minha graça do meio das sombras, leva ao teu príncipe esta mensagem: cerca as portas com muralhas, renova as armas, examina as paredes antigas e frágeis; lembra-te sobretudo de apertar os homens, multiplicar fileiras densas e reunir tropa sobre tropa. Contempla este campo, fumegando por toda parte sob minha espada: assim chegamos à guerra!"

[704] Assim falou e preparou para ti, ó Pallas, digna merecedora, uma bela homenagem retirada do massacre ensanguentado. Alegre, reuniu os despojos espalhados e contemplou a grandeza dos próprios feitos.

No meio da planície, sobre um aterro, erguia-se um carvalho que havia muito esquecera a tenra juventude, de ramos curvos, tronco robusto e grossa casca que o envolvia. Tideo trouxe e prendeu nele elmos polidos e armaduras atravessadas por muitos golpes; amarrou espadas quebradas por seus ataques e lanças arrancadas de membros ainda palpitantes.

Então, de pé sobre o monte de armas e corpos, começou a orar, enquanto a noite e as longas cristas das montanhas devolviam o eco: "Deusa severa, glória e sabedoria de teu poderoso pai, invencível na guerra, tu em cujas faces o brilho terrível do elmo cruel e a Górgona salpicada de sangue resplandecem ferozes de ira - nem Mavorte nem Belona, com a lança de combate, jamais inspiraram toques de trombeta mais furiosos -, contempla favoravelmente esta oferenda.

Quer venhas da colina de Pandíon[48] para assistir a meu triunfo noturno; quer deixes por um momento as danças alegres em Ítone aônia;[49] quer tenhas lavado e

penteado novamente os cabelos nas águas do Tríton líbio,[50] para onde o eixo veloz de tuas éguas invioladas te leva, enquanto gritas no carro de dois cavalos: agora te consagramos os despojos partidos e as armas disformes dos heróis.

Se eu chegar aos campos de Partáon, minha pátria,[51] e a marcial Plêuron abrir largamente as portas para meu retorno, consagrarei a ti, no meio das colinas da cidade, um templo de ouro. Dele te agradará contemplar as tempestades jônicas e o turbulento Aqueloo, que, erguendo a cabeça amarela, perturba o mar e deixa para trás a barreira das Equínades.

Ali esculpirei as guerras dos antepassados e os rostos terríveis dos reis magnânimos; pendurarei armas nos soberbos santuários, armas que eu próprio trouxe e conquistei ao preço de meu sangue, e aquelas que tu, virgem Tritônia, me darás quando Tebas for tomada.

Cem donzelas de Cálidon, ministras de teus altares virginais, entrelaçarão ritualmente para ti tochas áticas e tecerão, de tua oliveira casta, fitas púrpuras realçadas por lã branca como a neve. Uma sacerdotisa idosa cuidará do fogo incessante sobre os altares e conservará em reverência contínua teus mistérios. Como outrora, receberás na guerra e na paz as ricas primícias de meus trabalhos, e Diana não se ofenderá."[52]

Assim orou e retomou o caminho para a agradável Argos.

NOTAS AO LIVRO II

1. O "Jove sombrio" é Plutão, soberano do mundo subterrâneo.

2. Mercúrio nasceu no monte Cilene, na Arcádia; por isso o caduceu é chamado "árcade".

3. Êvio é Baco. Sêmele morreu fulminada antes de completar a gestação; Júpiter recolheu o feto e o conservou na própria coxa até o nascimento.

4. Os colonos tírios são os tebanos, descendentes dos fenícios que acompanharam Cadmo.

5. Bistônios significa trácios.

6. O príncipe equiônico é Etéocles. Equíon foi um dos guerreiros nascidos dos dentes do dragão semeados por Cadmo.

7. A referência às colchas assírias sublinha o luxo oriental; os antigos associavam especialmente a Assíria à magnificência e à vida voluptuosa de seus reis.

8. Migdônia era uma região da Frígia. O epíteto de Aurora relaciona-se a Titono, esposo da deusa e filho de Laomedonte, rei troiano.

9. Adrasto era filho de Tálau; Dirce é uma fonte de Tebas, pátria de Polinices; o Aqueloo é um rio da Etólia, pátria de Tideo.

10. "Príncipes de Feras e da Lacônia" corresponde aos pretendentes tessálios e espartanos, vindos do norte e do sul da Grécia.

11. Enômao, pai de Hipodâmia, obrigava os pretendentes da filha a disputar uma corrida de carros e matava os derrotados.

12. Alusão às trevas que cobriram Micenas durante o banquete em que Atreu serviu a Tiestes a carne dos próprios filhos.

13. A Élida recorda as corridas mortais impostas por Enômao aos pretendentes de Hipodâmia.

14. Tideo reúne numa mesma enumeração as calamidades de Micenas, da Élida, de Argos e de Tebas; a última é a história da casa de Édipo, que Polinices melhor pode lamentar.

15. Éfira é antigo nome de Corinto.

16. O verbo latino também admite o sentido de que o dia "alegrara" ou "animara" os argivos, além de espalhá-los pela cidade.

17. Acrísio se indignava contra Júpiter por causa de Dânae. Coroebo aparece no Livro I como o matador do monstro de Apolo. Dânao meditava o assassinato dos genros pelas cinquenta Danaides.

18. A irmã mais severa de Febo é Diana, apresentada como caçadora e guerreira.

19. Cinto é o monte de Delos; Aracinto, uma elevação situada junto à Ática e à Beócia.

20. Talvez as noivas permanecessem no limiar porque o templo pertencia a Pallas "sem núpcias", e as mulheres prestes a casar não podiam entrar no recinto.

21. Muníquia é uma elevação de Atenas consagrada a Ártemis; Estácio afirma que Pallas não preferia a acrópole ateniense à Larissa de Argos.

22. Harmonia, filha de Vênus e Marte, casou-se com Cadmo. O colar recebido nas núpcias trouxe desgraça a sucessivas possuidoras.

23. O deus de Lemnos é Vulcano. Ele fabricara a rede invisível que prendeu Vênus e Marte juntos no leito; Harmonia era filha dos dois amantes.

24. Estácio parece aludir ao âmbar, formado pelas lágrimas das Helíades, filhas do Sol transformadas em álamos; chama-as Hespérides por situá-las no extremo ocidental.

25. O cinturão de Vênus tinha o poder de despertar desejo irresistível, como no canto XIV da Ilíada.

26. A "espuma lunar" pertencia ao imaginário da magia antiga: acreditava-se que feiticeiras podiam fazer descer a Lua e recolher dela substâncias usadas em venenos.

27. Pasiteia é aqui apresentada como a primeira das Graças. Os nomes mais difundidos das três Graças eram Aglaia, Eufrosina e Tália.

28. Segundo o mito, Cadmo e Harmonia foram transformados em serpentes e terminaram a vida na Ilíria.

29. Juno, disfarçada, convenceu Sêmele a pedir que Júpiter se revelasse em toda a majestade divina. A visão do deus entre raios e trovões a consumiu.

30. Erifila, esposa do adivinho Anfiarau, recebeu o colar como suborno e persuadiu o marido a partir para a guerra, onde morreria. O filho Alcmeão matou a mãe para vingar o pai.

31. O sentido é que Etéocles ainda não completara sequer o primeiro ano quando Polinices fugiu; terminado o prazo, sua resistência seria ainda mais violenta.

32. Os pastores de Nemeia ainda temiam a região depois da morte do leão nemeu.

33. Lequeu era um dos portos de Corinto, antiga Éfira, reino associado a Sísifo. Palêmon recebia culto na costa do Istmo.

34. Passara um ano completo: as árvores haviam perdido e recuperado as folhas, devolvendo aos montes as sombras desaparecidas.

35. A casa argiva reivindicava descendência mais direta de Júpiter que a linhagem tebana de Édipo.

36. O "campeão da Diana de Eneu" é o javali de Cálidon, enviado pela deusa para punir o rei Eneu por negligenciar seu culto.

37. A descrição da emboscada retoma um modelo da Eneida, Livro XI. O relevo é deliberadamente labiríntico: montes comprimem a garganta, bosques curvos fecham a passagem e um rochedo domina a planície.

38. O monstro alado é a Esfinge, que propunha enigmas aos viajantes e os devorava quando não sabiam responder.

39. Fédimo descendia de Penteu, adversário de Baco que tentou impedir os ritos do deus em Tebas.

40. Flégra, na Trácia, era o campo mítico da luta dos deuses contra os Gigantes.

41. Êvan é um nome ritual de Baco, derivado do grito báquico "evoé".

42. Teumeso é uma montanha próxima de Tebas; a lança é chamada teumesiana por pertencer ao contingente tebano.

43. A construção latina pode fazer de Tideo o sujeito da ação: ele teria unido com uma única lança os dois irmãos téspios.

44. A frase significa que, em guerra, não há utilidade para quem tenta conservar covardemente a vida.

45. Celenas, na Frígia, era associada ao músico Mársias, vencido por Apolo numa competição de flauta.

46. O escudo se tornara pesado e "transformado" pelos despojos e pelas armas nele cravadas. Alguns editores propõem uma variante que faria referência diretamente aos dardos.

47. A virgem Tritônia é Pallas Atena; uma tradição situava seu nascimento junto ao lago Tritão, na Líbia.

48. A colina de Pandíon é a acrópole de Atenas.

49. Ítone era uma localidade da Tessália com santuário de Atena. "Aônia" parece significar aqui região das Musas, associação também aplicada à Tessália.

50. O Tríton líbio é o lago Tritão, ligado a uma das tradições sobre o nascimento de Atena.

51. Os campos de Partáon são a região de Cálidon e Plêuron, pátria etólia de Tideo; Partáon era antepassado de Eneu.

52. Diana era a principal divindade da Etólia. Tideo promete um culto grandioso a Pallas sem negar as honras tradicionais da deusa de sua pátria.

LIVRO III

[1] Ao pérfido senhor do palácio aônio, porém, não chegava nas horas sombrias o repouso do sono, embora ainda restasse às estrelas úmidas um longo caminho até a aurora. No espírito, a inquietação permanecia em vigília e lhe cobrava a pena do crime arquitetado; depois, o medo, o mais funesto dos augúrios em meio à incerteza, mergulhava-o em pensamentos sombrios.

"Ai de mim!", exclamava. "Por que tamanha demora?" Julgara fácil a empresa e Tideo presa ligeira para tantos guerreiros, sem medir contra o número deles a coragem e o vigor do adversário. "Teriam seguido por caminhos diferentes? Alguma tropa partiu de Argos para socorrê-lo? Ou a notícia do atentado espalhou-se pelas cidades vizinhas? Escolhemos poucos demais, ó pai Marte Gradivo, ou homens sem renome nas armas? Mas o valente Crômis, Dórilas e os filhos de Téspio, tão firmes quanto estas minhas torres, poderiam, a uma ordem minha, arrasar Argos até os alicerces.

Nem ele, suponho, veio até aqui invulnerável às minhas armas, ainda que seu corpo fosse feito de bronze ou de diamante maciço. Vergonha, covardes, se vosso esforço fracassou diante de um único inimigo, caso tenhais realmente combatido!" Assim o atormentavam sucessivas rajadas de paixão. Acima de tudo, censurava-se por não ter atravessado o embaixador com a espada quando ele falava no meio da assembleia e por não ter saciado publicamente toda a ferocidade de sua ira. Ora se envergonhava do plano, ora se arrependia de haver sentido vergonha.

Era como o piloto designado de uma embarcação calabresa nas águas jônias. Não lhe falta ciência do mar, mas o astro de Olênio, surgindo mais claro que de costume, enganou-o e o fez abandonar um porto amigo;[1] de repente, um tumulto enche o céu invernal, todos os confins do firmamento trovejam e Órion, em toda a sua força, parece rebaixar os polos. O piloto deseja alcançar terra e luta para regressar, mas um poderoso Noto, soprando pela popa, impele-o para diante; então, renunciando à arte, geme e se entrega sem governo às águas cegas. Assim também o chefe agenórida acusava Lúcifer, ainda tardio no céu, e o Sol, lento demais para nascer aos que sofrem.

[33] Eis que, sob as rédeas ocidentais da Noite, já voltada para o ocaso, enquanto as estrelas se apagavam, tão logo a poderosa Tétis fez sair do mar oriental o tardio Hipérion, a terra, sacudida em grandes massas, tremeu até os fundamentos, sinistro sinal das desgraças futuras. O Citéron abalou-se e fez mover suas neves antigas; os telhados pareceram erguer-se, e as sete portas de Tebas, inclinar-se até as cristas das montanhas.

A causa não estava longe. Irritado com o próprio destino e triste porque a morte lhe fora negada, regressava na hora fria da aurora o filho de Hêmon.[2] Seu rosto ainda não podia ser reconhecido claramente, mas, mesmo indistinto à vista, anunciava de longe a grande calamidade com gemidos e golpes no peito; pois todas as lágrimas lhe haviam escapado de uma só vez.

Não de outro modo deixa a clareira um pastor despojado, onde lobos cruéis fizeram matança durante a noite, quando uma súbita rajada de chuva e os ventosos cornos da lua invernal haviam conduzido aos bosques o rebanho de seu senhor. A luz revela o massacre; ele teme levar ao dono a nova desgraça e, lançando poeira repugnante sobre a cabeça, enche os campos de lamentações. Odeia os grandes currais silenciosos, enquanto chama em voz alta, um por um, os longos nomes dos touros perdidos.

[53] Quando as mães, aglomeradas no limiar das portas, o viram inteiramente só – horror! –, sem tropa ao redor e sem os chefes valentes, não ousaram interrogá-lo. Ergueram, porém, um clamor semelhante ao último grito de uma cidade aberta aos vencedores ou de um navio que afunda no mar.

Assim que o rei odiado lhe concedeu a audiência que pedira, Méon falou: "De toda aquela companhia, o feroz Tideo te oferece esta única vida miserável, quer assim tenham querido os deuses, quer a fortuna, quer, como minha ira se envergonha de confessar, o poder invencível daquele homem. Mal acredito no relato que eu próprio trago: todos pereceram, todos! Tomo por testemunhas as luzes errantes da noite, as sombras de meus companheiros e a ti, ave de mau agouro sob a qual me foi inevitável regressar.[3] Nem lágrimas nem artifícios me conquistaram este perdão cruel, este presente desonroso da luz.

Foram as ordens dos deuses que me arrancaram da morte, Átropos, cuja vontade não conhece recusa, e o destino que havia muito me fechara esta porta do trespasse.

E agora, para que vejas que meu coração despreza a vida e não recua diante da ruína final: começaste uma guerra nefanda, homem de sangue, e nenhum presságio aprovará tuas armas. Enquanto procuras expulsar a lei e reinar soberbo sobre o exílio de teu parente, a queixa incessante de uma longa série de casas arruinadas e desertas, e cinquenta espíritos pairando noite e dia, te assaltarão com terror medonho. Quanto a mim, também não tardarei."

[77] Já a ira do rei feroz se inflamava, e o sangue acendia seu rosto sombrio. Então Flégias e Lábdaco, sempre prontos para o mal – a força armada do reino estava em suas mãos –, prepararam-se espontaneamente para avançar e expulsá-lo com violência.

Mas o adivinho magnânimo já desembainhara a espada. Olhando ora para o rosto do tirano truculento, ora para o ferro, disse: "Nunca terás direito sobre este meu sangue, nem ferirás o peito que o grande Tideo poupou. Eu parto, sim, exultante, ao encontro do destino que ele me arrebatou; sou levado às sombras dos companheiros que me aguardam.

Quanto a ti, aos deuses e a teu irmão...” Enquanto ainda falava, a espada penetrou-lhe o flanco até o punho e interrompeu as palavras. Ele lutou contra a agonia e, curvando-se com esforço sobre o golpe profundo, caiu. O sangue, impelido pelos últimos suspiros da vida, saía ora da boca, ora da ferida.

Os chefes ficaram tomados de espanto, e os conselheiros murmuraram aterrorizados. Ele, porém, com o rosto firme e severo na morte que a própria mão realizara, foi conduzido à casa pela esposa e pelos parentes fiéis, que haviam desfrutado por pouco tempo da alegria de seu retorno. Nem assim pôde conter-se a loucura do governante ímpio: proibiu que o cadáver fosse consumido pelo fogo e, em desafio inútil, negou às sombras inocentes a paz do túmulo.

[99] Mas tu, tão nobre na morte e na constância, tu que jamais sofrerás o esquecimento - esta é tua recompensa devida -, tu que ousaste desprezar um rei diante de seu próprio rosto e assim consagraste o caminho da ampla liberdade: com que canto bastante poderoso poderei acrescentar a merecida glória a teu alto valor, augur amado pelos deuses? Não foi em vão que Apolo te ensinou toda a ciência celeste e te julgou digno de seu loureiro. Dodona, mãe das florestas, e a virgem de Cirra se alegrarão em manter os povos suspensos enquanto Febo permanecer em silêncio.

Agora, longe do Averno tartáreo, segue e percorre os campos elísios, onde o céu não admite almas ogígias[4] e onde não têm força as ordens cruéis de um déspota culpado. Tuas vestes e teus membros permanecem intactos, poupados pelas feras sanguinárias; a floresta e as aves, em reverente tristeza, velam por ti enquanto jazes sob o céu aberto.

[114] Esposas desfalecidas, filhos e pais enfraquecidos pela idade derramaram-se para fora das muralhas. Por estradas fáceis ou regiões sem trilha, apressavam-se por toda parte em dolorosa competição, desejosos de alcançar o objeto de seu próprio luto. Com eles seguia uma multidão compacta, pronta a consolar; alguns ardiam por contemplar o feito de um só guerreiro e todos os trabalhos daquela noite. A estrada ressoava com lamentações, e os campos devolviam os gritos de dor.

Quando chegaram aos rochedos infames e ao bosque amaldiçoado, como se ninguém tivesse chorado antes e nenhuma lágrima amarga tivesse corrido, ergueu-se de uma única boca um clamor de agonia extrema, e a visão da matança levou o povo à loucura. A Dor inconsolável estava ali, com as vestes ensanguentadas e rasgadas; golpeando o peito, incitava as mães. Elas revistavam os elmos dos guerreiros já frios e mostravam os corpos encontrados, estendidos indistintamente sobre estrangeiros e parentes.

Umas mergulhavam os cabelos no sangue; outras fechavam os olhos e lavavam com lágrimas as feridas profundas; outras arrancavam os dardos com mãos inutilmente piedosas; outras repunham com cuidado os membros separados e ajustavam novamente as cabeças aos ombros.

[133] Ide, vagava pelos matagais e pela planície aberta e poeirenta, Ide, mãe poderosa de dois heróis gêmeos, agora também unidos na morte. Os cabelos

soltos escorriam-lhe por inteiro, e as unhas penetravam profundamente nas faces lívidas. Já não era apenas infeliz ou digna de compaixão: tornara-se terrível em sua dor. Por toda parte, entre armas e corpos, espalhava sobre o chão funesto os cabelos brancos e despenteados; desamparada, procurava os filhos e lamentava diante de cada cadáver.

Não de outro modo a feiticeira tessália, cuja raça pratica a arte horrenda de devolver homens à vida por encantamentos, alegra-se com uma guerra recém-terminada. Erguendo uma tocha feita de antigo cedro, percorre à noite os campos, revira os mortos no próprio sangue e examina os cadáveres, para escolher a qual deles confiará muitas mensagens para o mundo superior. Os sombrios conselhos das sombras protestam contra a perturbação,[6] e o senhor do negro Averno se enche de indignação.

[147] Juntos jaziam os dois, apartados dos demais sob um rochedo. Afortunados por um mesmo dia e uma mesma mão terem realizado seu destino, os peitos atravessados pelas feridas permaneciam estreitamente unidos pela lança que os reunira.

Ela os viu, e os olhos abriram passagem às lágrimas: "É assim que vos abraçais, meus filhos? É assim que vos beijais diante dos olhos de vossa mãe? Foi assim que, na última hora, a cruel habilidade da Morte vos entrelaçou? Que feridas tocarei primeiro? Que rosto acariciarei? Sois aqueles fortes defensores de vossa mãe, aquela glória de meu ventre com que eu julgava alcançar os deuses e superar em renome as mães de Ogígia? Quanto melhores, quanto mais felizes em sua união são aquelas cujo leito é estéril, cuja casa Lucina jamais visitou ao clamor do parto! A mim, a fecundidade trouxe somente tristeza.

Nem encontrastes morte gloriosa no amplo clarão da batalha, nem, buscando feitos ousados e eternamente famosos entre os homens, recebestes feridas cuja história pudesse ser contada à vossa infeliz mãe. Caístes obscuramente, servindo apenas para aumentar a contagem dos mortos.[7] Ai! Em que rios de sangue jazeis, ignorados e sem louvor! Não ouso separar vossos pobres braços enlaçados nem romper a união de morte tão nobre. Ide, pois, e permanecei por muito tempo irmãos verdadeiros; que as últimas chamas não vos separem, e que vossas cinzas amadas se misturem na mesma urna!"

[169] Enquanto isso, os demais não lamentavam menos, cada qual sobre o próprio morto. Aqui a esposa chorava Ctônio; ali Astíoque, sua mãe, sofria por Penteu; teus filhos ainda tenros, Fédimo, haviam conhecido a sorte do pai; Marpessa lavava Fíleo, seu prometido, e as irmãs de Acamas limpavam-lhe o sangue.

Então, com o ferro, abriram clareiras no bosque e cortaram a antiga coroa da colina vizinha, conhecedora do segredo dos atos noturnos e testemunha da agonia. Ali, diante das piras, enquanto cada um permanecia agarrado ao fogo que acendera, o velho Aletes dirigiu palavras de consolo à companhia infeliz: "Muitas vezes, é verdade, nossa raça conheceu a dor e foi torturada pelo jogo impiedoso do Destino, desde que o errante sidônio lançou a semente de ferro

sobre os sulcos da Aônia e dela brotaram frutos estranhos, fazendo os agricultores temerem os próprios campos.

Mas nem quando o antigo palácio de Cadmo caiu em cinzas ardentes por obra da cruel Juno,[8] nem quando o infeliz Atamante, conquistando fama mortal, desceu da montanha assombrada, trazendo, ai de nós, entre gritos de triunfo o quase cadáver de Learco,[9] semelhante dor alcançou Tebas. Nem as casas fenícias ressoaram mais alto quando Agave, esgotada, venceu o delírio e estremeceu diante das lágrimas de suas companheiras.[10] Um único dia igualou este em desgraça e trouxe calamidade de aspecto semelhante: o dia em que a ímpia Tantálida[11] expiou sua jactância presunçosa, quando recolheu todos aqueles corpos, cujo massacre incontável cobria a terra ao redor, e procurou para cada um as chamas funerárias.

Tão grande era então a dor de nosso povo. Assim também jovens, velhos e mães em multidão saíram da cidade, derramaram contra o céu a amargura de seus corações e, apertados na mesma miséria, cercaram a dupla pira diante de cada uma das grandes portas. Eu próprio, segundo recordo, embora ainda fosse de tenra idade, chorei e igualei as lágrimas de meus pais.

Aquelas desgraças, contudo, vinham do céu. Eu não voltaria a lamentar que os cães molossos enlouquecidos não reconhecessem o senhor, quando ele saiu de seu esconderijo profano para macular, ó Délia, tuas fontes castas; nem que uma rainha, transformado o sangue, se dissolvesse de repente num lago.[12] Este era o duro quinhão imposto pelas Irmãs, e assim Jove o quis.

[206] Agora, porém, pelo crime de um rei cruel, perdemos cidadãos inocentes, tantos chefes de nossa terra. A notícia do pacto desprezado ainda nem chegou a Argos, e nós já suportamos os extremos da guerra.

Ai! Quanto suor e esforço, no pó espesso da batalha, aguardam homens e cavalos! Ai! Com que abundância correreis, ó rios, corados de vermelho cruel! Tudo isso verá nossa juventude, ainda inexperiente na guerra. Quanto a mim, seja-me concedida, enquanto ainda é possível, uma pira que seja minha, e que eu repouse na terra de meus antepassados!" Assim falou o ancião e acumulou os crimes de Etéocles, chamando-o cruel, abominável e destinado ao castigo.

De onde lhe vinha tamanha liberdade de palavra? Seu fim estava próximo, e toda a vida ficara para trás; desejava acrescentar glória à morte tardia.

[218] O criador dos astros havia muito observava tudo isso do cume do mundo e vira os povos tingidos pelo primeiro derramamento de sangue. Mandou então que Marte Gradivo fosse imediatamente chamado.

Depois de devastar com matança o povo feroz dos bistões e as cidades dos getas, o deus impelia o carro em rápida corrida para as alturas etéreas. Resplandecia o brilho do elmo coroado de relâmpagos e da armadura de ouro irado, viva de formas monstruosas e terríveis. A abóbada do céu trovejava sob as rodas; o escudo ardia com luz cor de sangue, e seu disco rival atingia de longe o Sol.

Quando Júpiter viu que Marte ainda arfava dos trabalhos sármatas e que toda a tempestade da guerra ainda agitava seu peito, disse: "Assim como estás, meu filho, atravessa Argos; vai com a espada ainda gotejante e envolto nesta nuvem de ira.

Que os povos sacudam o freio da indolência; que odeiem tudo e desejem somente a ti; que, precipitados, consagrem a ti vidas e mãos. Arrasta os hesitantes, rompe todos os tratados. Podes incendiar com a guerra - eu te concedi esse direito - até os próprios habitantes do céu e até a paz de Jove.

Eu próprio já semeei os germes da batalha. Tideo regressa trazendo a notícia de atos monstruosos, do crime do príncipe e dos primeiros começos de uma guerra vergonhosa: a emboscada e a traição, que vingou com as próprias armas. Dá crédito a seu relato.

E vós, deuses, sangue meu segundo a ordem do nascimento, não disputeis com minha ira nem tenteis vencer-me por meio de preces. Assim me juraram os Destinos e os fusos negros das Irmãs: desde a origem do mundo, este dia permanece fixado para a guerra, e estes povos nasceram destinados ao combate.

Mas, se não me permitirdes cobrar dos povos a pena dos crimes antigos e castigar seus descendentes terríveis - tomo por testemunha esta cidadela eterna, santuário de minha mente,[13] e as fontes elísias, divindades sagradas até para mim -, com minha própria mão destruirei Tebas, arrancarei suas muralhas dos fundamentos e lançarei as torres revolvidas sobre as casas de Ínaco; ou derramarei sobre elas a chuva e as varrerei para os abismos azuis, ainda que a própria Juno, em meio ao colapso do mundo, abrace seus montes e seu templo."
[253] Ele falou, e todos permaneceram atônitos diante das ordens. Poderias julgá-los mortais no coração, tamanho era o modo como cada um continha a voz e o espírito. Assim, quando uma longa trégua dos ventos acalma o mar e as praias repousam num sono pacífico, o verão imóvel envolve com seu feitiço as folhas das florestas e as nuvens, expulsando para longe as brisas; então, nos lagos e lagoas sonoras, as águas inchadas se aquietam, e os rios emudecem sob os raios abrasadores do Sol.
[260] Exultante com as ordens e ainda ardente do calor do carro, Gradivo virou as rédeas para a esquerda. Já se aproximava do fim da viagem e das escarpas do céu quando Vênus, sem temor, se colocou diante dos próprios cavalos. Eles recuaram e logo baixaram até a terra, em gesto suplicante, as crinas espessas.

Apoiando o peito sobre o jugo e dirigindo-lhe de lado o rosto banhado em lágrimas, a deusa começou. Enquanto isso, inclinados aos pés da senhora, os cavalos mordiam o ferro espumante: "Guerra até contra Tebas, ó pai ilustre? Tu próprio preparas a guerra e a destruição pela espada para toda a tua linhagem? Nem os descendentes de Harmonia,[14] nem o festivo dia de nossas núpcias celebrado no céu, nem estas minhas lágrimas, insensato, te fazem deter por um único instante? Esta é a recompensa de minha falta? Este o prêmio que me conquistaram as correntes de Lemnos, o escândalo público e a perda da honra?

Prossegue como desejas. Muito diferente é o serviço que Vulcano me presta; até a ira de um marido ofendido ainda obedece às minhas ordens.

Se eu lhe mandasse suar em trabalhos intermináveis diante das fornalhas e atravessar noites sem sono, ele se alegraria e fabricaria armas e novos equipamentos, até mesmo para ti! Quanto a ti - mas tento mover com preces rochedos e um coração de bronze! -, faço apenas este pedido, este único, tomada de medo: por que me fizeste unir nossa filha amada a um marido tírio em núpcias de mau agouro?[15] Por que te vangloriaste de que os tírios, nascidos do dragão e descendentes diretos de Jove, conquistariam renome nas armas e mostrariam corações ardentes para os feitos? Ah, antes nossa jovem tivesse se casado sob o polo sitônio, além de Bóreas e de teus trácios! Não sofri injúria bastante ao ver minha filha rastejar pelo chão e vomitar veneno sobre a relva da Ilíria? Agora também sua raça inocente..."

[291] O Senhor da Guerra já não pôde suportar as lágrimas. Passou a lança para a mão esquerda e, num instante, saltou do alto carro. Apertando-a contra o escudo, chegou a feri-la com a força do abraço e procurou acalmá-la com palavras amorosas: "Tu és meu repouso depois da batalha, minha alegria sagrada e toda a paz que meu coração conhece. Somente tu, entre deuses e homens, podes enfrentar impunemente minhas armas, deter em meio à matança meus cavalos relinchantes e arrancar esta espada de minha mão direita!

Nem me esqueci dos laços matrimoniais de Cadmo sidônio nem de tua lealdade amada; não te alegres em me acusar falsamente. Antes eu seja, embora deus, mergulhado nos lagos infernais de meu tio e perseguido, sem armas, até as sombras pálidas! Agora, porém, mandam-me cumprir as determinações dos Destinos e o propósito do alto Pai - o braço de Vulcano não seria escolha adequada para semelhante missão! Como ousaria enfrentar Jove ou rejeitar o decreto pronunciado por ele, Jove a cuja palavra, tão grande é seu poder, vi há pouco terra, céu e oceano tremerem, e todos os grandes deuses procurarem esconderijo?

Mas, amada, peço que não entregues o coração a tamanho medo. Nenhuma força tíria pode mudar essas coisas. Quando em breve as duas raças guerrearem sob as muralhas tebanas, estarei presente e ajudarei as armas de nossos parentes.

Com semblante mais feliz, tu me verás então descer furioso sobre as fortunas argivas por toda a planície ensanguentada. Este é meu direito, e os Destinos não o proíbem." Assim falando, conduziu pelo ar aberto os cavalos em chamas.

Não mais veloz cai sobre a terra a ira de Jove, quando ele se coloca no nevado Ótris ou no frio cume do Ossa setentrional e arranca uma arma da nuvem. O raio ardente voa, trazendo a ordem severa do deus, e todo o céu, aterrorizado por sua trilha tríplice,[16] logo ameaça com prodígios os campos férteis ou submerge no mar profundo navegantes infelizes.

[325] Tideo, a caminho de casa, atravessava com passo fatigado as terras dânaas e descia as encostas da verde Prosímna. Era terrível de contemplar: os cabelos se erguiam espessos de poeira; dos ombros, o suor imundo escorria para dentro das

feridas profundas; os olhos, privados de sono, estavam inflamados e vermelhos; a sede ofegante tornara-lhe o rosto magro e cavado. Mas o espírito, consciente dos próprios feitos, respirava orgulho elevado.

Assim regressa aos pastos conhecidos um touro guerreiro, com pescoço, ombros e barbela rasgada banhados pelo sangue do inimigo e pelo seu. Mesmo cansado, o valor se ergue ainda, cheio de orgulho, enquanto ele contempla o próprio peito; o rival jaz na areia deserta, gemendo e desonrado, e não lhe permite sentir as dores cruéis.

Tal era Tideo. Não deixou de inflamar de ódio as cidades do caminho, todas as que se estendem entre o Asopo e a antiga Argos. Por toda parte, repetia muitas vezes como partira em embaixada, enviado por um povo grego, para reclamar o reino de Polinices exilado, mas sofrera violência, crime noturno, armas e traição. Tal era a lealdade jurada do soberano equiônico: negara ao irmão os direitos devidos.

O povo acreditava rapidamente. O Senhor das Armas inclinava os espíritos a dar crédito a tudo, e a Fama, depois de acolhida, duplicava o terror.

[345] Quando entrou pelas portas - acontecia que o venerável pai Adrasto reunia naquele momento os chefes em conselho -, surgiu inteiramente inesperado e, do próprio limiar do palácio, gritou: "Às armas, às armas, guerreiros! E tu, digno soberano de Lerna,[17] se tens no peito o sangue de teus antepassados valentes, às armas! Os laços naturais, a justiça e o respeito por Jove desapareceram da terra. Melhor teria sido partir como embaixador para os selvagens saurômatas ou para o guardião sanguinário do bosque dos bébrices.[18] Não censuro tuas ordens nem me arrependo da missão: alegro-me de ter ido, sim, alegro-me, e de que minha mão tenha sondado a culpa de Tebas.

Foi guerra, acreditai, guerra! Como uma torre poderosa ou uma cidade cercada por muralhas firmes, fui sitiado, desarmado e desconhecedor do caminho, traiçoeiramente à noite, por uma emboscada escolhida e armada dos pés à cabeça. Mas em vão: eles jazem no próprio sangue diante de uma cidade desolada. Agora, agora é o momento de marchar contra o inimigo, enquanto estão tomados pelo pânico e pálidos de medo, enquanto recolhem os cadáveres; agora, senhor, enquanto esta mão direita ainda não foi esquecida.[19] Eu próprio, fatigado pela matança de cinquenta guerreiros e trazendo as feridas que vedes ainda correndo com sangue imundo, peço que partamos neste instante!"

[365] Alarmados, os filhos de Ínaco saltaram dos assentos. Antes de todos, o herói cadmeu avançou com o rosto abatido: "Ai de mim, odiado pelos deuses e culpado! Vejo estas feridas e permaneço ileso? Era este, irmão, o regresso que preparavas para mim? Então sou eu o alvo das armas de meu parente? Ah, desejo vergonhoso de viver! Infeliz de mim, por ter poupado ao irmão um crime tão grande! Que vossas muralhas ao menos permaneçam agora em paz; que eu, ainda vosso hóspede, não traga sobre vós semelhante tumulto.

Eu sei - a fortuna me tratou com dureza - quanto é cruel e triste ser arrancado dos filhos, da esposa e da pátria. Que nenhuma casa inquieta me

censure, nem mães me lancem olhares oblíquos. Partirei de bom grado e decidido a morrer, ainda que minha esposa fiel me chame de volta e a voz de seu pai[20] volte a suplicar-me. Devo esta vida a Tebas, a ti, irmão, e a ti, grande Tideo!" Assim, por palavras variadas, sondava-lhes o coração e disfarçava sua prece.

As queixas inflamaram a ira, e todos arderam numa indignação acompanhada de lágrimas. Em cada coração, não somente dos jovens, mas também daqueles que a idade tornara frios e lentos para a ação, surgiu espontaneamente um único propósito: abandonar as casas, reunir tropas vizinhas e depois marchar. Mas o pai de profundo conselho, experiente no governo de um reino poderoso, falou: "Deixai, peço, aos deuses e à minha prudência a tarefa de corrigir essas coisas. Teu irmão não reinará impunemente; quanto a nós, não nos apressamos a prometer guerra.

Por enquanto, recebei este nobre filho de Eneu, que regressa triunfante de tamanha matança, e permiti que um longo repouso, há tanto desejado, acalme seu espírito guerreiro. Quanto a nós, a dor não ficará privada de sua parte de razão."

[394] Imediatamente os companheiros e a esposa inquieta se moveram com pressa, aglomerando-se todos ao redor de Tideo, fatigado pela estrada e pela batalha.

Alegre, sentou-se no centro do salão e apoiou as costas contra uma coluna enorme, enquanto o epidáurio Idmon lavava-lhe as feridas com água, ora rápido em manejar a lâmina, ora mais suave com o sumo quente das ervas. Tideo, recolhido nas profundezas do pensamento, narrava o princípio das iras, as palavras trocadas por ambos, o lugar da emboscada e a hora da batalha secreta, quais chefes e quão poderosos haviam sido lançados contra ele, onde mais se esforçara e como Méon fora poupado para levar a triste notícia.

A companhia fiel, os príncipes e o pai de sua esposa permaneciam fascinados pelo relato; e a ira inflamava o exilado tírio.[21]

[407] Longe, na margem inclinada do mar ocidental, o Sol poente desatrelara os cavalos flamejantes e lavava nas fontes do Oceano suas crinas luminosas. Nereu das profundezas e toda a sua companhia apressavam-se a recebê-lo; também vinham as Horas de passo veloz, que lhe retiravam as rédeas e a glória entretecida da coroa dourada e aliviavam do arreio quente o peito gotejante dos cavalos. Algumas conduziam os corcéis merecedores ao pasto macio; outras inclinavam para trás o carro, deixando a lança erguida no ar.

A Noite chegou então, aquietou as preocupações dos homens e as incursões das feras e envolveu o céu em seu manto escuro. Veio benignamente para todos, mas não para ti, Adrasto, nem para o príncipe labdácida;[22] Tideo, porém, estava entregue a um sono generoso, mergulhado em sonhos de proezas valentes.

Já entre as sombras errantes da noite o deus da guerra fazia ressoar do alto, com o trovão das armas, os campos nemeus e toda a Arcádia, o cume do Tênaro e Terapne, amada por Apolo, e enchia os corações excitados de paixão por ele. A

Fúria e a Ira ajustavam-lhe o penacho; o Pânico, seu próprio escudeiro, manejava as rédeas dos cavalos.

Mas a Fama, desperta a cada som e cercada por notícias vazias de tumulto, voava à frente do carro, impelida pelo hálito ofegante dos corcéis alados, e, num alto zumbido, sacudia as plumas trêmulas. A auriga,[23] com aguilhão ensanguentado, obrigava-a a falar, fosse verdade ou mentira, enquanto, ameaçador no alto carro, o próprio pai[24] lhe golpeava as costas e os cabelos com a lança cita.

Assim também o chefe Netuno conduz à frente os Ventos libertados da prisão de Éolo e os impele, desejosos, sobre o vasto Egeu. Em seu séquito, Tempestades e Tormentas amontoadas, companhia ameaçadora, clamam ao redor das rédeas, junto de Nuvens e do negro Furacão arrancado das entranhas rasgadas da terra. Vacilantes e abaladas nos fundamentos, as Cíclades resistem ao sopro. Tu mesma, Delos, temes ser separada de Míconos e Giaros e imploras a proteção de teu poderoso filho.[25]

[440] Já pela sétima vez a Aurora de rosto luminoso levava o claro dia à terra e ao céu quando o herói perseu[26] saiu dos aposentos privados do palácio. Atormentavam-no os pensamentos sobre a guerra e a ambição crescente dos príncipes; hesitava entre dar consentimento e agitar novamente os povos rivais, ou apertar as rédeas da ira e prender nas bainhas as espadas inquietas.

De um lado, comovia-o a ideia da paz tranquila; de outro, a vergonha de uma quietude desonrada e a difícil tarefa de afastar o povo do novo fascínio da guerra. Em sua dúvida, agradou-lhe por fim este último propósito: provar a mente dos profetas e a verdade dos presságios revelados pelos ritos sagrados.

À tua sabedoria, Anfiarau, foi confiada a leitura do futuro. Contigo seguia Melampo, filho de Amitáon, já velho, mas ainda vigoroso no espírito e na inspiração de Febo. Era duvidoso a qual dos dois Apolo favorecia mais ou a boca de quem enchera com goles mais abundantes das águas de Cirra. Primeiro tentaram os deuses por meio das vísceras e do sangue dos animais. Já então os corações manchados das ovelhas e as veias ameaçadoras que anunciavam desastre indicavam recusa aos adivinhos temerosos.

Resolveram, contudo, sair e procurar os presságios no céu aberto.

[460] Havia um monte cuja crista audaz se elevava muito alto, chamado Afesas pelos habitantes de Lerna e sagrado desde tempos antigos ao povo argivo. Dali, segundo contam, o veloz Perseu profanou as nuvens com o voo suspenso, quando sua mãe, aterrorizada, contemplou do rochedo os passos do filho nas alturas e quase tentou segui-lo.[27]

Para lá subiram juntos os dois profetas, os cabelos sagrados ornados com folhas de oliveira cinzenta e as têmporas cobertas por faixas brancas como a neve, quando o Sol nascente e luminoso já derretera a fria geada nos campos úmidos.

Primeiro o Eclida[28] procurou com uma prece o favor da divindade habitual: "Júpiter onipotente, pois, segundo aprendemos, és tu que concedes conselho às

asas velozes, enches as aves de futuro e revelas os presságios e as causas ocultas no meio do céu: Cirra não pode conceder com mais segurança a inspiração de sua gruta, nem as folhas caônias, famosas por estremecerem a tua ordem nos bosques molossos. Contendem em rivalidade o árido Hamon e o oráculo da Lícia, a criatura do Nilo, Branco, cuja honra iguala a do pai, e Pã, a quem o habitante rústico de Pisa batida pelas ondas escuta à noite sob as sombras do Liceu.[29] Mais rico de espírito é aquele para quem tu, ó Dicteu,[30] orientas os voos favoráveis que revelam tua vontade.

[482] Misteriosa é a causa; contudo, desde tempos remotos esta honra foi concedida às aves. Talvez assim tenha ordenado o Fundador da morada celeste, quando transformou a vasta extensão do Caos nas novas sementes das coisas; talvez porque elas se lançaram aos ares com corpos transformados, depois de mudarem formas que outrora foram semelhantes às nossas; talvez porque aprendam a verdade no céu mais puro, onde o erro não chega, e desçam raramente à terra. Tu o sabes, grande pai da terra e dos deuses.

Concede-nos conhecer antecipadamente, por meio do céu, o princípio da luta argiva e da contenda que virá. Se está determinado, e os Destinos severos permanecem fixos neste decreto, que a lança de Lerna despedace as portas equiônicas, dá-nos sinais e troveja à esquerda; que então todas as aves do céu se unam numa melodia propícia de linguagem misteriosa.

Se o proíbes, tece demoras e cobre à direita, com criaturas aladas, o abismo do dia." Assim falou e acomodou os membros sobre uma rocha elevada. Depois acrescentou à prece outras divindades, até deuses desconhecidos, e conversou com os mistérios obscuros do céu sem limites.

[499] Depois de dividirem devidamente o céu e examinarem por muito tempo o ar com atenção penetrante e olhar que acompanhava cada movimento, falou por fim o profeta amitáonio: "Não vês, Anfiarau, que sob as regiões elevadas do céu vivo nenhuma criatura alada avança por curso sereno, nem permanece suspensa, envolvendo o polo em voo fluido, nem solta, enquanto passa, um grito de significado pacífico? Não está aqui o negro companheiro da trípode, nem o portador flamejante do raio, e a ave estridente de Minerva de cabelos claros e bico recurvo não vem com melhor presságio;[31] falcões e abutres exultam no alto sobre a presa aérea.

Criaturas monstruosas voam, e aves funestas clamam nas nuvens; corujas noturnas gritam, e o mocho cornudo entoa seu canto fúnebre. Que prodígios celestes devemos seguir primeiro? Devemos aceitar essas aves como senhoras do céu, ó Timbreu?[32] Já se rasgam em fúria o rosto com garras recurvas, açoitam as brisas com asas que parecem bater no próprio peito e atacam os peitos cobertos de penas."

[516] O outro respondeu: "Muitas vezes, pai, interpretei presságios variados enviados por Febo. Sim, quando em minha juventude vigorosa a nau tessália feita de pinho[33] me transportou na companhia de príncipes semidivinos, os chefes já escutavam fascinados meu canto sobre o que nos aconteceria na terra e

no mar; nem o próprio Mopso era ouvido mais vezes por Jasão, em meio à incerteza, que minhas previsões do futuro.

Mas nunca antes deste dia senti tamanho terror ou observei prodígios tão terríveis no céu; e acontecimentos ainda mais medonhos estão reservados. Olha para cá: nesta região clara do éter profundo, inúmeros cisnes dispuseram suas fileiras, quer Bóreas os tenha expulsado do norte estrimônio, quer o ar benigno e fecundo do Nilo tranquilo os chame de volta.

Interromperam o voo. Imagina que representam Tebas, pois se mantêm imóveis em círculo, silenciosos e em paz, como se estivessem encerrados entre muralhas e fortificações. Mas eis que uma coorte mais valente avança através do ar vazio: vejo uma linha fulva de sete aves que transportam as armas do supremo Júpiter,[34] companhia exultante. Julga que nelas estão os príncipes de Ínaco.

Lançaram-se sobre o círculo da multidão branca como a neve, abrem largamente os bicos recurvos para nova matança e avançam ao ataque com as garras desembainhadas.

Vês as brisas gotejarem sangue desconhecido e o ar chover penas? Que súbita ira feroz do Jove desfavorável conduz os vencedores à destruição? Um deles, elevando-se às alturas, é consumido pelo fogo veloz do Sol e abandona o espírito soberbo; outro, audacioso na perseguição de aves mais poderosas, é deixado cair por asas ainda frágeis.[35][36] Este fracassa agarrado ao inimigo; aquele é arrastado para trás pela fuga e abandona os companheiros ao destino.

Uma nuvem de chuva engole este; outro, ao morrer, devora ainda vivo o inimigo alado; o sangue salpica as nuvens ocas." "Que significam essas lágrimas secretas?"[37] "Aquele que cai, venerável Melampo, eu o conheço muito bem!"

[547] Aterrorizados pelo sentido cruel do futuro e tendo sofrido todas as calamidades numa imagem segura do que viria, os adivinhos permaneceram paralisados pelo medo. Arrependeram-se de haver invadido o conselho das aves e forçado a própria vontade sobre um céu que se recusava; embora ouvidos, odiaram os deuses que lhes deram ouvidos.

De onde surgiu primeiro, entre os mortais infelizes de todo o mundo, esta doentia paixão pelo futuro? Devemos chamá-la presente do céu? Ou somos nós mesmos, raça insaciável e nunca satisfeita com o conhecimento obtido, que investigamos o dia de nosso nascimento[38] e o cenário do fim da vida, o que pensa o bondoso Pai dos deuses ou a inflexível Cloto? Daí vêm nossa ocupação com as vísceras, a linguagem aérea das aves, as sementes numeradas da Lua[39] e os ritos terríveis da Tessália.

A antiga idade de ouro de nossos pais e as raças nascidas da rocha ou do carvalho[40] não pensavam assim. Sua única paixão era dominar, pela força das mãos, as florestas e o solo; ao homem era proibido saber o que o dia seguinte traria. Nós, multidão corrompida e miserável, sondamos profundamente os conselhos dos deuses. Daí vêm a ira e o medo ansioso; daí o crime, a traição e a importunidade das preces.

[566] O sacerdote arrancou da fronte as faixas e as coroas condenadas pelo céu. Sem honra e com a grinalda lançada fora, desceu do monte odiado. A guerra já estava próxima, assim como o som das trombetas; no coração, ouvia o clamor da Tebas ausente.

Não podia suportar a presença do povo, a conversa confidencial com o rei nem o conselho dos chefes. Escondido no aposento escuro, recusava-se a revelar os atos dos deuses. A ti, Melampo, a vergonha e as próprias inquietações retiveram na região campestre. Por doze dias Anfiarau não falou e manteve povo e líderes numa longa expectativa.

Enquanto isso, as altas ordens do Tonante tornavam-se tumultuosas e despovoavam de homens os campos e as cidades antigas. Por toda parte, o deus da guerra arrebatava incontáveis tropas. De bom grado abandonavam casas, esposas amadas e crianças que choravam no limiar; com tamanha força o deus atacara os corações enlouquecidos.

Apressavam-se a arrancar as armas penduradas nos portais paternos e os carros presos no interior mais sagrado dos templos. Depois refaziam, para produzir feridas cruéis, as lanças consumidas pela ferrugem e as espadas presas nas bainhas pelo abandono, obrigando-as a recuperar a juventude sobre a pedra de amolar.

Uns experimentavam elmos bem torneados e a malha de bronze de grandes couraças, ajustando ao peito túnicas que rangiam com o ferro carcomido; outros curvavam arcos de Gortina. Nas fornalhas vorazes, foices, arados, grades e enxadas recurvas ardiam intensamente vermelhas. Ninguém se envergonhava de cortar fortes hastes de lança em árvores sagradas nem de fabricar a cobertura dos escudos com o couro do boi envelhecido.

Corriam para Argos e, diante das portas do rei abatido, exigiam com coração e voz a guerra, a guerra! O clamor subia como o rugido das ondas tirrenas, ou como quando Encélado[41] tenta mudar de lado: no alto, a montanha de fogo troveja em suas cavernas, o cume transborda, o estreito de Peloro se comprime, e a terra separada espera unir-se novamente ao continente.

[598] Então Capaneu, impelido pela paixão irresistível da guerra, com o peito há muito indignado contra a paz demorada - possuía em abundância a nobreza do sangue antigo, mas, superando a coragem dos pais, desprezava havia muito os deuses; era também impaciente com a justiça e pródigo da própria vida quando a ira o incitava -, semelhante a um habitante das florestas sombrias de Fóloe ou a alguém capaz de se igualar aos irmãos do Etna,[42] clamou diante de tuas portas, Anfiarau, entre uma multidão de chefes e um povo que gritava: "Que covardia vergonhosa é esta, filhos de Ínaco e aqueus do mesmo sangue? Diante da casa humilde de um único cidadão - vergonha! - permanecemos indecisos, tão grande multidão coberta de ferro e de coragem pronta?

Nem mesmo se, sob a altura cavernosa de Cirra,[43] aquele que, seja quem for, a covardia e o rumor chamam de Apolo rugisse do fundo oculto da gruta delirante, eu esperaria que a virgem pálida anunciasse os enigmas solenes. O

valor e a boa espada em minha mão são os deuses que adoro! Que este sacerdote saia agora com seus artifícios tímidos; neste mesmo dia experimentarei que poder maravilhoso existe nas aves."

[618] A multidão aqueia ergueu um grito de alegria e encorajou sua loucura. Por fim, o Eclida, obrigado a lançar-se entre eles, disse: "Não é o clamor desenfreado de um jovem blasfemo nem o temor de suas palavras que me arranca das trevas, embora suas ameaças sejam insanas. Muito diferentes são as inquietações tumultuosas que me atormentam; outro é o destino a que devo meu último dia, e armas mortais não podem ter poder sobre mim.

Mas agora o amor excessivo que vos dedico e a forte inspiração de Febo obrigam-me a revelar o oráculo. Em tristeza vos mostrarei o que está para acontecer e tudo o que existe além. Digo a vós, pois a ti, insensato, nada pode ser anunciado de antemão: somente a teu respeito nosso senhor Apolo permanece em silêncio.

Para onde, infelizes, para onde vos precipitais em armas, quando o Destino e o céu impedem o caminho? Que açoites das Fúrias vos impelem cegamente? Estais tão cansados de viver? Argos se tornou tão odiosa? A casa não possui doçura alguma? Não vos importam os presságios? Por que me obrigastes a subir com passo trêmulo aos cumes secretos do monte de Perseu e a invadir a assembleia dos deuses? Eu poderia ter permanecido convosco na ignorância do que aguarda nossas armas, de onde surgirá o dia negro da ruína, quais são os princípios do destino comum - e do meu!

Tomo por testemunhas os mistérios do universo que consultei, a linguagem das aves e a ti, Timbreu, nunca antes tão cruel com quem te invocava: que sinais do futuro eu suportei! Vi os prodígios de uma ruína imensa; vi deuses e homens aterrorizados, Megera alegre e Láquesis, com fio apodrecido, esvaziando os séculos.

Lançai fora as armas! Eis que o deus, sim, o próprio deus, se opõe à vossa loucura. Miseráveis, que glória existe em saciar a Aônia e os campos do cruel Cadmo com o sangue do inimigo vencido? Mas por que advirto em vão? Por que tento afastar um destino já fixado? Iremos ao encontro dele..." Aqui o profeta se calou e gemeu.

[648] Capaneu voltou a falar: "Pronuncia somente para ti esses augúrios delirantes, para que conserves anos vazios e sem glória e jamais o estrondo tirreno[44] ressoe ao redor de tuas têmporas.

Por que retardas os votos mais nobres dos heróis? Para que, deitado em repouso indolente, domines tuas aves inúteis, teu filho, tua casa e os aposentos das mulheres, devemos deixar sem vingança o peito atravessado do incomparável Tideo e a violação armada do pacto? Proíbes aos gregos travarem guerra feroz? Então vai tu mesmo como embaixador aos inimigos sidônios: estas coroas te garantirão a paz.

Tuas palavras realmente arrancam do céu vazio as causas e os nomes ocultos das coisas? Dignos de compaixão seriam os deuses, caso se ocupassem dos

encantamentos e das preces humanas! Por que aterrorizas estes corações indolentes? O medo foi o primeiro a criar deuses no mundo![45] Delira, portanto, agora à vontade e em segurança. Mas quando as primeiras trombetas soarem e bebermos nos elmos as águas inimigas de Dirce e do Ismeno, não te prepares, advirto, para cruzar meu caminho quando eu desejar o clarim e a batalha, nem para adiar o dia da guerra por causa de veias ou do voo observado das aves. Longe estará então tua faixa delicada e a loucura ameaçadora de Febo. Ali eu serei o augur e, comigo, todos os que estiverem prontos para enlouquecer na luta."
[669] Novamente trovejou um vasto grito de aprovação, e o tumulto rolou até as estrelas.

Assim uma torrente veloz, fortalecida pelos ventos da primavera e pelo degelo do frio endurecido nas montanhas, quando rompe os obstáculos que inutilmente tentam contê-la e invade a planície, arrasta num turbilhão rumoroso casas, plantações, gado e homens, até que a fúria é detida por uma colina elevada e encontra margens em grandes diques. Do mesmo modo, a Noite, interpondo-se, pôs fim à disputa dos chefes.
[679] Argia, já incapaz de suportar com serenidade a angústia do marido e compadecida da dor que partilhava, tal como estava, com o rosto há muito desfigurado pelos cabelos arrancados e as faces marcadas pelo pranto, dirigiu-se ao alto palácio do pai venerável na última vigília da noite, antes da aurora. Levava junto ao peito o pequeno Tersandro para o avô amado, quando a Ursa, única sobrevivente com seu Carro, inveja as estrelas que fogem para o Oceano.

Assim que atravessou as portas e foi acolhida nos braços do poderoso pai, disse: "Por que procuro de noite teu limiar, em lágrimas e súplice, sem meu triste esposo, tu o sabes, pai, mesmo que eu demore a revelar a causa. Mas juro pelas leis sagradas do matrimônio e por ti, meu pai: não é ele que me envia, mas minha angústia sempre desperta. Desde que, pela primeira vez, Himeneu e a desfavorável Juno ergueram a tocha de mau agouro, meu repouso é continuamente perturbado pelas lágrimas e pelos gemidos de meu esposo.

Nem se eu fosse uma tigresa eriçada de ferocidade, nem se meu coração fosse mais duro que os rochedos da praia, poderia suportá-lo. Somente tu podes ajudar-me; tens o poder supremo de curar.

Concede a guerra, ó pai. Contempla o estado humilde de teu genro abatido; contempla aqui, pai, o filho do exilado. Que vergonha ele sentirá um dia por seu nascimento! Ah, onde está o primeiro pacto de hospitalidade, onde as mãos unidas diante da divindade que testemunhava? Este é certamente aquele que os Destinos nos concederam, aquele de quem Apolo falou. Não cultivei em segredo os fogos ocultos de Vênus, nem houve culpa em meu casamento: sempre respeitei tuas ordens veneráveis e teus conselhos.

Com que crueldade eu desprezaria agora sua triste queixa? Tu não sabes, excelente pai, não sabes quanto amor o sofrimento de um esposo inspira numa mulher fiel. Agora, abatida, peço este privilégio duro e sem alegria: temer e sofrer. Mas quando o dia doloroso interromper nossos beijos, quando as

trombetas roucas derem ordens ao exército que parte e vossos rostos brilharem sob os severos elmos de ouro, ai de mim, pai amado, talvez eu então te peça outro favor."

[711] O pai, colhendo beijos no rosto molhado de lágrimas, respondeu: "Jamais, minha filha, eu censuraria essas tuas queixas. Afasta o medo: aquilo que pedes merece louvor e não deve ser recusado. Mas muitas coisas os deuses colocam diante de meu pensamento - e não deixes de esperar pelo que desejas -, muitas coisas meus temores e o peso instável do reino.

Tuas preces receberão, no momento devido, a medida que lhes cabe, e não te queixarás de haver chorado em vão. Consola teu marido e não julgues um desperdício cruel a demora justa. É a grandeza dos preparativos, minha filha, que nos faz tardar: assim conquistamos vantagem para a guerra." Enquanto falava, a luz recém-nascida o advertiu, e as enormes preocupações ordenaram que se levantasse.

NOTAS AO LIVRO III

1. O "astro de Olênio" é Capela. Seu nascimento heliacal coincidia com a estação chuvosa. Estácio associa a estrela a Ege, filha de Óleno, que teria amamentado Júpiter em Creta e sido transformada na cabra celeste.

2. Méon, filho de Hêmon, é o único sobrevivente da emboscada enviada contra Tideo no final do Livro II.

3. A própria sobrevivência de Méon é um mau agouro: conservar a vida significa regressar para denunciar o rei e, logo depois, matar-se.

4. "Ogígias" significa aqui tebanas. Ogígia era um nome poético associado à antiga Tebas.

5. Ide é uma mãe tebana não mencionada em outras fontes; Estácio não dá os nomes de seus filhos gêmeos.

6. As sombras protestam porque a feiticeira perturba o repouso dos mortos e obriga um cadáver a regressar temporariamente à vida.

7. O latim contrapõe numeranda, "dignas apenas de ser contadas entre os mortos", a memoranda, "dignas de memória".

8. Alusão à morte de Sêmele: persuadida por Juno, ela pediu que Júpiter se mostrasse em toda a majestade e foi consumida pelo fulgor divino.

9. Atamante, enlouquecido por Juno, matou o filho Learco, julgando-o uma fera.

10. Agave, em delírio báquico, despedaçou o próprio filho Penteu e só depois reconheceu o que fizera.

11. A Tantálida é Níobe, filha de Tântalo e esposa de Anfião. Por vangloriar-se de seus muitos filhos diante de Latona, viu-os morrer pelas flechas de Apolo e Diana.

12. As referências são a Actéon, devorado pelos próprios cães depois de contemplar Diana no banho, e a Dirce, rainha tebana cujo sangue se teria transformado na fonte homônima.

13. O texto latino é difícil e possivelmente corrompido. A expressão parece fazer Júpiter jurar pela cidadela eterna do céu e pelo santuário de sua própria mente, antes de invocar as águas do mundo inferior.

14. Os "descendentes de Harmonia" são os tebanos. Harmonia, filha de Vênus e Marte, casou-se com Cadmo, fundador de Tebas.

15. A filha de Vênus e Marte é Harmonia; o marido tírio é Cadmo, filho de Agenor. O casal terminou transformado em serpentes na Ilíria.

16. O raio de Júpiter é tradicionalmente trífido, isto é, marcado por três pontas ou trilhas de fogo.

17. "Soberano de Lerna" equivale a rei de Argos; Lerna pertence ao território argivo.

18. O guardião do bosque dos bébrices é Âmico, rei que obrigava estrangeiros a lutar com ele e matava os vencidos, até ser derrotado por Pólux.

19. A expressão significa "enquanto ainda está viva a memória do que esta mão acaba de realizar". O texto latino possui variantes nessa passagem.

20. A "voz do pai" é a de Adrasto, sogro de Polinices.

21. O "exilado tírio" é Polinices, tebano e descendente dos colonos fenícios de Cadmo.

22. O príncipe labdácida é Polinices; Lábdaco foi avô de Édipo.

23. A auriga de Marte é Belona, deusa romana da guerra.

24. O "pai" que fere a Fama com a lança é o próprio Marte.

25. Delos era concebida como ilha flutuante até ser fixada entre Míconos e Giaros para que Latona pudesse dar à luz Apolo e Diana.

26. O "herói perseu" é Adrasto. Perseu era descendente da casa real de Argos, e o adjetivo pode significar simplesmente "argivo".

27. Perseu recebeu sandálias aladas ou asas para voar até a Górgona Medusa; Dânae, sua mãe, contempla assustada a partida do filho.

28. Eclida significa "filho de Ecleu" e designa Anfiarau.

29. A enumeração reúne oráculos célebres: Apolo em Delfos e na Lícia, Zeus em Dodona e no oásis de Ámon, Ápis no Egito, Branco ou Brânquidas em Mileto e Pã no monte Liceu.

30. "Dicteu" é epíteto de Júpiter, associado ao monte Dicte em Creta, uma das regiões que reivindicavam o nascimento ou a infância do deus.

31. As três aves são o corvo de Apolo, a águia de Júpiter e a coruja de Minerva.

32. Timbreu é epíteto de Apolo, venerado em Timbra, na Tróade.

33. A nau tessália de pinho é a Argo, que partiu de Iolco levando Jasão, Anfiarau e outros heróis.

34. As sete aves fulvas são águias, "portadoras das armas de Júpiter", e representam os Sete chefes argivos.

35. A sequência anuncia a sorte dos Sete: Capaneu é fulminado; Partenopeu, jovem demais, cai; Polinices morre agarrado ao irmão; Adrasto é o único que foge; Hipomedonte é vencido pelo rio; Tideo devora o inimigo; por fim, Anfiarau reconhece o próprio destino.

36. As "asas ainda frágeis" identificam Partenopeu, o mais jovem dos Sete.

37. A mudança de interlocutor não é explicitada no original. A pontuação tradicional faz Melampo perguntar pelas lágrimas, e Anfiarau reconhecer na ave que cai a imagem de seu próprio destino.

38. Alusão à astrologia e ao cálculo do horóscopo a partir do dia do nascimento.

39. A expressão latina é obscura. Pode referir-se às fases contadas da Lua ou a um caminho lunar calculado pelos astrólogos.

40. Povos antiquíssimos, sobretudo os árcades, eram descritos como nascidos de árvores ou rochedos.

41. Encélado é um Gigante sepultado sob o Etna. Seus movimentos explicariam terremotos e erupções; Peloro é o promontório nordeste da Sicília, diante do continente italiano.

42. A comparação aproxima Capaneu de um Centauro das florestas de Fóloe ou de um dos Ciclopes que trabalhavam sob o Etna.

43. Cirra é usada poeticamente por Delfos e pelo Parnaso, sede do oráculo de Apolo.

44. O "estrondo tirreno" é o som da trombeta de bronze. Os etruscos eram célebres pelo trabalho em metal e pela trombeta de guerra.

45. "O medo foi o primeiro a criar os deuses" era uma máxima antiga, conhecida também por outras fontes. Capaneu a usa como afirmação de incredulidade e desprezo pela religião.

LIVRO IV

[1] Por três vezes Febo abrandara com os Zéfiros o rigor do inverno e obrigava o dia ainda breve a percorrer, por caminho primaveril, uma órbita mais longa, quando os conselhos cederam ao ímpeto do destino e, enfim, se abriu largo campo à guerra deplorável. Primeiro, do alto de Larissa, Belona mostrou a tocha rubra e, com a destra, fez girar o cabo de uma lança; silvando, ela atravessou o céu límpido e se cravou nas elevadas muralhas da aônia Dirce.

Depois a deusa entra no acampamento e, misturada aos heróis que resplandecem em ouro e aço, solta um brado semelhante ao de uma esquadra inteira; entrega espadas aos guerreiros que se apressam, bate nos cavalos e acena em direção às portas. Os valentes antecipam-lhe os estímulos, e até os tímidos se inflamam de uma coragem breve.

[13] Chegara o dia determinado. Um vasto rebanho cai, em sacrifício devido, ao Tonante e a Marte; sem encontrar vísceras favoráveis que o animem, o sacerdote empalidece e finge esperança diante do exército. Já filhos, esposas e pais se amontoam ao redor dos parentes e, do alto das portas, desejam retardar-lhes a partida.

Não há medida para as lágrimas: escudos e penachos se molham no triste adeus, e toda a casa, objeto de seus suspiros, agarra-se às armas. Agrada aos familiares introduzir beijos pelas viseiras cerradas e puxar para o abraço as ameaçadoras cristas dos elmos. Aqueles que pouco antes se compraziam na espada, e até na própria morte, agora gemem e tremem de soluços, desfeito o ardor guerreiro.

Assim acontece quando homens estão prestes a partir, talvez, para uma longa viagem pelo mar: já os ventos austrais enchem as velas e a âncora se ergue do leito revolvido; o grupo amoroso se prende a eles e lhes enlaça o pescoço com braços ansiosos, enquanto os olhos banhados se obscurecem, uns pelos beijos, outros pela vasta névoa do oceano. Por fim ficam para trás, mas permanecem sobre um rochedo e se alegram em acompanhar com o olhar o pano que foge veloz, ao mesmo tempo em que lamentam que os ventos da pátria soprem cada vez mais fortes; ainda assim permanecem e acenam à nau do rochedo conhecido.

[32] Agora, Fama dos tempos antigos, e tu, sombria Antiguidade do mundo, a quem cabe recordar os príncipes e tornar imortal a história de suas vidas, enumera os guerreiros; e tu, Calíope, rainha dos bosques do canto, ergue a lira e começa a narrar que multidões armadas Gradivo despertou, que cidades ele esvaziou de seus povos, pois a ninguém o gole da fonte concede inspiração mais elevada.

O rei Adrasto, enfermo de pressentimentos sob o peso das preocupações e já próximo do termo da vida, caminhava quase contra a vontade entre o povo que o aclamava, contente em trazer apenas a espada à cintura;[1] servidores levavam-lhe as armas atrás, o auriga cuidava dos corcéis velozes junto às portas da cidade, e Árion já se debatia contra o jugo.

Para sustentar seu rei, Larissa e a elevada Prosímna armam seus homens, assim como Mideia, morada mais apropriada aos rebanhos, Fliunte rica em gado, Néris que estremece diante do Caradro espumante por toda a extensão do vale, Cleonas com sua massa de torres sobrepostas e Tírea,[2] destinada um dia a colher uma safra de sangue espartano.

[49] A eles se unem homens que ainda recordam o rei outrora enviado para aquela região,[3] os que cultivam os cumes rochosos de Drépano e Sícion coberta de oliveiras, aqueles que a Estrangila banha com corrente lenta e silenciosa e os que vivem junto ao Elisso, sinuoso entre margens curvas.

Terrível privilégio possui esse rio: diz-se que, com suas águas austeras, purifica as Eumênides estígias. Ali elas costumam mergulhar o rosto e as serpentes de chifres, ofegantes depois de beber do Flegétone, quer tenham devastado os palácios trácios,[4] quer a casa ímpia de Micenas, quer a morada de Cadmo. O próprio rio foge enquanto elas se banham, e suas lagoas se tornam lívidas com venenos incontáveis.

Éfira, que consolou a chorosa Ino,[5] fornece sua companhia, e também Cencreias, onde a corrente, ferida pelo cavalo gorgônico, se sabe consagrada aos poetas, e onde o Istmo se estende através do mar e impede que as águas inclinadas invadam a terra.

Esse contingente, três mil ao todo, seguia exultante na comitiva de Adrasto. Uns traziam lanças nas mãos, outros estacas compridas endurecidas ao fogo - pois nem a origem nem o costume eram comuns a todas as tropas -, e outros sabiam girar fundas de trama compacta e cingir o ar com um círculo sem rastro.

O próprio rei avança venerável pela idade e pela dignidade: assim caminha por pastagens possuídas durante longos anos um touro elevado, de pescoço e espáduas já caídos e desprovidos de força, mas ainda chefe. Os novilhos não têm coragem de provocá-lo em combate, pois veem os chifres quebrados por muitos golpes e as enormes cicatrizes que lhe cobrem o peito.

[74] Depois do velho Adrasto, o genro dirceu conduz seus estandartes. A guerra serve à causa dele; a ele todo o exército empresta a ira marcial. Por ele, até de sua pátria, vieram homens de bom grado: alguns comovidos por seu exílio e cuja lealdade, fortalecida pela adversidade, permaneceu firme; outros dominados pelo desejo de mudar de rei; muitos, ainda, conquistados para sua queixa por julgarem melhor a causa que defendia.

Além disso, o sogro lhe entregara o governo de Egião e Arena, e todas as riquezas que produz Trezena, célebre por Teseu,[6] para que não marchasse sem glória com pequeno séquito nem sentisse a perda das honras de sua terra. O herói traz a mesma veste e as mesmas armas daquela noite de inverno em que

pagou o dever da hospitalidade:[7] um leão de Teumeso cobre-lhe as costas, brilham as pontas gêmeas dos dardos e, junto ao flanco, uma Esfinge cruel se ergue rígida sobre a espada destinada a ferir.

Já em suas esperanças e preces ele é senhor do reino, e abraça a mãe e as irmãs fiéis; ainda assim volta os olhos para Argia, transtornada, que se destaca contra o céu no alto da torre. Ela reconduz para si os olhos e pensamentos do esposo e afasta de seu espírito a agradável Tebas.

[93] Eis Tideo no centro, resplandecente, guiando as tropas de sua pátria, já alegre e são dos membros[8] assim que soaram as primeiras trombetas. Do mesmo modo, ao sopro sedutor do sol primaveril, uma serpente escorregadia se ergue das profundezas da terra, liberta da velhice e da fealdade dos anos abandonados, e brilha como perigo verde e luminoso entre a relva abundante. Infeliz o lavrador que encontra na erva aquela boca aberta e priva de veneno novo as presas! A ele também a notícia da guerra traz auxílio imediato das cidades etólias: a rochosa Pilene ouviu o chamado, e Pleuron de Meleagro, chorado pelas irmãs transformadas em aves;[9] a íngreme Calidão, Oleno, cujo Jove rivaliza com o Ida,[10] Cálcis, porto acolhedor diante das ondas jônias, e o rio[11] cujo rosto o atleta Hércules deformou. Ainda agora mal ousa ele erguer das profundezas a face ferida, mas lamenta com a cabeça submersa na gruta verde, enquanto as margens arquejam e adoecem de poeira.

Todos protegem o corpo com targes cercadas de bronze e levam nas mãos terríveis alabardas, ao passo que o Marte de sua terra se ergue nos elmos. Jovens escolhidos rodeiam o magnânimo filho de Eneu, impetuosos para a batalha e cobertos pela glória de cicatrizes conhecidas. Não é ele inferior a Polinices na ira ameaçadora; chega-se a duvidar por qual dos dois a guerra é travada.

[116] Mais poderosa, porém, vem depois a hoste dórica[12] de armas recém-preparadas: os homens cujos numerosos arados revolvem tuas margens, Lírcio, e as tuas, Ínaco, príncipe dos rios aqueus - pois nenhuma torrente mais tempestuosa irrompe da terra perseia[13] quando ele bebeu profundamente o Touro[14] ou as Plêiades carregadas de água, erguendo espuma e inchando com o Jove que amou sua filha;[15] também os que o rápido Astérion envolve, os que o Erasino, precipitando-se, arrasta com as colheitas dríopes, e aqueles que domam os campos de Epidauro - favoráveis a Íaco são essas colinas, mas negam-se a Ceres de Henna;[16] a deserta Dime envia socorro, e a Pilos de Neleu, suas multidões compactas. Pilos ainda não era famosa e Nestor encontrava-se no vigor de sua segunda idade, mas não se uniria a um exército condenado à morte.

A todos eles o alto Hipomedonte incita e ensina o amor pela glória do valor. Sobre a cabeça, um elmo de bronze agita três camadas de penachos brancos como a neve; sob a armadura, uma malha de ferro se ajusta aos flancos; ombros e peito são cobertos por um vasto círculo flamejante, no qual a noite de Dânao[17] vive em trabalho de ouro: os cinquenta aposentos culpados ardem sob a tocha sombria das Fúrias, e o próprio pai, no limiar ensanguentado, aprova o crime e contempla as espadas.

Um cavalo nemeu, aterrorizado pela luta, conduz o herói para fora da cidadela de Palas;[18] enche os campos com a enorme sombra que voa, e atrás dele se eleva sobre a planície uma longa esteira de poeira.

Não de outra maneira, rompendo as florestas com os ombros e com os dois peitos, o biforme Hileu[19] se precipita de sua caverna montanhosa. O Ossa treme sob seus passos, feras e rebanhos caem de medo, e até seus irmãos se assustam, até que ele se lança com um grande salto nas águas do Peneu e, atravessado pela massa do corpo, detém a poderosa corrente.

[144] Quem poderia descrever em linguagem mortal aquela multidão armada, seus povos e sua força corajosa? A antiga Tirinto é despertada para as armas por seu próprio deus,[20] não estéril de homens valentes nem indigna da fama de seu filho terrível, mas deserta, com o dia da prosperidade já passado e sem o poder que a riqueza concede. O raro habitante de seus campos vazios aponta as torres erguidas pelo suor das frontes ciclópicas.

Ainda assim envia trezentos corações varonis, tropa sem disciplina de guerra, sem correias de arremesso nem o brilho áspero das espadas. Sobre cabeças e ombros trazem peles fulvas de leão, ornamento de sua raça; como arma, estacas de pinheiro, e aljavas inesgotáveis abarrotadas de flechas.

Cantam o peã de Hércules e o mundo purificado de monstros; o deus os escuta de longe no Eta coberto de folhas.[21] Nemeia lhes dá companheiros, e toda a força que as vinhas sagradas de Molorco, em Cleonas, convocam para a guerra.

Bem conhecida é a glória daquela cabana:[22] sobre as portas de vime estão representadas as armas do deus que ali foi hóspede; no campo humilde mostra-se onde ele depôs a clava, sob qual azinheira descansou os membros e em que ponto o solo ainda conserva os sinais de seu corpo estendido.

[165] Capaneu, porém, avança a pé e domina o exército com toda a altura da cabeça. Maneja o peso de quatro couros arrancados do dorso de touros indomados e endurecidos, por cima, com uma cobertura de bronze maciço. Ali jaz a Hidra, de coroa dividida em três ramos, recém-morta e repugnante na morte: uma parte, elevada em prata, fulgura feroz com serpentes em movimento; outra, por artifício engenhoso, está afundada e escurece em agonia contra o ouro fulvo; em torno, no aço azul-escuro, corre a corrente imóvel de Lerna.

Seus longos flancos e o vasto peito são guardados por uma couraça tecida de incontáveis fios de ferro, obra terrível, não saída de mãos maternas. Um Gigante se ergue no alto do elmo cintilante; a lança, que somente ele é capaz de arremessar, é um cipreste despido das folhas e armado de ferro na ponta.

Estão submetidos à sua fidelidade os povos nutridos pela fértil Anfigênia, pela planície de Messene e pela montanhosa Itome; também Tríon e Epi, amontoadas no alto dos montes, Helos, Pteleu e Dórion, que lamenta o cantor geta. Ali Tâmiris ousou superar em canto as hábeis filhas da Aônia, mas, condenado a uma vida silenciosa, caiu de imediato mudo na voz e na lira -

quem pode desprezar divindades encontradas face a face? -, pois ignorava o que significava competir com Febo e como o Sátiro suspenso[23] deu fama a Celenas.
[187] Já começa a enfraquecer, sob violento assalto, a decisão do augur que prevê os destinos. Ele via o que haveria de acontecer e os terríveis presságios, mas a própria Átropos investira com violência contra sua vontade hesitante e esmagara o deus que havia dentro dele; não faltava a traição da esposa, e a casa já resplandecia com o ouro proibido.

Naquele ouro os destinos anunciavam a morte do vidente argivo, e ela o sabia - ó crime ímpio! -, mas a esposa pérfida desejava trocar o marido por um presente; ansiava conquistar os despojos da princesa Argia e superá-la com os adornos roubados.

Argia, de bom grado - pois percebe que o ânimo dos príncipes e a decisão de guerrear fracassariam se o herói previdente não se unisse à empresa -, tirou do próprio peito o ornamento fatal de seu amado Polinices. Não se entristeceu, e ainda disse: "Não são estes tempos adequados para eu me adornar com joias brilhantes, nem devo, sem ti, encontrar prazer em embelezar minha infeliz formosura. Basta-me enganar dúvidas e temores com o consolo das criadas e arrastar os cabelos despenteados diante dos altares.

Devo eu - ó pensamento indizível! - trazer o rico ouro do dote de Harmonia, enquanto tu estás encerrado no elmo ameaçador e fazes soar armas de aço? Talvez o céu me conceda esse favor de modo mais apropriado, e eu supere em vestes as noivas argivas quando for de fato rainha e, depois de teu regresso seguro, tiver de encher os templos com coros votivos.

Agora que o use aquela que o deseja e é capaz de alegrar-se enquanto o marido está em guerra." Assim o ouro fatal entrou nos aposentos de Erifile, pôs em movimento o princípio de grandes crimes, e Tisífone soltou uma gargalhada, exultante com o que estava por acontecer.
[214] Elevado atrás de cavalos tenários, gerados por Cílaro - sem que Cástor o soubesse - em éguas de raça inferior, o profeta faz a terra tremer. O adorno de lã parnasiana denuncia o vidente; ramos de oliveira coroam-lhe o elmo, e a faixa branca se entrelaça ao penacho escarlate. Ao mesmo tempo maneja as armas e as rédeas esticadas sobre o jugo.

De ambos os lados há abrigo contra os dardos, e uma floresta de ferro estremece sobre o carro. Visível de longe, ele se ergue notável e terrível com a lança severa, e no escudo faz brilhar a vencida Píton. Amiclas, cidade de Apolo, acompanha-lhe o carro, assim como as tropas de Pilos; Maleia, evitada pelas quilhas hesitantes; Cárias, hábil em elevar o hino que conquista o aplauso de Diana; Faris e Messe Citereia, mãe das pombas; a falange do Taígeto e a tropa robusta do Eurotas, nutridor de cisnes.

O próprio deus árcade[24] os exercita na poeira do combate e lhes infunde a prática dos combates nus e o ardor guerreiro. Daí a bravura indomável e a agradável consagração de uma morte gloriosa. Os pais se alegram com o destino

dos filhos e os incitam a morrer; enquanto todo o grupo de jovens se lamenta, a mãe se contenta com a coroa que cinge a vítima.

Seguram as rédeas e dois dardos providos de correia; nus ficam os grandes ombros, dos quais pende um manto áspero; um penacho ledeu[25] coroa os elmos. Não são apenas estes, Anfiarau, os que te servem: as encostas de Élis engrossam a formação, assim como o povo da baixa Pisa, que nada em tuas águas, Alfeu amarelo, tu que viajas até as terras sicanas e jamais és maculado por tão longa travessia através do mar.

Incontáveis carros atormentam por toda parte os campos quebradiços, e seus animais foram domados para a guerra. Essa glória da raça permanece desde as corridas ímpias e os eixos despedaçados de Enômao;[26] os freios mordidos espumam entre as mandíbulas, e a espuma branca umedece a terra revolvida.

[246] Tu também, Partenopeu, sem que tua mãe o saiba - inexperiente, ai de mim, nas armas, tão sedutora é a ambição juvenil -, apressas tuas coortes parrásias.[27] Tua mãe guerreira,[28] por acaso - de outro modo o rapaz não poderia tê-la abandonado -, levava a paz de seu arco a bosques distantes e às encostas mais remotas do fresco Liceu.

Nenhum rosto mais belo marchava para o perigo cruel da guerra, nenhum conquistava tanto favor por uma beleza incomparável. E coragem não lhe falta, contanto que alcance anos mais duros.

Que rainhas das florestas e espíritos encerrados nos rios, que ninfas dos bosques ele não incendiou de paixão devoradora? A própria Diana, quando viu o jovem sob a sombra do Mênalo, deitado sobre a relva em todo o frescor da juventude, perdoou sua companheira, segundo se conta, e com a própria mão ajustou-lhe aos ombros as flechas dicteias[29] e a aljava amicleia.

Ferido por intrépido amor à guerra, ele corre para a frente, ardendo por ouvir o choque das armas e o bramido das trombetas, por manchar de poeira bélica os belos cabelos e regressar montado no cavalo capturado a um inimigo. Está cansado dos bosques e se envergonha de ainda ignorar a funesta glória das flechas tingidas de sangue humano.

À frente resplandece em púrpura e ouro; cordões ibéricos sulcam o manto flutuante;[30] no escudo ainda inocente estão gravadas as lutas calidônias da mãe. O arco soa feroz junto ao flanco esquerdo, e sobre as costas, emplumada pelas flechas, chocalha a aljava incrustada de eletro pálido e jaspe oriental cintilante, cheia de setas cidônias.

O cavalo, acostumado a ultrapassar cervos em fuga, estava coberto por duas peles de lince e estranhava o peso maior do senhor armado. Partenopeu o montava com altivez, belo de contemplar pelo rubor agradável da juventude em suas faces.

[275] A ele os árcades,[31] povo antigo, mais velho que a Lua e as estrelas, entregam coortes fiéis. Diz-se que nasceram dos troncos duros das árvores quando a terra admirada recebeu pela primeira vez a marca de pés. Ainda não existiam campos, casas, cidades nem leis matrimoniais: carvalhos e loureiros sofreram partos

rudes, o freixo sombreado povoou a terra, e o recém-nascido caiu do ventre grávido da árvore.

Conta-se que, aterrorizados pela mudança da luz para as trevas sombrias, seguiram por muito tempo o Titã que se punha, desesperando do retorno do dia. Poucos lavradores permanecem no elevado Mênalo; as florestas do Partênio estão desertas; Ripe, Estrátia e a ventosa Enispe entregam seus soldados ao auxílio da guerra.

Nem Tegeia nem Cilene, favorecida pelo deus alado, permanecem inativas; nem Aleia, santuário florestal de Minerva; nem o rápido Clítor; nem Ládon,[32] que quase foi, ó Pítio, sogro teu; nem Lâmpia, com as brilhantes cristas brancas de neve; nem Feneu,[33] que se acredita enviar a Estige ao sombrio Dis.

Veio Azânia, capaz de rivalizar com as multidões ululantes do Ida,[34] vieram os chefes parrásios e a região de Nonácris, onde o Tonante armado de aljava[35] encontrou prazer e vos deu motivo de riso, ó Amores; também Orcômeno rico em gado e Cinosura abundante em feras.

O mesmo ardor esvazia os campos de Épito, a elevada Psófis e os montes famosos pela força de Hércules: Erimanto, morada de monstros, e Estínfalo com seu bronze estridente.[36] Todos são árcades, uma só raça de homens, mas separados por costumes diversos. Uns curvam ramos de mirto páfio e exercitam a guerra com cajados pastoris; alguns usam arcos, outros lanças; uns cobrem os cabelos com elmos, enquanto aquele conserva o costume do chapéu árcade e outro torna a cabeça terrível com as mandíbulas de uma ursa licaônia.[37] A vizinha Micenas, contudo, não forneceu soldados a essa reunião guerreira de corações jurados a Marte: era então o tempo do banquete mortal e do recuo do Sol ao meio-dia; ali também havia a discórdia de dois irmãos inimigos.[38]

[309] A notícia já enchera os ouvidos de Atalanta: seu filho partia como chefe para a guerra e despertava toda a Arcádia. Os passos lhe falharam e os dardos caíram ao lado; mais veloz que o vento alado, fugiu da floresta, atravessando rochedos e rios cheios que tentavam detê-la, tal como estava, com a veste apanhada às pressas e os belos cabelos voando atrás na brisa. Assim uma tigresa privada dos filhotes persegue furiosamente o cavalo daquele que os roubou.

Quando parou e comprimiu o peito contra as rédeas que lhe vieram ao encontro - ele pálido, de olhos baixos -, disse: "De onde vem este desejo insano, meu filho? De onde, em teu jovem peito, tamanha coragem temerária? És capaz de instruir homens para a guerra, suportar os fardos de Marte e caminhar entre companhias que levam espadas? Oxalá fosses! Há pouco empalideci ao ver-te empregar a lança de caça em combate próximo contra um javali que resistia; repelido sobre o joelho dobrado e quase caído, onde estariam agora tuas guerras, se eu não tivesse curvado o arco e lançado uma flecha? Minhas setas não te ajudarão, nem os arcos bem-feitos, nem este cavalo de manchas negras em que confias. Grandes são as empresas às quais corres, e tu és um rapaz mal amadurecido até para os abraços das Dríades e as paixões das ninfas do Erimanto.

Os presságios dizem a verdade: eu me admirava de que o templo de Diana parecesse recentemente estremecer diante de mim, de que a própria deusa me franzisse o rosto e os despojos votivos caíssem do teto; por isso minha pontaria se tornou frouxa, as mãos hesitaram e nunca mais feriram com segurança. Espera, ao menos, até que tua força seja maior, teus anos mais firmes, até que a sombra cubra as faces rosadas e minha semelhança desapareça de teu rosto.

Então eu mesma te darei as batalhas e a espada por que ardes, e nenhuma lágrima de mãe te chamará de volta. Agora leva de novo tuas armas para casa! E vós, árcades, permitireis que ele vá à guerra, vós, certamente nascidos de pedra e carvalho?"[39] Mais ainda desejava suplicar; o filho e os chefes que se apertavam ao redor a consolam e diminuem seus temores, mas já o horrendo sinal das trombetas ressoa.

Ela não consegue soltar o filho do abraço amoroso e o recomenda com insistência ao chefe Adrasto.

[345] Em outra região, porém, o povo marcial de Cadmo, consternado pela loucura do rei e aterrorizado por notícias realmente graves - espalhara-se que Argos avançava em massa -, embora tarde, por vergonha do monarca e da causa dele, prepara-se ainda assim para a guerra.

Ninguém corre para arrancar a espada, nem sente prazer em cobrir os ombros com o escudo paterno ou ajustar os arreios dos cavalos de pés alados, delícias que a guerra costuma oferecer. Abatidos, sem decisão nem ardor bélico, concedem auxílio tímido. Este lamenta o pai amoroso em sua triste situação; aquele, a agradável juventude da esposa e os infelizes filhos que amadurecem no ventre.

Em nenhum peito o deus da guerra se inflama. Até as muralhas, desfeitas por longa negligência, e as grandes torres de Anfião mostram os lados gastos e antigos; um trabalho mesquinho e sem entusiasmo repara os parapeitos outrora elevados ao céu pela lira inspirada. Entretanto, as cidades beócias são movidas pelo desejo vingador da batalha e se agitam mais em favor da raça aparentada do que para auxiliar o rei injusto.

Ele se assemelha a um lobo que forçou entrada em rico aprisco e agora, com o peito todo coalhado de sangue imundo e a boca hirsuta escancarada, horrenda de lã ensanguentada, foge dos currais. Volta para todos os lados o olhar inquieto, temendo que os pastores irados descubram a perda e o sigam, e escapa consciente da própria ousadia.

[369] O Rumor perturbador acumula pânico sobre pânico: um diz que cavalarias dispersas de Lerna vagam pela margem do Asopo; outro anuncia tua captura, Citéron das celebrações; um terceiro relata que Teumeso foi tomado e os fogos de vigia de Plateias ardem na escuridão da noite.

E quem, em toda a região, não teve notícia - ou até mesmo a visão - das muralhas tírias[40] cobertas de suor, Dirce manchada de sangue, nascimentos monstruosos e a Esfinge de novo falando de seu rochedo? Para completar, novo medo confunde os corações ansiosos. De repente a rainha da dança florestal[41] é

tomada pelo delírio; espalha os cestos sagrados, desce das alturas ogígias para a planície e, com olhos injetados, agita furiosamente uma tocha tripla de pinho, enchendo a cidade alarmada de clamores selvagens e desvairados: "Pai onipotente de Nisa,[42] que há tanto deixaste de amar tua nação ancestral, talvez agora, levado veloz sob o Norte gelado, sacudas o guerreiro Ismaro com o tirso de ponta de ferro e ordenes às vinhas que rastejem sobre o reino de Licurgo;[43] ou talvez corras em triunfo louco e flamejante junto ao Ganges transbordante, aos confins extremos da Tétis vermelha[44] e às terras orientais; ou surjas dourado das fontes do Hermo.

Nós, porém, tua descendência, depusemos as armas de nossa pátria[45] que te honram nas festas e recebemos nossa porção de guerra, lágrimas, terror e crime entre parentes, cargas cruéis deste reino injusto. Antes, ó Baco, leva-me e coloca-me entre as neves eternas, para além do Cáucaso que ecoa o grito guerreiro das Amazonas, do que obrigar-me a narrar os horrores de nossos soberanos e de sua linhagem contra a natureza.

Eis que me impeles! Muito diferente era o delírio que eu te prometera, ó Baco. Vejo dois touros semelhantes entrarem em combate, iguais em honra e participantes de um mesmo sangue herdado. Com frontes que se chocam e chifres elevados, unem-se em luta cruel e perecem na violência da ira recíproca. Tu és o criminoso! Cede tu, que injustamente pretendes possuir sozinho as pastagens ancestrais e os montes pertencentes a ambos.

Ah, miseráveis e ímpios! Tanto sangue vossas guerras vos custaram, e outro campeão é agora senhor de vosso prado." Assim falou; e, quando o deus retirou sua presença, ela emudeceu com o rosto frio como gelo.

[406] O rei, aterrorizado pelo prodígio e presa de temores diversos, em desespero enfermo - assim procedem os que receiam aquilo que desconhecem -, procura auxílio no vidente de longa vida e na cegueira clarividente de Tirésias.

O profeta responde que o céu não revela sua vontade com tanta clareza por meio de grandes matanças de touros, do voo ágil das aves ou do salto verídico das vísceras; nem por meio do tripé coroado, de números determinados pelos astros ou da fumaça que paira sobre o incenso do altar, quanto pelos fantasmas chamados da severa fronteira da Morte. Então prepara os ritos do Letes[46] e dispõe-se antecipadamente a evocar o rei submerso além dos limites do Ismeno, onde o rio se mistura ao mar; purifica toda a região com vísceras arrancadas de ovelhas, com o odor forte do enxofre, ervas frescas e o longo murmúrio de preces.

[419] Existe ali um bosque resistente ao tempo, forte e ereto na velhice, de folhagem jamais podada, que sol algum atravessou. Nenhum frio de inverno o feriu; nem o Austro exerce poder sobre ele, nem Bóreas, descendo em voo da Ursa geta. Debaixo das árvores se abriga o silêncio; um temor vago e estremecedor guarda a quietude, e a imagem da luz banida brilha pálida e ameaçadora.

Nem falta poder divino às sombras: a presença assombrosa da Latônia se une ao bosque. Suas imagens, trabalhadas em pinho, cedro, madeira comum ou na própria árvore viva, escondem-se na escuridão sagrada da mata. Flechas invisíveis silvam entre os troncos e os cães ladram à noite, quando ela foge do limiar do tio e retoma a forma mais benigna de Diana.

Ou, quando se cansa de percorrer os montes e o sol elevado convida ao doce sono, ali repousa, deixando a cabeça cair descuidada sobre a aljava, enquanto todas as lanças permanecem fincadas na terra ao redor. Do lado de fora estende-se, imensa, a planície de Marte, campo que produziu para Cadmo sua colheita.

Corajoso foi o primeiro homem que, depois da guerra entre irmãos e do crime daqueles mesmos sulcos, ousou cultivar com o arado o solo e revolver os prados embebidos de sangue. Ainda hoje a terra amaldiçoada exala grandes tumultos ao meio-dia e nas sombras vagas da noite solitária, quando os filhos negros do chão se levantam para um combate de fantasmas. Com os membros trêmulos, o lavrador foge e deixa o campo incompleto; os bois, transtornados, correm para os estábulos.

[443] Ali o velho vidente - pois o lugar convinha aos ritos estígios, e o solo rico em sangue vivo lhe agradava - manda que sejam postos diante dele carneiros de lã escura e touros negros, as melhores cabeças que os rebanhos podem apresentar. Dirce e o sombrio Citéron gemeram em voz alta, e os vales ressoantes estremeceram diante do silêncio repentino.

Então ele próprio entrelaçou nos chifres ferozes coroas de cor sombria e, primeiro, à margem do bosque conhecido, derramou nove vezes em uma vala cavada generosas libações de Baco, além de leite da primavera, chuva ática[47] e sangue propiciatório para as sombras inferiores; verteu tudo quanto a terra ressequida pôde beber.

Depois rolam para ali troncos de árvores, e o triste sacerdote ordena que se ergam três altares de fogo para Hécate e três para as donzelas nascidas do maldito Aqueronte. Para ti, senhor do Averno, um monte de pinho, embora enterrado na terra, eleva-se alto no ar; ao lado, um altar de menor volume é levantado para a Ceres subterrânea. À frente e por todas as partes, o cipreste do luto os entrelaça.

Já marcados na testa pela espada e pela farinha pura aspergida, os animais caíram sob o golpe. Então a virgem Manto, recolhendo o sangue em taças, faz a primeira libação e, percorrendo três vezes todas as piras, como ordena o pai sagrado, oferece fibras ainda semimortas e vísceras ainda palpitantes; sem demora lança o fogo devorador sobre a folhagem negra.

[468] Quando Tirésias ouviu os ramos estalarem nas chamas e as pilhas terríveis rugirem - pois o calor da fogueira avança contra o rosto e o vapor ardente enche as cavidades dos olhos -, exclamou; as piras estremeceram e as chamas se encolheram diante da voz: "Moradas do Tártaro e reinos terríveis da Morte insaciável, e tu, o mais cruel dos irmãos,[48] a quem as sombras foram entregues para servir, a quem obedecem os castigos eternos dos condenados; e vós,

domínios do mundo inferior, abri, em resposta às minhas batidas, os lugares silenciosos e o vazio deserto da severa Perséfone. Envia a multidão que se oculta na noite profunda; que o barqueiro atravesse de volta a Estige em sua nau gemedora.

Apressai-vos todos ao mesmo tempo, e não haja para todas as sombras um único modo de regressar à luz. Tu, filha de Perses,[49] e o árcade envolto em nuvens, com a vara poderosa, conduzi em grupos separados os habitantes piedosos do Elísio; mas daqueles que morreram no crime - e em Érebo, como entre a raça de Cadmo, são os mais numerosos - sê tu a guia, Tisífone. Vai à frente, agitando três vezes a serpente e o ramo de teixo em chamas; abre a luz do dia. Que Cérbero não interponha as cabeças nem desvie os fantasmas privados da claridade."

[488] Ele falou. Juntos, o velho e a donzela de Febo aguardaram em concentração arrebatada. Nada temiam, pois seus corações eram inspirados pelo deus; somente o filho de Édipo foi dominado por grande terror. Em agonia, segurava ora os ombros, ora as mãos e as faixas sagradas do vidente enquanto este entoava o cântico terrível; desejava abandonar os ritos antes do fim.

Assim o caçador aguarda um leão despertado de seu covil por longos gritos no matagal de uma floresta getúlia; endurece a coragem e aperta a lança com a mão suada. O rosto se congela de terror e os passos tremem. "Que fera se aproxima?", pergunta a si mesmo; "e quão enorme?" Escuta o rugido que oferece o sinal ameaçador e mede o som crescente em ansiedade cega.

[500] Então Tirésias, porque os fantasmas ainda não traziam a noite, falou: "Invoco-vos como testemunhas, deusas, por quem embebemos estas chamas e derramamos taças propícias sobre a terra rasgada: já não posso suportar a demora.

Serei ouvido em vão, embora sacerdote? Se uma velha da Tessália vos ordenar com canto frenético, partireis então? E sempre que uma feiticeira da Cólquida vos impelir com drogas e venenos citas, o Tártaro empalidecerá e estremecerá aterrorizado? Mas tendes por mim menor consideração porque não me preocupo em erguer corpos dos túmulos, retirar urnas abarrotadas de ossos antigos e profanar igualmente os deuses do céu e do Érebo; porque não persigo com a espada as faces sem sangue dos mortos nem lhes arranco os tecidos enfermos?[50] Não desprezeis estes anos frágeis nem a nuvem que cobre minha fronte escurecida; não a desprezeis, eu vos advirto! Também eu sei desencadear a ira.

Conheço o nome que tanto temeis conhecer e pronunciar; posso confundir a própria Hécate, se não receasse a ti, ó Timbreu, e o alto senhor do mundo tríplice,[51] que não pode ser conhecido. A ele... mas me calo: a velhice pacífica me proíbe. Agora eu..."

[518] Manto, serva de Febo, exclama avidamente: "Foste ouvido, pai; o fantasma pálido se aproxima. O vazio elísio se escancarou; as vastas trevas da região oculta se rasgaram; bosques e rios negros ficam expostos, e o Aqueronte vomita lama

repugnante. O fumegante Flegétone arrasta correntes de chama sombria, e a Estige, correndo entre eles, ergue uma barreira para os fantasmas separados.

Vejo o próprio rei, todo pálido no trono, com Fúrias ao redor servindo-lhe os atos cruéis; vejo os aposentos implacáveis e o leito sombrio da Juno estígia.[52] A Morte negra está sentada numa elevação e conta para o senhor os povos silenciosos; a maior parte da multidão, porém, ainda permanece. O juiz de Gortina[53] os sacode em sua urna inexorável; com ameaças exige a verdade, força-os a contar toda a história da vida e, por fim, a confessar os ganhos arrancados aos outros.

Por que te falaria dos monstros do Inferno, das Cilas, da fúria vazia dos Centauros, das correntes retorcidas de adamante maciço que prendem os Gigantes e da sombra diminuída do centímano Egeão?"

[536] "Basta", disse ele. "Ó guia e força de minha velhice, não me contes coisas conhecidas. Quem ignora o rochedo que sempre retorna, as águas enganadoras, Tício alimento de abutres e Íxion desfalecido nas longas voltas da roda? Eu mesmo, nos anos da juventude vigorosa, contemplei os reinos ocultos, tendo Hécate por guia, antes que o céu cobrisse minha visão e recolhesse toda a luz para o interior da mente.

Antes, chama para cá com tuas preces as almas argivas e tebanas; às demais, minha filha, ordena com quatro aspersões de leite que recuem e abandonem o bosque triste. Depois conta-me, por favor, as vestes e o rosto de cada uma, quão grande é o desejo pelo sangue derramado, que povos se aproximam com maior altivez; e assim informa minhas trevas de cada detalhe."

[549] Ela obedece e tece o encantamento com que dispersa as sombras e torna a chamá-las depois de espalhadas, poderosa - embora sem os crimes delas - como a donzela da Cólquida ou a feiticeira Circe[54] na praia eéia. Então dirige estas palavras ao pai sacerdote: "Primeiro, do lago cor de sangue, Cadmo ergue a cabeça sem força; a filha de Citereia[55] segue imediatamente o esposo, e serpentes gêmeas bebem de suas cabeças.

A companhia dos nascidos da terra, semente de Marte, cerca-os; um único dia mediu a extensão da vida de todos, e cada mão permanece sobre a arma, sim, sobre o punho da espada. Eles repelem e impedem a aproximação, lançam-se ao combate com a fúria dos vivos e não se preocupam em deter-se diante da vala escura: têm sede de beber o sangue uns dos outros. Perto deles está o grupo das filhas de Cadmo e dos filhos que elas choraram.

Ali vemos Autônoe privada do filho[56] e Ino ofegante, voltando os olhos para o arco e apertando contra o peito o doce penhor; Sêmele mantém os braços estendidos para proteger o ventre. Com os tirsos quebrados, o peito nu e sangrando, já esgotado o delírio do deus, a mãe de Penteu, filha de Cadmo, segue-o com gemidos; ele, porém, foge pelos caminhos sem trilha do Letes, para além dos próprios lagos estígios, onde o pai mais bondoso, Equíon, chora e cuida de seu corpo despedaçado.

Também reconheço o triste Lico[57] e o filho de Éolo,[58] com o braço direito dobrado para trás e um cadáver lançado sobre o ombro carregado. E aquele ainda não altera a aparência nem o testemunho de sua transformação: é o filho de Aristeu;[59] chifres tornam-lhe áspera a fronte, e com uma lança ele repele os cães de bocas abertas para rasgá-lo.

Mas eis que, acompanhada por numeroso séquito, chega a ciumenta Tantálida;[60] orgulhosa em sua dor, conta novamente os cadáveres, em nada humilhada pelas desgraças. Alegra-se por haver escapado ao poder do céu e por poder agora soltar com maior liberdade a língua insana."

[580] Enquanto a sacerdotisa casta narra essas coisas ao pai, os cabelos brancos dele se erguem trêmulos sob a coroa levantada, e uma onda de sangue faz pulsar o rosto pálido. Já não se apoia no bastão nem na donzela fiel; levantando-se ereto, exclama: "Interrompe teu canto, filha. Basta-me a luz que me vinha de fora; as névoas preguiçosas se afastam e a noite negra foge de meu rosto.

Vem das sombras ou do alto Apolo esta inspiração que me inunda? Eis que vejo tudo o que me contaste. Olha! Ali os fantasmas argivos choram com os olhos baixos: o severo Abas, o culpado Preto, o bondoso Foroneu, Pélope mutilado[61] e Enômao manchado de poeira cruel; todos molham os rostos com lágrimas abundantes. Por isso anuncio para Tebas resultado favorável na guerra.

Mas o que significa esta multidão compacta de almas guerreiras? As feridas e as armas as revelam. Por que mostram rostos e peitos ensanguentados e, com clamor sem substância, levantam e agitam contra mim braços ameaçadores? Engano-me, ó rei, ou são aqueles cinquenta?[62] Contemplas Ctônio, Crômis, Fegeu e Méon, distinguido pelo meu loureiro. Não vos enfureçais, chefes; nenhum mortal, acreditai-me, ousou aquela empresa: a férrea Átropos vos fiou aqueles anos destinados.

Cumpristes vosso destino; para nós restam a guerra cruel e Tideo uma vez mais." Assim falou e, quando eles se lançaram em enxame contra as coroas envoltas em lã, afastou-os e indicou-lhes o sangue.[63]

[604] Privado da companhia dos outros fantasmas, Laio permanecia na margem triste do Cocito - pois o deus alado já o reconduzira ao Averno sem piedade[64] - e, olhando de lado para o terrível neto, que reconheceu pelo rosto, não se aproximou como o restante da multidão para beber o sangue ou as outras libações: respirava ódio imortal.

O vidente aônio não demora em atraí-lo: "Príncipe renomado da Tebas tíria, desde cuja morte nenhum dia olhou com bondade para a cidadela de Anfião; tu, que já vingaste suficientemente o assassinato sangrento, sombra a quem a descendência ofereceu plena reparação, de quem foges, infeliz? Aquele[65] contra quem te enfureces jaz como cadáver vivo e sente a Morte unida a si por laço inseparável, com o rosto afundado coberto de sangue e imundície e toda a luz do dia extinta.

Acredita em mim: este destino é muito pior que qualquer morte! Que motivo tens para evitar o neto inocente? Volta o olhar para cá e sacia-te com o

sangue sacrificial. Depois revela os acontecimentos futuros e as vítimas da guerra, quer permaneças hostil, quer te compadeças da sorte dos parentes. Em troca concederei que atravesseis o Letes proibido na barca que desejas e te estabelecerei novamente em paz na terra feliz, sob a proteção segura dos deuses da Estige."

[624] A promessa da honra o acalma; ele devolve cor às faces[66] e responde: "Por que, quando reunias os espíritos, ó profeta igual a mim em anos, por que fui escolhido em primeiro lugar entre tantas sombras para anunciar augúrios e predizer o que acontecerá? Basta-me recordar o passado.

Procurais meu conselho, netos ilustres? Vergonha! Chamai antes para vossos ritos impuros aquele que, de bom grado, transpassou o pai com a espada, voltou-se para o próprio leito de origem e lançou sobre a mãe inocente os próprios filhos, caros penhores de amor. Agora ele cansa os deuses e os concílios escuros das Fúrias, e suplica à minha sombra pela luta que se aproxima.

Mas se conquistei tal favor como profeta destes tempos de sofrimento, falarei, até onde Láquesis e a sombria Megera permitirem. A guerra vem de todos os lados, guerra de exércitos incontáveis; Gradivo impele os filhos de Lerna[67] diante dos aguilhões do destino. Esperam-nos prodígios da terra, armas do céu, mortes gloriosas e a proibição criminosa do fogo final.[68] A vitória de Tebas é certa, não duvides; teu feroz parente não possuirá teu reino. As Fúrias, porém, o possuirão, e um duplo crime ímpio; e, ai de vós, em vossas espadas infelizes triunfa o pai cruel." Ao falar assim, desapareceu de seus olhos e os deixou em dúvida diante de palavras sinuosas e enigmáticas.

[646] Enquanto isso, os filhos de Ínaco, com o exército espalhado, haviam alcançado a fresca Nemeia e os bosques testemunhas da glória de Hércules. Já ardiam em desejo de expulsar os despojos sidônios, destruir e devastar moradas. Conta, ó Febo, quem os afastou do caminho da ira, de onde veio a demora e como, no meio da marcha, se desviaram da rota; chegaram até nós apenas os escassos princípios da narrativa.

[652] Em lânguida embriaguez, Líber reconduzia de Hemo conquistado seu exército de guerra. Ali, durante dois invernos, ensinara aos getas guerreiros a celebrar as orgias, fizera o branco Ótris verdejar nas cristas e o Ródope produzir a sombra de Icário;[69] já se aproximava da cidade materna em carro enfeitado de folhas de videira. Linces selvagens o acompanhavam à direita e à esquerda, e tigres lambiam as rédeas encharcadas de vinho.

Em seu cortejo, bacantes exultantes[70] carregam despojos de feras, lobos semimortos e ursas mutiladas. Não é indolente a comitiva: ali estão a Ira e o Furor, o Medo e a Coragem, o Ardor jamais sóbrio e passos cambaleantes - exército extremamente semelhante ao príncipe.

Quando, porém, vê a nuvem de poeira subir de Nemeia, o Sol incendiar-se no aço cintilante e Tebas ainda não disposta em batalha, fica horrorizado com o espetáculo, embora fraco e vacilante. Ordena que se calem os címbalos de bronze, os tambores e o ruído da flauta dupla, que gritavam com maior força ao

redor de seus ouvidos espantados; então fala: "Contra mim e minha raça aquele exército prepara a destruição. Depois de muito tempo a fúria deles recupera nova violência; Argos selvagem e a ira indomável de minha madrasta despertam esta guerra.

Ainda não bastam a queima cruel de minha mãe, a pira natal e o relâmpago que eu próprio senti? Não: até contra os restos e o túmulo da rival consumida, contra Tebas inofensiva, ela dirige ataque ímpio.[71] Com astúcia criarei uma demora. Apressai-vos, companheiros, para ali, para aquela planície!" Ao sinal, a parelha hircaniana[72] ergueu as cristas e, mal a palavra fora dita, ele já se detinha no destino.

[680] Era a hora em que o dia ofegante eleva o Sol ao cume central do mundo, quando o calor lânguido paira sobre os campos abertos e todos os bosques deixam o céu penetrar.[73] Líber convoca os espíritos das águas e, quando se agrupam em silêncio, começa: "Ninfas campestres, divindades das correntes, parte não pequena de meu cortejo, cumpri a tarefa que agora vos imponho.

Fechai com terra, por algum tempo, as nascentes argivas, eu vos peço, os lagos e os riachos correntes; sobretudo em Nemeia, por onde eles passam para atacar nossas muralhas, que a água fuja das profundezas. O próprio Febo, ainda no alto de seu percurso, vos auxilia, contanto que não vos falte vontade; os astros emprestam poderosa influência ao meu plano, e o cão ardente de minha Erígone[74] espuma.

Ide, portanto, de boa vontade; ide para os lugares ocultos da terra. Depois vos atrairei para fora em canais transbordantes; as melhores dádivas de meu altar serão oferecidas em vossa honra, e afastarei as incursões noturnas dos desavergonhados de pés córneos e os raptos lascivos dos Faunos."

[697] Falou; um pálido definhamento pareceu cobrir-lhes o rosto, e a frescura úmida secou nos cabelos. Imediatamente uma sede flamejante exaure os campos ináquios. As correntes desapareceram; fontes e lagos estão ressequidos, e a lama queimada endurece nos leitos dos rios. Uma seca doentia pesa sobre o solo; as plantações do trigo ainda tenro se curvam. À margem, os rebanhos permanecem perplexos, e o gado procura inutilmente os rios em que se banhava.

Assim acontece quando o Nilo em refluxo se enterra em vastas cavernas e recolhe na foz as correntes vivificantes dos invernos orientais: os vales abandonados pela inundação fumegam, o Egito se abre em fendas e aguarda, ansioso, o rugido das águas de seu pai,[75] até que, vencido por muitas preces, ele dê alimento aos campos de Faros e produza um grande ano de colheitas.

[711] Está seca a culpada Lerna; secos o Lírcio e o grande Ínaco, o Caradro que rola pedras em sua corrente, o ousado Erasino que as margens jamais contêm e o Astérion semelhante a um mar ondulante. Muitas vezes ele foi ouvido em regiões altas sem caminhos; muitas vezes rompeu o repouso de pastores distantes. Somente Lângia – por ordem do deus – conserva suas águas no silêncio de uma sombra secreta.

Ainda o Arquemoro assassinado[76] não lhe trouxera renome doloroso, e nenhuma fama ainda alcançara a deusa; contudo, em recesso remoto, ela preserva a fonte e o bosque. Grande glória espera a ninfa, quando os esforçados certames dos príncipes aqueus e a festa quadrienal do luto honrarem a triste Hipsípile e o sagrado Ofeltes.[77]

[723] Já não têm forças para carregar escudos abrasados nem couraças ajustadas - com tamanha violência a sede de fogo[78] os queima. Não apenas as bocas e o caminho da garganta estão ressequidos: uma febre se enfurece por dentro, o coração bate pesadamente, as veias se tornam espessas e endurecidas, e o sangue corrompido adere aos tecidos secos. Então a terra quebradiça, queimada pelo sol, exala vapor ardente.

Nenhuma chuva de espuma cai da boca dos cavalos; as mandíbulas se fecham sobre freios secos e as línguas, presas às rédeas, pendem muito para fora. Não suportam o controle dos senhores, mas percorrem a planície, enlouquecidos pelo calor flamejante. Adrasto envia batedores para todos os lados, a fim de descobrir se ainda restam os lagos de Licímnio ou alguma água de Amimone; tudo, porém, jaz esvaziado por fogo invisível, e não existe esperança de umidade vinda do Olimpo. Parecia que atravessavam a Líbia amarela, as areias desertas da África e Siene, que nuvem alguma cobre.

[739] Por fim, vagando no bosque - pois assim o próprio Évio planejara -, veem de repente Hipsípile, bela em sua dor. Junto ao peito está Ofeltes, não filho dela, mas descendente malfadado do ináquio Licurgo;[79] os cabelos se encontram em desordem, a roupa é pobre, mas no rosto permanecem os sinais da linhagem real e uma dignidade que a sorte amarga não conseguiu esmagar.

Então Adrasto, tomado de reverência, dirige-lhe estas palavras: "Deusa, rainha dos bosques[80] - pois teu rosto e teu porte digno anunciam origem não mortal -, tu que sob esta abóbada de fogo és feliz por não precisar procurar água, socorre um povo vizinho. Quer o Arqueiro, quer a filha de Latona te tenha retirado de sua companhia casta e posto no leito nupcial; quer uma paixão nada humilde, mas vinda do alto, te haja tornado fecunda - pois o senhor dos deuses não é estrangeiro nos bosques de Argos -, contempla nossas fileiras aflitas.

Trouxe-nos até aqui a decisão de destruir pela espada a Tebas culpada, mas o destino sem glória desta seca cruel dobra nosso espírito e esgota as forças consumidas. Ajuda nossa fortuna vacilante, quer possuas algum rio turvo, quer um pântano estagnado: nesta situação nada pode ser considerado vergonhoso nem desprezível.

A ti suplicamos agora em lugar dos Ventos e do Júpiter chuvoso; devolve nossa força que se esvai e torna a encher os corações desfalecidos. Assim cresça sob astros favoráveis a criança confiada a teus cuidados! Basta que Júpiter nos conceda regressar: quão alto monte de despojos de guerra te será entregue! Com o sangue de numerosos rebanhos de Dirce te recompensarei, ó deusa, e um altar imenso marcará este bosque." Falou; mas o arquejo febril destrói-lhe as palavras ainda no meio da frase, e a língua seca gagueja com a passagem do sopro. Palidez semelhante domina todos os guerreiros, e o mesmo ofegar lhes afunda as faces.

[768] Com os olhos baixos, a lemniana responde: "Não sou deusa, na verdade, para poder ajudar-vos, embora minha origem venha do céu; oxalá minhas dores não ultrapassassem o que é mortal! Vedes-me alimentar um penhor confiado, eu mesma ama privada dos filhos. Se meus próprios meninos encontraram algum colo e seios que os amamentassem, o céu sabe - e, contudo, outrora tive um reino e um pai poderoso.

Mas por que falo assim e, enquanto estais exaustos, vos afasto das águas desejadas? Vinde agora comigo: talvez a corrente de Lângia ainda corra sem falhar, pois costuma fluir até sob o caminho do Caranguejo furioso, mesmo quando arde a pele eriçada da estrela de Icário."[81] Imediatamente, para não servir de guia tardia aos pelasgos, deposita na relva próxima a criança que se agarrava a ela - ai, pobre menino! Assim quiseram os Destinos - e, porque ele não desejava ser posto no chão, consola as belas lágrimas com flores amontoadas ao redor e murmúrios carinhosos. Assim a mãe berecíntia, quando manda os Curetes saltarem em dança agitada ao redor do pequeno Tonante: os címbalos se chocam em frenesi rival, mas o Ida ressoa com o choro forte da criança.

[786] O menino, deitado no colo da terra primaveril e profundo entre as ervas, ora rasteja com o rosto para a frente e esmaga a relva macia, ora, sedento de leite, chama em altos gritos a ama amada. Depois sorri e procura formar palavras que lutam com os lábios infantis; admira o ruído dos bosques, agarra tudo o que encontra, bebe o dia com a boca aberta e vagueia pela floresta, completamente ignorante de seus perigos, em despreocupação profunda.

Assim era o jovem Marte entre as neves odrísias; assim o menino alado nas alturas do Mênalo; assim o travesso Apolo quando rastejou pela praia de Ortígia[82] e a fez inclinar-se para um lado.

[797] Eles avançam pelos bosques jovens e por caminhos tortuosos e escuros, sob o verde sombreado. Uns se apertam ao redor da guia, outros se agrupam atrás, e alguns a ultrapassam.

No centro do grupo ela caminha com porte altivo e passo apressado. Já o vale ressoa alto quando se aproximam do rio, e o choque da água contra os rochedos atinge-lhes os ouvidos. Então, à frente da coluna, tal como estava, com o estandarte erguido para as tropas ágeis, Argos exulta e grita primeiro: "Água!" E das bocas dos guerreiros correu o longo brado: "Água!" Assim, junto às margens do mar ambrácio, ao comando do piloto, ergue-se o clamor dos marinheiros nos remos e, por sua vez, a terra atingida devolve o eco, quando Apolo[83] oferece Leucas à vista em resposta à saudação.

O exército se lançou no rio sem ordem nem distinção, chefes e soldados comuns. A sede igualadora não reconhece diferenças nas fileiras confusas. Cavalos presos aos carros, montarias com cavaleiros armados, todos entram em louca corrida. A corrente arrasta alguns; outros perdem o equilíbrio nas pedras escorregadias. Não sentem vergonha de pisotear os príncipes enquanto lutam contra as águas nem de mergulhar sob o rio o rosto de um amigo que pede socorro.

As ondas rugem, enquanto, longe da nascente, o rio é saqueado. Antes corria verde e transparente em águas mansas e luminosas; agora, desde o fundo do leito, torna-se turvo e imundo. As margens inclinadas e a vegetação arrancada misturam-se à corrente; embora a água esteja manchada e suja de lama e terra, e embora a sede já tenha sido saciada, continuam bebendo.

Poder-se-ia imaginar que exércitos combatiam, que uma batalha em campo aberto se travava no rio ou que vencedores saqueavam uma cidade conquistada. **[824]** Um dos príncipes, de pé no meio da corrente, exclamou: "Nemeia, de longe a mais nobre das florestas verdejantes, morada escolhida de Jove, nem mesmo nos trabalhos de Hércules foste mais cruel, quando ele estrangulou o pescoço peludo do monstro enfurecido e sufocou a respiração dentro dos membros inchados. Que te baste ter impedido até aqui a empresa de teus povos.

E tu,[84] a quem sol algum costuma vencer, ó rio cornudo, tão pródigo de águas inesgotáveis, corre em corrente favorável, de qualquer reservatório que libertes tuas fontes refrescantes, eternamente renovadas. O inverno grisalho não derrama para ti as neves armazenadas; o arco-íris não te oferece águas roubadas de outra fonte;[85] nem as nuvens de tempestade grávidas de Coro[86] te favorecem: fluis apenas de ti mesmo, e nenhum astro pode vencer-te ou destruir-te.

Não te superará Ládon, rio de Apolo, nem nenhum dos dois Xantos,[87] nem o ameaçador Esperqueu, nem o Licormas célebre pelo Centauro.[88] A ti celebrarei na paz, a ti sob a própria nuvem da guerra e no banquete festivo; sim, honrarei a ti logo depois do próprio Jove - contanto que recebas com benevolência nossas armas triunfantes, concedas novamente a acolhida de tuas águas aos guerreiros cansados e reconheças com favor o exército que um dia salvaste."

NOTAS AO LIVRO IV

1. A frase latina permite entender que Adrasto marchava apenas com a espada à cintura, sem vestir a armadura completa; alguns intérpretes entendem também que ele se contentava com uma pequena guarda pessoal.

2. Tírea era região disputada durante séculos por Argos e Esparta. A "safra de sangue espartano" alude às guerras futuras pelo território.

3. Adrasto governara Sícion antes de regressar ao trono de Argos, de onde fora afastado por conflitos dinásticos.

4. Provável alusão à loucura que Dioniso lançou sobre Licurgo, rei da Trácia, adversário do culto báquico.

5. Ino lamentou em Éfira, antigo nome de Corinto, o filho Palêmon. Cencreias era um dos portos de Corinto; a fonte aberta pelo casco de Pégaso é aqui associada à região coríntia.

6. Teseu nasceu em Trezena, na casa de sua mãe Etra e de seu avô Piteu, rei da cidade.

7. Referência à noite narrada no Livro I, quando Polinices e Tideo, ainda desconhecidos, lutaram diante do palácio de Adrasto e depois foram acolhidos como hóspedes.

8. Tideo já estava curado das feridas recebidas na emboscada tebana do Livro II.

9. As irmãs de Meleagro choraram tanto sua morte que Ártemis as transformou em aves chamadas meleágrides, provavelmente galinhas-d'angola.

10. Oleno, cidade etólia, tinha por herói epônimo um filho de Zeus. O verso compara essa pretensão ao monte Ida de Creta, que reivindicava ter abrigado o nascimento ou a infância de Júpiter.

11. O rio é o Aqueloo. Hércules quebrou-lhe um dos chifres em luta corporal pela mão de Dejanira.

12. "Dórica" significa aqui peloponésia, não exclusivamente proveniente da Dórida.

13. "Perseia" equivale a argiva, em referência a Perseu e à linhagem real de Argos.

14. Touro é o signo zodiacal associado às chuvas porque nele se localizavam as Híades.

15. Ínaco era pai de Io, amada por Júpiter. "Jove" também pode significar poeticamente a chuva que incha o rio.

16. Henna, na Sicília, era célebre pelo rapto de Prosérpina; por isso aparece ligada a Ceres.

17. Dânao ordenou às cinquenta filhas que matassem os maridos na noite de núpcias. O escudo de Hipomedonte representa os aposentos e o massacre.

18. Na acrópole de Argos havia um templo de Atena ou Palas.

19. Hileu era um Centauro; a expressão "biforme" recorda seu corpo metade humano, metade equino.

20. O deus próprio de Tirinto é Hércules, criado ou especialmente venerado nessa cidade.

21. O monte Eta foi o lugar da morte e apoteose de Hércules.

22. Molorco hospedou Hércules na cabana antes da luta contra o leão de Nemeia.

23. O Sátiro é Mársias, que desafiou Apolo em competição musical, foi vencido, suspenso numa árvore e esfolado. Celenas, na Frígia, era o cenário tradicional do episódio.

24. O deus árcade é Mercúrio, tradicionalmente ligado à Arcádia e à educação atlética e guerreira.

25. O penacho "ledeu" é feito de penas de cisne, ave associada a Leda.

26. Enômao obrigava os pretendentes da filha Hipodâmia a disputar uma corrida de carros e matava os vencidos. Pélope finalmente o derrotou e matou.

27. "Parrásias" significa árcades; Parrásia era região da Arcádia.

28. A mãe de Partenopeu é Atalanta, companheira de Diana e célebre caçadora.

29. "Dicteias" significa cretenses. Creta era famosa pela fabricação e pelo uso de arcos e flechas.

30. A passagem é textualmente discutida; os "cordões ibéricos" podem designar tiras decorativas ou aludir a uma couraça de aço ajustada sobre a veste.

31. Os árcades eram considerados o povo mais antigo da Grécia, "anteriores à Lua", e algumas tradições os faziam nascer de pedras ou árvores.

32. Ládon era pai de Dafne, amada por Apolo; por isso o rio quase se tornou sogro do deus.

33. Feneu possuía um lago e canais subterrâneos que a imaginação antiga ligava ao mundo dos mortos e à nascente da Estige.

34. Azânia rivalizava com as cerimônias ruidosas do monte Ida porque também cultuava Cibele, acompanhada de tambores e gritos.

35. Júpiter assumiu a forma de Diana, armada de aljava, para aproximar-se de Calisto; o disfarce tornou-se motivo de riso para os Amores.

36. Alusão ao instrumento de bronze com que Hércules espantou as aves do lago Estínfalo.

37. A ursa licaônia recorda Calisto, filha de Licáon, transformada em ursa e depois colocada entre as constelações.

38. Micenas vivia então o conflito de Atreu e Tiestes: o banquete em que Atreu serviu ao irmão os próprios filhos e o recuo do Sol diante do horror.

39. A censura de Atalanta retoma a tradição segundo a qual os árcades haviam nascido de rochas e carvalhos.

40. "Tírias" e "ogígias" são designações poéticas das muralhas e da região de Tebas, fundada pelo fenício Cadmo.

41. A "rainha da dança florestal" é a chefe das bacantes tebanas, possuída pelo delírio profético de Baco.

42. Nisa era um dos lugares associados ao nascimento ou à criação de Baco; algumas tradições a situavam na Índia, outras no Citéron.

43. Licurgo, rei da Trácia, perseguiu Baco e tentou destruir as vinhas introduzidas pelo deus.

44. A Tétis vermelha indica o mar oriental, especialmente o golfo Pérsico, conhecido pelos antigos como parte do mar Vermelho.

45. As armas nacionais de Tebas que honram Baco são sobretudo os tirsos e demais objetos do culto báquico.

46. A construção latina liga "prepara" tanto aos ritos do Letes quanto à evocação de Laio, o rei morto.

47. A "chuva ática" é o mel, produto célebre do monte Himeto, na Ática.

48. Plutão é o mais cruel dos três irmãos: Júpiter recebeu o céu, Netuno o mar e ele o mundo subterrâneo.

49. A filha de Perses é Hécate. O árcade de vara poderosa é Mercúrio, condutor das almas.

50. Tirésias afirma que, ao contrário das feiticeiras criminosas, não viola cadáveres nem pratica necromancia cruel para obrigar os mortos.

51. O "alto senhor do mundo tríplice" é uma potência misteriosa, talvez o criador supremo invocado em fórmulas mágicas. O próprio texto insiste que seu nome não deve ser conhecido ou pronunciado.

52. A "Juno estígia" é Prosérpina, esposa de Plutão e rainha do mundo inferior.

53. O juiz de Gortina é Minos, rei cretense tornado juiz dos mortos.

54. A comparação reúne Medeia, princesa da Cólquida, e Circe, feiticeira da ilha Eéia, ambas célebres por encantamentos e metamorfoses.

55. A filha de Citereia é Harmonia, filha de Vênus e esposa de Cadmo. Ao fim da vida, ambos foram transformados em serpentes.

56. Autônoe era mãe de Actéon; Ino, Sêmele e Agave também eram filhas de Cadmo.

57. Lico foi rei de Tebas e morreu pelas mãos de Hércules.

58. O filho de Éolo é Atamante, que, enlouquecido, matou o filho Learco e carregou-lhe o cadáver.

59. O filho de Aristeu é Actéon, transformado em cervo e devorado pelos próprios cães.

60. A Tantálida é Níobe, filha de Tântalo, cujos filhos foram mortos por Apolo e Diana depois de ela desafiar Latona.

61. Pélope foi esquartejado e servido aos deuses por Tântalo. Reconstituído, recebeu um ombro de marfim no lugar da parte consumida.

62. São os cinquenta guerreiros enviados por Etéocles para emboscar Tideo e mortos por ele no Livro II.

63. O sangue sacrificial devolveria vigor e voz às sombras. No episódio, Laio é quem efetivamente bebe e recupera cor nas faces.

64. Laio já fora trazido do mundo inferior por Mercúrio no início do Livro II, para aparecer em sonho a Etéocles; depois regressou ao Averno.

65. Aquele contra quem Laio se enfurece é Édipo, seu filho e assassino.

66. Ao beber o sangue, Laio adquire por alguns instantes aparência viva, com as faces novamente coradas.

67. Os "filhos de Lerna" são os argivos, habitantes da região de Argos.

68. O oráculo anuncia Anfiarau engolido pela terra, Capaneu fulminado, a morte dos demais chefes e a posterior proibição de sepultar os argivos vencidos.

69. Icário, ateniense, aprendeu de Baco o cultivo da vinha; por isso a sombra da videira é chamada "icária".

70. As bacantes são aqui denominadas Mimálones, nome poético das mulheres possuídas pelo furor báquico.

71. Baco se refere à mãe Sêmele, consumida pelo raio de Júpiter durante a gestação. Tebas é chamada "inofensiva" ou "inerte" porque ainda não se preparara para a batalha.

72. A parelha hircaniana é formada por tigres, animais associados à Hircânia, região ao sul do mar Cáspio, e tradicionalmente ligados ao carro de Baco.

73. Os bosques "deixam o céu penetrar" porque o calor do meio-dia atravessa e rarefaz sua sombra.

74. O cão de Erígone é Mera, transformada na estrela Cão, isto é, Sírio, cujo aparecimento marcava o calor mais intenso do verão.

75. O Nilo é chamado pai do Egito porque suas cheias fertilizavam e alimentavam a terra.

76. Arquemoro, "princípio da desgraça", é o nome profético dado ao pequeno Ofeltes depois de sua morte.

77. Os jogos nemeus serão instituídos pelos chefes em honra de Ofeltes. A festa, celebrada periodicamente, conservará a memória de Hipsípile e da criança.

78. A descrição da sede retoma e amplia motivos já utilizados por Estácio no Livro III e que voltarão no Livro VI.

79. Licurgo era rei de Nemeia; Hipsípile, filha do rei Toante de Lemnos, servia como ama do pequeno Ofeltes.

80. Adrasto toma Hipsípile por Diana ou por alguma divindade dos bosques, devido ao porte e à beleza régia.

81. A "estrela de Icário" é Sírio, o Cão, associado a Erígone e ao calor canicular; o Caranguejo é o signo de Câncer.

82. Ortígia é Delos, ilha que, segundo o mito, flutuava até receber Latona para o nascimento de Apolo e Diana.

83. Referência ao templo de Apolo em Áccio, perto de Leucas, no golfo de Ambrácia; os marinheiros saudavam o santuário ao avistar a ilha.

84. Neste ponto o rio Lângia é tratado como divindade masculina, distinta da ninfa da fonte.

85. A imagem pressupõe que o arco-íris suga água de outras fontes e a transporta; Estácio nega que Lângia dependa desse suprimento.

86. Coro é o vento noroeste, frequentemente associado a tempestades e nuvens carregadas.

87. Há dois rios chamados Xanto: um na Tróade e outro na Lícia.

88. Licormas era antigo nome do rio Eveno, na Etólia, onde o Centauro Nesso atuava como barqueiro; daí a fama "centáurea".

LIVRO V

[1] O rio aplacara-lhes a sede, e o exército, depois de devastar as profundezas da água, deixava as margens e a corrente diminuída. Mais vivaz, o cavalo a galope varre agora a planície; a infantaria, exultante, derrama-se pelos campos, de novo animada pela coragem, pela esperança e pelo ardor guerreiro, como se das fontes ensanguentadas tivesse bebido o fogo do combate e uma alta resolução para a luta.

Reordenados em esquadrões e submetidos outra vez à severa disciplina das fileiras, recebem ordem de retomar a marcha, cada qual no lugar de antes e sob o mesmo chefe. Já o primeiro pó se levanta da terra, e as armas reluzem entre as árvores.

Assim bandos de aves estridentes, os grous,[1] surpreendidos pelo verão do Egito, atravessam o mar desde o Nilo paretônio,[2] para onde o inverno feroz os impelira. Voam como uma sombra sobre mar e terra, e o clamor lhes segue, enchendo o céu sem caminhos. Em breve terão prazer em enfrentar o vento norte e a chuva, em nadar nos rios degelados e passar os dias de verão sobre o Hemo despido.

[17] Então o filho de Tálau, novamente cercado por um grupo de chefes iguais em dignidade, deteve-se por acaso sob um velho freixo e, apoiando-se na lança de Polinices, que estava ao lado, assim falou: "Dize-nos, quem quer que sejas, a ti a quem - tamanha é tua glória - o destino fez nossas inúmeras coortes deverem a vida, honra que nem o próprio pai dos deuses desprezaria;[3] dize-nos, agora que nos afastamos depressa de tuas águas, qual é tua casa e tua pátria, sob que estrelas recebeste a vida,[4] e quem era aquele pai de que falaste. O céu não parece distante de tua origem, embora a Fortuna te tenha traído: uma nobreza maior se revela em teu semblante, e mesmo na aflição tua face respira majestade."

[28] A mulher de Lemnos suspirou; depois de se deter por algum tempo, vencida por lágrimas pudicas, respondeu: "Profundas são as feridas, ó príncipe, que me ordenas reabrir: a história de Lemnos e de suas Fúrias, dos assassinatos cometidos no próprio abraço do leito e da espada vergonhosa pela qual pereceram todos os nossos homens. Ah, o crime volta a mim, o Horror gelado apodera-se de meu coração! Infelizes aquelas sobre quem caiu tal delírio! Ai daquela noite! Ai de meu pai! Pois eu sou - para que não vos envergonheis da mulher que vos serviu com bondade - aquela, ó chefes, que, única entre todas, roubou o próprio pai à morte e o ocultou.

Mas por que teço tão longo prelúdio para minhas desgraças? A guerra vos chama, e também a elevada empresa de vossos corações. Basta-vos saber isto: sou Hipsípile, filha do célebre Toante, e escrava cativa de vosso Licurgo."

[40] Então a escutaram com atenção redobrada; ela lhes pareceu mais nobre, digna de honra e igual a tão grande feito. Todos desejaram conhecer-lhe a história, e Adrasto, o primeiro, insistiu: "Sim, enquanto dispomos em longa ordem as colunas da vanguarda - pois Nemeia, cercada de bosques e sombras enredadas, não permite facilmente que um vasto exército se desembarace -, conta-nos o crime, teu ato digno de louvor, as desventuras de teu povo e como, expulsa do reino, chegaste a esta servidão."

[48] É agradável aos infelizes falar e recordar as dores de outrora. Assim ela começa: "Cercada pelas ondas de Nereu Egeu, encontra-se Lemnos,[5] onde Mulcíber[6] recobra o fôlego dos trabalhos da ardente Etna; o vizinho Atos cobre a terra com sua imensa sombra e escurece o mar com a imagem de seus bosques; em frente lavram os trácios, os mesmos de cujas praias nos vieram o pecado e a ruína.

Rica e populosa era nossa terra, não menos famosa que Samos, que a ressoante Delos ou que as incontáveis ilhas contra as quais Egeão se desfaz em espuma.[7] Foi vontade dos deuses confundir nossos lares; mas nossos próprios corações não estavam livres de culpa: não acendíamos fogos sagrados para Vênus, e a deusa não possuía templo algum entre nós.[8] Até os ânimos celestes, por fim, se movem ao ressentimento; lentos, porém infalíveis, aproximam-se os poderes vingadores.

[61] "Ela, deixando a antiga Pafos e seus cem santuários, com o rosto e os cabelos já diversos do costume,[9] soltou, segundo se conta, o cinturão que seduz ao amor e expulsou para longe as pombas do Ida.

Algumas mulheres afirmavam ter visto a deusa, armada de outras tochas e de armas mais funestas, percorrer os aposentos nupciais nas trevas da meia-noite, acompanhada pelas irmãs do Tártaro; diziam que enchera de serpentes enroscadas todos os esconderijos e de terrível assombro os limiares conjugais, sem piedade alguma pelo povo de seu esposo fiel.

Logo fugistes de Lemnos, ternos Amores. Himeneu emudeceu e voltou para a terra sua tocha; um frio abandono caiu sobre o leito legítimo: já não havia retorno noturno da alegria nem sono no abraço amado; por toda parte reinavam o Ódio amargo, o Delírio e a Discórdia, que separava os companheiros do leito.[10] Os homens, de fato, empenhavam-se em derrubar os trácios arrogantes além do estreito e subjugar em guerra aquela raça feroz.

Desprezando a casa e os filhos que permaneciam na praia, era-lhes mais doce suportar os invernos edônios e os ataques do frio Bóreas,[11] ou, quando enfim uma noite tranquila sucedia ao dia de batalha, ouvir de súbito a torrente montanhosa desabar com fragor. As mulheres - pois eu, naquele tempo, estava protegida pela despreocupada virgindade e pelos tenros anos -, tristes e enfermas

de coração, procuravam dia e noite o consolo lacrimoso da conversa, ou contemplavam, além do mar, a cruel Trácia.

[85] "O Sol, no meio de seu curso, sustinha o carro brilhante no alto Olimpo, como se houvesse parado. Quatro vezes trovejou o céu sereno; quatro vezes as cavernas fumegantes do deus abriram seus cimos ofegantes;[12] e Egeão, embora os ventos estivessem imóveis, agitou-se e lançou contra as praias um mar imenso. Então, de súbito, a velha Polixo[13] foi arrebatada por um delírio terrível e, abandonando contra o costume seus aposentos, lançou-se para fora.

Como uma Tíade de Teumeso enlouquecida pelo deus, quando os ritos sagrados a chamam, a flauta de buxo do Ida lhe inflama o sangue e a voz de Evoé ressoa nos montes elevados,[14] assim ela, com a cabeça erguida e os olhos injetados que tremiam, percorre a cidade deserta, clamando furiosamente; bate às portas fechadas e aos umbrais, convocando-nos para um conselho. Seus filhos, agarrados a ela, formavam-lhe um séquito lamentável.

Com igual avidez, todas as mulheres irrompem das casas e correm para a cidadela de Palas, no alto da colina. Para ali nos precipitamos em ânsia febril e nos amontoamos sem ordem.

[102] "Então, com a espada desembainhada, ela impõe silêncio e, instigando-nos ao crime, ousa falar assim entre nós: 'Inspirada pelo céu e por nossa justa ira, ó viúvas de Lemnos - revesti de aço vossa coragem e esquecei que sois mulheres! -, ouso defender uma decisão desesperada.

Se estais cansadas de contemplar casas para sempre desertas, de ver a flor de vossa beleza definhar e murchar em longos anos estéreis de lágrimas, encontrei um caminho - eu vos prometo, e as Potências estão conosco! - para restaurar o encanto do Amor; apenas mostrai coragem igual às vossas dores e, antes de tudo, dai-me garantia dela.

Já três invernos embranqueceram. Qual de nós conheceu os vínculos do matrimônio ou as honras secretas do quarto nupcial? Que peito ardeu com o amor conjugal? A quem Lucina viu sofrer as dores do parto?[15] Em que ventre palpita a esperança madura, quando se aproximam os meses devidos? E, no entanto, até às feras e às aves é permitido unir-se segundo a própria natureza.

Ah, como somos indolentes! Um pai grego pôde entregar armas vingadoras às filhas e, com alegria traiçoeira, ensopar de sangue o sono descuidado dos noivos;[16] e nós seremos apenas uma multidão sem espírito? Ou, se preferis exemplos mais próximos de nossa terra, que a esposa trácia nos ensine a coragem: ela vingou com as próprias mãos seu casamento e serviu ao esposo o banquete horrendo.[17]

Não vos incito estando eu mesma livre de culpa ou de cuidados: cheia está minha casa, e imenso é - vede! - o combate que me espera. Eis estes quatro juntos, orgulho e consolo do pai; ainda que tentem deter-me com abraços e lágrimas, aqui mesmo, contra meu peito, eu os atravessarei com a espada, reunirei os irmãos num só monte de feridas e sangue e colocarei o cadáver do pai

sobre seus corpos ainda palpitantes! Qual de vós me promete ânimo para tamanha carnificina?'

[130] "Ainda mais ela dizia, quando, ao longe, no mar, brilharam velas brancas: era a frota de Lemnos. Exultante, Polixo aproveita a ocasião e torna a gritar: 'Os próprios deuses nos convidam; haveremos de falhar-lhes? Vede, ali estão as naus! O céu, o céu vingador, conduz os homens ao encontro de nossa ira e favorece nossa decisão.

Não foi vã a visão de meu sono: Vênus, com a espada nua, postou-se diante de mim enquanto eu dormia, claramente visível, e exclamou: "Por que desperdiçais a vida? Ide, purificai vossos quartos dos maridos que perderam o amor! Eu mesma vos acenderei outras tochas e vos unirei em núpcias mais dignas." Falou e depôs esta espada - esta mesma, acreditai - sobre meu leito. Aproveitai, infelizes, enquanto ainda há tempo para agir.

Vede! As águas se revolvem e espumam sob os braços vigorosos dos remadores; talvez tragam consigo noivas trácias!'

[143] "A essas palavras todas chegam ao extremo da exaltação, e um clamor imenso sobe ao céu. Dir-se-ia a Cítia fervilhando sob escudos tumultuosos, quando o Pai solta as rédeas ao conflito armado e abre de par em par as portas da Guerra selvagem.

O tumulto não continha vozes diversas, nem a discordância o dividia em facções opostas, como costuma acontecer à multidão. Um só delírio, uma só intenção inspirava a todas: devastar os próprios lares, cortar o fio da vida de jovens e velhos, esmagar crianças contra os peitos cheios de leite e percorrer com a espada todas as idades.

Então, num bosque verde - bosque que escurece a terra junto à alta colina de Minerva, negro por si mesmo, enquanto acima dele o monte se eleva imenso e a luz do sol perece numa noite duplicada -, empenharam solenemente a palavra. Tu foste testemunha, ó Ênio marcial, e tu, Ceres do mundo subterrâneo;[18] as deusas estígias responderam às preces. Invisível, porém, Vênus estava em toda parte entre elas: Vênus armada, Vênus incendiando a cólera.

Inusitado foi o sangue inaugural: a esposa de Cárops ofereceu o próprio filho. As mulheres se cingiram e imediatamente estenderam, ávidas, as destras; com a espada mutilaram o peito espantado do jovem e, em alegria sacrílega, juraram juntas sobre o sangue vivo, enquanto o novo fantasma ainda pairava em torno da mãe.

Que horror feriu meus membros quando vi espetáculo tão monstruoso! Que cor me ficou nas faces! Assim uma corça, cercada por lobos ferozes, já sem força no peito delicado e com pouca confiança na rapidez dos pés, lança-se numa fuga aterrorizada; a cada instante julga-se presa e ouve atrás de si o estalar das mandíbulas frustradas.

[170] "Eles chegaram; as quilhas já rangiam na orla da praia, e os homens saltavam à terra, disputando entre si a primazia.

Infelizes! Nem sua rude bravura sob o Marte odrísio os destruíra, nem a fúria do mar que os separava de nós.[19] Agora enchiam de incenso fumegante os altos santuários dos deuses e arrastavam as vítimas prometidas; mas a chama estava sombria em todos os altares, e em víscera alguma respirava o deus com todos os sinais intactos.[20] Lentamente Júpiter fez descer a noite do Olimpo úmido e, por benigna compaixão, creio, retardou a rotação do céu e susteve os destinos. Jamais, depois de concluído o curso do Sol, as sombras novas demoraram tanto a chegar.

Por fim as estrelas tardias brilharam no céu; mas sua luz caiu sobre Paros, sobre a arborizada Tasos e sobre as incontáveis Cíclades. Somente Lemnos jazia sob o manto espesso e sombrio de um céu pesado; nevoeiros lúgubres desciam sobre a ilha, e acima dela se tecia um cinturão de noite. Somente Lemnos desaparecera aos olhos dos marinheiros errantes.

Já os homens, saindo em torrentes das casas e atravessando a sombra dos bosques sagrados, entregavam-se a banquetes luxuosos, esvaziavam enormes taças de ouro cheias de vinho e narravam sem pressa as batalhas junto ao Estrímon, o suor da guerra no Ródope ou no Hemo congelado.

E mais: suas esposas, companheiras contra a natureza, reclinavam-se entre coroas e mesas festivas, cada qual em seus melhores trajes. Naquela última noite, Citereia tornara os maridos propícios às mulheres, concedera-lhes, depois de tão longo tempo, um breve momento de felicidade ilusória e soprara nos condenados uma paixão prestes a morrer.

[195] "Os coros emudeceram; encerrou-se o banquete e o jogo amoroso; à medida que a noite se aprofundava, os ruídos se extinguiam. Então o Sono, envolto na escuridão de seu irmão Morte e gotejante de orvalho estígio,[21] abraçou a cidade destinada à ruína, verteu de seu chifre implacável um torpor pesado e marcou os homens para o sacrifício. Esposas e filhas permaneciam despertas para o crime, e alegremente as Irmãs afiavam as armas ferozes. Lançam-se à obra horrenda: no peito de cada uma reinava sua Fúria.

Não de outro modo, nas planícies citas, um rebanho é cercado por leoas da Hircânia, quando a fome as expulsa ao nascer do sol e filhotes vorazes imploram leite às tetas. Entre mil formas do crime, hesito sobre qual acontecimento te contar.

[207] "A audaz Gorge permanece de pé sobre Élimo, ainda coroado, que, estendido sobre almofadas empilhadas, expira no sono os vapores crescentes do vinho. Ela procura, entre as vestes em desordem, o lugar do golpe mortal; mas o sono de mau agouro foge dele diante da morte que se aproxima. Confuso e meio desperto, ele abraça a inimiga; ela, presa em seus braços, atravessa-lhe imediatamente o flanco por trás, até que a ponta toca seu próprio peito.

Ali enfim o crime encontrou termo. A cabeça dele cai para trás; contudo, com os olhos ainda trêmulos e murmurando palavras de carinho, procura Gorge e não desprende os braços de seu pescoço indigno.

Não contarei agora a matança da multidão, por mais cruel que fosse; recordarei as desgraças de minha própria casa. Vi-te, Cídon de cabelos louros, e a ti, Creneu, com a cabeleira nunca cortada caindo sobre os ombros - meus irmãos de criação, filhos de outro pai -, e vi também o valente Gias, meu prometido, diante de quem eu tremia, todos abatidos pela sanguinária Mirmídone; vi a mãe feroz atravessar Epopeu enquanto ele brincava entre coroas e leitos.

Licasta, depois de lançar longe a arma, chora sobre Cídimo, irmão da mesma idade; contempla, ai!, o corpo condenado, a face tão semelhante à sua, a flor das faces e os cabelos que ela mesma adornara de ouro. Então sua mãe cruel, já tendo assassinado o esposo, ergue-se acima dela; com ameaças, força-a ao crime e põe-lhe a espada nas mãos.

Como uma fera que, sob um dono indulgente, desaprendeu a própria raiva e demora a atacar, recusando-se, apesar dos aguilhões e dos golpes repetidos, a retomar o temperamento natural, assim ela cai sobre o irmão estendido; curvada sobre ele, recolhe no peito o sangue que jorra e estanca as feridas recentes com os cabelos arrancados.

[236] "Mas quando vi Alcímede carregando a cabeça do pai, ainda murmurante, e a espada sem sangue, meus cabelos se eriçaram e um tremor feroz percorreu-me o corpo: julguei ver meu Toante e minha própria mão terrível. Imediatamente, em agonia, corri aos aposentos de meu pai. Havia muito ele se perguntava - pois que sono existe para quem suporta o peso do reino? -, embora nossa ampla morada ficasse apartada da cidade, que tumulto era aquele, que ruídos enchiam a noite e por que as horas de descanso clamavam.

Contei-lhe confusamente o crime, o agravo das mulheres e a origem de sua ira apaixonada. "Força alguma pode deter-lhes o delírio; segue por este caminho, infeliz. Elas nos perseguem e, se demorarmos, estarão sobre nós; talvez morramos juntos." Alarmado por minhas palavras, ele saltou do leito.

Apressamo-nos por caminhos tortuosos da vasta cidade e, cobertos por um véu de névoa, contemplamos por toda parte enormes montes da carnificina noturna, onde quer que a escuridão cruel tivesse prostrado os homens através dos bosques sagrados.

Ali se viam rostos comprimidos contra os leitos, cabos de espadas saindo de peitos abertos, fragmentos quebrados de grandes lanças e corpos cujas vestes estavam cortadas e rasgadas; crateras tombadas e banquetes flutuando em sangue; vinho e sangue misturados, correndo em torrente desde gargantas abertas e voltando às taças.

Aqui jazia um grupo de jovens; ali, velhos que violência alguma deveria profanar; crianças meio mortas tinham sido lançadas sobre o rosto dos pais que gemiam e expiravam suas almas trêmulas no próprio limiar da vida. Não são mais ferozes os festins dos Lápitas no Ossa gelado, quando os filhos das nuvens, os Centauros,[22] se inflamam com o vinho bebido em excesso: mal a primeira palidez da ira os domina, derrubam as mesas e se levantam para a luta.

[265] "Então, pela primeira vez, Tioneu[23] se revelou sob a proteção da noite em meio à nossa aflição, socorrendo seu filho Toante na hora extrema, e brilhou numa chama repentina.

Eu o reconheci. Contudo, não cingia coroas às têmporas túmidas, nem uvas amarelas lhe adornavam os cabelos: uma nuvem o envolvia e de seus olhos caía uma chuva irada, enquanto nos dizia: "Enquanto os destinos te permitiram, meu filho, conservar Lemnos poderosa e ainda temida pelos povos estrangeiros, nunca deixei de auxiliar teus trabalhos justos. As Parcas severas cortaram os fios inexoráveis, e nem minhas preces nem minhas lágrimas, derramadas em súplica vã diante de Jove, conseguiram afastar esta calamidade: à filha ele concedeu uma honra indizível.[24] Apressai-vos, portanto, na fuga. E tu, ó donzela, descendente digna de minha estirpe, conduz teu pai por este caminho, onde os dois braços da muralha se aproximam do mar. Naquela porta, onde julgas haver tranquilidade, está Vênus em disposição funesta, ajudando as enlouquecidas. De onde veio à deusa tamanha violência, tamanho coração de Marte? Confia teu pai ao vasto oceano; eu tomarei sobre mim teus cuidados."

[284] "Assim falando, ele tornou a desaparecer no ar e, porque as sombras impediam nossa visão, iluminou benignamente o caminho com um longo rastro de fogo. Segui o sinal e, pouco depois, entreguei meu pai, oculto nas traves curvas de uma embarcação, aos deuses do mar, aos ventos e a Egeão, que encerra as Cíclades em seu abraço. Não teríamos posto termo ao nosso lamento recíproco, se Lúcifer já não estivesse expulsando as estrelas do polo oriental.[25]

Somente então abandonei a praia ressonante, mergulhada em temor e mal confiando na promessa de Lieio;[26] meus passos eram firmes, mas pensamentos ansiosos voltavam-se para trás. Eu não descansava: de cada colina precisava observar os ventos que se erguiam no céu e as ondas do oceano.

[296] "O dia nasce envergonhado. Titã, abrindo o céu à visão, desvia de Lemnos os raios e oculta o carro afastado atrás de uma barreira de nuvens. Os crimes furiosos da noite ficaram expostos, e os novos terrores do dia trouxeram súbita vergonha a todas, embora todas houvessem participado; enterram na terra os crimes ímpios ou os consomem em fogueiras apressadas.

A turba das Fúrias e Vênus, plenamente saciadas, já haviam fugido da cidade golpeada. Agora as mulheres podiam compreender o que ousaram; agora rasgavam os cabelos e banhavam os olhos em lágrimas. Aquela ilha abençoada em terras e riquezas, em armas e heróis, famosa pela situação e enriquecida havia pouco por uma vitória geta,[27] perdeu de uma só vez todo o seu povo, não por invasão do mar ou do inimigo, nem por golpe do céu: ficou órfã e devastada até o fim.

Homem algum restava para lavrar os campos ou cortar as ondas; silenciosas estavam as casas, mergulhadas em sangue e avermelhadas pelo coágulo espesso. Somente nós permanecíamos naquela grande cidade: nós e os fantasmas que silvavam ferozmente em torno de nossos telhados.

Também eu ergui, no pátio interior de minha casa, uma alta pira em chamas e sobre ela lancei o cetro de meu pai, suas armas e as conhecidas vestes reais. Tristemente permaneci junto ao tumulto flamejante da fogueira, com a espada manchada de sangue; lamentei o crime fingido e as exéquias vazias, temendo que suspeitassem de mim, e roguei que o presságio não trouxesse mal algum a meu pai e que, graças a ele, fossem vãos meus temores incertos de morte.[28]

[320] "Por esses méritos - pois o artifício de meu crime simulado encontrou crédito -, deram-me o trono e o reino de meu pai: castigo verdadeiro! Poderia eu recusar a pressão insistente? Cedi, depois de invocar repetidas vezes o céu como testemunha de minha inocência e de pedir-lhe proteção. Sucedi - ah, soberania horrenda! - à pálida imagem do poder e a uma Lemnos triste, privada de seu senhor.

Cada vez mais elas se contorciam em angústia sem sono; já lamentavam abertamente e, pouco a pouco, passaram a odiar Polixo. Agora lhes era permitido recordar o crime, erguer altares aos mortos e conjurar com muitas preces as cinzas sepultadas.

Assim, quando novilhas aterrorizadas contemplam com horror o chefe e pai do rebanho - senhor das pastagens e glória da manada adulta - mutilado pelo inimigo massílio, o leão,[29] o gado, sem guia e abatido, se dispersa; os próprios campos e rios, junto dos animais mudos, lamentam o soberano morto.

[335] "Mas eis que, fendendo as águas com proa de bronze, aproxima-se a nau construída com o pinheiro do Pélion, estrangeira naquele vasto mar ainda não tentado: os Mínias compõem sua tripulação.[30] Uma dupla onda espumante corre branca ao longo de seus costados elevados; dir-se-ia Ortígia arrancada das raízes e em movimento, ou um monte separado navegando pelo oceano.[31] Quando os remos permaneceram suspensos no ar e as águas emudeceram, veio do meio da embarcação uma voz mais doce que a dos cisnes moribundos ou que a pena de Febo, e os próprios mares se aproximaram da nau.

Depois soubemos que era Orfeu, filho de Eagro, que, apoiado no mastro, cantava assim entre os remadores e lhes fazia esquecer tamanhas fadigas. Viajavam para o Bóreas cita e para a entrada do mar jamais atravessado, guardada pelas rochas Cianeias.[32] Ao vê-los, julgamos que fossem inimigos trácios e corremos às casas em selvagem confusão, como gado que se comprime ou aves em revoada.

Ai! Onde estava então nosso delírio? Guarnecemos o porto, as muralhas que abraçam a costa e permitem longa vista sobre o mar aberto, e as torres elevadas. Para ali, em pressa agitada, levam pedras, estacas, armas que choravam seus antigos senhores e espadas manchadas de assassinato. Não se envergonham de vestir rígidas couraças tecidas e ajustar elmos aos rostos delicados; Palas corou e admirou a formação audaciosa, e Gradivo riu nas distantes encostas do Hemo.[33]

Então, pela primeira vez, o delírio precipitado abandonou nossas mentes. Já não nos parecia uma simples nau no mar salgado, mas a justiça tardia dos deuses e a vingança por nossos crimes que se aproximavam sobre o oceano.

[361] "Já estavam a uma distância da terra igual ao alcance de uma flecha gortínia,[34] quando Júpiter trouxe uma nuvem carregada de chuva negra e a colocou sobre o próprio cordame da nau pelasga. As águas estremeceram; toda a luz do Sol foi roubada ao dia,[35] a escuridão engrossou e as ondas assumiram imediatamente sua cor. Ventos em guerra dilaceravam as nuvens ocas e rasgavam o mar; a areia molhada subia em redemoinhos negros, e todo o oceano parecia suspenso entre o conflito das rajadas. Uma crista arqueada, quase tocando as estrelas, desabava estilhaçada. A nau aturdida já não conservava o movimento anterior, mas oscilava de um lado para outro, enquanto o Tritão da proa ora emergia das profundezas, ora era levado às alturas do ar.

Nada valia a força dos heróis semidivinos. O mastro enlouquecido fazia o navio balançar e vergar; caindo para a frente sob o peso desmedido, golpeava as ondas arqueadas, e os remos tombavam inutilmente sobre o peito dos remadores.

[376] "Também nós, do alto dos rochedos e de cada baluarte murado, enquanto eles assim lutavam e se enfureciam contra o mar e os ventos austrais, lançávamos com braços frágeis projéteis vacilantes - que crime não ousamos? - sobre Télamon e Peleu, e contra o próprio herói de Tirinto curvávamos o arco. Eles, pressionados ao mesmo tempo pela tempestade e pelo inimigo, faziam de escudos uma muralha em torno da nau;[36] outros esvaziavam a água do porão; outros combatiam, mas o movimento lhes tornava os corpos inúteis, e não havia força em seus golpes cambaleantes.

Arremessávamos os dardos com maior fúria, e a chuva de ferro rivalizava com a tempestade. Enormes estacas, fragmentos de mós, lanças e projéteis que arrastavam cabeleiras de fogo caíam ora no mar, ora sobre a embarcação; o convés ressoava, e as vigas gemiam quando se abriam fendas escancaradas.

Assim Júpiter açoita os campos verdes com a neve hiperbórea: feras de toda espécie perecem nas planícies, aves são alcançadas e caem mortas, a colheita é crestada por geada prematura; então há trovões nas montanhas e fúria nos rios.

Mas quando, do alto, Jove lançou o raio, fazendo nuvem chocar-se contra nuvem, e o clarão revelou as formas imensas dos navegantes, nossos corações gelaram. Os braços tremeram e deixaram cair as armas contra a natureza; nosso verdadeiro sexo tornou a dominar-nos.

[398] "Vimos os filhos de Éaco e Anceu ameaçando poderosamente nossas muralhas; Ífito, com longa lança, desviava os rochedos. Entre o grupo desesperado, via-se claramente o filho de Anfitrião, mais alto que todos; ora de um lado, ora do outro, inclinava a nau sob seu peso e ardia de desejo de lançar-se no meio das ondas.[37]

Jasão - eu ainda não o conhecia para minha desgraça -, saltando com agilidade por cima de bancos e remos e pisando o dorso dos heróis, chamava ora

o grande Enida, ora Idas e Tálau, ora o filho de Tíndaro, gotejante da espuma branca do mar, e Cálai, que voava alto entre as nuvens de seu pai gelado para prender as velas ao mastro; com a voz e os gestos, animava-os repetidamente.[38]

Com remadas vigorosas, açoitam o mar e fazem tremer as muralhas; mas as águas espumantes não cedem, e as lanças arremessadas ricocheteiam em nossas torres.

O próprio Tífis, com seu esforço, fatiga as ondas pesadas e o leme que já não lhe obedece. Pálido de ansiedade, muda muitas vezes as ordens e desvia a proa para a direita e para a esquerda, afastando-a da terra, embora ela pareça desejar esmagar-se contra os rochedos. Por fim, da proa afilada da nau, o filho de Éson ergue o ramo de oliveira de Palas que Mopso carregava; contra a vontade dos companheiros, em meio ao tumulto, pede paz, mas as palavras são levadas pela ventania precipitada.[39]

[420] Então houve trégua nas armas, e a tempestade também se acalmou; o dia tornou a olhar do céu ainda turvo. Os cinquenta heróis, depois de amarrarem devidamente a nau,[40] saltam da alta borda e fazem estremecer as praias estrangeiras: filhos altos e formosos de pais ilustres, serenos de fronte e reconhecíveis pelo porte, agora que a cólera inchada abandonara seus rostos.

Assim, segundo se conta, os habitantes do céu irrompem de suas portas misteriosas quando desejam visitar as moradas, a costa e o banquete menos esplêndido dos etíopes rubros.[41] Rios e montanhas lhes dão passagem, a Terra exulta sob seus passos, e Atlas conhece breve descanso do peso do céu.

[431] "Ali vimos Teseu, recém-chegado do triunfo que libertara Maratona;[42] os irmãos ismários, penhores do amor de Bóreas, com penas vermelhas batendo ruidosamente em cada têmpora;[43] vimos também Admeto, a quem Febo se contentara em servir, e Orfeu, em nada semelhante à Trácia bárbara; depois, o filho de Calidão e o genro do aquoso Nereu.

Os gêmeos Ebálidas confundiam nossos olhos numa hesitação desconcertante: cada um vestia manto vermelho vivo e empunhava uma lança; os ombros de ambos estavam nus, os rostos, imberbes, e os cabelos brilhavam com a mesma luz de estrelas.[44] O jovem Hilas seguia corajosamente o grande Hércules, passo a passo, quase sem alcançar a marcha dele, embora o herói carregasse lentamente a massa enorme; alegrava-se em transportar as armas de Lerna e suar sob a imensa aljava.

[445] "Assim, uma vez mais, Vênus e Amor experimentaram com fogos secretos o coração feroz das mulheres de Lemnos. Então a rainha Juno infundiu em nossas mentes a imagem das armas e vestes dos heróis, bem como os sinais de sua origem nobre; todas abriram as portas, disputando a honra de acolher os estrangeiros. Pela primeira vez foram acesos fogos nos altares, esqueceram-se cuidados indizíveis, vieram banquetes, sono feliz e noites tranquilas. Não sem vontade do céu, creio, elas encontraram favor quando confessaram o crime.

Talvez desejeis ouvir também minha falta, minha falta determinada pelo destino e digna de perdão, ó chefes. Pelas cinzas e pelas Fúrias vingadoras de

meu povo, juro que, inocente e contra a vontade, acendi a tocha de núpcias estrangeiras - como sabe a Providência do céu -, embora Jasão fosse hábil em enredar o coração das jovens. Leis muito próprias ligam a Fásis ensanguentada, e vós, mulheres da Cólquida, alimentais paixões bem diferentes.[45]

O céu já rompe os vínculos do frio, aquece-se sob os longos dias de sol e o ano veloz gira para o polo oposto. Em resposta às nossas preces, nasce uma nova geração, e Lemnos se enche dos gritos de crianças que não ousáramos esperar.

Eu mesma dei à luz filhos gêmeos, lembrança de um leito tomado à força; feita mãe pelo hóspede brutal, renovei num dos meninos o nome do avô.[46] Não me foi dado saber que fortuna os alcançou depois que os deixei: já se passaram vinte anos completos, se os destinos permitiram que vivessem e Licasta os criou como lhe pedi.

[468] "Os mares revoltos se acalmaram, e um Austro mais brando convidou as velas. A própria nau, odiando permanecer no porto tranquilo, tensionava as amarras contra a rocha resistente. Então os Mínias desejaram partir, e o cruel Jasão convocou os companheiros - antes tivesse passado ao largo de minhas praias aquele que não se preocupou com os próprios filhos nem com a palavra jurada! Sua fama, porém, chegou de fato às terras distantes: o velo de Frixo, navegador do mar, retornou.[47]

Quando o Sol destinado afundou no oceano, Tífis sentiu o vento que se aproximava e o leito ocidental de Febo tornou-se rubro; houve novamente, ai!, lamentos, novamente uma última noite. Mal o dia começa, Jasão, já elevado na popa, dá o sinal da partida e, como comandante, imprime ao mar o primeiro golpe de remo.

Dos rochedos e das alturas dos montes, seguimos com os olhos os homens que fendiam o espaço espumante do oceano aberto, até que a luz fatigou nossa visão errante e pareceu entrelaçar ao longe as águas com o céu, confundindo o mar com a margem extrema do firmamento.

[486] "Corre pelo porto o rumor de que Toante foi conduzido através do mar e reina em Quios, ilha de seu irmão;[48] dizem que sou inocente e que a pira funerária foi uma farsa. A multidão ímpia clama, enlouquecida pelos aguilhões da culpa, e exige de mim o crime que lhe devo.

Além disso, murmúrios secretos nascem e crescem entre o povo: "Somente ela permaneceu fiel aos parentes, enquanto nós nos alegrávamos em matar? Não foram o céu e o destino que ordenaram o feito? Por que, então, a criminosa governa a cidade?" Apavorada por tais palavras - pois uma vingança cruel se aproximava, e a pompa real não me agradava -, vagueei sozinha e às ocultas pela praia sinuosa; abandonei as muralhas fatais pelo caminho da fuga de meu pai, que eu bem conhecia. Mas Evoé não veio socorrer-me uma segunda vez: um bando de piratas que aportara à praia levou-me sem fala e trouxe-me como escrava à vossa terra."

[499] Enquanto a exilada de Lemnos narra assim sua história aos príncipes de Lerna e, mediante longa queixa, consola a própria perda, esquece-se - assim os

deuses a obrigaram! - da criança deixada longe de seus olhos.[49] Ele, com os olhos pesados, a cabeça pendida e cansado das longas brincadeiras infantis, afunda no sono, profundamente acolhido pela terra luxuriante, enquanto uma das mãos ainda aperta a relva.

[505] Nesse meio-tempo, uma serpente nascida da terra, terror maldito do bosque aqueu, surge no prado. Arrastando frouxamente o corpo imenso, ora o projeta adiante, ora o abandona atrás de si. Um brilho lívido está nos olhos, espuma verde de veneno borbulha nas presas; possui uma língua tripla e vibrante, três fileiras de dentes recurvos, e uma crista feroz ergue-se na testa dourada.

Os camponeses do Ínaco a consideravam sagrada ao Tonante, guardião do lugar e dos modestos cultos dos altares florestais.[50] Ora ela desliza, arrastando as espiras em torno dos santuários; ora tritura os carvalhos desventurados do bosque e esmaga enormes freixos no abraço. Muitas vezes estende-se inteira, de uma margem a outra, sobre os rios, e a corrente, separada por suas escamas, incha em grande altura.

Agora, porém, estava mais feroz, porque toda a terra ofegava sob a ordem do deus ogígio e as Ninfas se apressavam em ocultar os leitos empoeirados.[51] Contorce no chão a forma tortuosa, e o fogo do veneno ressecado a enche de fúria mortífera.

Passa por charcos, lagos áridos e fontes sufocadas; vagueia por vales sem rios. Consumida pela sede abrasadora, ora lança a cabeça para trás e lambe o ar líquido, ora, roçando os campos que gemem, inclina-se até a terra, procurando seiva ou umidade na relva. Mas as ervas tombam feridas pelo hálito ardente em qualquer direção para a qual volte a cabeça, e o prado murcha ao silvo de suas mandíbulas. Era tão vasta quanto a Serpente que separa o polo da Ursa setentrional e alcança os ventos do Sul e um céu estrangeiro; ou quanto aquela que abalou os chifres do Parnaso sagrado, enroscando-se em torno deles, até que, trespassada por cem feridas, carregou, ó Délio, uma floresta de tuas flechas.[52]

[534] Que deus te impôs, pequenino, o peso de destino tão terrível? Mal chegaste ao primeiro limiar da vida e és morto por tal inimigo? Terá sido para que assim permanecesses sagrado para sempre aos povos da Grécia e, morrendo, merecesses sepultura tão gloriosa? Morres, ó criança, atingida pela extremidade da cauda da serpente que nada percebera; imediatamente o sono abandona teus membros, e teus olhos se abrem apenas para contemplar a morte.[53]

Quando teu gemido assustado de moribundo subiu ao ar e o grito interrompido emudeceu nos lábios, como palavras incompletas de um sonho, Hipsípile ouviu e correu com os membros fracos, os joelhos falhando e os passos aos tropeços. O espírito lhe anuncia uma desgraça certa; voltando o olhar para todos os lados, examina o chão e procura, repetindo inutilmente palavras que a criança reconheceria. Mas ele não está em parte alguma, e os rastros recentes desapareceram dos prados.

O inimigo entorpecido repousa reunido num círculo verde e ocupa ao redor muitos acres; assim jaz, com a cabeça inclinada sobre o ventre. Golpeada de horror diante do espetáculo, a infeliz encheu as profundezas do bosque de grito após grito; mesmo assim a serpente permaneceu imóvel.

[554] O lamento doloroso alcançou os ouvidos dos argivos. Imediatamente, por ordem do chefe, o cavaleiro árcade corre até lá em pressa ardente e anuncia a causa.[54] Então, enfim, ao brilho das armas e aos gritos dos homens, o monstro ergue com ira o pescoço escamoso. Com esforço imenso, o alto Hipomedonte apanha uma pedra que marcava os limites de um campo e a lança através do ar vazio; com semelhante turbilhão voam, em tempo de guerra, os blocos suspensos contra portas fortificadas.

Vã foi a força do chefe: num instante a serpente recurvou o pescoço flexível e escapou ao golpe que se aproximava. A terra ressoou, e nos bosques sem trilhas os ramos compactos foram quebrados e arrancados.

"Escaparás sempre ao meu golpe?", grita Capaneu, avançando contra ela com a lança de freixo. "Sejas tu o feroz habitante deste bosque trêmulo, sejas um deleite concedido aos deuses - e antes fosses dos deuses! - não escaparás, nem mesmo se trouxesses sobre esses membros um Gigante para combater comigo."[55] A lança vibrante voa, entra na boca escancarada do monstro, rompe as ásperas raízes da língua tripla, atravessa a crista erguida e o ornamento da cabeça rápida; manchada pelo sangue negro do cérebro, afunda profundamente no solo.

Mal a dor percorrera toda a extensão do corpo, com a velocidade de um raio a serpente enrosca as espiras em torno da arma, arranca-a e leva-a para o covil, no templo escuro do deus. Ali, estendendo sobre a terra a imensa massa, arqueja e expele em silvos a vida diante do santuário de seu protetor.

[578] Choraram-na o pântano de Lerna, seu parente, e as Ninfas que costumavam cobri-la de flores primaveris, e os campos de Nemeia por onde rastejava. Também vós, Faunos dos bosques, a lamentastes em todos os arvoredos com flautas quebradas.

O próprio Júpiter já pedira as armas do alto do céu; há muito se acumulavam nuvens e tempestades, se o deus não houvesse abrandado a cólera e Capaneu não estivesse reservado para merecer castigo ainda mais terrível.[56] Mesmo assim, o vento do raio agitado passou e fez oscilar o cimo do elmo emplumado.

[588] A infeliz mulher de Lemnos, vagando pelos campos depois que a serpente deixou o lugar, empalidece ao ver, de longe, sobre uma elevação baixa, a relva manchada por correntes de sangue. Corre para ali, frenética de dor; ao reconhecer o horror, cai como fulminada sobre a terra culpada. No primeiro choque da ruína não encontra palavras nem lágrimas: apenas se inclina, cobre o corpo de beijos desesperados e procura, sem respirar, nos membros ainda quentes, vestígios da vida que fugiu.

Não restam face nem peito; a pele foi arrancada e os ossos frágeis estão expostos; os nervos se banham em correntes recentes de sangue: todo o corpo é uma única ferida. Assim, quando uma serpente indolente devastou, numa

azinheira sombria, o lar e a ninhada de uma ave-mãe, ela volta, admira o silêncio da morada antes ruidosa, paira aterrorizada e, em espanto selvagem, deixa cair do bico o alimento que trazia: nada há na árvore além de sangue e penas espalhadas em torno do ninho saqueado.

[606] Depois que a pobre mulher reuniu no peito os membros mutilados e os cobriu com os cabelos, sua voz enfim liberta abriu passagem à dor, e os gemidos se dissolveram em palavras: "Arquemoro, doce imagem de meus filhos em minha solidão, consolo de minhas desventuras e do exílio, orgulho de minha escravidão, que deuses culpados te mataram, ó minha alegria? Há pouco, ao separar-me de ti, deixei-te brincando e esmagando as ervas enquanto engatinhavas. Ai! Onde está aquela face brilhante como estrela? Onde estão as palavras ainda imperfeitas, a voz presa da infância, os sorrisos e murmúrios que somente eu podia compreender? Quantas vezes te falei de Lemnos e da Argo; quantas vezes, com minha longa e triste história, fiz-te adormecer! Assim consolava minhas dores e oferecia à criança um seio de mãe; agora, órfã de ti, o leite corre em vão e cai em gotas estéreis sobre tuas feridas.[57]

Reconheço a obra dos deuses: ó presságio cruel de meus sonhos e terrores noturnos! Ah, Vênus, que jamais apareceste nas trevas a meu olhar assustado sem que sobreviesse uma desgraça! Mas por que culpo os deuses? Eu mesma te expus ao destino - por que temer confessá-lo, eu que logo morrerei? Que loucura me arrebatou? Pude esquecer inteiramente encargo tão querido? Enquanto narrava as fortunas de minha pátria e o prólogo orgulhoso de minha própria fama - que devoção, que fidelidade! -, paguei-te, Lemnos, o crime que ainda te devia.

Levai-me, portanto, ó príncipes, até a serpente morta, se tendes alguma gratidão pelo serviço que custou preço tão alto ou algum respeito por minhas palavras; ou matai-me vós mesmos com a espada, para que eu não torne a ver meus senhores em luto e Eurídice privada do filho, agora minha inimiga - embora minha dor não seja menor que a dela.[58]

Devo carregar este fardo infeliz e lançá-lo no colo da mãe? Não: que terra me engula antes em suas sombras mais profundas!" Então, com o rosto sujo de pó e sangue, volta-se para seguir os grandes chefes e, enquanto eles choram, acusa secretamente as águas por sua desgraça.

[638] A notícia, varrendo de súbito o palácio do piedoso Licurgo, já trouxera lágrimas sem medida a ele e a toda a casa. O próprio rei se aproximava do cume sagrado do monte de Perseu, onde oferecera sacrifício ao Tonante irado, e voltava balançando a cabeça por causa das vísceras de mau agouro.[59]

Ele permanecia alheio à guerra argólica, não por falta de coragem, mas porque os templos e altares o retinham. Ainda não lhe haviam saído da memória a resposta dos deuses, o antigo aviso e as palavras recebidas do fundo do santuário: "Na guerra de Dirce, Licurgo, a primeira morte será tua para oferecer."[60] Isso o apavorava; o som das trombetas o torturava, e ele invejava os exércitos destinados à morte.

[650] Mas eis que - assim os deuses mantêm sua palavra! - a filha de Toante acompanha o cortejo fúnebre da criança mutilada, e a mãe vem ao encontro dela, conduzindo uma multidão de mulheres e grupos de pranteadores.

A devoção do magnânimo Licurgo, porém, não foi lenta: a dor lhe deu audácia, a fúria enlouquecida do pai repeliu as lágrimas. Com grandes passadas, atravessa os campos que retardavam sua cólera e grita: "Onde está agora aquela que pouco se importa com o derramamento de meu sangue, ou talvez se alegre com ele? Vive ainda? Então apanhai-a, companheiros, e trazei-a depressa! Farei sua insolência esquecer toda a história de Lemnos, o pai e as mentiras sobre uma estirpe divina!" Avançou e preparou o golpe mortal, com a espada desembainhada pela ira. Mas, quando se aproximava, o herói Enida, rápido na ação, lançou o escudo contra o peito dele e barrou-lhe o caminho, repreendendo-o severamente: "Contém tua fúria, insensato, quem quer que sejas!"[61] Capaneu, o valente Hipomedonte e o Erimântio também acudiram, com as espadas erguidas; o príncipe ficou ofuscado pelo clarão das lâminas. Do outro lado, os camponeses protegiam o rei.

Entre eles Adrasto, de ânimo mais brando, e Anfiarau, temendo o conflito entre faixas sacerdotais aparentadas,[62] clamam: "Não assim, nós vos suplicamos! Afastai as espadas! Nossos ancestrais têm o mesmo sangue; não deis passagem à ira! Tu, primeiro, depõe as armas!" Mas Tideo, cujo espírito ainda não se acalmara, respondeu: "Ousaste, então, matar sobre o túmulo - e em vingança de que morte! - diante de tantos milhares ingratos, a guia e salvadora do exército do Ínaco, que outrora foi rainha, tem Toante por pai e o resplandecente Evoé por antepassado?[63] Não basta à tua covardia que, enquanto por todos os lados os povos correm à guerra, somente tu conserves a paz no meio das cavalarias apressadas? Conserva-a, pois, e que o triunfo grego te encontre ainda gemendo junto deste túmulo."

[680] Assim falou. O outro, já mais controlado à medida que a ira recuava, respondeu: "Na verdade, julguei que vossas tropas se dirigissem não às muralhas de Tebas, mas para cá, com intenção hostil.

Marchai, portanto, para destruir, se tanto vos agrada o assassinato entre parentes; experimentai primeiro vossas armas em casa. Que o fogo sacrílego - pois o que já não vos é permitido? - devore também o templo de Jove, a que há pouco recorri inutilmente, se eu, oprimido por amarga dor, julguei possuir poder sobre uma escrava sem valor, eu que sou seu rei e senhor! Mas o soberano dos deuses vê tudo, sim, vê; e sua ira, embora tardia, aguarda vossas audácias."[64] Assim falando, voltou os olhos para a cidade.

Ali, de casa em casa, outro combate armado já se enfurecia. A Fama recente ultrapassara os esquadrões de cavalaria em fuga, carregando sob as asas dois tumultos ao mesmo tempo: uns repetiam que Hipsípile estava sendo arrastada para a morte; outros, que naquele mesmo instante encontrava o destino, e com justiça. Acreditam, não contêm a ira, e já tochas e lanças voam contra o palácio; clamam por derrubar o reino, apoderar-se de Licurgo e levá-lo embora com

Jove e todos os seus santuários. As casas ressoam com gritos de mulheres, e a dor vencida foge diante do terror.
[699] Mas Adrasto, elevado sobre o carro de cavalos alados e trazendo consigo a filha de Toante à vista dos guerreiros furiosos, entra no meio das fileiras e grita: "Cessai, cessai! Nenhum crime cruel foi cometido, nem Licurgo mereceu morrer desta forma. Vede, aqui está a mulher que descobriu o rio bem-vindo!" Assim, quando Bóreas e Euro, soprando de um lado, e do outro Austro, negro de chuva, revolveram o mar; quando o dia foi expulso e os furacões dominam, chega no alto carro o senhor do oceano, e Tritão de dupla forma, nadando junto às rédeas espumantes, dá longe o sinal à planície marinha que se acalma. Tétis torna a ficar lisa, e montes e praias reaparecem.
[710] Qual dos deuses consolou sua perda e, concedendo-lhe o desejo do coração, trouxe a triste Hipsípile alegrias inesperadas e recompensa pelas lágrimas? Foste tu, Evoé, origem de sua raça, que conduziste os jovens gêmeos da praia de Lemnos a Nemeia e lhes preparavas um destino extraordinário.[65] Procurando a mãe, eles chegaram; o palácio de Licurgo os recebera com hospitalidade quando, de súbito, veio ao rei a notícia da morte lamentável do filho.

Por isso correm em seu auxílio - tão estranha é a Fortuna, tão cego o propósito dos homens! - e favorecem a causa do rei. Mas, assim que "Lemnos" e "Toante" lhes chegam aos ouvidos, atravessam armas e fileiras; ambos, em lágrimas, arrebatam a mãe para um abraço ávido e, alternadamente, apertam-na contra o peito. Ela, porém, como rocha de pedra, de rosto imóvel, não se move nem ousa acreditar nos deuses que conhece tão bem.

Quando reconheceu os rostos e, nas espadas, as marcas da Argo deixadas pelos navegantes, bem como o nome de Jasão tecido sobre os ombros, sua dor foi interrompida. Vencida por tão grande bênção, perdeu os sentidos, e os olhos se molharam com outras lágrimas. Também surgiram sinais no céu: tambores e címbalos do deus, e os gritos felizes de seu séquito selvagem, ressoaram pelo ar ecoante.
[731] Então o piedoso Eclida, assim que a ira apaziguada permitiu calar a multidão e seus ouvidos tornaram-se tranquilos, falou: "Escutai, ó soberano de Nemeia e vós, flor dos príncipes argivos, aquilo que Apolo seguramente nos revela ser necessário fazer.[66]

Há muito esta calamidade vos estava destinada pelas mãos argivas; sem desvio corre a linha do Destino. A seca dos rios mortos, a serpente funesta e o menino Arquemoro, cujo nome, ai!, traz o selo de nossa sorte, todos esses acontecimentos descem e fluem do alto desígnio dos deuses.[67] Ponde termo às paixões e deponei as armas precipitadas! Honras duradouras devem ser prestadas a esta criança.

Ela realmente as mereceu. Que a virtude derrame bela libação sobre uma alma virtuosa! E quisera eu, ó Febo, que continuasses a tecer demoras ainda maiores; quisera que novos acontecimentos sempre nos impedissem de alcançar a batalha e que tu, Tebas mortal, desaparecesses para sempre de nossa vista! E

vós, pais felizes, que ultrapassastes o destino comum dos nobres genitores, cujo nome perdurará através dos séculos enquanto permanecer o lago de Lerna, enquanto o pai Ínaco correr e Nemeia lançar sombras vacilantes sobre os campos: não profaneis este rito sagrado com lágrimas, não choreis por quem pertence aos deuses. Ele é um deus, sim, um deus; e não preferiria desfrutar idade tão longa quanto a de Nestor nem viver além dos anos de Príamo."[68] Assim terminou, e a Noite envolveu o céu em sua sombra.

NOTAS AO LIVRO V

1. Os bandos são de grous. Estácio retoma a imagem tradicional de aves migratórias que deixam o Nilo e regressam ao norte.

2. "Fário" significa egípcio, de Faros; "paretônio" deriva de Paretônio, cidade da costa líbia a oeste do delta do Nilo.

3. O texto latino deste passo é discutido. A tradução segue a leitura segundo a qual os argivos devem a Hipsípile a própria vida, por ela lhes ter mostrado a fonte de Lângia.

4. A pergunta "sob que estrelas recebeste a vida?" equivale a perguntar onde e em que condições Hipsípile nasceu.

5. Lemnos é uma ilha do norte do mar Egeu, tradicionalmente associada a Hefesto/Vulcano e ao episódio das mulheres que mataram os homens da ilha.

6. Mulcíber é Vulcano, que possuiria forjas tanto na Etna quanto em Lemnos. O poeta imagina a ilha como lugar de descanso depois do trabalho siciliano.

7. Egeão é personificação poética do mar Egeu. Delos é chamada "ressoante" pelo rumor das ondas ou, segundo outra interpretação, por seus oráculos.

8. O crime inicial das mulheres de Lemnos foi negligenciar o culto de Vênus. A deusa responde retirando dos casamentos o desejo e insuflando ódio.

9. Pafos, em Chipre, e o monte Ida eram centros do culto de Afrodite. O cinturão e as pombas representam seu aspecto amoroso, abandonado quando assume a forma vingadora.

10. Himeneu é o deus das núpcias. A tocha voltada para o chão indica o fracasso e a extinção dos casamentos.

11. "Edônio" e "odrísio" significam trácio. Bóreas, o vento norte, também era localizado miticamente na Trácia.

12. As cavernas fumegantes são as forjas de Vulcano em Lemnos. Os trovões e o mar agitado funcionam como prodígios que precedem o crime.

13. Polixo é a anciã que instiga as mulheres a matar os homens. Em algumas tradições era ama de Hipsípile; Estácio a apresenta com quatro filhos.

14. Tíade é uma bacante. Teumeso é monte da Beócia; o Ida frígio era célebre pelos ritos ruidosos de Cibele, acompanhados de flautas, tambores e gritos.

15. Lucina é a divindade que preside ao parto, normalmente identificada com Juno ou Diana.

16. Alusão a Dânao, que ordenou às cinquenta filhas que assassinassem os maridos na noite das núpcias. Somente Hipermnestra poupou Linceu.

17. A esposa trácia é Procne, mulher de Tereu. Para vingar a violência sofrida pela irmã Filomela, matou o filho Ítis e serviu-lhe a carne ao pai.

18. Ênio é a personificação guerreira equivalente a Belona. A "Ceres do mundo subterrâneo" é Prosérpina, esposa de Plutão.

19. Marte odrísio é a guerra travada pelos lêmnios contra os trácios. O poeta lamenta que homens poupados pela batalha e pelo mar viessem morrer em casa.

20. A divindade manifestava sua vontade nas vísceras ainda palpitantes. Para um presságio favorável, os órgãos deveriam apresentar-se íntegros, sem defeitos.

21. Sono e Morte são irmãos na tradição antiga. O "chifre" do Sono derrama o torpor que torna os homens indefesos diante das assassinas.

22. Os "filhos das nuvens" são os Centauros, nascidos de Íxion e de uma nuvem com a forma de Hera. O símile recorda a luta dos Centauros contra os Lápitas durante um banquete.

23. Tioneu e Lieio são epítetos de Baco. O deus era avô ou ancestral de Hipsípile por meio de Toante.

24. A filha de Jove é Vênus. Baco afirma que Júpiter lhe concedeu o privilégio terrível de castigar e destruir os lêmnios.

25. Lúcifer é a estrela da manhã, que expulsa as demais estrelas ao anunciar o nascer do Sol.

26. Lieio, "o libertador", é Baco. A promessa é que o deus protegeria Toante durante a fuga marítima.

27. A vitória "geta" ou trácia é a campanha de que os homens de Lemnos regressavam quando foram assassinados.

28. Hipsípile encena a morte do pai para não despertar suspeitas. Teme que a pira vazia seja um mau presságio para Toante e pede que a fraude também a preserve da vingança.

29. O inimigo massílio é o leão africano. O rebanho de novilhas representa as mulheres de Lemnos sem seus maridos e governantes.

30. A Argo fora construída com madeira do monte Pélion. "Mínias" é denominação tradicional dos Argonautas, descendentes ou súditos de Mínias.

31. Ortígia é Delos, ilha que, segundo o mito, flutuava pelo mar antes de ser fixada para acolher o nascimento de Apolo e Diana.

32. Orfeu, filho do trácio Eagro, encantava homens e natureza com o canto. As Cianeias ou Simplégades eram rochas móveis que guardavam a entrada do mar Negro.

33. Palas é Minerva; Gradivo, Marte. O rubor da deusa e o riso do deus marcam o caráter ao mesmo tempo impróprio e espantoso da armadura feminina.

34. "Gortínia" significa cretense; Creta era famosa pelos arqueiros e pelas flechas de longo alcance.

35. A construção latina é difícil e admite mais de uma análise. O sentido geral é que a tempestade roubou inteiramente a luz do dia.

36. Os escudos são dispostos como um parapeito defensivo ao redor da Argo, protegendo-a dos projéteis lançados pelas mulheres.

37. Os filhos de Éaco são Télamon e Peleu; o filho de Anfitrião é Hércules. Anceu e Ífito também pertencem ao grupo dos Argonautas.

38. O Enida é Meleagro, descendente de Eneu. O filho de Tíndaro é um dos Dióscuros, Castor ou Pólux; Cálai, filho de Bóreas, possuía asas.

39. Mopso era o adivinho dos Argonautas e carregava o ramo de oliveira consagrado a Palas, sinal de paz que Jasão ergue diante das lêmnias.

40. A tradição fixa em cinquenta o número dos Argonautas, embora os catálogos antigos variem. A imagem da amarração da nau recorda a chegada de Eneias ao mundo inferior na Eneida.

41. Homero descreve os deuses visitando os etíopes e participando de seus banquetes. A refeição é chamada "menor" por comparação com o banquete olímpico.

42. Teseu libertou os campos de Maratona ao matar o touro selvagem que os devastava.

43. Os irmãos ismários são Zetes e Cálai, filhos alados de Bóreas e Orítia. Ismaro é monte da Trácia.

44. Os Ebálidas são Castor e Pólux, netos do rei espartano Ébalo. A semelhança dos gêmeos confunde o olhar das mulheres.

45. Hipsípile contrasta o próprio amor por Jasão com o de Medeia, princesa da Cólquida e da região do rio Fásis, que mais tarde mataria os filhos do herói.

46. Os gêmeos de Hipsípile e Jasão chamavam-se Euneu e Toante; o segundo recebeu o nome do avô materno.

47. O velo de ouro pertencera a Frixo, que atravessou o mar montado no carneiro até a Cólquida. Jasão regressou levando-o para a Grécia.

48. Toante teria alcançado Quios, governada por um irmão seu. A notícia revela que Hipsípile enganara as assassinas ao simular as exéquias do pai.

49. A criança esquecida é Ofeltes, filho de Licurgo e Eurídice, que Hipsípile deixara sobre a relva para conduzir os argivos até a água.

50. A serpente é sagrada a Júpiter, venerado na região de Nemeia. Sua morte por Capaneu constitui também uma afronta indireta ao deus.

51. O deus ogígio é Baco, protetor de Tebas. No Livro IV ele ordenou às Ninfas que ocultassem as águas de Nemeia para retardar o exército argivo.

52. O primeiro monstro celeste é a constelação do Dragão, entre as Ursas. A segunda serpente é Píton, morta por Apolo em Delfos; Estácio parece misturar detalhes de diferentes constelações.

53. O nome posterior de Ofeltes, Arquemoro, significa "princípio da desgraça". A morte acidental pela cauda da serpente inaugura simbolicamente a sequência de fatalidades dos argivos.

54. O cavaleiro árcade é Partenopeu, enviado a verificar a origem dos gritos de Hipsípile.

55. Capaneu desafia abertamente os deuses e alude aos Gigantes, representados com serpentes no lugar das pernas. Sua impiedade prepara a morte futura pelo raio de Júpiter.

56. Júpiter contém o raio porque Capaneu está reservado para castigo mais terrível: será fulminado quando escalar as muralhas de Tebas.

57. Arquemoro é o nome cultual de Ofeltes. Hipsípile o associa aos próprios filhos ausentes e lhe dera o peito como uma verdadeira mãe.

58. Eurídice, esposa de Licurgo, é a mãe de Ofeltes. Hipsípile teme sua hostilidade, embora sustente que sua própria dor é igualmente profunda.

59. O monte de Perseu localizava-se nas proximidades de Nemeia. "Vísceras" designa os

órgãos examinados durante a adivinhação sacrificial.

60. O oráculo é ambíguo: Licurgo imagina que deverá causar a primeira morte da guerra tebana, mas a vítima é seu próprio filho, morto por consequência da passagem dos argivos.

61. O herói Enida é Tideo. O "Erimântio" é Partenopeu, árcade. Ambos, com Capaneu e Hipomedonte, protegem Hipsípile contra Licurgo.

62. Licurgo e Anfiarau usam faixas sagradas: o primeiro por vir de um sacrifício, o segundo por ser adivinho e sacerdote. Daí o temor de uma luta entre figuras religiosas.

63. Tideo fala com ironia: Licurgo pretende vingar a morte de uma criança matando a mulher que salvou milhares de guerreiros. Evoé, isto é, Baco, é ancestral de Hipsípile.

64. A fala de Licurgo também é irônica: afirma que, se nem sobre sua própria escrava possui autoridade, os argivos poderiam igualmente destruir o templo de Jove. A ameaça de vingança divina antecipa as calamidades da expedição.

65. Os dois jovens são Euneu e Toante. Baco, ancestral de Hipsípile, conduz os filhos de Lemnos a Nemeia no momento exato para o reconhecimento.

66. O Eclida é Anfiarau, filho de Ecleu. Como adivinho inspirado por Apolo, interpreta a morte de Ofeltes e ordena a instituição das honras fúnebres.

67. A imagem latina é a de uma corrente que flui por um leito inevitável: seca, serpente e morte da criança procedem do plano superior dos deuses.

68. Arquemoro significa "início do destino funesto". As idades de Pilo e da Frígia aludem respectivamente a Nestor, famoso pela extrema longevidade, e a Príamo, rei idoso de Troia.

LIVRO VI

[1] A Fama, de passo errante, desliza pelas cidades dos dânaos e anuncia que os descendentes de Ínaco consagram ritos solenes ao novo túmulo e, em sua honra, instituem jogos nos quais a virtude marcial possa exercitar-se antes da guerra e acender o próprio ardor para os combates.

Tal celebração é costume entre os gregos. Primeiro, nos campos de Pisa, o piedoso Alcides disputou esta honra em memória de Pélope e limpou dos cabelos, com um ramo de oliveira brava, a poeira da luta;[1] depois se festejou a libertação da Fócida dos anéis da serpente, vitória da aljava do jovem Apolo; por fim, em torno dos altares sombrios de Palêmon, preservou-se o culto lúgubre, sempre que a intrépida Leucótea renova sua dor e, no tempo da festa, vem às praias que a acolheram: de uma ponta à outra o Istmo ressoa com o pranto, e Tebas equiônia responde com seus lamentos.

Agora também os incomparáveis príncipes, cuja criação liga Argos ao céu, aqueles cujos grandes nomes a terra aônia e as mães tírias pronunciam entre suspiros,[2] reúnem-se em emulação e despertam para a disputa a força dos corpos nus. Assim as galés de duas ordens de remos, antes de se aventurarem pelo mar desconhecido, quer desafiem o tempestuoso Tirreno, quer as águas tranquilas do Egeu, experimentam primeiro num lago sereno os aparelhos, o leme e os remos ligeiros, e aprendem a enfrentar o verdadeiro perigo; depois, quando as tripulações estão treinadas, lançam-se confiantes ao alto-mar e já não procuram a costa desaparecida.

[25] A luminosa esposa de Titono erguera no céu o carro que traz os trabalhos do dia, e a Noite e o Sono, de chifre vazio,[3] fugiam diante das rédeas vigilantes da deusa pálida. Já os caminhos ressoavam com golpes de luto, e o palácio, com terríveis gemidos; ao longe, os bosques selvagens recebiam aqueles sons e os repartiam em mil ecos. O próprio pai permanecia sentado, despojado da honra da faixa entrelaçada, a cabeça sem trato e a barba abandonada, ambas cobertas pelo pó do luto.

Mais impetuosa que ele e tomada por uma dor superior à de qualquer homem, a mãe despojada incitava as servas, já dispostas, pelo exemplo e pelas palavras; ansiava lançar-se sobre os restos dilacerados do filho e, sempre que a arrancavam dali, tornava a precipitá-los nos braços. Até o pai precisava contê-la.

Quando os príncipes de Ínaco entraram com majestade real pelas portas enlutadas, então, como se o golpe fosse recente, como se a criança acabasse de ser ferida ou a serpente mortal tivesse irrompido naquele instante pelo palácio, todos bateram no peito, embora exaustos, e levantaram clamor sobre clamor. As

portas devolveram o lamento reacendido; os pelasgos sentiram a hostilidade da casa e, com lágrimas abundantes, protestaram sua inocência.

[45] Sempre que o tumulto se aquietava e a casa transtornada emudecia por algum momento, o próprio Adrasto, sem que lhe pedissem, dirigia ao pai palavras de consolo: ora passava em revista a condição cruel dos homens e o fio inexorável do destino,[4] ora lhe prometia outros filhos e penhores que, pelo favor do céu, haveriam de durar. Mas ainda não terminara, e o pranto tornava a irromper.

O rei não escutava a fala amiga com maior brandura do que o mar enlouquecido da Jônia escuta os marinheiros que lhe dirigem preces, ou o raio indomável atende às frágeis nuvens.

[54] Enquanto isso, a pira destinada às chamas e o pequeno féretro são entrelaçados com ramos floridos e brotos de cipreste. Na camada inferior espalham-se os verdes produtos dos campos; acima, com maior arte, dispõe-se um espaço de coroas de relva, e o monte é adornado com flores que logo perecerão. Em terceiro lugar ergue-se uma pilha de aromas da Arábia e toda a riqueza do Oriente: blocos de incenso esbranquiçado e canela vinda do antigo Belo.[5]

No alto colocam ouro sonoro e elevam um manto macio de púrpura tíria, que reluz por toda parte com gemas polidas. Dentro de uma cercadura de acanto aparece tecido Lino e os cães que lhe causaram a morte;[6] a mãe sempre odiara aquela obra admirável e sempre desviara os olhos do presságio.

Em torno da pira lançam ainda armas e despojos de antigos antepassados, orgulho e glória variada da casa aflita, como se o cortejo trouxesse os membros de um grande guerreiro. A fama, embora vazia e estéril, agrada aos enlutados, e a pompa engrandece a sombra infantil. Por isso as lágrimas recebem tamanha reverência e oferecem uma alegria dolorosa; presentes maiores do que seus anos são levados para alimentar as chamas.

O pai,[7] apressado em ver cumpridas as próprias esperanças, já lhe reservara aljavas, pequenos dardos e flechas ainda inocentes; e já criava em seu nome cavalos provados da raça famosa de suas cavalariças. Levam também cintos ressonantes[8] e uma armadura que aguardava um corpo mais robusto.

Esperanças insaciáveis! Que vestes a crédula mãe não lhe tecera com ávida pressa? Que túnicas de púrpura, insígnias de realeza, que cetro infantil? Tudo o pai condena sem piedade às chamas sombrias e ordena que levem também seus próprios emblemas de poder, se a perda deles puder saciar-lhe a dor devoradora.

[84] Em outra parte, por ordem do sábio adivinho, o exército se apressa em levantar uma pira elevada como montanha, feita de troncos e bosques despedaçados, escura oferenda para uma guerra de mau agouro. Uns trabalham em derrubar Nemeia e seus vales sombreados, lançando as árvores ao chão; outros abrem as matas à luz do sol.

Imediatamente cai um bosque cujo machado jamais despojara os ramos antigos, bosque mais rico em sombra do que qualquer outro entre os vales de

Argólida e o monte Liceu, e que erguia a cabeça acima das estrelas. Venerável pela santidade dos séculos, dizia-se que ultrapassava em idade não apenas os avós dos homens, mas que vira gerações de Ninfas sucederem-se,[9] Faunos reunirem-se em multidão, e ainda permanecia vivo.

Uma destruição lamentável caiu sobre a mata. As feras fugiram; as aves, impelidas pelo terror, abandonaram os ninhos aquecidos. Tombam as altas faias e os carvalhos caônios,[10] o cipreste que o inverno não fere, os pinheiros que alimentarão as chamas funerárias, freixos, azinheiras e teixos de seiva venenosa; tombam as sorveiras destinadas a beber o sangue da batalha maldita[11] e os carvalhos invencíveis pela idade.

Partem também o abeto audaz[12] e o pinheiro de ferida aromática; os amieiros, amantes do mar, inclinam ao chão as copas nunca podadas, e caem os olmos que oferecem sombra amiga às videiras.

A terra geme. Nem os bosques do Ísmaro são arrancados com tamanho furor quando Bóreas rompe a prisão da caverna e levanta a cabeça; nem mais veloz a chama noturna atravessa a floresta diante do assalto do Noto. A velha Pales e Silvano,[13] senhor do vale sombrio, e o povo meio divino, meio animal, deixam chorando os recantos tranquilos que amavam. Enquanto partem, a mata geme em simpatia, e as Ninfas não conseguem desprender dos troncos o abraço.[14]

Assim, quando um comandante entrega aos vencedores ávidos as torres de uma cidade conquistada, mal se ouve o sinal e a cidade já não existe: arrastam e carregam, capturam e derrubam em fúria sem freio; o próprio estrondo da batalha fora menor.

[118] Já haviam erguido, com igual trabalho, dois altares da mesma altura: um para as sombras tristes, outro para os deuses do alto. Então o som grave da flauta de chifre curvo deu o sinal do lamento, flauta que, segundo o triste costume frígio, acompanhava os mortos jovens. Dizem que Pélope ordenou para uma sombra infantil esse rito e esse canto, e que Niobe, arruinada pelas duas aljavas e vestida de luto, levou ao Sípilo as doze urnas.[15]

[126] Os chefes gregos carregam os dons fúnebres e as oferendas para a chama; cada qual, por seus títulos, testemunha a honra e o renome da própria linhagem. Muito depois, elevado sobre os ombros de jovens escolhidos pelo príncipe em todo o exército, o féretro avança entre clamores selvagens.

Os chefes de Lerna cercam Licurgo; um cortejo de mulheres se reúne em torno da rainha. Hipsípile tampouco segue sozinha: os descendentes de Ínaco,[16] não esquecidos do que lhe devem, rodeiam-na de perto; os filhos sustentam-lhe os braços feridos e permitem que a mãe recém-encontrada se entregue ao pranto.

[135] Assim que Eurídice saiu do palácio funesto, descobriu o peito e soltou um grito; batendo no seio, depois de um longo prelúdio de lamentos, começou:

"Jamais pensei, meu filho, seguir-te cercada por este cortejo de matronas argivas; nem era assim que eu imaginava, em minhas preces insensatas, teus primeiros anos. Nada de cruel eu esperava. Por que, no fim de minha vida,

deveria temer por ti uma guerra tebana que eu sequer conhecia? Que deus encontrou prazer em travar combate contra nossa raça? Quem prometeu este crime contra nossas armas? Mas tua casa, ó Cadmo, ainda nada sofreu; as multidões tírias não choram criança alguma.

"Fui eu quem ofereceu as primícias da dor e de uma morte prematura, antes que soassem as trombetas ou se desembainhasse a espada, porque, em negligência indolente, confiei no peito de sua ama e lhe entreguei meu filho para que o alimentasse. E por que não o faria? Ela contava ter salvado astutamente o pai e proclamava a própria inocência.

"Mas vede! Esta mulher, a única, ao que se deve crer, que rejeitou o crime mortal jurado pelas demais, a única livre do delírio de Lemnos - e ainda acreditais nela depois de tamanha ousadia! -, esta mulher, tão forte em sua piedade, abandonou em campos desertos não um rei, não um senhor, mas apenas o filho de outra! Deixou-o num caminho de bosque infame, onde não apenas uma serpente venenosa - ah, para que era preciso um assassino tão enorme? -, mas uma simples tempestade, um ramo quebrado pelo vento ou um pavor sem causa bastariam para matá-lo. Nem mesmo a ti eu acusaria em minha dor ferida: esta maldição veio à mãe, irrevogável e certa, pelas mãos da ama.

"Entretanto, tu a favoreceste mais, meu filho; somente a ela conheceste e ouviste quando te chamava. A mim não conheceste; tua mãe não teve alegria alguma de ti. Ela, a maldita, escutou teus gritos e teu riso misturado às lágrimas, ouviu os sons de tua primeira fala. Enquanto viveste, foi sempre tua mãe; eu o sou apenas agora.

"Mas ai de mim, que não posso puni-la pelo crime! Por que trazeis esses dons à pira, ó chefes? Por que estes ritos vazios? A própria mulher, eu vos peço - nada mais exige a sombra dele -, a própria mulher, eu vos suplico, oferecei ao morto e aos pais destruídos. Imploro-vos por este primeiro sangue da guerra, para o qual o gerei: assim possam as mães de Ogígia ter mortes tão dolorosas quanto a minha!"

Arranca os cabelos e repete a súplica: "Sim, entregai-a! Não me chameis cruel nem ávida de sangue. Morrerei também, contanto que, depois de meus olhos se saciarem com a morte justa dela, caiamos juntas sobre a mesma fogueira."

[177] Enquanto gritava assim, avistou ao longe Hipsípile lamentando em outra parte - pois esta tampouco poupava cabelos ou peito - e não suportou que outra mulher partilhasse sua dor:

"Ao menos isto, ó príncipes, impedi! E tu, por cuja causa o filho de nosso leito foi lançado à perdição, afasta dos ritos fúnebres essa mulher odiosa! Por que ela ofende a mãe com sua presença maldita? E quem é ela para se lamentar assim em minha ruína?"

Disse e emudeceu; cessaram as queixas.

Assim, quando uma fera captura ou um pastor leva ao altar cruel um novilho privado do primeiro leite, cuja força ainda é frágil e cujo vigor vem somente do úbere, a mãe despojada enche com gemidos ora o vale, ora o rio, ora os

rebanhos, e interroga os campos vazios; depois lhe é doloroso regressar, e ela abandona por último as pastagens desertas, afastando-se sem tocar na relva estendida diante de si.

[195] O pai lança com as próprias mãos sobre a pira o cetro glorioso e as insígnias do Tonante; depois corta com a espada os cabelos que lhe caíam pelas costas e pelo peito, e com as mechas tosquiadas cobre as frágeis feições da criança. Às lágrimas ternas mistura estas palavras:

"Muito diferente, Júpiter traiçoeiro, era a consagração que outrora fiz destas mechas a ti. Eu me obrigara por voto a oferecê-las em teu santuário juntamente com meu filho, quando seu rosto mostrasse a flor da juventude,[17] caso me concedesses vê-lo chegar à idade madura. Mas o sacerdote não confirmou a promessa, e minha oração se perdeu. Receba-as então sua sombra, mais digna do que tu!"

Já aproximam a tocha; a chama estala nos ramos inferiores. Com dificuldade impedem que os pais, enlouquecidos, se lancem ao fogo.

Ordena-se aos dânaos que se afastem e, erguendo uma barreira de armas, excluam de seus olhos a cena terrível. Alimentam ricamente o incêndio: jamais ardera uma fogueira tão dispendiosa. As pedras preciosas se partem; rios de prata derretida correm; ouro escorre das vestes bordadas. Os ramos engordam com essências assírias; o açafrão pálido pinga e chia no mel ardente. Derramam taças espumantes de vinho, copos de sangue negro e leite agradável, ainda morno do úbere.[18]

[213] Então sete esquadrões - cem cavaleiros altos em cada um -, conduzidos pelos próprios reis nascidos na Grécia, com as armas invertidas, dão voltas para a esquerda segundo o rito e purificam a pira, abafando com o pó as chamas que se erguem. Três vezes completam o circuito; depois, quatro vezes, com grande estrondo de arma contra arma, fazem ressoar um ruído terrível,[19] e quatro vezes as servas batem no peito em lamento feminino.

A outra fogueira recebe animais semimortos e feras ainda vivas. Ali o profeta lhes ordena que interrompam os prantos, presságio de nova desgraça, embora saiba que os sinais são verdadeiros. Voltam pela direita e retornam com lanças trêmulas; cada homem lança alguma oferenda arrancada à própria armadura: um freio ou um cinto que decide mergulhar nas chamas, um dardo ou a crista sombria do elmo.

Em torno, toda a região se enche dos gritos roucos do luto, e trombetas penetrantes rasgam a terra. Clamores imensos aterrorizam os bosques. Assim as cornetas arrancam do solo os estandartes de Marte quando o ardor ainda é recente, a espada ainda não se tingiu de sangue e a primeira face da batalha se mostra bela e gloriosa. No alto de uma nuvem permanece Mavorte, ainda indeciso sobre qual exército favorecer.

[234] Chegara o fim; Mulcíber, exausto, já desabava em cinzas quebradiças. Atacam as chamas e inundam a pira com água abundante, até que, ao pôr do sol, o trabalho terminou. Mal a tarefa cedeu às sombras tardias.

Já por nove vezes Lúcifer expulsara do céu as estrelas cobertas de orvalho e, outras tantas, mudara de montaria e anunciara durante a noite os fogos da Lua; contudo, não engana os astros conscientes, pois nas duas aparições se reconhece o mesmo.[20] É espantoso o quanto a obra avançou: ergue-se uma construção de mármore, enorme templo dedicado à sombra do morto, onde uma sequência de relevos conta toda a sua história. Aqui Hipsípile mostra o rio aos dânaos exaustos; ali a infeliz criança rasteja; adiante jaz, enquanto a serpente escamosa enrola, furiosa, os anéis junto à extremidade do outeiro. Dir-se-ia ouvir os últimos silvos da boca ensanguentada, tão vivo o réptil se enrosca na lança de mármore.

[249] A Fama convoca agora uma multidão ansiosa por contemplar combates sem armas. Chamados de todos os campos e cidades, todos chegam; reúnem-se também aqueles que ainda desconhecem o horror da guerra e os que a idade cansada ou os anos infantis haviam deixado para trás. Nunca tamanha turba clamorosa se juntara na praia de Éfira ou no circo de Enômao.[21]

[256] Num círculo verde de colinas curvas, abraçado pela mata, estende-se um vale. Cristas ásperas o cercam, e as duas elevações de um outeiro formam uma barreira, impedindo a saída da planície. Longa e uniforme, ela se eleva por suave declive até cumes relvados e alturas sinuosas cobertas de grama viva.

Ali, enquanto os campos ainda estavam rosados pela aurora, a multidão guerreira tomou assento em fileiras densas. Os heróis se comprazem em contar o número da turba variada, examinar os rostos e as vestes dos companheiros e sentir a alegre confiança de um exército tão poderoso. Para o local arrastam cem touros negros, força do rebanho, lentos e resistentes; igual número de vacas da mesma cor e novilhos cujas testas ainda não receberam a coroa crescente dos chifres.[22]

[268] Em seguida, desfila a antiga linhagem dos pais magnânimos, representada em imagens modeladas com arte espantosa e semelhança de vida. Primeiro, o herói de Tirinto comprime o leão arfante contra a forte pressão do peito e o quebra sobre os próprios ossos; os descendentes de Ínaco não o contemplam sem temor, embora seja de bronze e o famoso herói lhes pertença.

Depois aparece o pai Ínaco reclinado para a esquerda sobre o monte de uma margem coberta de juncos, deixando fluir livremente a urna transbordante. Io, já curvada sobre quatro patas[23] e causa da dor paterna, vê atrás de si Argos, constelado de olhos que nunca conhecem ocaso. Mais benigno, porém, Júpiter a reerguera nos campos de Faro, e a Aurora[24] já lhe oferecia acolhida favorável.

Segue o pai Tântalo, não aquele que pende sobre as águas enganosas e tenta alcançar no ar vazio o ramo que lhe foge, mas o hóspede piedoso do grande Tonante. Em outra cena, Pélope, triunfante no carro, governa as rédeas de Netuno,[25] enquanto o auriga Mírtilo procura agarrar as rodas saltantes e o eixo veloz o deixa cada vez mais distante.

Vêm também o grave Acrísio, a imagem terrível de Coroebo, o ventre culpado de Dânae, Amimone[26] entristecida junto à fonte que encontrou, e

Alcmena orgulhosa do pequeno Hércules, com uma lua tríplice em torno dos cabelos.[27]

Os filhos de Belo[28] unem as destras discordantes num pacto de inimizade; Egito, porém, permanece perto com expressão mais branda. Na face fingida de Dânao é fácil perceber os sinais da paz traiçoeira e da noite que se aproxima. Depois seguem formas inumeráveis. Por fim, a vista se sacia, e a coragem chama os mais ilustres heróis para os prêmios que lhes pertencem.

[296] Primeiro vem o suor dos cavalos. Conta, ó Febo, os nomes famosos dos condutores; fala também dos próprios corcéis, pois jamais se reuniu em combate conjunto mais nobre de corredores alados. Assim disputam a corrida bandos compactos de aves, ou, numa única praia, Éolo estabelece um concurso entre os ventos selvagens.

[301] À frente de todos conduzem Árion, distinguido pela crina de fogo. Netuno, se é verdadeira a fama antiga, foi seu pai. Diz-se que ele próprio feriu primeiro com o freio a boca jovem do animal e o domou na areia da praia, poupando-lhe o açoite; insaciável era seu desejo de correr, e instável como o mar no inverno.

Muitas vezes, atrelado aos cavalos do oceano, ele atravessara o mar da Líbia ou o Jônio e conduzira a salvo até todas as praias o pai de cor azul-escura. As nuvens de tempestade se admiravam de ser vencidas; Euro e Noto competiam e ficavam para trás. Com velocidade não menor levara por terra o filho de Anfitrião quando este cumpria as guerras de Euristeu, abrindo profundos sulcos pela campina, feroz também contra ele e impaciente de comando.

Depois, por favor dos deuses, foi considerado digno de ter Adrasto como senhor e, desde então, tornara-se muito mais dócil.

Naquele dia, o rei permite que o genro Polinices o conduza e lhe dá longos conselhos: ensina que artes acalmam o cavalo enfurecido, recomenda não usar mão demasiado severa nem deixá-lo correr solto das rédeas. "Instiga os outros corcéis", disse, "com a voz e o aguilhão; este correrá sozinho, e mais depressa do que desejas."

Assim também o Sol, quando entregou as rédeas ardentes e colocou o filho no carro giratório, advertiu, entre lágrimas, o jovem exultante sobre as estrelas traiçoeiras, as zonas que não deviam ser atravessadas e o calor moderado que se estende a meio caminho entre os polos. Faetonte foi obediente e prudente, mas os destinos cruéis não lhe permitiram aprender.

[326] Anfiarau, segundo favorito ao prêmio, conduz do alto do carro cavalos ebálios, tua descendência, Cílaro, gerada às escondidas enquanto Castor, longe, na foz do Ponto cita, trocava as rédeas amicleias pelo remo. Branca como a neve é a veste do adivinho; brancos como a neve, os corcéis que oferecem o pescoço ao jugo; o elmo e a faixa igualam a brancura da pluma de sua crista.

Também Admeto, o afortunado, vindo das praias da Tessália, mal consegue conter as éguas estéreis, descendentes de um Centauro, segundo dizem; tão desdenhosas parecem de seu sexo, e o calor natural se converte inteiramente em vigor corporal.[29] Brancas com manchas escuras, assemelham-se ao dia e à noite:

cada cor era marcada com tamanha força. Não seria impróprio julgá-las da raça daqueles animais[30] que ficaram imóveis diante da flauta castália e desprezaram a pastagem ao ouvir Apolo tocar.

[340] Eis que também os jovens filhos de Jasão, orgulho recém-encontrado de Hipsípile, tomam lugar nos carros que cada um conduzirá: Toante, que leva o nome do avô, adequado à linhagem; e Euneu, cujo nome deriva do presságio da Argo.[31] Em tudo os gêmeos se parecem: no rosto, no carro e nos cavalos, na veste e no acordo dos desejos, pois cada um quer vencer ou, se perder, perder somente para o irmão.

Depois avançam Crômis e Hipodamo, um filho do poderoso Hércules, outro de Enômao; seria difícil decidir qual conduz com maior furor. O primeiro tem cavalos criados pelo geta Diomedes; o segundo, uma parelha pertencente ao pai de Pisa. Ambos os carros são adornados por despojos cruéis e gotejam sangue horrendo.

Como pontos de retorno havia, de um lado, um tronco nu de carvalho; do outro, uma coluna de pedra, árbitra dos lavradores. Entre ambos estendia-se um espaço que se poderia alcançar com quatro lançamentos de dardo ou três voos de flecha.[32]

[355] Enquanto isso, Apolo encantava com seu canto o coro glorioso das Musas e, com o dedo sobre as cordas, contemplava a terra do alto cume aéreo do Parnaso.

Primeiro narra os feitos dos deuses - pois muitas vezes, cumprindo seu dever, cantara Jove e Flegra, a própria vitória sobre a serpente e os louvores de seus irmãos;[33] depois revela que espírito impele o raio ou guia as estrelas, de onde vem a fúria dos rios, que alimento sustenta os ventos, que fontes abastecem o oceano sem medida, que caminho do Sol apressa ou prolonga o percurso da noite, se a Terra está no ponto mais baixo ou suspensa no centro do céu e cercada por outro mundo que não vemos.

Ali termina e despede as irmãs, embora desejosas de continuar ouvindo. Enquanto prende louros à lira e ajusta o brilho tecido da coroa, e enquanto desata do peito o cinturão figurado, escuta um clamor e avista, não longe, Nemeia, famosa por Hércules, e o grandioso espetáculo de uma corrida de quadrigas. Reconhece todos; por acaso, Admeto e Anfiarau haviam tomado posição em campos próximos.

Então disse consigo: "Que deus colocou em rivalidade esses dois príncipes, os nomes mais fiéis a Febo? Ambos me veneram, ambos me são caros, e não saberia dizer qual ocupa o primeiro lugar. Um deles, quando servi como escravo no solo de Pélias - assim ordenara Jove, assim quiseram as Irmãs sombrias -, queimou incenso diante de seu servo e não ousou considerar-me inferior.

"O outro é companheiro dos trípodes e discípulo devoto da sabedoria do ar. Embora o primeiro tenha precedência pelos méritos, o fio do segundo já se aproxima do fim da roca. Para Admeto estão reservadas a velhice e uma morte tardia; para ti, nenhuma alegria resta: Tebas e o abismo escuro te esperam.

"Tu o sabes, infeliz; há muito minhas próprias aves cantaram teu destino."

Falou, e lágrimas umedeceram a face que quase nenhuma dor pode profanar. Imediatamente desceu a Nemeia, saltando radioso pelo ar, mais veloz que o fogo do pai e que as próprias flechas. Já havia muito alcançara a terra, e ainda suas pegadas permaneciam no céu; ainda seu caminho brilhava através dos zéfiros.

[389] Proto já agitara as sortes num elmo de bronze, e cada concorrente recebera seu lugar e sua ordem na partida. Os heróis, glória ilustre de suas pátrias, e os cavalos, iguais a eles em renome, todos de sangue divino, permanecem contidos por uma única barreira: esperançosos e ousados, mas também temerosos; ansiosos e confiantes. Tudo é confusão em seus corações. Desejam partir e ao mesmo tempo receiam; um estremecimento de coragem misturada ao medo percorre-lhes os membros até as extremidades.

Os cavalos ardem tanto quanto os senhores. Os olhos lançam fogo; mordem ruidosamente os freios, e sangue e espuma corroem o ferro. Mal as traves que os contêm resistem à pressão; fumegam e arquejam numa cólera sufocada. Tamanho sofrimento é permanecer imóveis: perdem mil passos antes da largada, e os cascos já ressoam na planície ainda ausente.[34] Em torno, amigos fiéis alisam as crinas torcidas e embaraçadas, pronunciam palavras de coragem e oferecem numerosos conselhos.

O toque tirreno[35] ressoou-lhes aos ouvidos, e todos saltaram de seus lugares. Que velas sobre o mar, que dardos na guerra, que nuvens atravessam tão rapidamente o céu? Menos violentas são as torrentes de inverno ou o fogo; mais lentas caem as estrelas e se acumulam as chuvas; mais devagar descem as águas dos cumes das montanhas.

[410] Os pelasgos os veem e acompanham enquanto partem; ora desaparecem da vista, ora se confundem e se ocultam numa única nuvem de poeira cegante. Por causa da multidão, nada se distingue, e mal conseguem reconhecer cada um pelo nome gritado.

Depois alguns se desprendem da massa, e cada qual ocupa o lugar correspondente à própria força. A segunda volta apaga os sulcos da primeira. Ora, curvados para a frente pela avidez, quase tocam o jugo; ora, com os joelhos em tensão, dobram o corpo e puxam as rédeas nos pontos de retorno.[36] Nos pescoços peludos os músculos se avolumam; o vento penteia para trás as crinas erguidas, e a terra coberta de pó bebe a chuva branca da espuma. Misturam-se o trovão dos cascos e o ruído mais brando das rodas em movimento.

Os braços jamais repousam; o ar assobia com o açoite repetido. Nem o granizo do Norte frio cai mais denso, nem a chuva escorre com maior força dos chifres de Oleno.[37]

[424] Por instinto - ou presciência de sua origem divina[38] -, Árion percebera que outro condutor segurava as rédeas e, inocente, temeu o terrível filho de Édipo. Desde o começo se enfurece mais que de costume, rebelando-se com ira contra o peso. Os filhos de Ínaco julgam que os louvores o inflamam; mas é do auriga que

ele foge, é o auriga que ameaça em fúria, e procura o verdadeiro senhor por toda a planície.

Anfiarau o segue, muito à frente dos demais e, por grande distância, em segundo lugar; no mesmo nível corre o tessálio Admeto. Os gêmeos permanecem juntos, ora Euneu à frente, ora Toante; alternadamente recuam e avançam, e jamais o amor ambicioso da glória põe em conflito os irmãos devotados.

Por último disputam o feroz Crômis e o feroz Hipodamo, não por falta de habilidade, mas porque o peso dos cavalos os retarda. Hipodamo, à frente, sente a respiração ofegante da parelha que o segue e o vento quente sobre os ombros. O profeta de Febo espera, apertando as rédeas e contornando de perto a baliza, conquistar o primeiro posto; o herói tessálio também sente a esperança aproximar-se, enquanto Árion, recusando o controle, lança-se em círculos de um lado para outro e desvia-se para a direita do percurso.

Já o Eclida estava à frente, e Admeto deixara de ser terceiro, quando o cavalo nascido do mar, enfim reconduzido de sua ampla volta, alcança e ultrapassa ambos, tornando breve seu triunfo. Um estrondo imenso sobe ao céu; o firmamento treme, e todos os assentos aparecem vazios quando a multidão se levanta de repente.

Mas o filho de Lábdaco,» pálido de ansiedade, não governa as rédeas nem ousa usar o açoite. Assim um timoneiro, depois que toda a arte se esgota, precipita-se igualmente contra ondas e rochedos; já não consulta as estrelas e entrega ao acaso o saber vencido.

[454] Novamente, em velocidade desenfreada, desviam-se para a direita da pista e entram na planície; esforçam-se por recuperar o curso. De novo eixo choca-se com eixo, roda com raios de outra roda. Não há trégua nem respeito por acordo algum. Dir-se-ia mais fácil a guerra, a guerra selvagem e o derramamento de sangue, tamanho é o furor da vontade de vencer, tamanho o medo e as ameaças de morte; muitos cascos são atingidos enquanto atravessam de lado a planície.

Aguilhões e açoites já não bastam. Admeto chama pelo nome Íris, Fóloe e a fumegante Toé; o adivinho dânao repreende o veloz Ásqueto e Cicno, bem chamado por sua brancura. Estrímon ouve Crômis, filho de Hércules; o ardente Étíon, Euneu. Hipodamo provoca o lento Cídon; Toante suplica maior rapidez ao malhado Podarces. Apenas o filho de Equíon permanece sombrio e silencioso no carro errante, temendo confessar sua desgraça com gritos de alarme.

[469] Mal começara a verdadeira disputa dos cavalos, e já entram na quarta volta coberta de pó. O suor quente escorre dos membros exaustos; a sede ardente faz escapar e arquejar a respiração espessa dos corcéis de cascos córneos. O vigor diminui, os flancos são atormentados por longos arquejos. Então, pela primeira vez, a Fortuna, por muito tempo indecisa, ousa intervir e pronunciar a sentença.

Toante, avançando loucamente para ultrapassar o hemônio Admeto, cai; o irmão não o socorre, embora desejasse fazê-lo, pois o marcial Hipodamo se adiantara e conduzira a parelha entre ambos. Depois Crômis, pela força

hercúlea e por todo o vigor do pai, prende Hipodamo com os eixos enlaçados ao girar por dentro dele junto à baliza. Em vão os cavalos lutam para se libertar e esticam pescoços nervosos e freios.

Assim, quando a maré detém embarcações sicilianas e um forte Noto as impele, as velas inchadas permanecem imóveis no meio do mar.

Crômis lança então o rival do carro despedaçado e teria avançado até os primeiros; mas, quando os cavalos trácios veem Hipodamo estendido no chão, retorna-lhes a fome terrível. Já se preparavam para repartir em louco desejo o corpo trêmulo, se o herói de Tirinto, esquecendo a vitória, não tivesse agarrado os freios, afastado os cavalos que relinchavam e abandonado o campo vencido, mas elogiado por todos.

[491] Havia muito Febo desejava para ti, Anfiarau, as honras prometidas. Enfim, julgando oportuno o momento de demonstrar favor, visita os espaços sombrios da pista coberta de pó, quando a corrida já se aproxima do fim e, pela última vez, a vitória paira indecisa. Uma monstruosa aparição de cabelos de serpente e rosto terrível de contemplar - quer a tivesse criado no Érebo, quer moldado para a astúcia daquele instante, certamente a encheu de terrores incontáveis - é por ele elevada ao mundo superior.

O guardião do Letes sombrio não a contemplaria sem medo, nem as próprias Eumênides sem profundo estremecimento; ela faria tombar no meio da corrida os cavalos do Sol e a parelha de Marte. Ao vê-la, o dourado Árion ergueu a crina; parou com os quartos levantados e suspendeu no alto o companheiro de jugo e os corcéis que partilhavam a fadiga em ambos os lados.

Imediatamente o exilado aônio é lançado para trás, de cabeça. Solta as rédeas, e o carro, livre do controle, dispara para longe. Por Polinices, caído sobre a terra que se desfaz, passam o carro tênaro, o eixo tessálio e o herói de Lemnos,[40] que mal conseguem evitá-lo desviando-se durante a fuga. Os amigos correm até ele; por fim, levanta do chão a cabeça atordoada e os membros vacilantes, retornando quando o sogro Adrasto quase já não esperava revê-lo.

[513] Quão oportuna teria sido então tua morte, ó tebano, se a severa Tisífone não a tivesse proibido! Quão terrível guerra poderias ter evitado! Tebas te choraria, e teu irmão fingiria fazê-lo; Argos também lamentaria, assim como Nemeia, Lerna e Larissa, que, em atitude suplicante, cortariam os cabelos por ti. Tua pompa fúnebre superaria a de Arquêmoro.

[518] O Eclida, embora o prêmio já estivesse garantido a quem vinha depois, pois Árion sem senhor ocupava o primeiro lugar, ainda ardia no desejo de ultrapassar até o carro vazio. O deus lhe concede forças e o reanima. Mais veloz que Euro, voa como se a barreira acabasse de cair e ele apenas começasse a corrida. Chamando pelo ágil Cero e pelo branco Cicno, fere-lhes o pescoço e sacode as rédeas sobre o dorso.

Agora, ao menos, quando ninguém segue à frente, o eixo ardente devora a pista e a areia dispersa se espalha ao longe. A terra geme e, já então, ameaça com ferocidade. Talvez até Árion reconhecesse a derrota e Cicno alcançasse o

primeiro lugar; mas o pai marinho não permite que o filho seja vencido. Assim, numa divisão justa, a glória permaneceu com o cavalo, e a vitória coube ao profeta.

Como recompensa do triunfo, dois jovens levam-lhe uma cratera de Hércules. Outrora o Tiríntio costumava erguê-la com uma só mão e, lançando a cabeça para trás, esvaziá-la enquanto espumava, quer voltasse vencedor de um monstro, quer do campo de Marte.

A taça apresenta Centauros ferozes, trabalhados com arte, e figuras terríveis em ouro. Aqui, na matança dos Lápitas, voam pedras, tochas e outras crateras;[41] por toda parte se vê a ira imensa dos moribundos. O próprio Hércules agarra o furioso Hileu, prende-o pela barba e ergue a clava.

A ti, Admeto, por teus méritos, oferecem um manto de orla ondulante, tingido muitas vezes com a púrpura meônia. Nele nada o jovem que desprezou as águas de Frixo[42] e, com o corpo azul-marinho, reluz através da onda bordada; vê-se o braço avançar para o lado, e parece prestes a alternar o movimento. Ninguém esperaria encontrar-lhe secos os cabelos no tecido.

Do outro lado, no alto da torre, a donzela de Sesto permanece sentada, ansiosa, vigiando em vão; perto dela, a lâmpada consciente enfraquece e se apaga. Adrasto ordena que essas ricas recompensas sejam entregues aos vencedores; o genro, porém, consola com uma serva aqueia.

[550] Em seguida, Adrasto incita os heróis mais velozes a disputar prêmios abundantes: prova de agilidade, na qual a força é mais frágil,[43] exercício próprio da paz quando os jogos sagrados convidam, mas também útil na guerra como recurso de fuga, caso falhe o vigor do braço. Antes de todos, Idas salta para a frente, ele cujas têmporas haviam sido recentemente cobertas por coroas olímpicas; a juventude de Pisa e os grupos da Élida o saúdam com aplausos.

Segue Álcão de Sícion; depois Fédimo, duas vezes aclamado vencedor nas areias do Istmo, e Dimas, que outrora ultrapassara a corrida de cavalos alados, embora agora, por causa da idade que o retardava, fossem eles a vencê-lo. Muitos outros, recebidos em silêncio pela multidão ignorante, avançam de um lado e de outro. Por Partenopeu, o árcade, porém, todos gritam e levantam murmúrios que percorrem o circo apinhado.

Bem conhecida é sua mãe pela rapidez dos pés. Quem não ouviu falar da incomparável glória de Atalanta e daquelas pegadas que pretendente algum conseguia alcançar? O filho carrega toda a fama materna e, já célebre por si mesmo, diz-se que, correndo pelas clareiras abertas do monte Liceu, alcança a pé as corças indefesas e, durante a corrida, ultrapassa o dardo que ele próprio lançou. Muito esperado, enfim avança, saltando com leveza sobre os grupos, e desprende o fecho de ouro torcido do manto.

Seus membros reluzem e toda a forma graciosa se revela: belos ombros, peito tão liso e formoso quanto o rosto, e a beleza da face parecia perder-se na beleza do corpo inteiro. Ele despreza, porém, os elogios à aparência e não permite que os admiradores se aproximem. Depois se serve habilmente dos líquidos de Palas[44]

e torna a pele dourada com óleo abundante. Assim Idas, Dimas e os demais brilham lisos e lustrosos.

Assim, quando as estrelas cintilam sobre o mar tranquilo e o céu constelado se reflete trêmulo nas profundezas, cada astro é luminoso; mais luminoso, porém, que os outros, Héspero lança seus raios. Com o mesmo brilho com que arde no alto firmamento, reflete-se nas ondas azul-escuras.

Idas ocupa o segundo lugar em beleza, não muito mais lento e também pouco mais velho. Nele o óleo da palestra já despertara o primeiro crescimento delicado; uma penugem começava a espalhar-se pelas faces, mas ainda não se distinguia sob a massa dos cabelos não cortados.

Então experimentam devidamente a velocidade e aguçam os passos. Por diversas artes e por excitação fingida despertam os membros ainda indolentes: ora se abaixam com os joelhos dobrados, ora batem ruidosamente no peito escorregadio, ora lançam os pés ardentes em corridas breves e paradas repentinas.

[593] Assim que a barra caiu e deixou livre a linha de partida, arrancaram com agilidade, e os corpos nus brilharam pela planície. Os rápidos cavalos que pouco antes haviam corrido no mesmo terreno pareciam mover-se mais lentamente. Poder-se-ia julgá-los flechas lançadas em massa por uma tropa cidônia ou por partos em fuga. Não de outro modo correm os cervos pelas regiões selvagens da Hircânia, quando ouvem - ou imaginam ouvir - ao longe o rugido de um leão faminto. O medo cego os impele numa fuga apinhada e aterrorizada, em meio ao ruído incessante dos chifres que se chocam.

Mais veloz que a brisa rápida, o jovem do Mênalo desaparece à vista. Muito perto, o feroz Idas corre atrás e respira sobre o ombro dele, pressionando-lhe os calcanhares com o sopro ofegante e a sombra do corpo. Depois deles, Fédimo e Dimas travam disputa incerta; junto aos dois segue o veloz Álcão.

Os cabelos dourados caíam da cabeça nunca tosquiada do árcade. Desde os primeiros anos ele os conservara como dádiva a Trívia e, em promessa vaidosa, jurara oferecê-los aos altares da pátria quando regressasse triunfante da guerra ogígia. Agora, libertos da faixa e soltos atrás dele, voam para trás ao encontro do vento, ao mesmo tempo retardando sua corrida e estendendo-se diante do rival Idas.

Então o jovem pensa numa fraude e encontra oportunidade para o engano. Já perto da chegada, enquanto Partenopeu cruza triunfante a linha,[45] Idas agarra-lhe os cabelos, puxa-o para trás, toma seu lugar e é o primeiro a atingir a larga entrada da meta.[46]

[618] Os árcades gritam "Às armas!" e correm armados para defender o príncipe, caso não lhe sejam restituídos o prêmio perdido e a honra merecida; preparam-se para invadir toda a pista. Outros, ao contrário, agradaram-se da astúcia de Idas. O próprio Partenopeu lança punhados de terra sobre o rosto e os olhos cobertos de lágrimas, e a graça do pranto aumenta-lhe a beleza.

Na aflição, rasga com unhas ensanguentadas ora o peito, ora as faces inocentes e os cabelos culpados, enquanto em torno cresce um clamor discordante. O velho Adrasto permanece indeciso, sem saber o que fazer. Por fim declara: "Cessai a disputa, jovens! Vossa capacidade será provada novamente; mas não correreis numa única faixa. Idas ficará deste lado; tu, à parte, correrás por ali. Que não haja fraude na corrida!"

[631] Eles escutam e obedecem. Então o jovem de Tégea, em oração silenciosa, dirige humilde súplica aos deuses: "Deusa, rainha dos bosques, a ti e à tua honra estão prometidos estes cabelos, e foi justamente o voto que me trouxe esta desgraça. Se minha mãe ou eu próprio merecemos teu favor na caça, não permitas, eu te suplico, que eu siga para Tebas sob tão mau presságio, nem que tamanha vergonha recaia sobre a Arcádia." Logo se mostrou claramente que fora ouvido.

A planície mal o sente passar. Os pés pisam um ar tênue, e as pegadas raras parecem suspensas, sem romper a poeira. Entre gritos corre até a meta; entre gritos volta ao rei e, recebendo a palma, acalma a dor. A corrida terminou, e os prêmios aguardam os esforços. Ao árcade dão um cavalo; o desavergonhado Idas leva um escudo; os outros partem satisfeitos com aljavas da Lícia.

[646] Adrasto convida então quem desejar a experimentar o resultado do disco lançado[47] e demonstrar vigor incansável e força orgulhosa. À sua ordem avança Pterelas e, curvando todo o corpo, mal consegue depor junto de si o peso escorregadio da massa de bronze. Em silêncio, os filhos de Ínaco observam e calculam o esforço.

Logo muitos se precipitam: dois de raça aqueia, três filhos de Éfira, um natural de Pisa e, como sétimo, um acarnânio. O amor da glória ainda incitava outros, quando o alto Hipomedonte, estimulado pela multidão, avançou trazendo junto ao lado direito outro disco largo: "Tomai antes este, guerreiros que marchais para despedaçar muralhas com pedras e derrubar as torres tírias, tomai este! Quanto ao outro, qualquer mão consegue lançar tamanho peso." Sem esforço o ergueu e atirou para o lado.

Todos recuam espantados e reconhecem a derrota. Apenas Flégias e o ardente Menesteu, obrigados pela vergonha e pela nobre ascendência, consentem em provar a força. Os demais cedem espontaneamente, voltam sem glória e contemplam admirados o disco. Assim o escudo de Marte, na planície bistônia,[48] reflete sobre o Pangeu uma luz sinistra; brilhando, aterroriza o próprio Sol e ressoa profundamente sob a lança do deus.

[668] Flégias de Pisa começa a prova. Imediatamente atrai para si todos os olhos, quando contemplam seu corpo, tamanha promessa de grandes feitos ele oferece. Primeiro cobre de terra o disco e a própria mão; depois, sacudindo o pó, gira-o com grande habilidade para descobrir que lado se ajusta melhor aos dedos e se apoia com maior firmeza no centro do braço.

Sempre amara esse exercício. Não apenas quando participava da famosa festa de sua pátria: costumava medir a distância entre as duas margens do Alfeu e,

onde elas se afastavam mais, ultrapassar o rio sem jamais molhar o disco. Confiante, mede com o braço direito não os hectares ásperos da planície, mas a extensão do céu. Com ambos os joelhos inclinados para a terra,[49] reúne a força, gira o disco acima da cabeça e o esconde nas nuvens.

Veloz sobe; como se estivesse caindo, torna-se mais rápido enquanto ascende.[50] Enfim, esgotado, volta mais lentamente das alturas e enterra-se no campo. Assim cai a irmã escurecida do Sol quando é arrancada das estrelas atônitas: ao longe os povos golpeiam o bronze em seu socorro e se entregam a medos inúteis, enquanto a feiticeira tessália, triunfante, ri dos cavalos ofegantes que obedecem ao encantamento.[51]

Os dânaos gritam em aplauso, embora Hipomedonte franza o rosto, e Flégias espera realizar lançamento ainda maior ao longo do terreno plano.[52]
[691] Então o ataca a Fortuna, que se compraz em derrubar esperanças desmedidas. Que poder tem o homem contra os deuses? Ele já preparava um lançamento vigoroso; voltara a cabeça, e todo o lado do corpo começava a oscilar para trás.[53] O peso escapa e cai diante dos pés, frustrando o arremesso; a mão desce vazia e inútil. Todos gemem, embora a poucos o espetáculo dê prazer.

Menesteu, mais cauteloso, leva ao esforço uma técnica atenta e, dirigindo muitas preces a ti, filho de Maia,[54] corrige com pó a superfície escorregadia da massa poderosa. Com sorte muito melhor, o disco parte da grande mão e só cai depois de percorrer extensão considerável da pista. A multidão aplaude, e uma flecha é fincada para marcar o ponto.

Em terceiro lugar, Hipomedonte avança para a prova com passo lento e pesado, pois no fundo do peito guarda a advertência da desventura de Flégias e da boa fortuna de Menesteu. Ergue o instrumento de combate que sua mão conhece bem; sustentando-o no alto, reúne a força do flanco inflexível e dos braços vigorosos, e o lança num giro imenso, saltando ele próprio para a frente depois do arremesso.

Com salto terrível o disco voa pelo ar vazio. Até em pleno voo se recorda da mão que o lançou e conserva a trajetória correta. Não alcança uma marca duvidosa ou próxima: ultrapassa o sinal do vencido Menesteu, cai muito além dele e faz tremer os contrafortes verdes e as alturas sombreadas do teatro, como se ruíssem numa vasta destruição. Assim, do Etna fumegante, Polifemo lançou uma rocha; embora a mão já não fosse guiada pela visão, atingiu o próprio rumo da embarcação que apenas podia ouvir e caiu perto do inimigo Ulisses.

Assim também os Aloídas, quando o rígido Ossa já calcava o Olimpo, carregaram ainda o gélido Pélion e esperaram uni-lo ao céu aterrorizado.
[722] O filho de Tálau ordena então que uma pele de tigre seja entregue ao vencedor: reluzia inteira, com borda amarela, e as garras afiadas estavam domadas pelo ouro. Menesteu recebe um arco de Cnossos e flechas que nunca erram. "A ti, Flégias", exclama, "a quem a má fortuna enganou, damos esta espada, outrora glória e auxílio de nosso Pelasgo; Hipomedonte não a recusará.

Agora é necessária verdadeira coragem: empunhai os terríveis cestus no combate próximo; aqui a valentia chega mais perto da guerra e da espada."
[731] O argivo Capaneu tomou posição - terrível na aparência, terrível no medo que inspirava - e amarrou aos braços a pele crua de boi, escura de blocos de chumbo, não menos dura que ele próprio. "Mandai-me um homem", disse, "dentre esses milhares de guerreiros. Preferiria que meu rival fosse da raça aônia, alguém a quem fosse lícito matar, para que minha coragem não se manchasse[55] com sangue aliado." Todos ficaram imóveis; o terror os reduziu ao silêncio.

Por fim, Alcidamante, de maneira inesperada, saltou da multidão nua[56] dos lacônios, para espanto dos príncipes dóricos. Os companheiros, porém, sabiam que ele confiava no mestre Pólux e crescera na palestra de um deus. O próprio Pólux guiara-lhe as mãos e modelara-lhe os braços - tamanha era sua paixão pelo exercício -; muitas vezes o colocara contra si mesmo e, admirando-o quando se erguia com igual coragem, tomava-o exultante nos braços e apertava contra o peito o corpo nu.

Capaneu o despreza e zomba do desafio, como se sentisse piedade, e pede outro adversário. Por fim, obrigado, coloca-se diante dele; então o pescoço antes indolente se avoluma sob o impulso da ira. Com os corpos erguidos em toda a altura, levantam as mãos mortais como raios. Os rostos ficam recolhidos sobre os ombros, protegidos e vigilantes, fechando o caminho para as feridas.

Um é tão vasto na extensão de todos os membros e tão terrível no tamanho dos ossos como seria Tício, caso se levantasse dos campos estígios e as aves ferozes o permitissem. O outro há pouco deixara a infância, mas sua força é mais madura que os anos, e o vigor juvenil promete uma poderosa idade adulta. Ninguém desejava vê-lo vencido ou manchado de sangue cruel; todos, porém, temiam o espetáculo enquanto rezavam ansiosamente por sua vitória.[57]
[760] Examinando-se com os olhos e esperando cada qual a primeira abertura, não se lançam imediatamente a golpes furiosos. Permanecem algum tempo em temor recíproco e misturam prudência à cólera. Apenas inclinam os braços um contra o outro, ensaiam movimentos e experimentam as luvas, amortecendo-as em simples roçaduras.[58]

O mais bem treinado contém a fúria; pensando no que virá, retarda o ataque e poupa as forças. O outro, pródigo em ferir e descuidado do próprio vigor, precipita-se com tudo o que possui; em golpes selvagens esgota os dois braços, avança rangendo inutilmente os dentes e prejudica a própria causa.

O lacônio, prudente e astuto, dotado de toda a vigilância de sua pátria, ora apara, ora evita o golpe. Às vezes, lançando para trás ou dobrando rapidamente a cabeça, escapa ileso; em outras, repele com as mãos o ataque dirigido e avança com os pés, mantendo a cabeça recuada.[59]

Muitas vezes ainda, quando o adversário o domina pela força superior - tamanha potência existe em sua astúcia, tamanha habilidade na destra -, toma audaciosamente a iniciativa, entra na guarda, cobre-o com a própria sombra e, erguendo-se alto, ataca.

Assim uma massa de água se lança de cabeça contra um rochedo ameaçador e volta despedaçada. Ele gira em torno do inimigo irado, rompendo-lhe a defesa. Eis que levanta a mão e ameaça longamente o rosto ou o flanco; pelo temor das armas pesadas desvia a guarda, planta com astúcia um golpe repentino e marca o centro da testa com uma ferida. O sangue corre, e o fluxo quente tinge as têmporas.

Capaneu, ainda sem perceber, admira-se do murmúrio súbito da multidão. Quando, passando por acaso a mão cansada sobre a face, vê as manchas na pele de boi, nenhum leão ou tigre, ao sentir a dor do dardo, jamais se enfureceu tanto. Com ardor persegue o jovem em retirada precipitada por todo o campo e quase o força a cair de costas; range os dentes de modo terrível e gira os punhos em incontáveis golpes repetidos.

Os golpes se perdem no vento; alguns caem nas luvas do adversário. Com movimentos vivos e auxílio dos pés ágeis, o espartano evita as mil mortes que chovem em torno das têmporas. Mesmo assim, não esquece a arte: foge combatendo e, embora recue, responde aos golpes com golpes.

[796] Ambos já estão exaustos pelo esforço e pela respiração ofegante. Um persegue mais devagar; o outro já não foge com tanta rapidez. Os joelhos falham aos dois e, ao mesmo tempo, descansam. Assim, quando longa viagem pelo mar cansa os marinheiros, dá-se um sinal da popa e eles repousam por breve tempo os braços; mal retomam o fôlego, outro grito os convoca novamente aos remos.

Eis que Capaneu se lança uma segunda vez em fúria. O outro o engana, corre ao encontro dele e se abaixa entre seus ombros; Capaneu[60] precipita-se de cabeça. Quando começa a levantar-se, o jovem impiedoso golpeia-o outra vez e empalidece com o próprio sucesso. Os descendentes de Ínaco soltam um grito mais forte que o ruído do mar ou da floresta.

Quando Adrasto o viu lutar para erguer-se do chão e levantar as mãos, decidido a atos horrendos, clamou: "Depressa, amigos, eu vos peço, ele enlouqueceu! Correi, impedi-o! Está fora de si. Rápido, trazei a palma e os prêmios! Não cessará, percebo claramente, até esmagar o cérebro dentro do crânio partido. Salvai o lacônio condenado!"

Tideo salta imediatamente, e também Hipomedonte, obediente à ordem. Mal os dois, com toda a força, dominam os braços do gigante, prendem-nos e o exortam com energia: "Deixa o campo; és o vencedor. É nobre poupar o vencido. Ele também é um dos nossos e companheiro de guerra."

Mas nada abranda a fúria do herói. Afasta o ramo e a couraça oferecidos e grita: "Soltai-me! Não esmagarei em sangue e pó coagulado aquelas faces pelas quais esse menino efeminado conquistou favor? Não enviarei ao túmulo o cadáver deformado nem darei aos mestres ebálios[61] motivo de luto?"

Assim fala; os amigos o arrastam dali, inchado de ira e protestando que não venceu. Os lacônios louvam o pupilo do famoso Taígeto e riem alto das ameaças do outro.

[826] Há muito os feitos variados de bravura e a consciência do próprio valor espicaçavam com urgência o magnânimo Tideo. Ele se distinguia no disco e na corrida; não era menos hábil nas luvas do pugilato; acima de todos os outros exercícios, porém, amava a luta com corpos ungidos. Assim costumava ocupar os intervalos de repouso entre as batalhas e aliviar a ira marcial; nas margens do Aqueloo enfrentara heróis poderosos, instruído pelo céu, e vencera numerosos combates.

Por isso, quando a ambição ardente chama os jovens à luta, o etólio retira dos ombros a terrível cobertura de pele do javali de sua terra. Contra ele, Agileu, que se vangloria de origem cleoneia,[62] ergue os membros elevados. Não é menor que Hércules em volume: tão alto se levanta com ombros enormes e excede monstruosamente a medida humana.

Falta-lhe, contudo, a força compacta do corpo paterno. Tem membros frouxos e excessivamente crescidos, é instável e macio na musculatura;[63] por isso o Enida[64] confia ousadamente que derrubará adversário tão imenso. Pequeno à vista, é pesado de ossos, duro e nervoso de braços. Jamais a natureza ousou encerrar espírito tão ardente e força tão grande num corpo tão reduzido.

[847] Depois que a pele de ambos recebeu com prazer o óleo, correm para o centro da planície e se vestem com chuvas de areia. Com o pó secam alternadamente os membros molhados, afundam o pescoço entre os ombros e estendem os braços como ramos largos. Tideo, de imediato, baixa o corpo com astúcia, quase tocando a areia com os joelhos; assim puxa para baixo o alto Agileu e o obriga a curvar-se até seu nível.

Mas, como o cipreste, rainha de uma altura alpina, inclina o cimo sob a pressão do Noto, mal se sustentando pela raiz, aproxima-se do chão e logo se ergue novamente no ar, assim o gigantesco Agileu força por vontade própria os membros enormes para baixo e, gemendo,[65] dobra-se sobre o pequeno adversário. Ora um, ora outro ataca com as mãos a testa, o ombro, o flanco, o pescoço, o peito e as pernas que escapam ao aperto.

Às vezes permanecem por muito tempo suspensos e presos um ao outro; em seguida procuram, com ferocidade, romper o enlace dos dedos. Menos violentamente dois touros, chefes do rebanho, fazem guerra. No prado permanece a bela novilha branca, esperando o vencedor; os peitos são dilacerados na luta furiosa, enquanto o amor aplica o aguilhão e cura as feridas, tornando-as insensíveis.[66] Assim combatem javalis de presas reluzentes; assim ursos disformes agarram peles felpudas numa luta coberta de pelos.

[870] Tamanha é a violência do Enida. Nem a poeira nem o calor do Sol enfraquecem e cansam seus membros; a pele é compacta e firme, e a disciplina do esforço transformou-a em músculo duro. O outro, de respiração insegura, arqueja pesadamente e solta sopros doentios no cansaço; a areia endurecida escorre dele em rios de suor, enquanto busca furtivamente apoio para o corpo no chão.

Tideo o pressiona sem cessar. Fingindo atacar o pescoço, tenta agarrar-lhe as pernas; mas os braços, curtos, são frustrados e falham no intento. Toda a altura do outro desaba sobre ele e o esmaga, sepultando-o sob a massa enorme.

Assim, quando um mineiro ibero[67] cava sob um monte e deixa muito atrás a luz viva do dia, se o solo suspenso vacila e a terra escavada cai de repente com estrondo, ele permanece coberto pela montanha desabada. O corpo comprimido e inteiramente quebrado nem sequer consegue entregar ao próprio céu a alma indignada.

Tideo é mais vigoroso que o rival e superior pelo ardor da coragem. Não demora a escapar do aperto e do peso desigual; cercando Agileu enquanto hesita, prende-se de repente às costas. Com rapidez envolve os flancos e a virilha num abraço firme, prende os joelhos entre as coxas e, enquanto ele luta em vão para escapar e tenta empurrar uma mão contra seu lado, ergue-o implacavelmente no alto - peso espantoso e terrível de contemplar.

Assim, segundo a fama, Hércules segurou nos braços o líbio nascido da Terra,[68] coberto de suor, quando descobriu o segredo e o arrebatou para o alto, sem deixar esperança de queda e sem permitir que nem a ponta do pé tocasse a mãe Terra.

[897] Levanta-se um grito e o alegre aplauso da multidão. Mantendo-o suspenso, Tideo solta-o subitamente por vontade própria e o lança de lado. Acompanha-o na queda, prende-lhe o pescoço com a mão direita e a cintura entre as pernas. Assim dominado, o espírito do gigante fraqueja, e apenas a vergonha o obriga a lutar. Enfim fica estendido, com peito e ventre contra o chão; muito depois, levanta-se triste, deixando na terra marcada a impressão de sua desonra.

Tideo, levando a palma na mão direita e, na esquerda, o prêmio de armadura brilhante, diz: "E se a planície de Dirce não guardasse medida tão grande de meu sangue - como bem sabeis -, ali onde, recentemente, estas cicatrizes firmaram tratado com Tebas?[69]" Ao falar, mostra as marcas e entrega aos companheiros as gloriosas recompensas conquistadas, enquanto a couraça desprezada segue Agileu para fora do campo.

[911] Alguns avançam ainda para lutar com a espada nua. Já tomavam posição, inteiramente armados, Agreu de Epidauro e o exilado dirceu, ainda não condenado pelo destino. Mas o chefe, filho de Iaso, os proíbe:

"Grande reserva de morte ainda vos espera, jovens. Conservai o ânimo guerreiro e o desejo enlouquecido do sangue inimigo. E tu, por cuja causa deixamos nus os campos ancestrais e as cidades amadas, não entregues, eu te suplico, tamanho poder ao acaso antes de começar o combate, nem - que os deuses afastem a ideia! - às preces de teu irmão."

Assim fala e enriquece ambos com um elmo de ouro. Depois, para que o genro não fique sem louvor, manda coroar-lhe as altas têmporas e proclamá-lo em voz alta vencedor de Tebas;[70] os destinos terríveis repetem como eco as palavras de mau agouro.

[924] Os príncipes instam o próprio monarca a enobrecer os jogos festivos com alguma façanha pessoal e prestar esta última honra ao túmulo. Para que não falte uma vitória ao número dos chefes, pedem-lhe que dispare do arco flechas líctias[71] ou rasgue as nuvens com a lança leve.

Ele aceita com alegria e, rodeado pelos guerreiros mais ilustres, desce do monte verde até a planície. À ordem, o escudeiro leva atrás dele a aljava leve e o arco. Adrasto se prepara para atravessar com o tiro toda a imensa extensão do circo e abrir uma ferida num freixo escolhido.

[934] Quem negará que os presságios emanam das causas ocultas dos acontecimentos futuros? Os destinos se abrem diante da humanidade, mas preferimos não prestar atenção, e a prova mostrada antecipadamente se perde. Assim transformamos sinais em acaso, e daí a Fortuna retira o poder de nos ferir.

[938] Num instante, a flecha fatal mediu a planície e atingiu a árvore. Depois - visão horrível! - voltou pelo ar que acabara de atravessar, tomou da meta o caminho de casa, continuou o percurso e caiu junto à boca da aljava conhecida. Os príncipes trocam muitas explicações erradas: alguns dizem que as nuvens e os ventos do alto se encontraram e empurraram a seta; outros, que o impacto da madeira a repeliu.

Profundamente ocultos permanecem o resultado grandioso e a verdade terrível anunciada: somente ao dono a flecha prometeu sobrevivência e um triste regresso da guerra.

NOTAS AO LIVRO VI

1. Estácio recorda os três grandes ciclos atléticos gregos: os Jogos Olímpicos, ligados a Pélope e Hércules; os Píticos, celebrando a morte de Píton por Apolo; e os Ístmicos, associados a Palêmon.

2. "Aônia" designa a Beócia; "tírias", as mães de Tebas, cidade fundada pelo fenício Cadmo.

3. Imaginava-se que o Sono derramava o repouso sobre os mortais a partir de um chifre. Aqui o chifre está vazio porque a aurora expulsa o sono.

4. O discurso consolatório de Adrasto retoma temas frequentes nas consolações antigas: a fragilidade humana, a inevitabilidade do destino e a esperança de nova descendência.

5. Belo é nome de um antigo rei oriental e também do pai de Dânao; a expressão significa simplesmente canela vinda do Oriente.

6. Lino é identificado, numa tradição, com a criança nascida de Apolo e Psâmate, morta por cães no relato de Adrasto no Livro I.

7. No latim, a referência às armas preparadas pelo pai forma uma longa construção parentética; a tradução reorganiza a frase para conservar a clareza.

8. Os cintos militares podiam ser ornamentados com metal e pedras, produzindo som ao chocar-se contra a armadura.

9. O texto latino sugere que o bosque testemunhara sucessivas gerações de Ninfas, imagem de sua antiguidade sobrenatural.

10. "Caônios" são os carvalhos de Caônia, no Epiro, região do célebre bosque oracular de Dodona.

11. A sorveira seria transformada em haste de lança e, por isso, "beberia" o sangue da batalha.

12. O abeto é chamado "audaz" porque sua madeira, convertida em navio, ousa enfrentar o mar.

13. Pales e Silvano são divindades rústicas itálicas, introduzidas por Estácio na paisagem mítica grega.

14. As Ninfas das árvores eram concebidas como espíritos inseparáveis dos troncos; a derrubada do bosque equivale à expulsão ou morte dessas divindades.

15. Sípilo é o monte da Lídia onde, segundo o mito, os filhos de Níobe foram mortos por Apolo e Diana.

16. Os descendentes de Ínaco são os argivos, que cercam Hipsípile em reconhecimento por ela ter salvado o exército da sede.

17. O voto de Licurgo previa oferecer a Júpiter os cabelos do filho quando o rosto dele alcançasse a plenitude da juventude.

18. Há variante textual no latim para a oferenda de leite; o sentido geral é o de uma bebida agradável ao morto e ainda quente do úbere.

19. O texto descreve três voltas rituais, mas quatro choques de armas e quatro golpes das mulheres no peito; a assimetria pode ser deliberada ou resultar da transmissão textual.

20. Lúcifer e Héspero, estrela da manhã e estrela da tarde, são manifestações do mesmo planeta, Vênus; os astros "sabem" que não foram enganados pela mudança de aparência.

21. Éfira refere-se a Corinto e aos Jogos Ístmicos; o circo de Enômao, a Olímpia e às competições ligadas a Pélope.

22. Os novilhos ainda não possuem chifres plenamente formados, descritos como uma coroa crescente.

23. Io aparece representada como novilha, apoiada nas quatro patas; outra imagem mostra sua forma humana recuperada no Egito.

24. Aurora designa aqui o Oriente, especialmente o Egito, onde Io foi acolhida e identificada com Ísis.

25. Pélope era favorito de Netuno, que lhe teria dado os cavalos com que venceu Enômao na corrida.

26. Amimone, filha de Dânao, recebeu de Netuno a revelação de uma fonte em Lerna e foi unida ao deus junto às águas.

27. A lua tripla alude à noite prolongada três vezes em que Júpiter concebeu Hércules com Alcmena.

28. Os filhos de Belo são os cinquenta filhos de Egito, pretendentes das Danaides; Dânao também descendia de Belo.

29. Estácio atribui às éguas uma origem centáurica e sugere que a força corporal absorveu o calor sexual; a lógica da imagem é deliberadamente fantástica.

30. A raça é a dos cavalos de Admeto, encantados pela música de Apolo durante o período em que o deus serviu como pastor.

31. O nome Euneu, em grego, pode evocar a ideia de "boa navegação", apropriada ao filho do argonauta Jasão.

32. O espaço entre as balizas corresponderia a cerca de quatro lançamentos de dardo ou três tiros de arco; é uma medida poética, não uma distância atlética precisa.

33. Flegra foi o campo da batalha entre deuses e Gigantes; a serpente é Píton; os irmãos elogiados são Baco e Hércules, também filhos de Júpiter.

34. A imagem do cavalo que já percorre a pista antes da largada descreve o bater impaciente dos cascos e a corrida imaginada pelo animal.

35. "Tirreno" qualifica o som da trombeta, instrumento associado pelos romanos à Etrúria.

36. Os condutores se inclinam e tensionam as rédeas sobretudo ao contornar as balizas.

37. Os "chifres de Oleno" aludem à constelação da Cabra e aos sinais de chuva associados a ela.

38. Árion, filho de Netuno, pode ser descrito como dotado de instinto profético; o mortal culpado faz o cavalo inocente pressentir a desgraça.

39. O filho de Lábdaco é Polinices, descendente da antiga linhagem real tebana.

40. Os três veículos que desviam de Polinices pertencem a Anfiarau, Admeto e Toante.

41. As "outras crateras" são taças representadas na cena da luta entre Lápitas e Centauros, usadas como armas no banquete.

42. O jovem é Leandro, que atravessava a nado o Helesponto entre Abidos e Sesto para encontrar Hero.

43. A corrida depende menos da força pesada que o pugilato, o disco ou a luta; por isso a valentia nela é chamada "mais frágil".

44. Palas Atena era protetora da oliveira; os "líquidos de Palas" são o óleo com que os atletas ungiam o corpo.

45. O "limiar" é a linha que marca a chegada da corrida.

46. Num estádio grego, a linha de partida ou chegada podia ser extensa; Idas alcança primeiro a ampla faixa final depois de puxar Partenopeu pelos cabelos.

47. O disco antigo era uma placa maciça de pedra ou metal, diferente da argola chamada "quoit" em inglês; a tradução emprega sempre "disco".

48. "Bistônia" significa trácia; o monte Pangeu ficava na Trácia e era associado ao culto de Marte.

49. A postura de Flégias, joelhos inclinados e tronco girado, recorda o movimento preservado nas representações antigas do discóbolo.

50. O disco sobe com tamanha rapidez que sua descida, por contraste, parece mais lenta: paradoxo retórico de Estácio.

51. Acreditava-se que feiticeiras tessálias provocavam eclipses atraindo a Lua para a terra; os cavalos são os que puxam o carro lunar.

52. O primeiro lançamento de Flégias é uma tentativa de aquecimento dirigida para o alto; ele espera depois lançar mais longe na horizontal.

53. Flégias girara o lado esquerdo do corpo em direção ao disco mantido na mão direita e já iniciava o movimento inverso do arremesso.

54. O filho de Maia é Mercúrio, patrono da destreza atlética e da astúcia.

55. O adjetivo latino pode sugerir não apenas crueldade, mas a mancha de sangue que Capaneu não deseja receber ao ferir um aliado.

56. Os espartanos treinavam nus na palestra; por isso Alcidamante salta da "multidão nua" dos lacônios.

57. As preces ansiosas da plateia desejam que o jovem Alcidamante vença sem ser desfigurado pelo sangue.

58. Os pugilistas ainda não iniciaram os golpes decisivos: apenas testam distância, defesa e peso das luvas.

59. O movimento de Alcidamante combina avanço dos pés e recuo da cabeça, mantendo o corpo ativo sem oferecer o rosto.

60. Alcidamante se abaixa e avança sob os ombros de Capaneu, fazendo o gigante precipitar-se sobre sua cabeça.

61. Os "mestres ebálios" são os espartanos e, em especial, Pólux, mestre divino de Alcidamante.

62. "Cleoneia" equivale a hercúlea: Cleonas ficava perto de Nemeia, cenário da vitória de Hércules sobre o leão.

63. A expressão latina descreve Agileu como grande, mas flácido e pouco compacto, em contraste com a musculatura densa de Tideo.

64. Enida é Tideo, descendente de Eneu.

65. O gemido de Agileu não exprime apenas dor: a emissão da voz tensiona o corpo e aumenta a força do movimento.

66. O amor "cura" as feridas dos touros no sentido de fazê-los ignorar a dor durante a disputa pela novilha.

67. A Ibéria era célebre na Antiguidade por suas minas; o símile apresenta um mineiro soterrado pelo desabamento da galeria.

68. O líbio nascido da Terra é Anteu, que recuperava a força sempre que tocava sua mãe, Gaia. Hércules o venceu mantendo-o suspenso no ar.

69. Tideo alude à embaixada a Tebas e à emboscada narradas no Livro II: suas cicatrizes seriam os "tratados" selados com o próprio sangue.

70. "Vencedor de Tebas" é fórmula ambígua: pode designar Polinices como futuro conquistador ou, ominosamente, antecipar a vitória do irmão tebano.

71. "Líctias" significa cretenses; Creta era famosa pela habilidade de seus arqueiros.

LIVRO VII

[1] Enquanto assim se demoravam no limiar da guerra tíria, Júpiter voltou para os pelasgos o olhar irado e sacudiu a cabeça; ao movimento dela estremeceram as altas estrelas, e Atlas queixou-se de que o peso sobre seus ombros aumentara. Então falou ao veloz filho de Tegeia:

"Vai, meu filho; lança-te depressa pelo Norte até as moradas bistônias e as constelações nevadas do polo, onde a Parrásia[1] alimenta, com nuvens de tempestade e com a própria chuva do céu, seus fogos impedidos pelo Oceano.

"Ali, quer Marte tenha deposto a lança e recobre o fôlego - embora o repouso lhe seja odioso -, quer, como penso, conserve as armas e as trombetas de que nunca se cansa e se deleite no sangue de seu povo amado,[2] apressa-te em transmitir-lhe, sem nada poupar, a mensagem colérica de seu pai.

"Há muito lhe ordenei que inflamasse o exército de Ínaco e tudo quanto a rocha do Istmo separa e a ira trovejante de Maleia, cheia de ecos, circunda; contudo, mal suas tropas transpuseram os limites das muralhas e já celebram uma festa sagrada. Julgar-se-ia que voltaram da guerra, tamanho é o entusiasmo com que assistem aos ritos de um túmulo ofendido. É esta, Gradivo, a tua fúria? O disco redondo estronda e repercute, e as luvas ebálias[3] chocam-se no pugilato.

"Se ele possui realmente a alardeada ferocidade e a alegria insana da batalha, então, sem compaixão, há de reduzir a cinzas cidades inocentes com ferro e fogo, prostrar os povos enquanto imploram ao Tonante e exaurir o mundo miserável.

"Agora, porém, mostra-se brando na guerra e enfraquece enquanto eu me enfureço. Se não apressar o combate e não lançar, mais velozmente do que a palavra de minha ordem, as fileiras dânaas contra as muralhas tírias - não o ameaço com nada cruel -, que todo o seu poder se converta em bondade e mansidão; que sua cólera indomável se abrande em quietude e paz; que me devolva os cavalos e a espada e não conserve mais direito algum ao derramamento de sangue. Voltarei os olhos para a terra e ordenarei que todos cessem a discórdia; para a guerra ogígia, bastará Tritônia."[4]

[34] Ele falara, e o Cilênio já se aproximava dos campos da Trácia. Descendo pela porta do polo setentrional,[5] é arremessado de um lado para outro pelas tempestades eternas daquela região, pelas nuvens cerradas que atravessam o céu e pelos primeiros sopros de Aquilão; o granizo torrencial ressoa sobre sua veste de ouro, e mal o protege o sombrio chapéu da Arcádia.[6]

Ali contempla florestas estéreis, santuários de Marte - e estremece ao vê-los -, onde, nas encostas remotas do Hemo, a morada selvagem do deus é cercada por mil fúrias. As muralhas são construídas de ferro; portais de ferro pesam

sobre a soleira; colunas trabalhadas em ferro sustentam o teto. Os raios de Febo enfraquecem quando a atingem; a própria luz teme aquela casa, e seu brilho sombrio perturba as estrelas.

Sentinelas dignas guardam o lugar: do portão exterior salta a Paixão selvagem, acompanhada pelo Mal cego, pelas Iras rubras, pelo Medo pálido; a Traição esconde-se com a espada oculta, e a Discórdia empunha uma lâmina de dois gumes. Inúmeras Ameaças clamam no pátio; no centro permanece o Valor sombrio; ali estão sentados o Furor exultante e a Morte armada, de rosto ensanguentado. Nos altares não há sangue que não venha das guerras, nem fogo que não tenha sido roubado a cidades em chamas.

Por toda parte havia despojos de todas as terras; povos conquistados adornavam o alto frontão do templo,[7] juntamente com fragmentos de portas revestidas de ferro, navios de guerra, carros vazios e rostos esmagados por rodas - quase se ouviam até os gemidos! Ali se viam todas as formas de violência e de ferida.

O próprio Marte aparecia em toda parte, mas nunca com o semblante abrandado. Assim Mulcíber, com arte divina, o representara: o adúltero, revelado pelos raios luminosos do Sol, ainda não expiara a união vergonhosa nas redes do leito que o aprisionaria.[8]

[64] Mal o alado deus do Mênalo começara a procurar o senhor do templo, eis que a terra treme, o Hebro cornudo muge e detém o curso da torrente. Então todos os cavalos de guerra que agitavam o vale atravessam espumantes os campos aterrorizados, sinal seguro de sua aproximação, e os portões trancados com eterno adamante se abrem de súbito.

Glorioso com o sangue da Hircânia, Marte chega em seu carro. Ao longe, a terrível aspersão muda o aspecto dos campos; atrás dele vêm despojos e multidões em pranto; as florestas e as neves profundas lhe dão passagem. Com a mão ensanguentada, a sombria Belona dirige a parelha e a fustiga com a longa lança. O filho de Cilene enrijeceu de terror ao vê-lo e baixou os olhos; até o próprio Pai, se estivesse presente, sentiria reverência, renunciaria às ameaças e não daria ordens tão severas.

O Senhor da Guerra falou primeiro: "Que decreto de Jove, que mensagem trazes do vasto céu? Não vieste por vontade própria, ó irmão, a esta região e às minhas tempestades de inverno, tu cuja morada é o Mênalo orvalhado e o ar mais benigno do cálido Liceu."

Mercúrio transmite a decisão do pai. Marte não se demora: impele os cavalos voadores, ainda ofegantes e cobertos de suor sob o mesmo jugo, indignado porque os gregos tardavam em começar a guerra.

O Pai, das alturas, observou-o e, moderando a ira, deixou a cabeça baixar lentamente. Assim, quando o Euro se recolhe e abandona as águas que venceu, estas ainda se avolumam mesmo na calmaria, e a tempestade já ausente continua a revolver a superfície do mar; os navios ainda não ajustaram todo o cordame, nem os marinheiros tornaram a respirar livremente.

[90] Os ritos fúnebres haviam encerrado as competições sem armas, mas a multidão ainda não se dispersara quando, em meio ao silêncio geral, o herói Adrasto derramou vinho sobre a terra e propiciou as cinzas de Arquêmoro:

"Concede, pequeno, que este dia se renove em muitas festas trienais. Que o mutilado Pélope não prefira buscar os altares da Arcádia ou bater às portas dos templos eleus com o braço de marfim; que a serpente não deslize de preferência para o santuário castálio, nem a sombra de Palêmon para os pinheirais de Lequeu.[9] Nós te recusamos, ó criança, ao triste Averno e ligamos estes ritos de luto às estrelas imortais, nós que agora corremos às armas.

"Se nos concederes derrubar à espada as moradas beócias, então um templo grandioso te elevará; então serás de fato um deus, e teu culto não se espalhará apenas pelas cidades de Ínaco: também Tebas, cativa, jurará pelo teu nome."

Assim prometeu o chefe por todos; assim prometeu cada guerreiro por si mesmo.

[105] Gradivo já calcava, com os cavalos inclinados para a frente, as praias de Éfira, onde o Acrocorinto eleva o cume às alturas do ar e projeta alternadamente a sombra sobre os dois mares. Então ordena ao Pânico, um dos terríveis membros de seu séquito, que avance diante dos cavalos. Ninguém é mais hábil em introduzir o terror ofegante e roubar a coragem do coração; o monstro possui inúmeras vozes e mãos e pode assumir a aparência que desejar. Sua palavra convence a todos, e seus assaltos enlouquecem cidades de horror.

Se sugere que há dois sóis, que as estrelas caem, que o solo se ergue ou que florestas antigas descem marchando das colinas,[10] os desgraçados acreditam ter visto tudo isso.

Naquele momento inventava um artifício novo e astuto: levanta uma poeira fantasma sobre a planície de Nemeia. Atônitos, os chefes contemplam acima da cabeça a nuvem que escurece; ele aumenta o tumulto com um clamor sem substância, imita o entrechoque das armas e o tropel dos cascos e espalha o terrível grito de guerra pelos ventos errantes. Os corações saltam de medo, e a multidão, murmurando, aguarda em suspense:

"De onde vem esse ruído, a menos que os ouvidos nos enganem? Por que o céu se cobre de poeira? A tropa do Ismeno não terá ousado chegar tão longe? Sim, é isso mesmo; eles vêm! Terá Tebas tamanha audácia? Julgam que devemos esperar até terminarmos os ritos dos túmulos?"

[127] Assim o Pânico atua nas mentes desconcertadas. Entre as fileiras assume muitos semblantes: ora parece um dos mil homens de Pisa, ora um piliano, ora um lacedemônio; jura que o inimigo está próximo e abala o exército com alarme vazio. Para quem teme, nada parece falso.

Quando enfim caiu sem disfarce sobre os guerreiros perturbados e, levado por um redemoinho veloz em torno das alturas do vale sagrado, três vezes brandiu a lança, três vezes fustigou os cavalos e três vezes golpeou o escudo contra o peito, todos gritaram: "Às armas! Às armas!" Cada um, em confusão selvagem, apanha as próprias armas ou as do vizinho; tomam elmos alheios e

forçam cavalos estranhos sob o jugo. Em todos os corações arde o desejo insano de morte e carnificina; nada contém o ardor. Com pressa furiosa, expiam a demora.

Tal clamor enche a praia quando o vento se levanta e os homens deixam o porto: por toda parte as velas se enfunam, os cabos soltos batem; os remos já flutuam e as âncoras surgem à superfície; e já, do alto-mar, os navegantes voltam os olhos para a terra amada e para os amigos deixados muito atrás.

[145] Baco vira as coortes de Ínaco reunirem-se depressa para a marcha. Com um gemido voltou-se para a cidade tíria, recordando o lar que o criara e o fogo de seu pai;[11] a tristeza ocupava-lhe o coração e o espanto, o rosto luminoso. Desordenados estavam os cabelos e as coroas; o tirso caíra-lhe da mão, e os cachos intactos, dos chifres. Choroso, de aspecto indigno e com a veste desfeita, apresentou-se diante de Júpiter - que por acaso reinava então sozinho no céu - numa aparência em que jamais fora visto; o pai, contudo, conhecia bem a causa. E falou em súplica:

"Destróis tua própria Tebas, ó digno pai dos deuses? Tua esposa é tão cruel? Não te compadeces daquela terra amada, do leito que enganaste, das cinzas que me são caras? Seja: uma vez, creio eu, lançaste contra a vontade o fogo das nuvens; mas eis que uma segunda vez levas chama mortal àquela terra, sem juramento pelo Estige e sem o pedido astuto de uma amante.

"Que limite estabelecerás? És meu pai e te enfureces contra mim? És bondoso e ainda assim empunhas o raio? Não irias com semelhante disposição à cidade de Dânae, ao bosque parrásio[12] ou a Amiclas, morada de Leda.

"Sou eu, de fato, o mais desprezado de todos os teus filhos? Contudo sou aquele que te foi doce peso, por quem te dignaste abrir outra vez o limiar da vida, o caminho já fechado, e completar no próprio corpo o tempo do ventre.[13] Além disso, meu povo não é guerreiro; raramente se exercita nos acampamentos e conhece apenas as minhas guerras, os meus combates: entrelaçar coroas nos cabelos e girar ao som da flauta delirante; teme as varas que as noivas brandem e as batalhas que as matronas travam.[14] Como suportará o clangor das trombetas e o trabalho de Marte, que - olha! - prepara-se com tamanha fúria? Seria como se ele conduzisse teus próprios Curetes ao combate e ordenasse a esses homens[15] que decidissem a luta com escudos inofensivos.

"E, além disso, escolheste Argos, cidade odiosa[16] - não havia outro inimigo? Cruel, ó pai, é o nosso perigo, mas ainda mais cruel é tua ordem! Pagamos a pena para enriquecer[17] a Micenas de minha madrasta.

"Eu cedo. Mas para onde irão os ritos sagrados de meu povo arruinado e tudo quanto minha mãe deixou ao dar à luz apenas para o túmulo? Partiremos para a Trácia e para as florestas de Licurgo? Fugirei cativo para aquela Índia onde outrora triunfei? Concede algum repouso ao exilado!

"Meu irmão pôde tornar firme Delos, morada rochosa de Latona - não lho invejo - e prendê-la às profundezas;[18] Tritônia afastou as águas hostis de sua cidadela amada; eu próprio vi Épafo dominar povos orientais, e nem a remota

Cilene nem o Ida minoico temem o som da trombeta.[19] Por que nossos altares te ofendem tanto?

"Aqui - já que minha influência deve ceder -, aqui foram as noites em que Hércules foi concebido e o fogo favorecido da errante filha de Nicteu;[20] aqui floresceram a raça de Tiro e o touro mais fecundo do que meu raio. Protege ao menos a descendência de Agenor!"

[193] Sorrindo do ciúme do filho, o pai ergueu-o suavemente e acolheu no abraço aquele que permanecia ajoelhado, de braços estendidos. Depois respondeu com serenidade:

"Não é pela vontade de minha esposa, como pensas, meu filho, nem sou escravo de suas exigências ferozes. É a roda imóvel do destino que determina nossa sorte;[21] causas antigas conduzem agora, depois de tanto tempo, à guerra.

"A ira de quem se aquieta tão depressa? Quem poupa mais o sangue humano? O céu e minha morada eterna testemunham quantas vezes deponho o raio que já comecei a fazer girar,[22] quão raramente estes fogos dominam a terra. Foi contra a vontade, embora tivessem sofrido graves injúrias que reclamavam vingança, que entreguei os lápitas à destruição de Marte e a antiga Calidão à de Diana. Triste é a perda; custa substituir tantas vidas antigas por novas e dar outra vez alma a tantos corpos.

"Mas quanto à semente de Lábdaco e aos filhos da linhagem de Pélope, há muito hesito em destruí-los. Tu mesmo sabes - para não falar dos crimes dórios - quão pronta está Tebas a acusar os deuses; a ti também... Mas minha antiga ira se apaziguou, e guardarei silêncio.

"Penteu[23] não se manchou com o sangue do pai nem carregou a culpa de profanar o leito materno e gerar irmãos; ainda assim encheu teus bosques com os pedaços dilacerados do corpo. Onde estavam então estas lágrimas e esta eloquente súplica? Não sacrifico os filhos de Édipo para saciar cólera particular: a terra e o céu o exigem, assim como a piedade natural, a fé violada e as próprias leis das Potências Vingadoras.

"Não te aflijas, porém, por tua cidade. Não determinei que o Estado aônio caia agora; virá mais tarde uma idade mais sombria e outros vingadores.[24] Por enquanto, será a real Juno quem se lamentará."

[222] Ao ouvir isso, Baco recuperou a serenidade da mente e do semblante. Assim, quando rosais pendem queimados sob o sol abrasador e o cruel Noto, se o dia torna a clarear e os zéfiros renovam o céu, toda a beleza retorna: as flores se abrem luminosas, e os ramos desfigurados revestem-se de sua glória própria.

[227] Há muito um mensageiro levara aos ouvidos atônitos de Etéocles notícias seguras: os chefes gregos marchavam à frente de longa coluna e logo estariam próximos dos campos aônios; por onde passavam, todos tremiam e se compadeciam de Tebas. Ele relatava a linhagem, a fama e os feitos guerreiros de cada um.

O rei esconde o medo, exige ouvir e odeia quem narra. Decide então estimular os aliados com mensagens e medir os próprios recursos. Marte - assim

agradava a Jove - levantara toda a Aônia, a Eubeia e as terras vizinhas da Fócida. O sinal rápido voa ao longe, de cidade em cidade; os povos fazem avançar os exércitos e se exibem em armas; dirigem-se para a planície próxima da cidade, condenada à guerra, que aguarda o furor da batalha.

Ainda não havia inimigo diante deles, mas as matronas, em multidão agitada, sobem às muralhas e dali mostram aos filhos as armas reluzentes e os pais terríveis sob os elmos.

[243] Longe dali, numa torre solitária, ainda impedida de ser vista pelo povo, Antígona esconde as faces delicadas sob um véu negro. Ao lado estava um companheiro que outrora servira como escudeiro de Laio e a quem a princesa reverenciava.

Ela falou primeiro: "Há esperança, meu pai, de que estes estandartes detenham os pelasgos? Ouvimos que todas as nações de Pélope descem sobre nós. Conta-me, peço-te, quem são os príncipes e seus exércitos estrangeiros; pois reconheço os estandartes que nosso Meneceu e as tropas que nosso Creonte comandam, e vejo Hêmon sair pelas grandes portas Homolóides, com a alta crista de uma Esfinge de bronze."

Assim falou a inexperiente Antígona, e o velho Forbas respondeu: "Olha: Drias conduz mil arqueiros do monte da fria Tânagra. Aquele cuja armadura branca como a neve ostenta um tridente e um raio grosseiramente trabalhado em ouro é, pelo valor, verdadeiro descendente do altivo Órion. Que se afaste dele, peço, o presságio do pai e o antigo rancor da casta Diana![25]

"Ocáleia e Medeon unem-se ao nosso acampamento e adotam a causa do rei; também Nisa, densíssima em bosques, e Tisbe, ressoante com as aves de Dione.[26] Logo depois vem Eurimedonte, que imita as armas pastoris e a crista de crina de seu pai Fauno, com clava e ramos de pinheiro. Terrível é nas florestas; creio que também o será na guerra sangrenta.

"Acompanham-no Eritras, rica em rebanhos, os habitantes de Escolos e de Eteono, cerrada de ásperos cumes, os que possuem a curta praia de Hile e o povo orgulhoso de Esqueno, pátria de Atalanta, que cultiva a célebre planície marcada por seus passos. Como de costume, brandem as longas sarissas macedônias, feitas de freixo, e peltas que mal conseguem repelir golpes ferozes.

"Mas eis que os descendentes de Netuno de Onquesto avançam com grande clamor: aqueles que Micalesso nutre sob os pinheiros, os que vivem junto ao Melas, rio de Palas, e à Gargáfia, de águas amadas por Hécate, e aqueles cujas espigas novas Haliarto contempla com inveja, cobrindo com erva abundante os campos alegres. Troncos sem lavrar são suas armas; bocas vazias de leões, seus elmos; a casca curva das árvores lhes serve de escudo.

"Como não têm rei, nosso Anfião os conduz - é fácil reconhecê-lo, ó donzela -, distinto pela lira e pelo touro ancestral no elmo. Honra à tua coragem, jovem! Está pronto a entrar onde as espadas forem mais densas e a opor o peito nu às muralhas que ama.

"Também vós, multidão do Hélicon, viestes acrescentar força à nossa causa; e tu, Permesso, e tu, Ólmio, feliz por tuas águas melodiosas, armastes vossos filhos pouco afeitos à guerra. Ouves agora teu povo exultar em cantos dignos de sua pátria, como os cisnes que, quando o inverno pálido se retira, celebram o Estrímon resplandecente.[27] Avançai, valentes! Vossa honra jamais morrerá, e as Musas recordarão vossas guerras em canto eterno."

[290] Terminara, quando a donzela interrompeu por um momento: "E aqueles ali, que parentesco une os dois irmãos? Tão iguais são suas armas, tão igualmente se erguem no ar as cristas dos elmos! Quem dera meus irmãos tivessem semelhante concórdia!"

Sorrindo, o velho lhe respondeu: "Não és a primeira, Antígona, a ser enganada pela visão. Muitos os chamaram irmãos, pois a idade ilude. São pai e filho, embora tenham confundido as marcas dos anos. A ninfa Dercétis, ardendo de paixão e de desejo impudico de casamento, violentou antes do tempo o jovem Lapitáon, ainda alheio ao leito e imaturo para as chamas do amor. Pouco depois nasceu o belo Alatreu, que alcançou o pai ainda na flor da primeira juventude, tomou-lhe as feições e confundiu-lhe os anos.

"Assim, agora se alegram com o falso nome de irmãos, sobretudo o pai, a quem tanto o passado quanto a velhice futura dão prazer.[28] O pai conduz trezentos cavaleiros à batalha, e o filho outros tantos. Dizem que deixaram para trás a pobre Glisas e a fértil Coronéia, seus antigos campos: Coronéia rica em colheitas, Glisas fértil em vinho.

[309] "Mas olha antes Hipsêu, que lança ampla sombra sobre os altos cavalos. O lado esquerdo é protegido pelo escudo de sete camadas de couro de touro; o peito, por uma couraça de três tecidos de ferro - o peito, pois nunca teme pelas costas. A lança é antiga glória das florestas: quando arremessada, sempre atravessa arma e corpo, e sua mão jamais falha o alvo.

"Dizem que Asopo é seu pai, digno de ser contemplado quando, torrencial, passa sobre pontes arrancadas, ou quando, inchado de vingança pela filha virgem, açoita as águas em fúria e despreza o Tonante, amante dela.

"Conta-se que Egina foi arrebatada das águas paternas e escondida no abraço de Jove. O rio enfurece e prepara guerra contra as estrelas - nem mesmo os deuses, naquele tempo, possuíam tamanha licença. Derramou-se em ira audaciosa, enfrentou-o em combate e não tinha a quem pedir auxílio, até que, mal subjugado pelo trovão e pelo fogo de três pontas, cedeu.

"Ainda hoje a corrente orgulhosa se compraz em exalar das margens ofegantes, contra o céu, cinzas fulmíneas, sinais do grande castigo e vapores etneus. Veremos maravilhados semelhante furor de Hipsêu na planície cadmeia, se a feliz Egina já aplacou o Tonante.

"Ele conduz os homens de Ítono e as tropas alalcomênias de Minerva, os que Mideia e Arne, rica em uvas, fornecem, os que semeiam os campos de Áulis, Greia e da verdejante Plateia, os que submetem Peteão ao sulco e habitam - onde ele nos pertence - o Euripo, que reflui em seu curso, e a ti, Antédon,

extremo de nossas terras. Ali, da margem coberta de relva, Glauco mergulhou nas águas que o chamavam, já azul-esverdeado no rosto e nos cabelos, e espantou-se ao ver a cauda de peixe crescer-lhe desde a cintura.[29]

"Eles giram as fundas e rasgam os zéfiros com os projéteis; suas azagaias ultrapassarão as flechas velozes.

[340] "Também tu, Cefiso, terias enviado Narciso, extraordinário em beleza;[30] mas o jovem de coração cruel já empalidece como flor num campo de Téspias, e tu, pai privado do filho, banhas a flor com tuas águas.

"Quem poderia enumerar as tropas de Febo e da antiga Fócida? Os homens de Panopeu, Daulis e Ciparisso; teus vales, Lebadeia; Hiámpolis, apoiada numa rocha íngreme; os lavradores que revolvem com bois as duas vertentes do Parnaso, Cirra, Anemória e o bosque Corício, e Lileia, que faz brotar as fontes geladas do Cefiso, onde Píton costumava saciar a sede ofegante e desviar o rio do mar.

"Em todos os elmos vê o louro entrelaçado; em todas as armas aparecem Tício, Delos ou as aljavas que o deus esvaziou aqui numa carnificina incontável.[31] Conduz essas tropas o guerreiro Ífito, cujo pai, Náubolo, filho de Hípaso, foi morto há pouco. Ele era teu hóspede, ó dulcíssimo Laio. Eu ainda segurava, sem suspeitar de mal algum, as rédeas do carro quando teu pescoço, despedaçado por golpes cruéis, caiu sob os cascos dos cavalos - quem dera meu sangue tivesse corrido também!"[32]

[359] Enquanto falava, os olhos se molharam, a palidez percorreu-lhe todo o rosto e soluços repentinos interromperam o caminho livre da voz. A jovem que ele criara consola o coração amigo do velho estremecido. Ele recobra o fôlego e fala debilmente:

"Ó Antígona, minha glória cercada de cuidados e meu prazer supremo! Por tua causa, sem vergonha, adio as sombras que tardam, talvez destinado a ver repetirem-se os crimes e assassínios de teus antepassados, até que eu te entregue intacta e pronta para o casamento. Isso basta; depois, ó Parcas, deixai que eu abandone esta vida cansada.

"Mas enquanto desfalecia em fraqueza, quantos grandes chefes - agora torno a vê-los - passaram diante de nós! Não mencionei Clônis, nem os filhos de Abas de cabelos caídos pelas costas, nem teus homens, rochosa Caristo, nem as baixas Egas e o elevado Cafareu. Agora a vista embotada me recusa auxílio, e todos pararam: olha, teu irmão ordena silêncio aos homens armados."

[374] Mal o velho acabara de falar na torre, o príncipe começou, de cima de um alto terrapleno:

"Chefes de grande coração, a quem eu, ainda que vosso comandante, não recusaria obedecer e servir como simples soldado em defesa de minha Tebas, não tentarei estimular vosso ardor: livremente correstes às armas e, por vontade própria, jurastes combater por minha justa indignação. Também não conseguirei louvar-vos o bastante nem retribuir com gratidão digna; os deuses e vossas próprias mãos, depois de vencido o inimigo, farão o pagamento.

"Vindes de povos aliados proteger uma cidade atacada não por saqueador de praias estrangeiras, não por guerreiro nascido em terra alheia, mas por inimigo da própria pátria, que, ao conduzir acampamentos adversos, ainda tem aqui o pai, a mãe e irmãs do mesmo sangue - e aqui teve também um irmão.

"Vê com que culpa preparas em toda parte a destruição da raça paterna! Mas os povos aônios vieram voluntariamente em meu auxílio, e eu, cruel, não fui abandonado para ser tua vítima. O que deseja este exército, também tu deverias compreender: eles me proíbem de devolver o reino."

Assim falou e dispôs tudo em ordem: quem enfrentaria o inimigo, quem guardaria as muralhas, quais tropas conduziriam a vanguarda e quais colocaria no centro da formação.

Assim o pastor, enquanto a terra está fresca e os raios atravessam as portas, abre os currais de vime; manda que os guias avancem primeiro, depois as ovelhas aglomeradas. Ele próprio auxilia as prenhes e as mães cujos úberes arrastam pelo chão, e leva até elas os cordeiros que mal conseguem caminhar.

[398] Enquanto isso, os dânaos marcham armados de dia e de noite, de noite e de dia. A ira os leva adiante; desprezam o repouso, e mal o sono ou a comida os retardam. Como um exército em fuga, precipitam-se contra o inimigo.

Não dão atenção aos prodígios que o acaso, mensageiro da ruína, espalha densamente no caminho com presságio funesto: aves e feras anunciam horrores, assim como estrelas e rios que correm para trás; o Pai troveja contra eles e relâmpagos perniciosos brilham; vozes aterradoras são ouvidas nos santuários, portas de templos fecham-se sozinhas; ora chove sangue, ora pedras; fantasmas aparecem de repente, e pais de antigas gerações os enfrentam em lágrimas.

Também o oráculo de Apolo em Cirra emudeceu; durante toda a noite, em meses impróprios, Elêusis gemeu; e a profética Esparta viu nos templos abertos - espetáculo terrível! - os irmãos de Amiclas[33] em combate um contra o outro.

Os árcades contam que, no silêncio da noite, a sombra de Licáon latiu em fúria;[34] Pisa afirma que Enômao conduziu o carro sobre aquela planície cruel. Aqueloo, mutilado de ambos os chifres,[35] foi ultrajado pelo exilado acarnânio.[36] Triste estava a imagem de Perseu a que Micenas dirige preces, e abatida a estátua de marfim de Juno. Os camponeses dizem que o grande Ínaco mugiu, e os habitantes da região entre os dois mares[37] afirmam que o tebano Palêmon lamentou-se por todo o oceano.

A falange pelópida ouve tais advertências, mas o ardor guerreiro impede os conselhos celestes e lhes rouba o terror.

[424] Já haviam chegado às tuas margens, Asopo, e aos rios da Beócia. Os esquadrões não ousaram atravessar de imediato a corrente hostil. Por acaso ela descia em poderosa cheia sobre os campos estremecidos, quer o arco portador de chuvas ou as nuvens das montanhas lhe tivessem dado força, quer o próprio pairio tivesse decidido lançar a corrente diante deles para barrar as armas.

Então o feroz Hipomedonte, arrancando grande parte da margem, força o cavalo hesitante a entrar; sustentado pelas rédeas e pelos arreios, grita do meio da corrente aos chefes que ficaram atrás:

"Avançai, homens! Eu serei, garanto-vos, o primeiro a conduzir o ataque e romper as muralhas de Tebas."

Todos se lançam ao rio, envergonhados de apenas segui-lo.

Assim o gado permanece aterrorizado quando o pastor o impele para uma corrente desconhecida: a outra margem parece muito distante, e o medo estende entre ambas um largo espaço;[38] mas, quando o touro chefe salta e realiza a travessia, as águas parecem mais brandas, o mergulho mais fácil e as margens mais próximas.

[441] Não longe dali distinguem uma elevação e terreno apropriado para um acampamento seguro, de onde também podem ver a cidade e as torres sidônias. O lugar lhes agradou: oferecia retirada protegida sobre uma colina alta e larga, com campos abertos e ondulados abaixo e nenhuma montanha próxima que a dominasse. Nenhum trabalho exaustivo exigiu longas linhas de fortificação, pois a própria natureza favorecia admiravelmente o local.

Rochas erguiam-se como muralhas; o terreno inclinado servia de trincheira; quatro elevações fortuitas formavam bastiões. Eles completaram o restante, até que toda a luz deixou as colinas e o sono trouxe repouso ao cansaço.

[452] Que palavras poderiam representar o terror de Tebas? Diante da ruína iminente da guerra, a noite sombria tortura a cidade com medo insone e ameaça-a com o dia que se aproxima. Os homens correm de um lado para outro sobre as muralhas; no pânico terrível, nada lhes parece suficientemente guardado ou seguro, e nenhuma força resta na fortaleza de Anfião. A Fama anuncia inimigos por todos os lados, e o Medo os torna ainda mais numerosos e poderosos. Dali contemplam as tendas de Ínaco e fogueiras estrangeiras acesas em suas próprias colinas.

Uns rezam e suplicam aos deuses; outros encorajam as armas de guerra e os cavalos; outros, em lágrimas, abraçam aqueles que amam e, com tristeza, determinam para o dia seguinte as próprias piras e honras fúnebres.[39] Quando os olhos se fecham num sono breve, continuam guerreando; perturbados, ora se cansam da vida, ora valorizam cada adiamento. Pedem a luz, mas temem que ela venha.

Tisífone, agitando as duas serpentes, percorre em delírio ambos os acampamentos; inflama irmão contra irmão e o pai contra ambos. Despertado, Édipo afasta-se da cela secreta[40] e suplica às Fúrias, pedindo outra vez os olhos perdidos.

[470] A aurora nascente já apagara a fria Febe e as estrelas desvanecidas; o Oceano estava grávido do fogo da manhã, e a extensão do mar, revelada pelo Titã recém-nascido, abaixava-se sob os cavalos luminosos e ofegantes. Eis que Jocasta sai pelas portas, de olhos enlouquecidos, os cabelos brancos e desalinhados caindo em torno do rosto consumido, o peito ferido e lívido; na

mão leva um ramo de oliveira entrelaçado com lã negra. Avança em toda a majestade poderosa da dor, semelhante à mais antiga das Fúrias.

De um lado e de outro, as filhas - agora o melhor sexo da família[41] - sustentam-na enquanto apressa os membros envelhecidos e deseja caminhar mais depressa do que as forças permitem.

Vai ao encontro do inimigo e, descobrindo o peito, golpeia as portas com um lamento trêmulo, pedindo entrada:

"Abri o caminho! É a mãe culpada desta guerra quem vos pede passagem; por causa deste ventre tenho algum direito de lançar maldições neste acampamento."

Os esquadrões estremeceram de medo ao vê-la e ainda mais ao ouvi-la. Já retornava o mensageiro enviado a Adrasto; por ordem dele, recebem-na e abrem passagem no meio das espadas.

[488] Assim que viu os príncipes aqueus, soltou um grito terrível de ira e dor:

"Chefes argivos, quem me mostrará o inimigo a quem dei à luz? Sob que elmo - dizei-me - encontrarei meu filho?"

Assim delirava quando o herói cadmeu veio ao encontro dela, abraçou-a e verteu lágrimas de alegria. Segurando-a nos braços, tenta consolá-la e repete muitas vezes "mãe, mãe!", suplicando ora a ela, ora às irmãs amadas. Então a velha mistura ira aguda ao pranto:

"Por que esta representação de lágrimas covardes e nomes veneráveis, ó príncipe argivo? Por que envolves meu pescoço com os braços e esmagas tua mãe odiada contra este peito revestido de ferro? És ainda aquele exilado errante, aquele estrangeiro desgraçado? Que coração não comoverias? Coortes que se estendem ao longe aguardam tua palavra, e inúmeras lâminas brilham ao teu lado.

"Ah, mães infelizes! É este o filho por quem chorei dia e noite? Se ainda respeitas o conselho dos teus, agora, enquanto os exércitos permanecem silenciosos e a afeição natural hesita diante da guerra, eu, tua mãe, ordeno e suplico: vem comigo. Contempla ao menos os deuses de tua pátria e as casas que logo arderão; fala com teu irmão - por que desvias os olhos? - e exige o reino, tendo a mim como árbitra. Ou ele o concederá, ou retomarás a espada com direito maior.

"Ou temes uma traição, como se eu, tua mãe, te enganasse de propósito? A justiça não abandonou inteiramente nossa casa infeliz; mal precisarias temer mesmo que Édipo te conduzisse.[42] Pecaminosos foram meu casamento e meu parto, mas ainda assim vos amo - ah, dor amarga! - e até agora perdoo vossa fúria.

"Se persistires, contudo, nós próprios nos entregaremos à tua vitória, cruel! Apodera-te de tuas irmãs e amarra-lhes as mãos atrás das costas; carrega-me de correntes. Teu pai também será trazido, embora velho.

"Agora volto meu apelo triste à vossa honra, filhos de Ínaco. Cada um de vós deixou em casa crianças, pais idosos e lágrimas semelhantes: acreditai nos

sentimentos de uma mãe! Se meu filho se tornou tão depressa caro a vós – e peço que vos seja caro –, o que devo sentir, pelasgos, quanto deve sofrer este peito? Eu poderia suportar isso vindo de príncipes hircanos ou odrísios, de homens cujo delírio ultrapassasse o meu.

"Concedei o que peço; ou que eu morra aqui, com os braços em torno de meu filho, e não viva para ver esta guerra."

[527] As coortes orgulhosas vacilaram diante das palavras. Podia-se ver os elmos dos guerreiros tremerem e as armas molhadas por lágrimas piedosas. Assim, quando leões, num assalto furioso, espalharam homens e armas pelo chão, sua cólera logo se abranda, e eles se alegram em saciar sem perturbação a fome sobre a presa conquistada; do mesmo modo os corações pelasgos se comovem e hesitam, e a ardente avidez da batalha se amansa.

[534] Diante de todos, Polinices volta-se para beijar ora a mãe, ora Ismene, de súplica simples, ora Antígona, mais chorosa em seu apelo. No tumulto diverso que lhe divide a mente, esquece o reino; deseja partir, e o bondoso Adrasto não o impede. Então Tideo, lembrado da justa ira, interrompe-o:

"Enviai antes a mim, companheiros, eu que recentemente experimentei a palavra de Etéocles, embora não seja seu irmão; enviai-me para enfrentar o rei, cuja paz alardeada e cuja aliança honesta ainda trago gravadas neste peito.

"Onde estava então a mãe, mediadora de paz e de honra, quando naquela noite me recebeste com acolhida tão nobre? É para semelhante encontro que arrastas teu filho? Leva-o ao campo que ainda exala abundantemente sangue tebano e ainda mais abundantemente o meu.

"Seguirás tão longe, excessivamente brando de coração e esquecido dos amigos? Quando lâminas desembainhadas brilharem por todos os lados em mãos inimigas, as lágrimas dela farão essas espadas repousar? Insensato, ele te enviará de volta ao acampamento argivo depois que estiveres seguro dentro das muralhas e entregue ao ódio dele? Antes disso, esta lança perderá a ponta e lançará brotos, ou Ínaco e meu próprio Aqueloo correrão para trás.

"Mas procuras palavras brandas e paz em meio a armas selvagens. Pois bem: este acampamento também está aberto a ele e ainda não mereceu ser temido.[43] Ou sou suspeito? Então me retiro e faço presente de minhas feridas.[44] Que ele entre: também aqui encontrará mãe e irmãs para mediar.

"Mas suponhamos que, inteiramente vencido, ele abandone o reino estabelecido pelo pacto. Tu o entregarás pela segunda vez?"

As tropas, movidas por suas palavras, voltam outra vez para o lado da guerra, como quando, numa tempestade súbita, o Noto desce e arranca de Bóreas o domínio do mar. A fúria do combate torna a agradar; a feroz Erínia aproveita o instante e semeia a primeira semente da luta.

[564] Duas tigres vagavam junto às águas de Dirce, mansas companheiras do mesmo jugo. O carro guerreiro delas devastara outrora o Oriente, mas Líber, recentemente triunfante das praias eritreias,[45] permitira que percorressem os campos aônios. Os seguidores do deus e, como de costume, um velho sacerdote

empenhavam-se em adorná-las: esquecidas do sangue e perfumadas com ervas da Índia, recebiam brotos crescidos e cachos variados da videira; faixas de púrpura enfeitavam as peles malhadas.

Já as próprias colinas e até - quem acreditaria? - o gado as amavam, e novilhas mugidoras ousavam aproximar-se. A fome não as levava a ações cruéis; recebiam alimento de mãos preparadas para servi-las e erguiam para trás as cabeças terríveis a fim de beber o vinho derramado. Vagavam em paz pelos campos; e sempre que entravam na cidade com passo tranquilo, cada casa e cada templo brilhavam com o fogo dos sacrifícios, e todos acreditavam que o próprio Lieio chegara.

A Fúria tocou cada uma três vezes com o chicote de serpentes e as espicaçou de volta à antiga loucura. Elas disparam, e os campos já não as reconhecem.

Assim como, de regiões opostas do céu, duas tochas de raio rompem ao mesmo tempo e, ao cair, arrastam pelas nuvens os longos cabelos, assim elas atravessam a planície em corrida rápida e rugido furioso. Num salto poderoso apoderam-se do auriga de Anfiarau - e não sem mau presságio,[46] pois por acaso era o primeiro que conduzia os cavalos do senhor a um lago próximo. Depois atacam Idas do Tênaro, que vinha atrás, e o etólio Ácamas.

Os cavalos de casco córneo fogem enlouquecidos pelos campos, até que Aconteu, inflamado ao ver os heróis mortos - era árcade e de conhecido valor na caça -, perseguiu as feras que já buscavam as muralhas amigas. Com dardos cerrados e muitas lanças, atravessou-lhes repetidas vezes o dorso e os flancos.

Elas, deixando um longo rastro de sangue, levam até as portas, já desfalecidas, os dardos que as trespassaram; soltando lamentos humanos, apoiam os corpos feridos nas muralhas amadas. Julgar-se-ia que a cidade e os santuários eram saqueados, que as casas sidônias ardiam em fogo maldito, tamanho clamor se levantou quando os portões se abriram. Prefeririam que tivesse perecido o berço do grande Hércules, o quarto de Sêmele ou a câmara nupcial de Harmonia.

Fegeu, devoto de Baco, corre com a espada desembainhada contra Aconteu, agora sem armas e exultante pelas duas vítimas. Os jovens de Tegeia chegam tarde em socorro; o rapaz já jaz morto sobre os corpos sagrados das feras, e o Baco aflito está vingado.

[608] O conselho dos gregos também se desfaz diante do tumulto repentino do acampamento. Jocasta foge pelo meio do inimigo, que já assume a formação de combate; não ousa mais suplicar. Os que pouco antes a tratavam com cortesia agora repelem a ela e às filhas, e Tideo aproveita o instante:

"Fora daqui! Esperai agora pela paz e pela lealdade! Ele certamente não podia aguardar e adiar a afronta até que a mãe voltasse em segurança?"

Dizendo isso, desembainha a espada e chama os companheiros.

Levantam-se gritos ferozes, e por toda parte a ira ferve até o delírio. O exército se reúne em desordem; chefes misturam-se aos soldados comuns e as ordens dos comandantes não são ouvidas. Cavaleiros, tropas de infantaria e

carros velozes confundem-se; uma multidão sem distinção impele a investida. Não há tempo de organizar as fileiras nem de examinar o inimigo.

De repente, em enxames, a juventude de Tebas e de Argos se enfrenta. Os estandartes e as cornetas ficam para trás, e as trombetas precisam seguir o som para encontrar a batalha.

Tamanho conflito nasce de tão pouco sangue! Assim o vento reúne nas nuvens suas primeiras forças: ainda brando, agita folhas e copas desprotegidas; logo, porém, arranca a floresta e deixa visível a montanha despida.

[628] Vinde agora, irmãs da Piéria: não vos ordenamos narrar feitos longínquos. Cantai as guerras de vossa própria pátria, de vossa Aônia; pois as contemplastes quando Marte se enfurecia perto e as penas do Hélicon estremeciam ao clangor do bronze tirreno.

[632] O cavalo do sidônio Ptérelas, pouco confiável na batalha, leva o cavaleiro, puxando as rédeas, pelo meio das fileiras inimigas. Já corre livre, tão cansado está o braço do senhor, quando a lança de Tideo atravessa o ombro, perfura a coxa esquerda do jovem e o prende, desfalecido, ao assento. O animal foge, levando-o fixado ao corpo morto, embora o cavaleiro já não segure arma nem freio: semelhante a um Centauro que, ainda não privado das duas vidas, morre sobre o próprio dorso.

Rivalizam na obra mortal. Em troca furiosa, Hipomedonte abate Síbaris; Meneceu, o piliano Perifas; Partenopeu, Ítis. Síbaris cai sob a lâmina fumegante, o feroz Perifas sob a ponta da lança, Ítis sob uma flecha traiçoeira.

O mavórcio Hêmon separa com um golpe o pescoço do argivo Ceneu; os olhos bem abertos procuram o tronco através da ferida cortada, enquanto o espírito procura a cabeça. Abas já o despojava no chão, quando uma flecha aqueia o atingiu; ao morrer, deixou cair o escudo do inimigo e o próprio.

[649] Quem te persuadiu, Euneu, a abandonar o culto báquico e os bosques que um sacerdote jamais deveria deixar, e a trocar teu delírio brômio? A quem poderias causar medo? Coroas de hera pálida de Nisa circundam a frágil trama de teu escudo, e uma faixa branca está presa ao dardo de madeira de videira.

Os cabelos cobrem-lhe os ombros, e a penugem ainda nasce nas faces. A couraça, pouco guerreira, enrubesce com fios de púrpura tíria; ele traz braceletes nos braços, sandálias bordadas nos pés e veste pregas de linho. Um fecho liso de ouro, mordendo uma pedra de jaspe fulvo, prende-lhe o manto tenário; nele ressoam o ágil estojo do arco, o próprio arco e aljavas pendentes, bordadas em ouro sobre pele de lince.

Enlouquecido pelo deus, atravessa o meio de milhares e grita de longe:

"Detende as mãos! Apolo revelou estas muralhas pelo bom presságio da novilha de Cirra![47] Poupai-nos! As pedras vieram voluntariamente, por si mesmas, formar a cidade. Somos uma raça sagrada: Jove é genro desta cidade, e Gradivo, sogro;[48] Baco e o grande Alcides são verdadeiramente nossos filhos."

[668] Em meio a tais vanglórias inúteis, o feroz Capaneu encontra-o com uma lança alta na mão. Assim, ao romper do dia, um leão em seu covil sombrio

desperta a fúria recém-reavivada, avista da caverna severa uma corça ou um novilho de fronte ainda sem armas e salta com rugido alegre, embora as lanças dos caçadores o atinjam; ele vê a presa e não sente as feridas. Assim Capaneu exultou diante do combate desigual e ergueu para o arremesso o grande peso de sua lança de cipreste.

Antes, porém, gritou:

"Por que, condenado, aterrorizas nossas tropas com uivos de mulher? Quem dera viesse à batalha aquele por quem deliras! Vai, berra essa mensagem às tuas mulheres tírias!"

E lançou a arma. No voo, como se nenhuma força pudesse encontrá-la e detê-la, mal ressoou no escudo e já atravessara inteiramente as costas. As armas caem; o ouro ressoa com longos soluços sufocados; o sangue jorra e inunda-lhe o peito.

Caíste, jovem corajoso; também tu, mais um favorito[49] do Lieio aônio, caíste. Por ti o lânguido Ísmaro quebrou seus tirsos; por ti choraram Tmolo e a fértil Nisa, Naxos célebre por Teseu e o Ganges, que, aterrorizado, jurou fidelidade aos mistérios tebanos.[50]

[688] Etéocles tampouco se mostrou inerte diante das tropas argivas; mas a espada de Polinices, mais compassiva, recuava diante dos compatriotas. Antes de todos, Anfiarau resplandece proeminente, embora os cavalos já temam o solo[51] e, entre nuvens de poeira, revolvam a planície indignada. Apolo derrama tristemente sobre o servo um brilho inútil e torna gloriosas suas últimas horas.

Também o escudo e o elmo faz arderem em esplendor de estrelas. E tu, Gradivo, não tardaste em conceder ao irmão que nenhuma mão humana, nenhuma arma mortal tivesse poder de ferir o adivinho, mas que ele descesse a Dis sagrado e venerável na própria morte.

Assim, consciente do destino, é levado ao ponto mais cerrado da batalha. A certeza da morte lhe dá novas forças; os membros tornam-se mais poderosos, e o céu, mais favorável.[52] Nunca soubera interpretar tão bem os sinais celestes - se tivesse tempo. Mas o Valor, vizinho da morte, desvia-lhe os olhos. Ele arde de amor insaciável pela guerra selvagem, deleita-se na força e exulta com alma de fogo.

É este aquele que tantas vezes aliviou a sorte dos homens e tornou impotentes as Parcas? Quão rapidamente se transformou o homem que sabia seguir a orientação do trípode e do louro, saudar Febo e descobrir em cada nuvem o significado das aves! Como uma peste ou o raio hostil de estrela funesta, sua espada imola à própria sombra um exército incontável.

Mata com dardos Flégias e o orgulhoso Fileu; com o carro de foices ceifa Clônis e Cremetáon - um, que permanecia de pé para lutar; o outro, que ele corta pelos joelhos. Com golpes de lança, sem arremessá-la, mata Crômis, Ifínoo, Sages, Gias de cabelos não cortados e Licoreu, consagrado a Febo - este último contra a vontade. Já fizera descer a força de freixo da lança, quando, ao

cair a crista, apareceu a faixa sacerdotal. Com uma pedra mata Alcátoo, que junto aos lagos de Caristo tinha casa, esposa e filhos amantes das praias.

Ele vivera muito tempo, pobre pesquisador das águas. A terra o enganou; ao morrer, louva os invernos e os Notos e os perigos mais suportáveis do mar já conhecido.

[723] Há muito Hipsêu, filho de Asopo, contemplava de longe a carnificina dos fugitivos dispersos e ardia por mudar o curso da batalha, embora ele próprio não dispersasse menos tropas tiríntias[53] com o carro. Mas, depois que viu o adivinho, o sangue derramado ao redor perdeu importância; ele o deseja com armas e coração.

Uma falange densa do inimigo barra-lhe o caminho. Então, orgulhoso, prepara um dardo escolhido nas margens paternas e primeiro exclama:

"Ó generoso distribuidor das águas aônias, Asopo, ainda célebre pelas cinzas dos Gigantes,[54] concede poder a esta mão direita! Teu filho e a cria de carvalho de tua corrente te suplicam. Se ousaste combater o Pai de todos os deuses, também a mim é lícito desprezar Febo.

"Mergulharei em tuas fontes todas as armas dele e as tristes faixas arrancadas da cabeça do adivinho."

O pai ouviu, mas Febo não permitiu que, embora desejasse, concedesse a prece, e desviou o golpe para Herses, o auriga. Ele cai; o próprio deus toma as rédeas errantes, assumindo a falsa aparência de Haliácmon de Lerna.

Então nenhum esquadrão tenta resistir à corrida ardente. Fogem apenas pelo terror, e a morte covarde chega aos medrosos sem ferida; para quem observa, é duvidoso se o peso do carro ou o impulso dos cavalos os esmagou.

Assim, quando a encosta de uma montanha coberta de nuvens se solta pelas novas tempestades do inverno ou pela decadência irresistível da idade, cai sobre a planície como terror imenso e arrasta por muitos caminhos de ruína campos, lavradores e velhos carvalhos; enfim, quando o ímpeto furioso se esgota, ou cava um vale ou detém um rio no meio do curso. Não de outro modo o carro, carregado pelo grande guerreiro e pelo grande deus, ferve ora neste, ora naquele cenário de sangue.

Sentado, o Délio governa ao mesmo tempo rédeas e armas e orienta os arremessos; desvia os dardos adversários e rouba às lanças que voam a possibilidade de acertar. Caem Menaleu, a pé; Antifo, em nada protegido pelo alto cavalo; Eécion, filho de uma ninfa do Hélicon; Polites, infame pelo assassinato do irmão; e Lampo, que tentara profanar o leito da sacerdotisa Manto. Contra este, Febo lançou com a própria mão flechas sagradas.

Já os cavalos de casco córneo, assustados diante dos corpos agonizantes, resfolegam e examinam o solo. Todo sulco atravessa membros, e cada rastro de roda se tinge profundamente de vermelho com partes cortadas. Alguns, já inconscientes, são triturados pelo eixo impiedoso; outros, semimortos pelas feridas e incapazes de fugir, veem a roda aproximar-se para esmagar-lhes o rosto.

As rédeas já estão molhadas de sangue; a haste escorregadia não oferece apoio; o sangue torna pesadas as rodas, e vísceras pisadas retardam os cascos. Então o próprio herói, em furor, arranca dardos abandonados nos mortos e lanças que se projetam do meio dos cadáveres. As almas rangem e perseguem o carro.

[771] Por fim, revelando ao servo toda a divindade, Apolo disse:

"Usa a luz que te pertence e reveste-te de fama eterna, enquanto a Morte irrevogável me teme unido a ti. Estamos vencidos: sabes que as Parcas cruéis não tornam a enrolar os fios. Parte, prazer há muito prometido aos povos do Elísio, tu que certamente jamais dobrarás o pescoço ao governo de Creonte nem jazerás nu, privado de sepultura."

[778] Anfiarau, descansando por um instante da luta, respondeu:

"Há muito percebi, pai de Cirra, que estavas sentado no eixo trêmulo de meu carro condenado - por que tamanha honra para minha desgraça? Até quando retardarás as sombras que me ameaçam? Já ouço o curso do rápido Estige, os rios negros de Dis e o tríplice latido do guardião funesto.

"Recebe a honra confiada à minha cabeça; recebe os louros que não posso levar ao Érebo. Agora, com as últimas palavras, se alguma gratidão é devida ao teu profeta antes que parta, confio-te, ó Febo, minha casa traída, o castigo de minha esposa perversa e a nobre fúria de meu filho."

Apolo, triste, saltou do carro e voltou-se para esconder as lágrimas. Então o carro e os cavalos, abandonados, verdadeiramente gemeram.

Assim, numa tempestade cega do Cauro durante a noite, um navio sabe que perecerá quando os irmãos de Terapne já fugiram das velas que o fogo da irmã condenou.[55]

[794] Pouco a pouco a superfície da terra começou a eriçar-se para a ruptura, o dorso do solo a sacudir-se e a poeira a subir em nuvens mais densas. Um mugido infernal já enche a planície.

Os homens, aterrorizados, julgam que é o combate e o estrondo da batalha e apressam o passo. Um tremor diferente inclina armas, guerreiros e cavalos espantados; as copas frondosas balançam, assim como as muralhas, e o Ismeno foge deixando as margens expostas. As iras caem; eles fincam no chão as armas que oscilam, ou, errantes, encontram-se de perto e se apoiam nas lanças inseguras, recuando quando percebem a palidez uns dos outros.

Assim, quando Belona, desprezando o mar profundo,[56] mistura navios em batalha sobre as águas, se por acaso sobrevém uma tempestade benigna, cada homem cuida da própria salvação; outra morte ordena que as espadas sejam guardadas, e o medo comum estabelece a paz. Tal era a aparência do combate flutuante na planície.

Quer a terra, sofrendo com ventos aprisionados, tenha expelido a raiva comprimida do ar furioso; quer águas ocultas tenham roído, desgastado e minado o solo em decomposição; quer a estrutura do céu em movimento tenha lançado para aquele lado o próprio peso; quer o tridente de Netuno tenha

agitado todo o oceano e arremessado um mar excessivo contra a costa; quer aquele estrondo tenha sido concedido ao adivinho; quer a Terra ameaçasse os irmãos - eis que o solo se abre em fenda íngreme e profunda, e as estrelas e as sombras sentem medo umas das outras.

O imenso abismo o engole e mergulha os cavalos que tentam atravessá-lo. Ele não solta as rédeas nem as armas; tal como estava, conduz o carro firme para o Tártaro. Enquanto cai, volta os olhos para o céu e geme ao ver a planície fechar-se acima dele, até que um tremor mais leve torna a unir os campos separados e exclui do Averno a luz do dia.

NOTAS AO LIVRO VII

1. A "Parrásia" é Calisto, princesa da Arcádia transformada em ursa e depois na constelação da Ursa Maior. Sua posição junto ao polo norte faz com que, segundo a imagem poética, seus fogos não mergulhem no Oceano.

2. A expressão reúne o afeto de Marte pelo povo guerreiro da Trácia e seu prazer no próprio derramamento de sangue.

3. "Luvas ebálias" são as luvas de pugilato associadas à Lacônia; no Livro VI, Pólux, o boxeador espartano, é apresentado como modelo da luta.

4. "Ogígia" equivale a tebana. Tritônia é Minerva ou Palas Atena; Júpiter ameaça retirar de Marte a guerra e deixar a condução do conflito tebano à deusa guerreira.

5. O latim cardo combina as ideias de polo celeste, eixo do mundo e porta de entrada do céu.

6. Trata-se do pétaso, chapéu de abas largas característico de Mercúrio.

7. Estácio imagina o frontão de um templo coberto de representações de povos vencidos e despojos; a descrição alterna esculturas e objetos reais.

8. Mulcíber é Vulcano. Ele ainda não descobrira o adultério de Vênus com Marte nem os aprisionara na rede invisível fabricada para o leito, episódio narrado na Odisseia.

9. Adrasto equipara os Jogos Nemeus aos grandes festivais de Olímpia, Delfos e do Istmo: Pélope liga-se a Olímpia; Píton, morto por Apolo, a Delfos; Palêmon, aos jogos ístmicos.

10. O Pânico transforma rumores e fenômenos naturais em visões coletivas; a imagem da floresta que marcha lembra o motivo de Birnam em Macbeth, embora Estácio seja muitos séculos anterior.

11. O "fogo do pai" é o raio de Júpiter que matou Sêmele e provocou o nascimento prematuro de Baco.

12. O bosque parrásio alude novamente a Calisto, amada por Júpiter na Arcádia.

13. Baco, retirado do ventre de Sêmele após a morte dela, foi costurado na coxa de Júpiter e ali completou a gestação; por isso é chamado "nascido duas vezes".

14. Baco chama de "guerras" os cortejos báquicos, nos quais mulheres brandem tirsos, dançam e combatem simbolicamente sob o efeito do delírio ritual.

15. A comparação com os Curetes ridiculariza a falta de experiência militar dos tebanos: seus escudos e danças rituais não equivalem ao combate verdadeiro.

16. Argos é "odiosa" para Baco porque Juno, inimiga de Sêmele e do próprio deus, é a principal divindade protetora da cidade.

17. A vitória argiva enriqueceria Micenas e, portanto, a esfera de poder de Juno, madrasta hostil de Baco.

18. Segundo o mito, Apolo fixou a ilha flutuante de Delos, morada de sua mãe Latona, tornando-a estável no mar.

19. Épafo era filho de Júpiter e Io; Mercúrio nascera de Maia no monte Cilene; o Ida cretense guardara a infância de Júpiter. Baco enumera outros lugares protegidos pela descendência divina.

20. A filha de Nicteu é Antíope, amada por Júpiter e mãe de Anfião e Zeto.

21. A metáfora do destino procede da fiação: a roda ou fuso gira de modo firme e imutável, produzindo o fio dos acontecimentos.

22. O texto latino sugere o raio que Júpiter já começara a fazer girar na mão antes de desistir do golpe.

23. Penteu, rei de Tebas, tentou impedir o culto de Baco e foi despedaçado pelas bacantes, entre elas sua própria mãe, Ágave.

24. Os vingadores posteriores podem ser os Epígonos, filhos dos Sete, que conquistariam Tebas; a alusão também permite lembrar a destruição da cidade por Alexandre.

25. Órion morreu por ação de Diana segundo diversas versões do mito. Forbas teme que o descendente Drias herde o presságio e o rancor da deusa.

26. Tisbe era célebre pelas pombas, aves de Dione ou Vênus. A enumeração segue a geografia da Beócia e ecoa o Catálogo das Naus da Ilíada.

27. O Estrímon é rio da Trácia conhecido por seus cisnes; o canto deles é comparado aos hinos dos povos do Hélicon.

28. Lapitáon teve o filho ainda muito jovem: por isso conserva a aparência de irmão do próprio descendente e pode alegrar-se tanto com a juventude passada quanto com a velhice futura.

29. Glauco, pescador da Beócia, tornou-se deus marinho depois de provar uma erva miraculosa; o corpo humano adquiriu cauda de peixe.

30. Narciso, filho do rio Cefiso, apaixonou-se pela própria imagem refletida na água e transformou-se na flor que leva seu nome.

31. As armas dos fócios exibem episódios de Apolo: Tício, morto por tentar violentar Latona; Delos, lugar do nascimento do deus; Píton e outras vítimas de suas flechas.

32. Édipo encontrou e matou o pai Laio numa encruzilhada da Fócida, sem conhecer sua identidade. Forbas recorda que conduzia o carro de Laio.

33. Os "irmãos de Amiclas" são Castor e Pólux, os Dióscuros. O presságio mostra-os combatendo entre si, inversão terrível de sua concórdia tradicional.

34. Licáon, rei da Arcádia, foi transformado em lobo por Júpiter; por isso sua sombra é ouvida latindo.

35. Hércules arrancou um dos chifres de Aqueloo durante a luta pela mão de Dejanira. A expressão poética exagera a mutilação para acentuar o prodígio.

36. O "exilado acarnânio" é Tideo, natural da Etólia e ligado à região do Aqueloo.

37. A região "entre os dois mares" é o Istmo de Corinto, onde Palêmon, filho de Ino, recebia culto.

38. "Medo" designa aqui o espaço que a imaginação amedrontada parece ampliar entre as duas margens.

39. Os tebanos julgam tão certa a morte no combate que deixam antecipadamente determinadas a pira e as honras fúnebres do dia seguinte.

40. Desde o Livro I, Édipo permanecia retirado numa câmara escondida do palácio, longe da luz e da vida pública.

41. As filhas são "o melhor sexo" por contraste com os irmãos criminosos; Antígona e Ismene tornam-se apoio piedoso da mãe.

42. Jocasta convida Polinices a entrar em Tebas. A afirmação extrema significa que nem mesmo Édipo, apesar dos crimes involuntários, seria capaz de conduzi-lo a uma emboscada materna.

43. Tideo responde ironicamente: se Polinices quer conversação e paz, Etéocles também pode vir ao acampamento argivo, ainda não manchado por traição.

44. Ao dizer que "faz presente" de suas feridas, Tideo ameaça retirar-se e deixar que sejam esquecidos o atentado de Etéocles e o sangue derramado. Ele acrescenta que, se Polinices conquistar o trono pela força, dificilmente o devolverá depois.

45. O "mar Eritreu" abrangia para os antigos o golfo Pérsico e regiões orientais ligadas à campanha mítica de Baco na Índia.

46. A morte do auriga de Anfiarau antecipa e pressagia a morte do próprio adivinho. Ele estava por acaso à frente dos demais companheiros.

47. O oráculo mandou Cadmo seguir uma novilha encontrada ao sair de Delfos e fundar a cidade onde ela se deitasse; Cirra era o porto de Delfos.

48. Júpiter uniu-se a Sêmele, filha de Tebas; Harmonia, ancestral da casa tebana, era filha de Marte e Vênus. Por isso Euneu chama Júpiter de genro e Marte de sogro da cidade.

49. Euneu é mais um favorito de Baco morto na batalha, depois de Fegeu, o sacerdote que vingara as tigres.

50. Ísmaro, Tmolo, Nisa, Naxos e o Ganges são lugares associados ao culto ou às viagens triunfais de Baco.

51. Os cavalos de Anfiarau temem o solo porque pressentem a abertura da terra que em breve engolirá o carro.

52. Os sinais do céu tornam-se mais favoráveis porque Apolo, presente, concede ao adivinho uma última hora de glória, embora não possa alterar o destino.

53. "Tiríntias" equivale a argivas, por referência a Tirinto, cidade da Argólida.

54. As cinzas dos Gigantes remetem à luta de Asopo contra Júpiter e ao castigo pelo raio; a "cria de carvalho" é a lança cortada nas margens do rio.

55. Os irmãos de Terapne são Castor e Pólux, cujas estrelas eram favoráveis aos navegantes; a estrela da irmã Helena, ao contrário, anunciava tempestade e naufrágio.

56. Belona "despreza o mar" ao transferir a guerra terrestre para uma batalha naval. A tempestade é chamada benigna porque, diante do perigo comum do oceano, interrompe o combate entre os homens.

LIVRO VIII

[1] Quando, de súbito, o profeta caiu entre as sombras lívidas, rompeu as moradas da morte e os mistérios do reino profundamente sepultado e, com o cadáver ainda armado, lançou perturbação entre os Manes, o horror apoderou-se de todos. Nas praias do Estige, admiravam as armas, os cavalos e aquele corpo ainda recente: fogo algum consumira seus membros, nem ele chegava enegrecido de uma urna funérea; vinha aquecido pelo suor da batalha, e gotas de sangue e a poeira do campo rasgado salpicavam-lhe o escudo.

Ainda não o encontrara a Eumênide para purificá-lo com um ramo de teixo truncado, nem Prosérpina o marcara no poste sombrio como admitido entre a multidão dos mortos;[1] sua chegada surpreendera até a roca dos Destinos, e somente quando, aterradas, viram o áugure, as Parcas romperam-lhe o fio. Ao estrondo de sua vinda, voltaram-se os habitantes tranquilos do Elísio e também aqueles que, ao longe, no abismo mais remoto, outra noite e uma região cega de trevas mais densas oprimem.

Então gemeram os lagos preguiçosos e os pântanos queimados; e o pálido sulcador da corrente que transporta as sombras clamou que uma nova fenda abrira o Tártaro até o fundo e que os espíritos haviam entrado por águas que não eram as suas.

[21] Por acaso, o senhor do Érebo estava sentado no centro da cidadela de seu reino infeliz, exigindo de seus povos a confissão dos crimes da vida, sem compadecer-se de nada humano e irado contra todas as sombras. Em torno dele permaneciam as Fúrias e as diversas Mortes, ordenadas segundo suas espécies; a cruel Pena estendia longas correntes retumbantes; os Fados traziam as almas e, com o mesmo movimento do polegar, condenavam-nas;[2] o trabalho já excedia as forças.

Ao lado, Minos, junto do venerável irmão, aconselhava com bondade leis mais brandas e moderava o rei sanguinário. Cocito e Flegetonte, túmidos de lágrimas e de fogo, assistiam ao julgamento, e o Estige denunciava os perjúrios dos deuses.[3] Mas ele próprio, o senhor do Érebo,[4] quando a estrutura do mundo superior se abriu, foi tomado de um medo que não conhecia e estremeceu diante das estrelas surgidas. Ofendido pela luz alegre, falou:

"Que ruína dos deuses superiores lançou contra o Averno o céu inimigo? Quem rompeu nossas trevas e recordou a vida aos povos silenciosos? De onde vêm estas ameaças? Qual de meus irmãos me move esta guerra? Enfrentá-lo-ei; pereçam, pois, as fronteiras das coisas! A quem isso agradaria mais do que a mim? O terceiro lance da sorte expulsou-me, vencido, do grande céu, e eu

guardo o mundo dos culpados; nem sequer este é realmente meu: eis que se abre aos astros terríveis, que o percorrem com o olhar.

[42] "O soberbo regente do Olimpo estará sondando minhas forças? Tenho comigo as cadeias já abaladas dos Gigantes, os Titãs desejosos de escapar sob o eixo celeste e nosso desgraçado pai. Por que o cruel não me permite suportar meu triste ócio, esta paz inquieta e o ódio à luz que perdi? Se me aprouver, abrirei todos os meus reinos e cobrirei Hipérion com um céu estígio.

"Não tornarei a enviar aos deuses o Arcádio - por que esse mensageiro vai e volta entre ambas as moradas? - e conservarei comigo os dois filhos de Tíndaro.[5] Por que despedaço Ixíon nos giros famintos da roda? Por que as águas não esperam Tântalo? Suportarei tantas vezes que hóspedes vivos profanem o Caos? Provocou-me a audácia temerária de Pirítoo, e Teseu, ligado por juramento ao amigo ousado; provocou-me o feroz Alcides quando, retirado o guardião, silenciaram os umbrais de ferro da porta de Cérbero.

"Também me envergonha, ai de mim, que o Tártaro se tenha aberto às queixas odrísias.[6] Eu próprio vi as lágrimas indignas das Eumênides em meio aos cantos persuasivos e vi as Irmãs retomarem sua tarefa. Até a mim... mas foi mais poderosa a violência de minha lei implacável.

"Eu, contudo, mal me atrevi a uma única viagem furtiva, e nem sequer aos altos astros: roubei minha esposa no campo siciliano. Dizem que não me era lícito; imediatamente Jove promulgou leis injustas, e a mãe dela[7] conta o ano dividido e me toma a metade. Mas por que recordar estas coisas?

[65] "Vai, Tisífone, vinga as moradas do Tártaro! Se alguma vez foste terrível ao criar monstros novos, produz um crime lúgubre, inaudito e imenso, que o céu ainda não tenha visto, que eu próprio admire e que desperte a inveja de tuas irmãs.

"Que os irmãos - e seja este o primeiro presságio de meu ódio - se lancem, jubilosos na guerra, a ferir um ao outro. Haja quem, à maneira das feras raivosas, roa com crueldade a cabeça do inimigo; e haja quem afaste os mortos do fogo derradeiro e macule o ar com cadáveres insepultos.[8] Que o feroz Tonante se deleite em contemplar tais coisas! E, para que o furor não agrida somente meus reinos, procura alguém que leve guerra aos deuses, que repila com o escudo fumegante o fogo do raio e o próprio Jove hostil.[9]

"Farei com que todos temam perturbar o negro Tártaro tanto quanto amontoar o Pélion sobre o Ossa coberto de folhas." Assim falou; e havia muito o triste palácio tremia sob suas palavras. Sua própria terra e a que a comprime do alto oscilavam; nem Júpiter, ao mover o céu com o semblante, inclina com maior força os eixos estrelados.

[84] "Mas qual será o teu destino",[10] perguntou, "tu que te precipitas pelo vazio em caminho proibido?" Enquanto ameaçava, o outro se aproximou, já a pé, já tênue à vista, já com as armas evanescentes. Contudo, no rosto extinto persistia intacta a dignidade do augúrio; uma faixa obscura permanecia sobre a fronte, e ele segurava um ramo de oliveira que morria.

"Se é permitido e justo que sombras sagradas abram a boca neste lugar, ó grande Consumador de todas as coisas, e também meu Criador,[11] para mim, que outrora conheci as causas e os elementos, suplico-te: abranda as ameaças e o coração inflamado; não julgues digno de tua ira um homem que teme tuas leis. Não venho arrebatado em busca de despojo hercúleo - como ousaria tal combate? -,[12] nem entramos no Lete com a intenção de um amor proibido - acredita nestes emblemas. Que Cérbero não fuja triste para sua caverna, nem Prosérpina tema meu carro.

"Há pouco, eu era o áugure mais amado nos altares de Apolo. Invoco o Caos vazio como testemunha - pois que valor teria aqui jurar por Apolo? Não é por crime algum que enfrento um destino novo, nem mereci ser assim arrancado à luz benigna. A urna do juiz dicteu sabe a verdade, e Minos pode reconhecê-la.

"Vendido pelas ciladas de minha esposa e por ouro iníquo, ingressei no exército argivo sem ignorar o que fazia; daí vem essa multidão de sombras recém-mortas, e também as vítimas de minha mão que chegam diante de ti. De repente, um turbilhão do mundo - meu espírito ainda estremece - arrancou-me do meio de milhares e tua noite me tragou.

[109] "Que sentimentos me dominaram enquanto eu avançava pelas cavidades das entranhas da terra e era arrastado, suspenso, pelo ar encoberto? Ai de mim! Nada de mim foi deixado aos companheiros ou à pátria, nem sequer como presa de Tebas. Não verei novamente os tetos de Lerna; nem, ao menos como cinza, retornarei ao pai atônito.

"Sem túmulo, sem fogo, sem as lágrimas dos meus, vim inteiro até ti com todo o meu cortejo fúnebre; nada ousarei com aqueles cavalos. Contento-me em receber minha condição de sombra[13] e em não mais recordar os tripés. De que te serviria agora a ciência de um áugure profético, se as Parcas fiam tuas ordens? Peço-te apenas que dobres o coração e sejas mais misericordioso do que os deuses.

"Se algum dia vier para cá minha esposa nefanda, reserva-lhe os tormentos mortais: ela é mais digna de tua ira, ó justo soberano!" O rei acolheu as súplicas e indignou-se consigo mesmo por ceder. Assim o leão, quando o aço massílio reluz diante dele, concentra então a ira e as forças; mas, se o inimigo cai, basta-lhe passar por cima e deixar a vida ao vencido.

[127] Enquanto isso, procurava-se em vão, à clara luz do dia, o carro distinguido pelas faixas sagradas e pelo louro da vitória, ainda há pouco temido por seus nobres feitos de armas: ninguém o vencera, ninguém o pusera em fuga. As tropas recuavam; todos desconfiavam da terra, e os soldados contornavam as pegadas do campo traiçoeiro. Aquele lugar sinistro da destruição voraz permanecia vazio, evitado por reverência ao sepulcro infernal.

Adrasto encorajava os manípulos em outra parte quando Filemon veio correndo, quase sem acreditar no que vira, e falou trêmulo - por acaso estivera próximo do profeta no momento da queda e empalidecera, infeliz, ao contemplar a fenda:

"Volta, rei, foge, se ao menos a terra dórica ainda permanece no lugar e as torres de nossa pátria continuam onde as deixamos. Não precisamos de armas ou sangue: por que desembainhar contra Tebas o ferro inútil? A terra ímpia devora nossos carros, as armas e os combatentes. Eis que até o campo em que estamos parece fugir.

"Vi com meus próprios olhos o caminho da noite profunda e a firme estrutura do solo rompida; vi cair, ai de mim, o Eclida, a quem nenhum outro era mais querido às estrelas proféticas; em vão estendi as mãos e gritei. Conto um prodígio: acabo de deixar os sulcos de seus cavalos, o lugar ainda fumegante e os campos molhados de espuma. E a desgraça não é comum a todos: a terra reconhece seus filhos; a linha tebana permanece."

[150] Adrasto, estupefato, hesitava em acreditar, mas Mopso e o aterrorizado Áctor traziam a mesma notícia. Já a Fama, ousada em inventar novos terrores, dizia que mais de um havia perecido.

Sem ordem, sem esperar o toque costumeiro das trombetas que chamavam à retirada, as tropas precipitaram-se para trás. Mas a marcha entorpecia, e os joelhos traíam os homens que queriam fugir. Os próprios cavalos de cascos córneos - dir-se-ia que haviam compreendido - resistiam, e, ferozes, não obedeciam a estímulo algum, nem para acelerar o passo nem para erguer os olhos da terra.

Os tírios atacavam com maior coragem; mas o Vésper sombrio já conduzia os cavalos da Lua. Uma trégua breve concedeu triste repouso aos guerreiros, e uma noite destinada a aumentar-lhes o medo.

[162] Que aspecto tinham então, imagina,[14] depois que lhes foi concedido gemer à vontade? Que lágrimas caíram quando soltaram os elmos! Nada do que costumava alegrá-los consolava os fatigados. Lançaram ao chão, como estavam, os escudos molhados; ninguém limpou a lança, elogiou o cavalo ou penteou e adornou a alta crista do elmo polido. Mal se importavam em lavar as grandes feridas e costurar os golpes escancarados: tamanho era o desespero em toda parte.

Nem o receio da batalha os persuadiu a tomar a refeição e o alimento devidos à guerra. Todos recordavam com lágrimas teus louvores, Anfiarau, e teu espírito fecundo em verdade; uma única voz percorria as tendas: os deuses haviam partido, e a proteção divina abandonara o acampamento.

"Ah, onde está o carro laureado, onde as armas solenes e o cimo do elmo ornado com a faixa? Esta é a fidelidade do lago e da gruta de Castália, dos tripés sagrados? Assim Apolo demonstra gratidão? Quem me explicará agora a queda dos astros, o sentido do raio à esquerda ou que divindade se manifesta nas vísceras da vítima recém-aberta? Quem dirá quando marchar e quando deter-se, qual hora favorece as armas cruéis e qual antes aconselha a paz? Quem revelará todo o futuro, ou com quem as aves conversarão sobre meu destino?

"Também conhecias estes resultados da guerra, para ti e para nós; contudo - quanta coragem havia naquele peito inspirado! - vieste e te uniste às nossas armas infelizes. E quando a terra e tua hora fatal te chamaram, ainda tiveste

tempo para abater as fileiras tírias e os estandartes inimigos. Mesmo em meio à morte te vimos terrível para o adversário, partindo ainda com a lança ameaçadora.

"Que destino te possui agora? Poderás regressar das moradas do Estige e irromper das profundezas da terra? Ou estás alegre ao lado das Parcas, tuas próprias divindades, e, num intercâmbio harmonioso, aprendes e ensinas o futuro? Ou o soberano do Averno, compadecido, concedeu-te observar as aves elísias nos bosques dos bem-aventurados?

[195] "Onde quer que estejas, serás para Febo dor eterna e perda sempre renovada, e por muito tempo Delfos silenciosa te chorará.[15] Este dia fechará Tênedos e Crisa, Delos, fixada para o parto, e o santuário do intonso Branco; nenhum suplicante se aproximará hoje das portas de Claros, dos umbrais de Dídima ou do deus lício.[16] Também o bosque do profeta cornudo, o carvalho ofegante de Jove molosso e a troiana Timbra se calarão.[17]

"Os próprios rios e loureiros desejarão secar; o próprio ar nada de certo anunciará em clamores proféticos, e asa alguma de ave ferirá as nuvens. E logo virá o dia em que também tu serás cultuado por santuários conscientes do destino, e teu próprio sacerdote transmitirá teus oráculos."

[208] Assim celebraram os ritos solenes em honra do rei profético, como se pagassem à pira as chamas, os dons e o triste ofício fúnebre, e depusessem a alma na terra macia. Depois, os corações de todos se quebraram e se afastaram da guerra. Assim, quando a morte repentina arrebatou Tífis aos valentes Mínias, as cordas já não pareciam obedecer, os remos recusavam-se a suportar as águas,[18] e até os ventos impulsionavam a nau com menor força.

Já, cansados de gemer, depois de esgotar a dor em longa conversa, sentiam aos poucos o coração mais leve, até que a noite sobreveio e sepultou as preocupações, e um sono fácil insinuou-se nos olhos cheios de lágrimas.

[218] Mas, em outra parte, por toda a cidade sidônia, bem diferente era aquela noite. Diante das casas e em seu interior, prolongavam as horas escuras com jogos variados; até as sentinelas sobre as muralhas estavam embriagadas. Retumbavam os címbalos e os tambores do Ida,[19] e a flauta de buxo, que moderava o som pela respiração alternada.

Então, em honra dos deuses queridos e de cada divindade nativa, pela ordem, os peãs sagrados erguiam-se por toda parte; em toda parte viam-se grinaldas e vinho coroado. Ora zombavam da morte do áugure ignorante e competiam em louvar seu Tirésias; ora recordavam os feitos dos antepassados e cantavam, desde a origem, a antiga história de Tebas.

Uns narravam o mar sidônio, as mãos que agarraram os chifres do Tonante e o imenso touro que sulcou Nereu; outros, Cadmo, a novilha exausta e os campos grávidos de guerra sangrenta; outros ainda, as pedras que rastejaram ao som da lira tíria e Anfião que infundia vida aos rochedos duros. Estes celebravam Sêmele gestante; aqueles, as núpcias citereias e Harmonia conduzida ao lar por numerosas tochas de seus irmãos. Nenhuma mesa carecia de sua história.

Era como se Liber acabasse de devastar com o tirso o Hidaspes carregado de gemas e as moradas do Oriente, e mostrasse ao povo os estandartes de seu triunfo negro e indianos até então desconhecidos.
[240] Então, pela primeira vez, Édipo, que sempre se escondia invisível em sua morada terrível, saiu, dizem, para os encontros amistosos do banquete comum. Com o rosto sereno, libertou os cabelos grisalhos da sujeira negra e a face dos fios longos e desgrenhados; desfrutou a conversa bondosa dos companheiros e a consolação antes negada; chegou mesmo a participar da refeição e enxugou dos olhos o sangue ainda não seco.

Escutava a todos e respondia a todos, ele que costumava apenas importunar com queixas tristes Dis, as Fúrias e Antígona, sua guia. Ninguém compreendia a causa. Não era o êxito favorável da guerra tíria, mas a própria guerra que o alegrava. Encorajava e aprovava o filho, mas não desejava que ele vencesse; buscava, em preces silenciosas, o primeiro choque das espadas e as sementes do crime. Daí vinha o prazer no banquete e a estranha alegria em seu rosto.

Assim o velho Fineu,[20] depois do longo jejum que lhe fora imposto como castigo, quando soube que as aves haviam sido expulsas e já não gritavam em torno de sua casa - embora ainda não acreditasse por completo -, reclinou-se alegre à mesa e tocou as taças que nenhuma asa feroz derrubaria.
[259] O restante do exército grego jazia exausto pela preocupação e pelo combate. Do alto de um monte no acampamento, Adrasto - já fraco e idoso, mas obrigado pela maldição do poder a vigiar contra os desastres - ouvia com o coração abatido os clamores dos festejadores.

De todos os lados, o estrondo do bronze e o tumulto tebano o feriam; a flauta rangia áspera em seus ouvidos. Irritavam-no os gritos insolentes dos embriagados, as tochas vacilantes e os fogos que mal resistiam até o fim da noite.

Assim, quando uma nau é cercada pelas ondas no silêncio do sono universal e a tripulação, em confiança descuidada, entrega a vida à paz do oceano, somente o timoneiro vigilante permanece na popa, junto do deus que navega na embarcação que leva seu nome.[21]
[271] Era a hora em que a irmã de fogo de Febo, ouvindo o ruído dos cavalos já atrelados e o rugido da morada cavernosa do Oceano sob a aurora que se aproxima, recolhe os raios dispersos e, com leve golpe de chicote, expulsa as estrelas. O rei convocou o conselho enlutado; consternados, perguntavam quem assumiria o ofício do tripé, a quem passariam o louro profético e a glória viúva da faixa. Imediatamente todos reclamaram o filho do santo Melampo.

Era o ilustre Tiodamas, o único com quem o próprio Anfiarau costumava partilhar os mistérios dos deuses e observar as aves em voo. Não lhe invejava tamanha ciência; alegrava-se ao ouvi-lo chamado de igual e rival mais próximo.

Dominado pela grande honra e confundido pela glória inesperada, venerou humildemente as folhas oferecidas e declarou-se inferior à tarefa; por seu próprio mérito, precisou ser constrangido. Assim, quando acaso um jovem príncipe aquemênida[22] sucede ao trono e a todos os reinos paternos - embora

fosse mais seguro que o pai ainda vivesse -, equilibra o prazer com medo incerto: serão leais os chefes? O povo lutará contra as rédeas? A quem confiará a fronteira do Eufrates ou a porta do Cáspio? Então sente receio de empunhar o arco e montar o próprio cavalo do pai; ainda não se vê sustentando o cetro com mão ampla, nem preenchendo a tiara.

[**294**] Tiodamas, portanto, colocou sobre os cabelos o emblema da lã torcida, comunicou-se com os deuses e percorreu triunfante o acampamento em meio aos clamores de alegria. Como primeira prova do sacerdócio, preparou-se para aplacar a Terra; e o ato não pareceu inútil aos dânaos enlutados.

Ordenou que dois altares fossem coroados com árvores vivas e relva crescida; sobre eles lançou inúmeras flores - dádivas da própria deusa -, montes de frutos e os primeiros produtos do ano infatigável. Depois, derramando leite ainda intocado sobre os altares, começou:

"Ó eterna Criadora dos deuses e dos homens, que fazes nascer rios, florestas e as sementes da vida em todo o mundo, a obra de Prometeu e as pedras de Pirra;[23] tu que primeiro deste alimento e comida variada aos mortais famintos; tu que envolves e sustentas o mar; em teu poder estão a raça mansa dos rebanhos, a ira das feras e o repouso das aves.

"Em torno de ti, força firme e estável do universo que não falha, enquanto permaneces suspensa no ar vazio, gira a rápida estrutura do céu e os dois carros; ó centro do mundo, não partilhado entre os irmãos poderosos![24] Por isso és generosa com tantas raças, tantas cidades elevadas e tantos povos; de cima e de baixo, bastas a tudo e, sem esforço, sustentas a ti mesma, Atlas carregado de estrelas, que se curva sob o peso do reino celeste.

"Somente a nós, ó deusa, recusas carregar? Nosso peso te ofende? Que crime, pergunto, expiamos sem saber? É porque chegamos como povo estrangeiro das praias de Ínaco? Todo solo é direito de nascimento da humanidade, e não convém a ti, digníssima, separar por prova tão cruel e mesquinha povos que em toda parte e em toda terra são teus.

"Permanece comum a todos e sustenta igualmente as armas de ambos os lados. Concede-nos, suplico, que, no devido curso da guerra, exalemos nossas almas guerreiras e as devolvamos ao céu. Não sepultes de súbito nossos corpos ainda respirando; não tenhas pressa, pois chegaremos pelo caminho que todos percorrem, pela via permitida. Escuta apenas nossa prece, mantém firme para os pelasgos a planície instável e não te antecipes às velozes Parcas.

"E tu, caro aos deuses, que não foste morto pela violência ou pela espada sidônia, mas a poderosa Natureza abriu o seio para envolver-te e unir-te a si mesma, como se, em recompensa por teus méritos, te depositasse na fenda de Cirra, concede-me, eu te imploro, conhecer tuas súplicas. Reconcilia-me com os deuses e os altares proféticos; ensina-me o que pretendias dizer aos povos. Celebrarei teus ritos de adivinhação e, na ausência de Febo, serei profeta de tua divindade e invocarei teu nome.

"O lugar para onde te apressas é, creio, mais poderoso do que qualquer Delos ou Cirra e mais augusto do que qualquer santuário." Depois de falar, enterrou

vivas ovelhas negras e reses de cor escura, e acumulou montes de areia ondulante sobre seus corpos, pagando ao profeta os símbolos de uma morte verdadeira.[25]
[342] Tais coisas aconteciam entre os gregos quando, do outro lado, já se ouviam as trombetas marciais, e o clangor do bronze arrancava das bainhas as espadas ferozes. Do alto do Teumeso, Tisífone lançou um grito agudo e sacudiu os cabelos; com o silvo das serpentes, tornou ainda mais penetrante o som das trombetas. O Citéron embriagado e as torres que outrora seguiram música bem diferente[26] ouviram espantados o estrondo insólito.

Belona já golpeava os portões trêmulos e as entradas armadas; diante de muitas portas, Tebas se esvaziava rapidamente. Cavaleiros desorganizavam a infantaria; carros retardavam as tropas que se apressavam, como se os dânaos lhes atacassem a retaguarda. Assim, em todas as sete portas, as colunas comprimidas permaneciam presas.

Por sorteio, Creonte saiu pela Ogígia; as Neístas enviaram Etéocles; Hêmon guardava a elevada Homolóide; a Prétida e a Electra despejaram os homens de Hipseu e do alto Drías; as tropas de Eurimédon faziam tremer a Hipsista; o magnânimo Meneceu enchia as muralhas dirceias.

Assim o Nilo, quando, em sua região secreta, bebe com a boca imensa o alimento de um céu distante e as neves frias do Oriente,[27] reparte toda a riqueza das águas e conduz suas tempestades ao mar por sete vastos canais através dos campos. As Nereidas, postas em fuga, refugiam-se nas profundezas e temem encontrar o mar sem sal.
[363] Do outro lado, porém, os guerreiros de Ínaco avançavam tristes e lentos, sobretudo as coortes de Élis e Lacedemônia e as de Pilos. Privados do áugure, seguiam Tiodamas, recém-nomeado, sem ainda se submeter por completo ao seu comando. Não eram apenas tuas próprias fileiras que sentiam tua falta, senhor dos tripés: todo o exército sofria a perda; com menor glória erguia-se ao longo da linha aquela sétima crista.

Era como se uma nuvem invejosa arrebatasse do céu límpido uma estrela do grupo parrásio:[28] a glória do Carro ficaria mutilada, o eixo vacilaria, privado de um fogo, e os marinheiros contariam as estrelas com dúvida.
[373] Mas a batalha já me chama. De nova fonte, Calíope, dá-me novo vigor; que um Apolo mais poderoso afine minha lira! O dia do destino aproxima dos povos a hora fatal que eles próprios pediram. A Morte, solta das trevas estígias, exulta no ar celeste, paira sobre o campo de batalha e, escancarando as mandíbulas negras, convida os heróis. Não escolhe ninguém vulgar: com unha ensanguentada, marca como vítimas aqueles que mais merecem viver, no auge da juventude ou da valentia. Para os infelizes, já se romperam todos os fios das Irmãs, e as Fúrias arrancaram das Parcas as linhas.

No meio da planície permanece o deus da Guerra, com a lança ainda seca. Volta o escudo ora contra estes, ora contra aqueles, agita a luta e apaga de suas lembranças a casa, a esposa e os filhos. Expulsa-se o amor da pátria e também o amor da luz, o último a permanecer no coração; a fúria mantém as mãos

prontas no punho da espada e na lança; o espírito ofegante esforça-se além da couraça, e os elmos tremem sob as cristas agitadas.

Que admiração há em os heróis arderem pela batalha? Até os cavalos de cascos córneos inflamam-se contra o inimigo e regam a terra desfeita com uma chuva branca, como se formassem um único corpo com os cavaleiros e vestissem a fúria de seus senhores. Mordem os freios, relincham desejosos de entrar no combate e, empinando, lançam os homens para trás.

[395] Já se precipitam, e as primeiras nuvens de poeira dos heróis começam a encontrar-se no choque. Ambos os lados percorrem igual espaço e veem diminuir a planície que os separava. Então escudo bate contra escudo, umbo contra umbo, espada ameaçadora contra espada, pé contra pé e lança contra lança. Tão cerrado é o encontro que os gemidos se misturam como vapor,[29] e as cristas comprimidas brilham sobre elmos alheios.

A face da guerra ainda é bela: as plumas permanecem erguidas, os cavaleiros montam seus animais, nenhum carro perdeu o chefe. As armas estão em seu lugar; brilham escudos, aljavas e cintos; o ouro ainda não se tornou feio de sangue.

Mas, quando o Furor e a Coragem pródiga da vida soltam as rédeas da paixão, nem a Ursa açoita com neve endurecida o aéreo Ródope tão ferozmente, quando os Cabritos se põem; nem a Ausônia ouve tumulto tão alto quando Júpiter troveja de uma extremidade do céu à outra; nem as Sirtes são batidas por granizo tão espesso quando o negro Bóreas lança sobre a Líbia as tempestades italianas.

Os dardos excluem a luz do dia; uma nuvem de ferro atravessa o céu, e o ar cheio já não comporta todas as lanças. Uns perecem pelos projéteis lançados, outros pelos que retornam;[30] estacas encontram-se no vazio e roubam umas às outras as feridas que levavam, lanças chocam-se, e setas terríveis, aladas com dupla morte,[31] rivalizam com o raio. Não há lugar no solo para armas: todo dardo cai sobre um corpo. Muitas vezes matam e são mortos sem saber. O acaso desempenha o papel da coragem: ora a massa recua, ora avança, perde o terreno por sua vez e o recupera.

Assim, quando Jove ameaçador solta as rédeas dos ventos e das tempestades e envia furacões alternados para afligir o mundo, forças opostas encontram-se no céu; ora prevalecem as tormentas de Austro, ora as de Aquilão, até que, no conflito dos ventos, um vence: ou a chuva esmagadora de Austro, ou o ar límpido de Aquilão.

[428] No começo do combate, o asópio Hipseu repeliu os esquadrões ebálios - estes, orgulhosos de sua raça, introduziam os fortes escudos pelas linhas eubeias - e matou Menalcas, chefe da falange.

O verdadeiro espartano, filho da torrente montanhosa, não desonrou os antepassados: puxou de volta, através dos ossos e das entranhas, a lança que ia transpassar-lhe o peito, para que as costas não mostrassem vergonha; e, com a mão já enfraquecida, lançou-a ensanguentada contra o inimigo. Diante dos

olhos moribundos flutuavam o amado Taígeto, seus combates e o peito forte que a mãe elogiara.

O dirceu Amintas escolheu como alvo de seu arco Fédimo, filho de Iaso. Ah, velozes Fados! Fédimo já jazia ofegante no campo, e o arco certeiro de Amintas ainda não terminara de vibrar. O calidônio Agreu cortou do ombro o braço direito de Fegeu; no chão, ele ainda segurava a espada com força obstinada e a sacudia. Acetes, que avançava, temeu-o entre as armas espalhadas e golpeou-o, embora já estivesse separado do corpo.

O severo Ácamas atravessou Ífis; o feroz Hipseu, Argo; Feres abateu Abas. Gemendo de feridas diferentes, caíram: Ífis, cavaleiro; Argo, soldado a pé; Abas, condutor de carro. Gêmeos de Ínaco haviam ferido à espada dois irmãos gêmeos do sangue de Cadmo, ocultos pelos elmos - cruel ignorância da guerra! Mas, ao retirar todos os despojos dos mortos, viram o horror do feito; cada qual olhou, consternado, para o próprio irmão, e ambos confessaram que tinham a mesma culpa.

Íon, adorador de Pisa, derrubou Dafneu, adorador de Cirra,[12] em meio à confusão dos cavalos. Júpiter louva um do alto; Apolo, tarde demais para ajudar, compadece-se em vão do outro.

[456] De ambos os lados da batalha sangrenta, a Fortuna dá brilho a grandes guerreiros. O cadmeu Hêmon mata e dispersa os dânaos; Tideu persegue em fúria as fileiras de Tiro. Um recebe o auxílio presente de Palas; o outro é inspirado pelo Tiríntio. Assim, quando duas torrentes irrompem das alturas de montanhas e caem sobre a planície em dupla ruína, parece que disputam qual delas pode submergir mais plantações e árvores ou sepultar as pontes em inundação mais profunda. Por fim, um único vale recebe e mistura as águas; mas cada uma, soberba, gostaria de seguir sozinha, e recusam descer ao oceano em correntes unidas.

[466] Idas de Onquesto avançava pelo meio, brandindo uma tocha fumegante; desorganizava as fileiras gregas e abria caminho com o fogo. Mas uma grande estocada da lança do feroz Tideu, disparada de perto, atravessou-lhe o elmo e a cabeça. Caiu de costas em toda a extensão do corpo; a lança permaneceu erguida na fronte, e a tocha flamejante afundou-lhe nas têmporas.

Tideu perseguiu-o com um escárnio: "Não chames Argos de cruel; queima, tebano, em tuas próprias chamas. Vê, nós te concedemos uma pira!" Depois, como tigresa que exulta no primeiro sangue e deseja atravessar todo o rebanho, matou Áon com uma pedra, Folo e Crômis com a espada, e, com golpes de lança, dois Helicáones, que Mera, sacerdotisa da Vênus Egeia, gerara contra a vontade da deusa. Sois vítimas do ensanguentado Tideu, mas ainda agora vossa mãe visita os altares impiedosos.

[480] Não menos ativo do outro lado era Hêmon, protegido de Hércules, impelido por vigor incansável. Com espada insaciável, corria através de milhares, abatendo ora o orgulho de Calidão, ora a severa fileira de Pilene, ora os tristes filhos de Pleuron, até que, cansado de matar, encontrou o olênio Butes.

Atacou-o quando ele se voltava para os seus e os proibia de recuar. Era um jovem de faces ainda lisas e cabelos não cortados; o machado tebano, dirigido contra o elmo, apanhou-o desprevenido. As têmporas abriram-se, e as mechas divididas caíram sobre os ombros; sem temer destino semelhante, ele atravessou sem perceber o limiar da vida.

Depois matou o louro Hípanis e Polites - este guardava a barba para Febo, aquele, os cabelos para Iaco; mas ambos os deuses foram cruéis. Acrescentou Hiperenor às vítimas, e Dâmaso, que se voltava para fugir; a lança do herói passou por seus ombros, saiu junto do coração e, arrancando-lhe o escudo da mão, levou-o suspenso na ponta enquanto voava.

[497] Ainda então o ismênio Hêmon continuaria a abater os adversários de Ínaco - pois o filho de Anfitrião dirigia seus dardos e lhe dava forças -, mas Palas lançou contra ele o feroz Tideu.

E os dois deuses encontraram-se na disputa por seus protegidos.[33] O Tiríntio falou primeiro, com serenidade: "Boa irmã, que acaso nos fez encontrar na névoa da guerra? A régia Juno terá preparado este mal? Antes ela me veja - pensamento indizível! - atacar o raio e guerrear contra o poderoso Pai!

"Este homem é de minha raça; mas eu o renegaria, já que tu favoreces seus inimigos, mesmo que fosse Hilo ou Anfitrião, trazido de volta do mundo do Estige, quem a lança de teu Tideu procurasse no combate próximo. Recordo, e recordarei para sempre, quanto aquela mão divina e quantas vezes tua égide trabalharam por mim, enquanto, escravo das fadigas, percorria toda a terra. Terias ido comigo até o Tártaro sem caminhos, se o Aqueronte não excluísse os deuses.

"Tu me deste um lar e, mais ainda, o céu - quem poderia nomear serviço tão grande? Toda Tebas é tua, se desejas destruí-la. Eu cedo e peço perdão." Assim falou e partiu. Palas se acalmou com os elogios; seu semblante tornou-se sereno, a ira extinguiu-se, e as serpentes que se erguiam sobre o peito repousaram.

[519] O cadmeu Hêmon percebeu que o deus o abandonara. Arremessava os dardos com menor força e já não reconhecia sua habilidade em golpe algum. Pouco a pouco diminuíam-lhe o vigor e a coragem; não se envergonhou de recuar. Enquanto cedia terreno, o herói do Aqueloo atacou-o e, equilibrando uma lança que somente ele poderia manejar, mirou o ponto onde o bordo do elmo encontra a margem superior do escudo e a garganta vulnerável aparece branca.

A mão não errou, e a lança encontraria lugar mortal; mas Tritônia a impediu e permitiu que atingisse somente o ombro esquerdo, poupando o irmão em consideração aos méritos dele.

O guerreiro já não ousou manter o terreno, entrar em combate ou suportar a visão do homicida Tideu. Sua coragem enfraqueceu, a confiança partiu. Assim, quando a face eriçada de um javali é roçada pela ponta de um dardo lucano, mas o golpe não penetra no cérebro e a mira não foi exata, ele deixa diminuir a ira do ataque lateral e não investe contra a lança que passou a conhecer.

[536] Eis que Prótoo, chefe de um esquadrão, lançava dardos certeiros e felizes contra o inimigo; indignado, o Enida atravessou furiosamente dois corpos com um único tronco de pinheiro, cavaleiro e cavalo de cascos córneos. Prótoo caiu e o cavalo sobre ele; enquanto procurava às cegas as rédeas perdidas, o animal pisoteou o elmo sobre seu rosto e o escudo sobre o peito, até que, esgotadas as últimas gotas da ferida, soltou o freio e deixou a cabeça cair sobre o corpo do senhor.

Assim, do monte Gáurano, caem juntos um olmo e uma videira, dupla perda para o lavrador. Mas o olmo, mais triste, procura também a árvore companheira; ao tombar, lamenta menos os próprios ramos do que as uvas familiares que, contra a vontade, esmaga.

Córimbo do Hélicon tomara armas contra os dânaos, ele que outrora fora amigo das Musas e a quem a própria Urânia,[14] conhecendo plenamente seu destino estígio, anunciara havia muito a morte pela posição dos astros. Ainda assim buscou batalhas e guerreiros, talvez para encontrar matéria de canto. Agora jazia, digno ele próprio de ser cantado em louvor duradouro; mas as Irmãs choraram em silêncio sua perda.

[554] Átis, prometido desde a infância a Ismene, descendente de Agenor, entrou na batalha. Embora Cirra fosse sua terra, o jovem não era estranho às guerras de Tebas e não evitara os parentes da noiva por causa dos crimes deles; ao contrário, a desgraça imerecida e a modéstia casta da jovem recomendavam-na ao amor do prometido. Ele também era nobre; o coração da donzela não se afastava dele, e ambos agradavam um ao outro, se a Fortuna apenas tivesse permitido.

Mas a guerra impedia o casamento, e por isso a cólera do jovem contra o inimigo era mais feroz. Precipitava-se entre os primeiros, ora a pé, com a espada errante, ora segurando no alto as rédeas e conduzindo diante de si as fileiras de Lerna como se participasse de um espetáculo.

A mãe cobrira os ombros ainda crescentes e o peito liso com uma veste tríplice de púrpura; para que não fosse vestido de maneira inferior à esposa, recobrira de ouro as correias, as flechas, o cinturão e os braceletes, e incrustara o elmo com ouro.

Confiando, ai de mim, nessas coisas, ele desafiou os gregos. Primeiro atacou com a lança uma companhia fraca, trouxe aos companheiros os despojos das armas e, realizada a carnificina, retornou às linhas amigas. Assim o leão do Cáspio, sob a sombra hircânia, ainda liso e não terrível pela glória amarela da juba, inocente de grandes mortes, invade, na ausência do pastor, o rebanho lento não longe do redil e sacia a fome em cordeiro tenro.

Logo não temeu atacar Tideu, pois desconhecia sua força e o julgava apenas pela estatura. Ousou importuná-lo com arma frágil, enquanto lançava provocações contra uns e perseguia outros.

Por fim, o etólio voltou por acaso o olhar para os esforços débeis do jovem e, com terrível riso, disse: "Há muito percebi, insaciável, que desejas uma morte famosa!" Julgando o audacioso indigno tanto da espada quanto da lança, lançou com dedos negligentes um dardo leve, impróprio para a guerra. Contudo, como

se arremessado com toda a força, o projétil mergulhou fundo na virilha. Certo da morte, o Enida passou adiante, orgulhoso demais para despojá-lo.

"Não pendurarei tais despojos para Marte, nem para ti, guerreira Palas; que a vergonha me impeça de tomá-los para meu próprio prazer.[35] Mesmo que Deípile[36] tivesse saído do aposento e vindo comigo à guerra, mal suportaria levar-lhe ornamentos que a ridicularizariam."

[592] Assim falou e deixou-se levar pelo sonho de prêmios mais nobres do combate. Do mesmo modo, quando um leão tem sob seu poder animais sem conta, passa ao largo dos bezerros e novilhas incapazes de lutar; enlouquece por banhar-se no sangue de alguma grande vítima e não se deitar[37] senão sobre o pescoço de um touro chefe.

Meneceu não deixou de ouvir o lamento de morte do caído Átis. Voltou para lá os cavalos e saltou do carro veloz. Guerreiros de Tegeia aproximavam-se do jovem prostrado, e os tírios não os afastavam.

"Que vergonha, juventude cadmeia", gritou, "desmentir vossos antepassados nascidos da terra! Para onde fugis, degenerados? Não caiu mais nobremente por nosso povo o estrangeiro Átis? Sim, ainda estrangeiro, e ainda não vingou, infeliz, a esposa. Trairemos compromisso tão grande?" Reanimados por justa vergonha, reuniram-se novamente, e cada um se lembrou daqueles que amava.

[607] Enquanto isso, no recolhimento do aposento, as irmãs - par inocente, descendência sem culpa do infeliz Édipo - misturavam a conversa a lamentos variados. Ora choravam os males presentes; mas, remontando às origens distantes do destino, uma lamentava as núpcias da mãe, a outra os olhos do pai; esta, o irmão que reinava; aquela, o exilado; ambas, a guerra.

Hesitavam muito em suas preces desgraçadas. O medo as impelia para ambos os lados; não sabiam quem desejavam vencido na batalha e quem vencedor. Em seus corações silenciosos, porém, o exilado prevalecia.

Assim, quando as aves de Pandíon[38] buscam novamente acolhida segura e as casas que deixaram ao serem expulsas pelo inverno, pousam sobre o ninho e narram à morada a antiga história de sua dor. Um som quebrado e triste se espalha; elas o julgam palavras, e, em verdade, sua voz não é menos expressiva do que palavras.[39]

Depois das lágrimas e de longo silêncio, Ismene começou novamente: "Que delírio é este dos mortais? Que significa tamanha confiança enganada? Será verdade que nossas preocupações permanecem acordadas durante o repouso e que as imagens retornam tão claras no sono? Eis que eu, incapaz de suportar o pensamento das núpcias mesmo em paz segura, nesta mesma noite, minha irmã - ah, que vergonha! -, vi-me como noiva.

"De onde meu sono febril trouxe diante de meus olhos um marido que mal conheço de vista? Uma vez o contemplei neste palácio, irmã, sem intenção minha, quando de algum modo se trocaram os compromissos de meu noivado. Naquele instante tudo se confundiu diante de mim; um fogo repentino caiu entre nós, e a mãe dele me perseguiu, reclamando Átis com altos gritos. Que presságio de desastre é este, e para quem, não sei. Contudo, nada temo, desde

que nossa casa esteja salva, o exército dórico se retire e possamos reconciliar nossos irmãos soberbos."

[636] Assim conversavam, quando a casa quieta sobressaltou-se com tumulto repentino. Átis, resgatado à custa de grande esforço, foi trazido, sem sangue, mas ainda vivo. A mão apertava a ferida; fora do escudo, o pescoço pendia lânguido, e as mechas caíam para trás sobre a fronte.

Jocasta viu-o primeiro e, trêmula, chamou a amada Ismene; apenas esse pedido pronunciavam os sons moribundos do genro, e somente esse nome pairava na boca ressequida. As mulheres gritaram, e a donzela levou as mãos ao rosto. A vergonha feroz a continha, mas precisava ir até ele; Jocasta concedeu ao moribundo o último favor, mostrou-lhe a jovem e colocou-a diante dele.

Quatro vezes, já no limite da morte, ele ergueu corajosamente os olhos e a visão que falhava ao nome dela. Somente para ela, desprezando a luz do céu, dirigia o olhar; nunca conseguia contemplar o bastante o rosto amado.

Como a mãe estava ausente e o pai repousava na morte feliz, entregaram à prometida a triste tarefa de fechar-lhe os olhos. Ali, enfim, sem testemunhas e a sós, ela deu voz ao luto de esposa e afogou os próprios olhos em lágrimas.

[655] Enquanto essas coisas aconteciam em Tebas, Ênio,[40] ardendo com tocha novamente alimentada e serpentes diferentes, restaurava a batalha. Os guerreiros ansiavam pelo combate como se somente há pouco tivessem suportado o primeiro choque corpo a corpo, e toda espada ainda brilhasse limpa e clara.

O Enida sobressaía. Embora Partenopeu disparasse uma flecha infalível, Hipomedonte pisoteasse com o cavalo furioso os rostos dos moribundos e a lança de Capaneu voasse mesmo de longe levando sua mensagem às tropas aônias, aquele era o dia de Tideu. Dele fugiam e diante dele tremiam, enquanto ele gritava:

"Para onde voltais as costas? Eis como vingais os companheiros mortos e expiais aquela noite triste! Sou eu aquele que tomou cinquenta vidas em carnificina insaciável. Trazei outros tantos, sim, outros tantos esquadrões em enxames! Não há pais, não há irmãos amorosos dos mortos? Por que tamanha indiferença ao luto? Envergonho-me de ter partido satisfeito para a Micenas de Ínaco! São estes todos os defensores de Tebas? É esta a força de vosso monarca? E onde encontrarei aquele nobre chefe?"

Então o avistou à esquerda da linha, encorajando as colunas e distinguindo-se pelo clarão do elmo soberbo. Não menos veloz correu em sua direção, todo em chamas, do que a ave que empunha o raio desce sobre o cisne branco apavorado e o envolve com sua sombra imensa.

Falou primeiro: "Ó rei justíssimo do povo aônio, encontremo-nos em combate aberto e mostremos enfim nossas espadas; ou preferes esperar a noite e tua escuridão habitual?" Etéocles nada respondeu; mas o dardo de corniso, assobiando, veio contra o inimigo e levou a mensagem do chefe. O herói prudente desviou-o no instante em que atingiria o alvo e lançou com avidez

uma grande arma, com força nunca antes conhecida. A lança irada voava para terminar a guerra.

Os deuses sidônios e gregos, que favoreciam cada um dos lados, voltaram para ela os olhos.[41] A cruel Erínia deteve-lhe o curso e preservou Etéocles para o crime ímpio de seu irmão. A ponta desviada atingiu Flégias, o condutor do carro.

[688] Então se ergueu grande combate de heróis. O etólio, desembainhando a espada, atacava com maior fúria, enquanto guerreiros tebanos protegiam o rei que recuava. Assim, na escuridão da noite, uma multidão de pastores afasta o lobo do novilho que ele agarrou; mas o animal se levanta incansável contra eles e não se preocupa em atacar os que lhe barram o caminho: somente aquele, aquele que primeiro assaltou, continua a perseguir.

Do mesmo modo, Tideu ignorava as linhas dispostas contra ele e a massa menos importante, passando por elas em combate. Ainda assim, feriu Toas no rosto, Deíloco no peito, Clônio no flanco e o severo Hipótades na virilha; ora lançava membros de volta aos troncos mutilados, ora fazia cabeças e elmos girarem juntos pelo ar.

Já se cercara dos despojos e cadáveres dos mortos. O círculo de inimigos exauria-se somente contra ele; todos os dardos buscavam apenas seu corpo. Alguns se cravavam nos membros, outros erravam, Tritônia arrancava alguns, muitos permaneciam rígidos no escudo.

Já densamente plantado de lanças, o broquel era uma floresta trêmula de ferro; a pele de javali de sua terra estava rasgada nas costas e nos ombros. Desaparecera a glória elevada da crista, e o Marte que ocupava o cimo do elmo terrível caiu, presságio feliz para o dono. O bronze nu do capacete[42] estava fixo e soldado às têmporas; pedras golpeavam-lhe a cabeça e caíam retumbando sobre a armadura. Ora o elmo enchia-se de sangue, ora o peito ferido se banhava numa corrente escura, mistura de sangue e suor.

Olhou em torno para os companheiros que o aclamavam e para a fiel Palas, que de longe escondia o rosto atrás do escudo, pois já se dirigia ao grande pai para abrandá-lo com lágrimas.

[716] Eis que uma lança de freixo, carregada de grande ira e destino, corta os Zéfiros, sem que se perceba o autor. Era Melanipo, filho de Ástaco; não revelou o próprio feito e gostaria de permanecer oculto, mas a alegria de seu esquadrão o denunciou, todo amedrontado. Tideu, dobrando-se sobre a virilha, caíra de lado e deixara escapar o escudo redondo. Aônios e pelasgos misturaram clamores e gemidos, formaram uma barreira e protegeram o herói indignado.

Ele divisou ao longe, através do inimigo, o odiado Astácida; reuniu para um único golpe todas as forças vitais que restavam e lançou o dardo que Hopleu, ao lado, lhe entregara. O esforço fez o sangue saltar e correr.

Então os companheiros aflitos o arrastaram para fora, embora ainda desejasse lutar - que ardor de fogo! -, pedisse lanças e, até na agonia, se recusasse a morrer. Colocaram-no na extremidade mais distante do campo, apoiado em

escudos dos dois lados, e prometeram entre lágrimas que retornaria aos combates do feroz Marte.

Ele, porém, já sentia a luz do céu abandoná-lo e o grande espírito ceder ao frio derradeiro. Deitado no chão, clamou:

"Tende piedade, filhos de Ínaco. Não peço que meus ossos sejam levados a Argos ou à minha pátria etólia; não me importo com honras fúnebres. Odeio meus membros e este corpo tão fraco e inútil, desertor da alma que o habitava. Tua cabeça, tua cabeça, Melanipo, se alguém pudesse trazê-la! Pois estás prostrado na planície, assim confio; minha coragem não me abandonou no último instante.

"Vai, Hipomedonte, eu te peço, se tens em ti algo do sangue de Atreu; vai tu, árcade, jovem famoso em tuas primeiras guerras; e tu, Capaneu, agora o mais poderoso do exército argivo!"

[745] Todos se comoveram, mas Capaneu partiu primeiro. Encontrou o filho de Ástaco e o ergueu ainda respirando da poeira; voltou com ele sobre o ombro esquerdo, manchando as costas com o sangue da ferida. Assim retornou o Tiríntio da toca arcádia, quando trouxe para Argos, que o aclamava, o javali capturado.[43]

[751] Tideu ergueu-se e voltou os olhos para ele. Enlouquecido de alegria e ira ao ver arrastarem o rosto ainda ofegante e reconhecer nele a obra de sua mão, ordenou que cortassem e lhe entregassem a cabeça feroz do inimigo. Tomou-a na mão esquerda, contemplou-a e ardeu ao vê-la ainda aquecida pela vida, com os olhos irados tremulando antes de fechar-se. O infeliz já estava satisfeito; mas Tisífone vingadora exigia mais.

E Tritônia, depois de aplacar o pai, já chegava para conceder glória imortal ao herói desgraçado, quando o viu conspurcado pela corrupção do cérebro esmagado, as mandíbulas poluídas de sangue ainda vivo[44] - os companheiros não conseguiam arrancar-lhe a cabeça. A Górgona ergueu-se feroz, com as serpentes estendidas; os répteis cornudos, levantados diante do rosto, fizeram sombra sobre a deusa. Palas desviou a face e fugiu do homem prostrado; não entrou no céu antes que a lâmpada ritual e as abundantes águas do Ilisso purificassem sua visão.[45]

NOTAS AO LIVRO VIII

1. Estácio apresenta a purificação com teixo e a inscrição feita por Prosérpina como ritos de admissão ao mundo dos mortos, embora não sejam conhecidos em outras fontes. O teixo é árvore especialmente ligada às Fúrias; furvus, no latim, indica a cor sombria própria do mundo inferior.

2. O latim diz literalmente "com o mesmo polegar". A imagem remete ao gesto da multidão no anfiteatro, que podia salvar ou condenar o gladiador que pedia misericórdia.

3. Um juramento feito pelo Estige era inviolável. Segundo Hesíodo, o deus que jurasse falsamente por suas águas seria excluído durante nove anos da companhia divina.

4. O pronome refere-se a Plutão, o "senhor do Érebo".

5. O "Arcádio" é Mercúrio, mensageiro dos deuses e condutor das almas. Os filhos de Tíndaro são Castor e Pólux, que partilhavam uma imortalidade alternada: enquanto um permanecia no céu, o outro habitava o mundo inferior.

6. A "queixa odrísia" é o canto de Orfeu, trácio, que desceu ao mundo inferior para recuperar Eurídice. As Parcas precisariam retomar a tarefa e fiar novamente o fio da vida da esposa, caso ela pudesse regressar.

7. A mãe é Deméter ou Ceres. Após Plutão raptar Perséfone ou Prosérpina, estabeleceu-se que a jovem passaria parte do ano com ele e parte com a mãe; Estácio apresenta a divisão como uma injustiça contra o deus infernal.

8. As duas profecias anunciam o próprio Tideu, que roerá a cabeça de Melanipo no fim deste livro, e Creonte, que no Livro XII proibirá a sepultura dos guerreiros argivos.

9. Aquele que guerreará contra os deuses é Capaneu, fulminado por Júpiter no fim do Livro X.

10. O latim manes pode significar a existência ou condição no mundo inferior e, por extensão, destino ou sorte após a morte.

11. Plutão pode ser chamado "Criador" ou "Gerador" porque, como soberano da morte, é não apenas o termo destinado de todas as almas, mas também parte do ciclo pelo qual a vida torna a nascer. Mais abaixo, a Terra recebe título semelhante.

12. Hércules desceu ao Hades para trazer Cérbero; Pirítoo, auxiliado por Teseu, pretendeu raptar Prosérpina. Anfiarau nega possuir qualquer intenção semelhante.

13. Anfiarau ainda não se transformara plenamente em sombra. A passagem latina é textualmente discutida: alguns propõem a leitura "receber a água", isto é, do Lete, para explicar o esquecimento dos tripés proféticos.

14. O pronome latino tibi pode ser apenas um dativo ético, usado para envolver vivamente o ouvinte na cena: "que aspecto tinham, imagina".

15. A morte do áugure é apresentada como um silêncio universal dos oráculos de Apolo. Delos foi "fixada para o parto" porque, antes errante, recebeu Latona para o nascimento de Apolo e Diana.

16. Tênedos e Crisa eram sagradas a Apolo. O deus possuía oráculos em Claros, em Dídima, junto de Mileto, onde se ligava a Branco, e em Patara, na Lícia.

17. O "profeta cornudo" é Zeus Ámon, cultuado na Líbia; o carvalho ofegante pertence a Zeus em Dodona; Timbra, na Tróade, possuía um santuário de Apolo.

18. A comparação recorda a morte de Tífis, piloto dos Argonautas. A "aparelhagem" inclui leme, velas, cabos e outros elementos da nave; dizer que já não obedece significa que toda a viagem perdeu a força e o sentido.

19. Címbalos e tambores do Ida eram usados no culto frígio de Cibele.

20. Fineu, rei trácio e adivinho, era atormentado pelas Harpias, que roubavam ou contaminavam toda comida posta diante dele. Os filhos de Bóreas afastaram-nas durante a viagem dos Argonautas.

21. A imagem da divindade protetora do navio costumava ficar na popa; por isso o deus "navega" na embarcação que traz sua figura ou seu nome.

22. "Aquemênida" significa persa. A comparação descreve um jovem sucessor dos reis da Pérsia, dividido entre a glória e o temor do poder recém-adquirido.

23. A "obra de Prometeu" e as pedras de Pirra designam a raça humana. Em uma tradição, Prometeu modelou os homens; em outra, concedeu-lhes a alma. Pirra e Deucalião repovoaram o mundo lançando pedras que se transformaram em pessoas.

24. Os "dois carros" são os do Sol e da Lua. Júpiter, Netuno e Plutão dividiram entre si o céu, o mar e o mundo inferior, mas deixaram a Terra como domínio comum.

25. Tiodamas executa os símbolos de um funeral verdadeiro para Anfiarau, cujo corpo desapareceu no abismo e não podia receber sepultura ordinária.

26. As muralhas de Tebas haviam sido construídas ao som da lira de Anfião; agora escutam a música oposta das trombetas e das serpentes de Tisífone.

27. Estácio imagina vagamente as terras orientais como região fria, talvez pensando nas montanhas persas. Na poesia antiga, a cheia dos rios é frequentemente atribuída à chuva e à neve derretida.

28. O "grupo parrásio" é a Ursa Maior, formada por sete estrelas e também chamada de Carro. A ausência de Anfiarau faz a sétima divisão argiva parecer uma constelação mutilada.

29. A expressão de Estácio é deliberadamente estranha: os gemidos "fumegam" ou "exalam vapor" juntos, combinando impressão auditiva e visual na proximidade dos combatentes.

30. São os dardos que os inimigos apanham e lançam de volta, como Menalcas faz logo depois.

31. A "dupla morte" pode indicar a combinação da ponta aguda com o veneno, ou, por hipérbole, a capacidade da flecha de atravessar e matar dois corpos.

32. Pisa designa Olímpia, centro do culto de Zeus; Cirra, junto de Delfos, pertence a Apolo. Os dois combatentes são apresentados como protegidos rivais desses deuses.

33. Palas Atena e Hércules aparecem realmente presentes no campo, sustentando seus campeões, Tideu e Hêmon. A mesma nota aplica-se ao encontro dos deuses no parágrafo [497].

34. Urânia é a Musa dos conhecimentos celestes e, por isso, a mestra apropriada da astrologia. O "destino estígio" é a morte que as Parcas haviam tecido para Córimbo.

35. A construção latina é elíptica: "que a vergonha me impeça de eu próprio carregar estes despojos". Tideu despreza os adornos juvenis de Átis como prêmio indigno.

36. Deípile, filha de Adrasto, é a esposa de Tideu; suas núpcias foram narradas no Livro II.

37. O leão "deita-se" ou se agacha sobre a vítima para sugar-lhe o sangue.

38. As "aves de Pandíon" são rouxinóis, por Filomela, filha de Pandíon, rei de Atenas, transformada nessa ave. Seu canto lamenta Ítis, morto no ciclo de violência de Tereu e Procne.

39. As aves julgam estar falando; Estácio acrescenta que, embora os sons não sejam palavras, expressam a dor com a mesma força que a linguagem humana.

40. Ênio é a deusa grega da guerra, identificada em Roma com Belona.

41. Nem as divindades argivas nem as tebanas queriam que a guerra terminasse naquele instante com a morte de Etéocles; o destino reservava-lhe o duelo fratricida com Polinices.

42. O "bronze nu" é a calota do elmo, depois que a crista e seus ornamentos foram destruídos.

43. Trata-se do javali de Erimanto, capturado por Hércules e levado vivo a Euristeu. A comparação aproxima Capaneu do herói tiríntio.

44. A cena horrenda em que Tideu morde a cabeça do inimigo teve eco célebre no canto XXXII do Inferno de Dante, em que o conde Ugolino rói o crânio de seu adversário.

45. A Górgona é a cabeça de Medusa, com serpentes no lugar dos cabelos, que Palas trazia na égide. A lâmpada ritual e a água do Ilisso, rio de Atenas, pertencem à purificação cerimonial da deusa após a visão impura.

LIVRO IX

[1] A notícia da insana ferocidade do ensanguentado Tideu exasperou os aônios. Até os próprios Ináquidas pouco lamentavam o guerreiro caído: censuravam-no e queixavam-se de que ele ultrapassara os limites legítimos do ódio. E tu também, Gradivo, o mais violento dos deuses, embora naquele momento o furioso trabalho da matança te ocupasse por inteiro, também tu, segundo contam, te ofendeste com tamanha audácia;[1] desviaste os olhos e conduziste por outra parte os cavalos aterrados.

Por isso, a juventude cadmeia ergueu-se para vingar a vergonhosa profanação do cadáver de Melanipo, tão inflamada como se os ossos de seus pais houvessem sido arrancados dos sepulcros e as urnas lançadas como presa a monstros cruéis.

O próprio rei lhes aumentou o furor: "Quem ainda poderá mostrar-se brando ou humano para com os pelasgos? Com dentes recurvos eles dilaceram nossos membros - vergonha de tal loucura! Não saciamos bastante suas armas? Acaso julgais combater tigres da Hircânia ou enfrentar leões enfurecidos da Líbia? E agora ele jaz - nobre consolo da morte! -, com as mandíbulas presas à cabeça do inimigo, e encontra o fim sacrílego no sangue que desejou.

"Nossas armas são o ferro impiedoso e as tochas de fogo; as deles são o ódio nu e uma selvageria que já não precisa de armas. Que perseverem em seu delírio e gozem de glória tão ilustre, contanto que tu o contemples, ó Pai supremo! Queixavam-se de que o campo de batalha se abrira e admiravam-se de que a terra fugisse deles: suportaria seu próprio solo homens como esses?" Assim falou e conduziu os seus numa investida feroz, bradando alto; todos se inflamaram igualmente para apoderar-se do corpo do odioso Tideu e conquistar-lhe os despojos.

Não de outro modo bandos de aves imundas ocultam as estrelas quando os ventos lhes anunciam, de longe, o ar corrompido e corpos deixados sem sepultura. Para lá se precipitam em ruidosa avidez; o alto céu ressoa com o bater das asas, e as aves menores abandonam o firmamento.

[32] A Fama, correndo em velozes rumores pela planície aônia, passou de tropa em tropa - mensageira mais rápida do que de costume quando traz desgraças - até deslizar aos ouvidos aterrados de Polinices, para quem narrava a mais dolorosa das perdas. O jovem enrijeceu de horror; as lágrimas, prontas para cair, ficaram imóveis, e ele demorou a acreditar. O valor conhecido do Enida ora o persuadia, ora o impedia de crer em sua morte.

Quando, porém, testemunhos seguros confirmaram o desastre, a noite submergiu-lhe a mente e a visão. O sangue parou; ao mesmo tempo lhe cederam

os braços e as pernas; o alto elmo já se molhava de lágrimas, e as grevas receberam o escudo que caiu. Ele avançou tristemente, arrastando os joelhos enfraquecidos e a lança pelo chão, como se o onerassem mil feridas e todos os membros estivessem mutilados. Os companheiros recuavam diante dele e o apontavam entre gemidos.

Por fim, lançou longe as armas que mal conseguia sustentar e, desarmado, caiu sobre o corpo já sem vida do incomparável amigo. Com o rosto banhado de lágrimas, falou:

[49] "Enida, última esperança de minha empresa, é esta a gratidão, este o salário e a recompensa que te devo: jazer nu sobre a terra odiada de Cadmo, enquanto eu permaneço ileso? Agora sou para sempre exilado e para sempre banido, pois meu outro irmão - e o mais verdadeiro - foi-me arrebatado.

"Já não reclamo as antigas decisões da sorte nem o diadema perjuro de um trono culpado. Para que servem alegrias compradas a preço tão alto, ou um cetro que tua mão não colocará na minha? Afastai-vos, guerreiros, e deixai-me enfrentar sozinho meu parente cruel. Nada adianta prolongar a batalha e desperdiçar mais mortes. Parti, eu vos suplico. Que coisa maior ainda poderíeis dar-me? Eu desperdicei Tideu.[2]

"Com que morte poderei expiar isso? Ó pai de minha esposa! Ó Argos! Ó honesta contenda daquela primeira noite, nossos golpes recíprocos e a breve cólera que foi penhor de longa amizade![3] Ah! por que não fui então morto por tua espada, grande Tideu? Tu podias fazê-lo, no limiar de Adrasto, nosso anfitrião. Mais ainda: por minha causa foste a Tebas e entraste de bom grado no palácio ímpio de meu irmão, de onde nenhum outro regressaria, como se buscasses um cetro e honras apenas para ti.

"A Fama já cessara de celebrar o devotamento de Télamon e de Teseu; e eis em que estado jazes! Que feridas admirarei primeiro? Qual sangue é teu e qual pertence ao inimigo? Que exércitos, que incontáveis batalhões te derrubaram? Não: o próprio Pai, se não me engano, teve inveja de ti, e Marte te golpeou com toda a força de sua lança."

[73] Assim falou e, chorando, lavou com as próprias lágrimas o rosto do herói, ainda coberto de sangue, e recompôs-lhe as feições com a mão.

"Então odiavas meus inimigos a tal ponto, e eu sobrevivo a ti?" Em sua paixão cega, arrancara a espada da bainha e voltava-a contra si. Os amigos o detiveram; o sogro o repreendeu e, recordando-lhe os acasos da guerra e a vontade do destino, consolou-lhe o coração tumultuado. Pouco a pouco, afastou-o daquele corpo amado, origem de sua dor e de seu desejo de morte, e, enquanto falava, recolocou silenciosamente a arma na bainha.

Polinices foi conduzido como um touro que, perdido o companheiro de trabalho, abandona em torpor desesperado o sulco iniciado entre todos os campos vizinhos e arrasta no pescoço abatido uma parte do jugo disforme, enquanto o lavrador em lágrimas carrega a outra.

[86] Mas eis que, reunida ao grito de guerra de Etéocles, avançava uma tropa escolhida de guerreiros, que nem Tritônia desprezaria no combate nem

Mavorte no encontro das lanças. Contra eles, com o escudo protetor diante do peito e a longa hasta projetada para a frente, o gigantesco Hipomedonte manteve-se firme, como rochedo que enfrenta as ondas e não teme o céu: as águas se quebram e recuam diante dele; imóvel às ameaças, permanece; o próprio mar foge de seu rosto áspero, e de longe os navios inquietos o reconhecem.[4]

Então um aônio, escolhendo uma lança robusta, exclamou: "Não te envergonhas, diante dos deuses e sob o testemunho do céu, de guardar esse espectro, esse cadáver que desonra nossa guerra? Gloriosa tarefa, memorável façanha: conseguir sepultura para essa fera, para que não retorne a Argos e receba lágrimas e exéquias, nem sobre um leito macio vomite o sangue amaldiçoado! Põe de lado esse cuidado: nem aves nem monstros imundos o devorarão - nem sequer o fogo sagrado, ainda que lho concedêssemos."
[103] Nada mais disse, mas lançou um enorme dardo. Detido pelo bronze resistente, ele ainda assim o atravessou e parou na segunda camada do escudo. Feres arremessou em seguida, e o vigoroso Lico; o dardo de Feres caiu inutilmente no chão, mas Lico golpeou o elmo e a terrível crista ondulante. Rasgada pela ponta da lança, a plumagem dispersou-se ao longe e deixou exposto o capacete sem glória.

Hipomedonte não recuou nem se lançou para atacar o inimigo. Girando sempre dentro de um espaço restrito, avançava e retrocedia em todas as direções; nunca soltava o braço direito por muito tempo, mas em cada movimento permanecia junto ao cadáver, mantinha-o sob os olhos e pairava ao redor e sobre ele.

Nem uma mãe guarda e protege com tanto zelo o primeiro bezerro indefeso quando um lobo o ameaça, revolvendo-se perplexa de chifres abaixados. Por si mesma nada teme; esquecida da fraqueza do sexo, espuma pela boca e, embora fêmea, imita os grandes touros. Por fim, a nuvem de dardos tornou-se menos densa, e os gregos puderam lançar armas em resposta. Alcon de Sícion já chegara em auxílio, e o esquadrão pisano do veloz Idas reforçava a falange.

Alegre com esse socorro, Hipomedonte arremessou contra os inimigos uma lança de Lerna. Ela voou com a velocidade de uma flecha e, sem deter-se, atravessou Polites pelo meio do corpo e, ainda impetuosa, penetrou o escudo de Mopso, seu companheiro próximo.

Depois trespassou o fócio Cídon, Falanto de Tânagra e Érix. Este, voltando-se para procurar armas e sem pensar na morte, recebeu o golpe através dos longos cabelos; o outro, expirando, admirou-se de ter recebido a lança não no rosto, mas na garganta aberta, por onde jorraram juntos o sangue, o gemido derradeiro e os dentes deslocados pela ponta.

Leonteu, escondido atrás do combate dos heróis, ousou estender furtivamente a mão e puxar pelos cabelos o corpo estendido. Hipomedonte percebeu-o, embora cercado de ameaças por todos os lados, e com a espada sombria cortou a mão insolente, acrescentando esta injúria: "É Tideu, o próprio Tideu, quem te priva dela! Teme os heróis mesmo quando mortos e não toques,

miserável, nos grandes cadáveres!" Três vezes a falange cadmeia arrastou para longe o corpo terrível, três vezes os dânaos o puxaram de volta. Assim uma nau inquieta se desvia no tumulto sem lei do mar siciliano, apesar dos esforços inúteis do piloto, e depois regressa ao próprio curso com as velas sopradas para trás.

[144] Nenhum exército sidônio teria conseguido afastar Hipomedonte de seu propósito, nem projéteis lançados por máquinas teriam abalado sua resistência poderosa; golpes que muralhas altivas temiam caíam vencidos diante do escudo que assaltavam.

Mas Tisífone, lembrada das ordens do rei do Elísio[5] e enumerando os crimes de Tideu, aproximou-se astutamente do centro do campo. Os exércitos sentiram-lhe a presença: cavalos e homens cobriram-se de súbito suor. Ela, contudo, abandonara a própria aparência e imitava o argivo Hális; não trazia a tocha profana nem o açoite, e seus cabelos, obedientes, mantinham as serpentes em silêncio.[6] Sob a figura de um guerreiro e com olhar e voz persuasivos, aproximou-se do feroz Hipomedonte; mas ele temeu o rosto de quem falava e admirou-se do próprio temor.

Chorando, ela disse: "Em vão, homem ilustre, guardas os companheiros mortos e os corpos insepultos dos gregos. É esse, então, nosso medo? Ainda nos preocupamos com sepulturas? Eis que Adrasto é arrastado como prisioneiro por uma tropa tíria; a ti, antes de todos, ele chama e faz sinais. Ai! em que estado o vi escorregar e cair no sangue, com o diadema arrancado e os cabelos brancos soltos! Não está longe: olha onde se levanta toda aquela nuvem de poeira, toda aquela massa de homens."

[164] Por algum tempo, o herói permaneceu perplexo, pesando os temores. A donzela impiedosa insistiu: "Por que hesitas? Avançaremos? Ou esse cadáver nos retém, e aquele que sobrevive vale menos do que o morto?"[7] Aos companheiros ele confiou a triste tarefa e a batalha que lhe cabia; partiu a largos passos, abandonando o amigo fiel, mas olhando para trás e pronto a voltar se, por acaso, o chamassem.

Seguindo os passos impetuosos da deusa implacável, correu de um lado para outro, sem rumo nem caminho, até que a Fúria criminosa lançou o escudo para trás, desapareceu sombria de seus olhos e incontáveis serpentes romperam do elmo. A nuvem dispersou-se, e o infeliz viu os Ináquidas tranquilos e Adrasto em seu carro, sem temor algum.

[177] Os tírios já possuíam o corpo e, com gritos altos, proclamavam a alegria. O clamor do triunfo chegou aos ouvidos de Hipomedonte e golpeou-lhe o coração com secreto pavor.

Era arrastado sobre o solo inimigo - ai, poder cruel do destino! - aquele mesmo Tideu diante de quem, pouco antes, abria-se um largo espaço de ambos os lados quando perseguia as fileiras de Tebas, fosse a pé, fosse sacudindo as rédeas do carro. Mãos, armas e toda a selvageria humana nunca cessavam: alegravam-se em ferir impunemente as feições rígidas na morte e o rosto que antes temiam.

Essa era sua paixão; por esse ato, valentes e covardes procuravam conquistar nobreza. Guardavam as armas manchadas de sangue para mostrá-las aos filhos pequenos e às esposas.

Assim, quando bandos exaustos de pastores finalmente vencem um leão que por muito tempo devastou os campos mouros, obrigou os rebanhos a permanecerem encerrados e os guardiães a vigiarem, toda a região exulta. Os lavradores chegam com gritos de alegria, arrancam-lhe a juba, abrem-lhe as grandes mandíbulas e narram suas perdas, quer o animal permaneça pregado sob o teto da casa, quer penda como glória de um bosque antigo.

[196] O feroz Hipomedonte, embora visse que o socorro já era inútil e que chegava tarde demais para combater pelo corpo roubado, continuou a avançar e a girar cegamente a espada implacável, mal distinguindo amigo de inimigo, para que nada retardasse seu caminho. Mas o solo, escorregadio de sangue recente, as armas, os moribundos e os carros despedaçados impediam-no; também o feria a coxa esquerda, que a ponta da lança do soberano equiônida atravessara, embora, em seu furor, ele ocultasse a ferida ou nem sequer a percebesse.

Por fim, avistou Hopleu em pranto. O companheiro fiel do grande Tideu, pouco antes seu escudeiro - agora em vão -, segurava o cavalo de pés alados, que, de pescoço curvado e ignorante do destino do senhor, impacientava-se apenas com a inatividade, pois seu dono preferira aventurar-se a pé na batalha.

O animal desdenhava o novo peso sobre o dorso orgulhoso, pois desde que fora domado conhecera uma única mão. Hipomedonte tomou-o e lhe falou: "Por que recusas teu novo destino, cavalo infeliz? Nunca mais carregarás o soberbo senhor; nunca mais saciarás a fome nos prados etólios ou sacudirás a juba exultante junto às águas do Aqueloo.

"Resta-te isto: vai e vinga ao menos a morte de teu amado senhor, ou vem comigo, para que também tu, prisioneiro, não perturbes sua sombra e, depois de Tideu, não carregues algum cavaleiro jactancioso." Dir-se-ia que o animal ouviu e se inflamou: tão violentamente o arrebatou em carreira selvagem, ressentindo-se menos das rédeas semelhantes.[8] Assim o Centauro, meio fera, salta das alturas aéreas do Ossa para o vale: diante da parte humana tremem as florestas elevadas; diante do cavalo, sacode-se a planície.[9]

Alarmados e sem fôlego, os descendentes de Lábdaco aglomeraram-se. Hipomedonte caiu sobre eles e, ceifando com a espada os pescoços desprevenidos, deixou para trás os troncos que tombavam.

[225] Chegaram ao rio. Mais cheio do que de costume, o Ismeno corria então em poderosa enchente, presságio de desastre. Ali lhes foi concedida breve trégua; para lá as colunas fatigadas fugiam aterradas do campo. As águas, refúgio da batalha, espantavam-se diante dos guerreiros e iluminavam-se com o brilho refletido das armas.[10] Eles saltaram na corrente; com enorme estrondo, a margem desabou, e as praias opostas ocultaram-se sob a poeira.

Hipomedonte também, com salto mais vigoroso, lançou-se através do rio contra os inimigos espantados, tal como estava, pois não havia tempo para

desmontar. Apenas confiou por algum tempo a um choupo as lanças fincadas na relva verde.

Então, tomados de terror mortal, os tebanos lançaram espontaneamente as armas às ondas, que as levaram. Alguns tiraram os elmos e esconderam-se vergonhosamente, contanto que conservassem a vida sob a água. Muitos tentaram atravessar o rio a nado, mas os fechos os prendiam, os cintos lhes impediam a respiração e as couraças de linho encharcadas pesavam sobre os corpos.[11]

Como os peixes azul-escuros se aterrorizam sob a água crescente quando veem um golfinho investigar os esconderijos secretos do fundo: todo o cardume foge para os poços mais baixos e se comprime, assustado, entre as algas verdes; não torna a sair até que ele lance o corpo curvo pelas ondas da superfície e prefira competir com os navios que avista. Assim o herói os empurrava em confusão diante de si e, no meio do rio, ao mesmo tempo dirigia as rédeas e lançava o dardo, sustentado pelo cavalo que nadava. O casco ágil, acostumado à planície, pisava agora as ondas e procurava a areia profundamente submersa.

[252] Crômis derrubou Íon; Antifo, Crômis; Hipseu, Antifo; e Hipseu também matou Astíages e Lino, que estava prestes a deixar o rio e fugir, se as Parcas não o proibissem: desde o primeiro fio de sua vida, fora-lhe negada a morte em terra e destinada uma morte aquática.[12] Hipomedonte apertava as fileiras de Tebas; Hipseu, oriundo do Asopo, lançava os dânaos em desordem. De ambos os lados, o rio se aterrava; cada guerreiro lhe tingia as águas de sangue espesso, e nenhum dos dois estava destinado a regressar daquela corrente.

Membros mutilados rolavam pela água; cabeças e braços cortados reencontravam os corpos. A corrente carregava lanças, leves broquéis e arcos afrouxados; as cristas impediam os elmos de afundar. Por toda parte, a superfície estava coberta de armas flutuantes e o fundo de homens. Ali os corpos lutavam com a morte, e o rio que os enfrentava represava o último sopro que tentava sair.

[266] O jovem Argipo agarrara um olmo da margem em meio à corrente impetuosa; o feroz Meneceu cortou-lhe com a espada os belos ombros. Enquanto caía e ainda se debatia, o tronco mutilado contemplou os próprios braços pendentes dos galhos elevados. A lança de Hipseu afundou Tages com enorme ferida; ele permaneceu no fundo, e em lugar do corpo apenas o sangue retornou à superfície.

Para salvar o irmão, Agenor saltou da margem e o abraçou - pobre infeliz! -, mas o ferido pesou sobre ele enquanto tentava erguê-lo. Agenor poderia ter-se libertado e saído da água, mas não quis regressar sem o irmão.

Capeto levantou-se à sua direita e ameaçou golpear, mas foi tragado pelos redemoinhos enredadores da corrente rápida. Ora desaparecia o rosto, ora os cabelos, ora o braço direito; por fim, a espada afundou sob as águas precipitadas. Uma única morte, sob mil formas de morrer, atormentava os infelizes. Uma ponta de lança de Micalesso cravou-se nas costas de Agirtes; ele se voltou, mas ninguém a arremessara: levada pelo impulso do rio, a arma correra e encontrara seu sangue.

[284] O cavalo etólio[13] também foi ferido nos fortes ombros e, ao golpe mortal, empinou-se e escoiceou o ar. O herói, porém, não se perturbou com o salto;[14] compadeceu-se do animal e, gemendo, arrancou com a própria mão o dardo da ferida profunda e soltou voluntariamente as rédeas.

Então retomou o combate a pé, mais seguro tanto no passo quanto na mão. Um após outro, matou o lento Nômio, o valente Mimas, o tebano Licas, Líceto de Antédon e Tespíades, um de dois irmãos. Ao outro, Pânemo, que suplicava o mesmo destino, gritou: "Vive e volta sozinho às muralhas da Tebas maldita, para que não continues enganando teus pais infelizes.[15] Graças ao céu, a mão ensanguentada de Belona trouxe a luta para a corrente rápida. As ondas levam os covardes no rio natal, e o espectro nu de Tideu insepulto não gemerá nem gritará em torno de vossas piras. Descereis para alimentar os monstros cruéis do fundo; a ele, porém, a terra carrega e dissolverá em seus próprios elementos."

Assim perseguia os inimigos e, com insultos, acrescentava amargura aos golpes. Ora se enfurecia com a espada, ora apanhava as lanças flutuantes e as devolvia. Matou Téron, amigo da casta Diana; Gias, habitante da região; Ergino, errante das ondas; Herses, de cabelos nunca cortados; e Creteu, desprezador do mar, que muitas vezes, em pequena embarcação, resistira ao promontório tempestuoso de Cafareu e às rajadas da Eubeia.

Eis o poder do destino: uma lança atravessou-lhe o peito, e ele foi levado pela corrente - ai, em que águas naufragou! Também a ti, Fársalo, quando atravessavas o rio no alto carro para alcançar os companheiros, uma lança dórica derrubou e matou teus cavalos. A violência da corrente enfurecida tragou-os e também a união funesta do jugo.

[315] Vinde agora, Irmãs eruditas, concedei-me saber que esforço abateu Hipomedonte nas ondas agitadas e por que o próprio Ismeno se levantou para participar da batalha. A vós cabe investigar o passado e impedir que a fama envelheça. Creneu, jovem filho de Fauno e da ninfa Ismênis,[16] alegrava-se em combater nas águas de sua mãe. Ali vira pela primeira vez a luz e fora embalado nas margens verdes do rio natal.

Julgando que as Irmãs do Elísio não possuíam poder naquele lugar, cruzava alegremente o avô carinhoso, ora de uma margem, ora da outra. A corrente sustentava-lhe os passos, quer seguisse o fluxo, quer o atravessasse; mesmo quando avançava contra as águas, o rio não o retardava, mas também ele corria para trás.

Nem o mar cobre com maior doçura a cintura do estrangeiro de Antédon,[17] nem Tritão se ergue mais alto das ondas de verão, nem Palêmon quando se apressa a retornar aos beijos da mãe querida e golpeia o golfinho vagaroso.[18] Uma armadura vistosa cobria-lhe os ombros, e o magnífico escudo, brilhante de ouro, trazia gravada a antiga história da raça aônia.

Ali a jovem sidônia[19] cavalgava o dorso branco do touro sedutor. Já não temia o mar nem se agarrava aos chifres com as mãos delicadas; em torno de seus pés, as ondas brincavam. Dir-se-ia que o touro se movia sobre o escudo e rasgava as águas; as ondas do rio, da mesma cor que as do mar, favoreciam a ilusão.[20]

Ousado tanto nas armas quanto na fala insolente, Creneu desafiou Hipomedonte: "Isto não é a venenosa Lerna, nem Hidras hercúleas bebem estas águas. É um rio sagrado que profanas - sagrado, sim, e tu o descobrirás para tua ruína, miserável! Deuses foram nutridos por suas correntes." O outro nada respondeu, mas avançou contra ele. A massa mais densa da água resistiu-lhe e reteve-lhe o braço; apesar do obstáculo, Hipomedonte cravou o golpe e atravessou inteiramente os recintos secretos da vida.

O rio estremeceu diante do ato horrendo; as florestas de ambas as margens lamentaram, e gemidos mais profundos ressoaram das ribanceiras ocas. Dos lábios moribundos partiu o último grito: "Mãe!" Enquanto o pronunciava, as águas sufocaram a voz do pobre jovem.

[351] A mãe, em meio à companhia das irmãs que brilhavam como prata, ergueu-se imediatamente do vale verde-mar ao golpe do destino. Enlouquecida, com os cabelos soltos, feriu muitas vezes o rosto, o peito e o vestido verde.

Irrompeu das ondas e, com voz trêmula, gritou repetidas vezes: "Creneu!" Em parte alguma o via; sobre a corrente flutuava apenas o escudo, sinal que a mãe infeliz reconheceu depressa demais. Ele próprio jazia longe, onde, no limite em que rio e mar se misturam, o Ismeno suporta sua última carga. Assim Alcíone abandonada lamenta sua morada errante e molhada de espuma quando o feroz Austro e a invejosa Tétis dispersam os filhotes e os ninhos estremecidos.

A mãe enlutada mergulhou novamente e, escondida nas profundezas, procurou em vão o filho morto por muitos caminhos. Diante dela a trilha brilhava clara enquanto avançava; procurava e ao mesmo tempo chorava. Muitas vezes o rio eriçado a detinha, e uma névoa de sangue lhe obscurecia os olhos.

Em sua pressa insana, lançou-se contra armas e espadas, meteu as mãos em elmos e revolveu cadáveres estendidos. Ao chegar às profundezas, não entrou na salmoura amarga de Dóris; um grupo de Nereidas, compadecido, conduziu pelas ondas do oceano o corpo do jovem até o peito da mãe. Abraçando-o na margem inclinada, ela secou com os cabelos macios o rosto molhado e gritou em alto lamento:

[376] "É este o presente que teus pais semidivinos e teu avô imortal te concederam? É assim que reinas em nossa corrente? Jovem infeliz! Mais branda foi a terra estrangeira e discordante; mais branda, a onda do oceano, que devolveu teu corpo ao rio e pareceu esperar a chegada da mãe desgraçada.

"São estas minhas feições? São estes os olhos de teu pai feroz? São estes os cabelos de teu avô ondulante? Outrora foste orgulho e glória da água e do bosque; enquanto vivias, eu era considerada uma deusa maior e rainha das Ninfas.

"Onde está, ai de mim, a recente multidão de servidores em torno do palácio de tua mãe? Onde estão as Napeias que suplicavam servir-te? Por que te trago agora para casa, Creneu, em abraço funesto - não para mim, mas para tua sepultura -, quando teria sido melhor permaneceres no mar cruel? Pai de coração duro, não sentes piedade nem vergonha diante de tal morte? Que lago

profundo e inacessível te tragou no fundo do rio, de modo que nem o destino cruel de teu neto nem meu pranto possam alcançar-te?

"Eis que Hipomedonte se enfurece e se proclama senhor de tua corrente; margens e ondas tremem diante dele. Foi seu golpe que obrigou a água a beber nosso sangue; tu, porém, permaneces indolente, escravo complacente dos ferozes pelasgos! Vem ao menos, pai cruel, às cinzas e às últimas honras dos teus, pois não será apenas a pira de teu neto que acenderás aqui." Misturava lamentos às palavras e manchava de sangue o peito inocente, enquanto as irmãs cerúleas repetiam o pranto. Assim, contam, Leucótea, ainda não Nereida, lamentou no porto do Istmo quando o filho gelado, com o peito arquejante, vomitou sobre a mãe o mar enfurecido.[21]

[404] O pai Ismeno repousava na caverna secreta de onde ventos e nuvens bebem, onde se nutre o arco que traz a chuva e de onde vem colheita mais abundante aos campos tírios. Quando, ao longe e apesar do estrondo das próprias águas, ouviu o som do lamento e os primeiros gemidos da filha, ergueu o pescoço coberto de musgo e os cabelos pesados de gelo. O alto pinheiro caiu da mão frouxa, e a urna tombou e rolou.

Às margens, as florestas e os rios menores admiraram-no quando ele mostrou o rosto incrustado de lodo secular. Majestoso, ergueu-se da corrente, levantando a cabeça espumante e o peito banhado pelo rumor das pequenas cascatas que desciam da barba azul-escura.

Uma ninfa encontrou o pai, contou-lhe as lágrimas da filha e o destino do neto, mostrou-lhe o autor ensanguentado do crime e agarrou-lhe a mão direita. Ismeno ergueu-se alto no rio profundo, golpeou o rosto e os chifres entrelaçados de junco verde e, profundamente perturbado, começou com voz cavernosa:

"É esta a recompensa, ó soberano dos deuses superiores, por tantas vezes eu ter sido cúmplice e auxiliar de tuas aventuras? Eu vi - não temo recordá-lo - os chifres impudentes em teu rosto enganador, vi Febe impedida de desatrelar o carro, vi o dote de uma pira e o engano do raio.[22] E não nutri os mais ilustres de teus filhos? Também eles conhecem gratidão tão pequena? O Tiríntio rastejou criança junto deste rio; com estas águas apaguei o fogo que consumia teu Brômio.[23]

"Vê a carnificina e os cadáveres que carrego em minha corrente, inteiramente obstruída de armas e escondida sob montes desconhecidos. A guerra incessante ocupa meu leito; cada onda respira horror; almas recém-mortas vagueiam acima e abaixo de mim e unem as margens com sua escuridão.

"Eu, o rio invocado por clamores sagrados, eu, cuja glória é lavar na fonte pura os tirsos macios e os chifres de Baco, estou bloqueado de mortos e procuro com dificuldade passagem para o mar. Nem os lagos ímpios do Estrimão se enchem de tamanha corrente de sangue, nem o Hebro espumante se torna tão vermelho quando Gradivo guerreia.

"Não te censuram a onda que te alimentou e a tua violência, ó Líber, que há muito esqueceste teus pais? O Hidaspes oriental era mais fácil de vencer?[24] E tu, que te vanglorias e exultas com os despojos e a morte de um jovem inocente, não

retornarás triunfante desta corrente ao grande Ínaco da feroz Micenas - a menos que eu seja mortal e tu pertenças à raça celeste."
[446] Assim falou, rangendo os dentes, e deu o sinal às águas que já se enfureciam. O frio Citéron enviou auxílio das montanhas e ordenou que suas neves antigas e reservas de gelo se movessem; o irmão Asopo uniu à enchente as provisões secretas e forneceu correntes por veias subterrâneas que se abriram.[25] O próprio Ismeno explorou as cavidades da terra, experimentou lagos imóveis, charcos e pântanos preguiçosos; erguendo ao céu o rosto ávido, sugou a umidade das nuvens e drenou o ar.

Já corria com uma maré mais alta do que ambas as margens elevadas. Hipomedonte, que pouco antes se erguia acima do meio da corrente com braços e ombros secos, admirou-se ao ver o rio crescer além de sua estatura.

Em torno dele, as ondas aumentaram e a tempestade furiosa ergueu-se, como o mar quando esgota as Plêiades ou lança Órion escurecido contra os marinheiros trêmulos.[26] Assim o rio teumésio golpeava Hipomedonte com a corrente fervente, mas era sempre repelido pelo escudo do braço esquerdo. Ora a onda sombria, em assalto espumante, subia sobre o broquel; ora recuava quebrada e retornava em volume maior. Não satisfeito com a massa das águas, o rio arrancava as árvores que sustentavam as margens desmoronadas e fazia girar ramos antigos e pedras arrancadas do leito.

Rio e herói travaram combate desigual, e o deus tornou-se cada vez mais furioso. Hipomedonte não recuava nem se enfraquecia diante das ameaças; avançava contra as ondas que vinham e, estendendo o escudo, dividia a corrente.

Seus pés permaneciam firmes embora o chão fugisse. Com os músculos tensos, agarrava-se às rochas escorregadias; lutando e prendendo-se com os joelhos, conservava o apoio que a lama traiçoeira lhe roubava. E ainda o insultou: "De onde, Ismeno, esta ira repentina? De que profundezas retiraste tais forças, escravo de um deus sem guerra, que não conhece sangue senão nas orgias de mulheres, quando geme a flauta báquica e matronas enlouquecidas profanam a festa trienal?"

Falou, e imediatamente o deus o atacou, o rosto desfeito em chuva e obscurecido por areia flutuante. Não respondeu com ameaças: erguendo-se para o golpe, atingiu três e quatro vezes o peito do adversário com um tronco de carvalho e toda a força da ira divina. Por fim, Hipomedonte voltou os passos; o escudo, arrancado do braço, desapareceu, e ele começou a recuar lentamente.

As águas avançaram e o rio seguiu triunfante enquanto ele cedia. Os tírios também o atormentavam do alto com pedras e granizo de ferro e o empurravam de ambas as margens. Que poderia fazer, cercado pela enchente e pela batalha? Já não havia fuga para o infeliz, nem espaço para uma morte gloriosa.
[492] Na borda coberta de relva erguia-se um freixo, no limite incerto entre terra e água, porém mais amigo da água; sob o domínio da sombra poderosa, mantinha o rio.

Hipomedonte agarrou com dedos crispados o auxílio daquela árvore - pois onde poderia alcançar a terra? Ela não suportou o esforço. Vencida por peso maior do que suas forças, cedeu; arrancada das raízes que penetravam no rio e prendiam a terra sedenta, caiu do alto e lançou-se, junto com a margem, sobre o herói aterrorizado. Sem suportá-lo por mais tempo, atravessou a corrente com a queda súbita, formando uma ponte e uma barreira.[27] Para ali correram todas as águas; um turbilhão inevitável de lama, redemoinhos ocos e ondas que subiam e desciam o envolveram.

A corrente sinuosa já alcançava os ombros, já o pescoço do guerreiro. Forçado enfim a confessar o desespero, ele exclamou: "Que vergonha, grande Marte! Afogarás esta vida num rio? Devo submergir em lagos preguiçosos e pântanos como pastor surpreendido nas águas cruéis de uma torrente repentina? Não mereci cair pela espada?"

Movida por suas súplicas, Juno dirigiu-se finalmente ao Tonante: "Até quando, glorioso pai dos deuses, até quando oprimirás os infelizes filhos de Ínaco? Palas já detesta Tideu; Delfos já se calou, morto seu profeta. E agora meu Hipomedonte, cuja pátria é Argos e cujo berço ancestral é Micenas, que honra Juno acima de todos os deuses - é assim que sou fiel aos meus? -, meu Hipomedonte servirá de alimento aos monstros cruéis do fundo? Outrora, ao menos, permitiste aos vencidos as últimas honras do túmulo. Onde estão as chamas que se seguiram ao combate cecrópio? Onde está o fogo de Teseu?"[28]

Júpiter não desprezou a justa súplica da esposa. Voltou levemente o olhar para as muralhas de Cadmo; as águas perceberam o movimento de sua cabeça e baixaram tranquilas.

Os ombros e o peito do herói apareceram, aqueles exangues, este atravessado de feridas. Assim, quando se acalma um mar tempestuoso, transformado em montanhas pelos ventos, surgem os rochedos e a terra procurada pelos marinheiros, e as águas descem das escarpas ameaçadoras.

[526] De que lhe valeu alcançar a margem? O exército fenício o cercou por todos os lados com tempestade de dardos. Seus membros não tinham cobertura; tudo nele estava exposto à morte. Então as feridas começaram a correr, e o sangue antes contido sob as águas fluiu ao ar livre, rompeu as aberturas delicadas das veias. O frio do rio o fazia cambalear e perder o equilíbrio.

Caiu como, sobre o Hemo gético, um carvalho - seja pela fúria de Bóreas, seja pelo enfraquecimento de sua própria força - cuja folhagem se misturava ao céu. Ele se inclina para a frente e deixa vazio no vasto ar; enquanto tomba, a floresta e a própria montanha tremem, temendo onde cairá e que extensão de bosque despedaçará. Ainda assim, ninguém ousou tocar-lhe a espada ou o elmo. Mal acreditavam no que viam; estremeciam diante do cadáver monstruoso e aproximavam-se com as espadas desembainhadas.

[540] Por fim, Hipseu aproximou-se, arrancou o punho da espada dos dedos já mortos e libertou o rosto terrível do elmo. Depois percorreu as fileiras aônias, mostrando o capacete equilibrado no alto da lâmina brilhante e clamando em

triunfo: "Eis o feroz Hipomedonte! Eis o terrível vingador do ímpio Tideu e o vencedor da corrente ensanguentada!"

O magnânimo Capaneu reconheceu-o de longe e dominou a ira. Erguendo com o braço um enorme dardo, rezou: "Ajuda-me agora, minha mão direita, único auxílio que possuo na batalha, divindade invencível! A ti invoco, somente a ti adoro, desprezando os deuses do alto." Assim falou e ele próprio cumpriu a própria oração. A haste de pinho, vibrando, atravessou o escudo e a malha de bronze da couraça, até encontrar profundamente a vida no peito poderoso. Hipseu caiu com o estrondo de uma alta torre que, perfurada e abalada por golpes incontáveis, desmorona e abre ao vencedor a cidade rompida.

De pé sobre ele, Capaneu disse: "Não te negamos a glória de tua morte. Olha para cá: fui eu quem desferiu o golpe. Parte alegre e vangloria-te muito acima das outras sombras!" Tomou então a espada e o elmo de Hipseu e arrancou-lhe o escudo. Erguendo-os sobre Hipomedonte morto, gritou: "Recebe, grande chefe, juntos os teus despojos e os do inimigo. Tuas cinzas terão sua glória, e tua sombra, o posto devido.

"Até que te paguemos o fogo que mereces, Capaneu, teu vingador, esconde teus membros neste sepulcro." Assim Marte imparcial, nas cruéis alternâncias da guerra, concedeu a gregos e sidônios troca equivalente de mortes: de um lado choravam o feroz Hipomedonte; do outro, Hipseu, não menos veloz para o combate; cada parte encontrou consolo na dor dos adversários.[29]

[570] Enquanto isso, a mãe de olhar severo do jovem arqueiro de Tegeia,[30] perturbada durante o sono por sonhos sombrios, com os cabelos soltos e os pés ritualmente descalços, encaminhava-se antes do amanhecer para a corrente fria do Ládom, a fim de purificar na água viva os sonhos maculados.

Em muitas noites inquietas e consumidas pela angústia, via repetidamente os despojos que ela própria consagrara caírem dos santuários; via-se fugitiva dos bosques, expulsa pelas Dríades e errante entre túmulos desconhecidos. Muitas vezes sonhava com os triunfos recentes do filho regressando da guerra: as armas, o cavalo conhecido e os companheiros - mas nunca o próprio jovem. Outras vezes via a aljava cair-lhe dos ombros e suas imagens e representações familiares consumidas pelas chamas.

Naquela noite, porém, o sonho pareceu anunciar terrores ainda maiores e perturbou todo o coração materno. Havia nos bosques da Arcádia um carvalho conhecido por seu crescimento fértil; entre muitas florestas, ela mesma o escolhera e consagrara a Diana, dando-lhe, pelo culto, poder divino. Ali depunha o arco e as flechas fatigadas; pendurava as presas curvas dos javalis, as peles arrancadas dos leões e galhadas enormes como ramos de árvores.

Mal havia espaço nos galhos, tão densamente estavam cobertos com despojos da região; o brilho do aço misturava-se à sombra verde.[31]

Certa vez, regressando das montanhas fatigada por longa caçada e carregando em orgulhoso triunfo a cabeça recém-cortada de uma ursa do Erimanto, Atalanta viu aquele carvalho ferido e rasgado por muitos golpes, as folhas caídas, os galhos pingando sangue e morrendo no chão. Interrogada,

uma Ninfa contou-lhe a violência de cruéis Mênades e de seu inimigo Lieus.[32] Enquanto gemia e golpeava o peito com mãos imaginárias, os olhos expulsaram as trevas do sono. Ela saltou do leito de tristeza e procurou no rosto as lágrimas do fantasma.

[602] Depois de mergulhar três vezes os cabelos no rio e expiar assim o sacrilégio, acrescentou palavras destinadas a confortar o coração inquieto de mãe e correu ao templo de Diana armada, enquanto caía o orvalho da manhã. Alegrou-se ao encontrar intactos o bosque familiar e o carvalho.

De pé no limiar da deusa, fez esta prece inútil: "Virgem rainha das florestas, cujos estandartes impiedosos e cuja guerra sem compaixão sigo, desprezando meu sexo de maneira que nenhuma grega ousaria - nem as colcas de costume bárbaro nem as tropas de amazonas são tuas seguidoras mais verdadeiras -, se nunca me juntei a bandos de festejantes ou aos jogos lascivos da noite;[33] se, embora manchada por união odiosa, jamais toquei os tirsos polidos ou os macios novelos, mas mesmo depois do leito conjugal permaneci nos bosques ásperos, ainda caçadora e virgem no coração;

"Se não procurei esconder minha culpa em alguma caverna secreta, mas mostrei meu filho, confessei e o coloquei trêmulo a teus pés - não era criança fraca e pequena: logo rastejou até meu arco, e ainda bebê pediu flechas nos primeiros sons entre lágrimas -, por ele suplico. Ai! que significam estas noites de terror, estes sonhos ameaçadores? Por ele, que agora partiu cheio de esperança, confiando demais, infelizmente, em ti, para o combate: concede-me vê-lo vencedor na guerra ou, se peço demasiado, concede-me apenas vê-lo. Que aqui ele trabalhe e carregue tuas armas.

"Faz cessar os terríveis sinais de desgraça. Que poder possuem em nossos bosques as Mênades e as divindades tebanas, ó Diana das florestas? Ai de mim! Por que encontro no próprio coração um presságio terrível naquele carvalho? Mas, se o sono envia anúncios verdadeiros à minha mente infeliz, eu te suplico, misericordiosa Dictina, pelo parto de tua mãe e pelo esplendor de teu irmão: atravessa com todas as tuas flechas este ventre desgraçado! Que ele ouça primeiro a notícia da morte da mãe infeliz!" Assim falou e viu até o mármore da fria Diana umedecer-se com lágrimas que caíam.[34]

[637] A deusa severa deixou-a ainda estendida no limiar sagrado, varrendo com os cabelos o altar frio. Num salto, atravessou pelo ar o cume coberto de folhas do Mênalo e dirigiu-se às muralhas de Cadmo, pelo caminho interior do céu que brilha somente para os deuses e, de muito alto, permite contemplar toda a terra de uma só vez.[35]

Já estava quase na metade do caminho e passava pelas cristas arborizadas do Parnaso quando viu o irmão numa nuvem resplandecente, mas não como costumava vê-lo. Apolo regressava triste do combate equiônida, lamentando a morte do áugure tragado pela terra.

A região do céu tornou-se vermelha quando seus raios se misturaram. No encontro divino, os fulgores de ambos brilharam; os arcos tocaram-se e aljava ressoou contra aljava.[36] Apolo falou primeiro: "Sei, minha irmã, que procuras as

fileiras labdácidas e o arcádio que ousa combater com valor excessivo para sua idade.

"A mãe fiel te suplica: quem dera as Parcas permitissem sua prece! Eu próprio nada pude fazer - que vergonha! -, mas vi as armas de meu devoto e os louros consagrados descerem ao vazio do Tártaro; vi seu rosto voltar-se para mim enquanto caía, e não detive o carro nem fechei a fenda da terra, cruel e indigno de culto. Vês como minhas cavernas choram, irmã, e como meu oráculo permanece em silêncio. Esta é a única recompensa que posso oferecer ao amigo leal.

"Não continues, portanto, a pedir um auxílio destinado a falhar, nem persigas em vão tua triste tarefa. O jovem está próximo do fim; o destino é imutável, e os oráculos de teu irmão não te enganam em questão duvidosa."

"Mas posso ao menos conquistar glória para ele no último instante", respondeu a virgem consternada, "e encontrar consolo para sua morte, se assim deve ser. E aquele que manchar impiamente a mão culpada com o sangue de um jovem inocente não escapará sem castigo: que minhas flechas exerçam vingança terrível!" Com essas palavras, prosseguiu o caminho e, permitindo ao irmão apenas breve abraço, dirigiu-se hostil para Tebas.

[670] De ambos os lados, depois da morte dos chefes, o combate tornou-se mais feroz; o desejo de vingança despertava fúria recíproca.

Aqui gritavam os esquadrões de Hipseu e a tropa que perdera o comandante; ali, com clamor mais profundo, a coorte enlutada de Hipomedonte. Lutando com ferocidade, ofereciam os corpos à espada; com ardor igual, bebiam o sangue inimigo e derramavam o próprio. Nenhum recuava um passo: as linhas permaneciam presas, coluna contra coluna, e entregavam a vida, mas não as costas, ao inimigo cruel.

Então a veloz Latônia, deslizando pelo ar, tomou posição no alto de Dirce. As montanhas reconheceram-na, e a floresta tremeu diante da deusa familiar, no lugar onde outrora, de peito nu, com flechas cruéis, matara Níobe e todos os seus filhos, fatigando o arco.[37]

[683] O jovem, exultante agora que a carnificina começara, avançava entre as linhas montado num cavalo de caça, ainda não instruído na guerra e submetido naquele dia ao primeiro freio. Uma pele listrada de tigre envolvia o animal; garras douradas batiam-lhe nos ombros. A juba nodosa, controlada em sua exuberância, repousava junto ao pescoço; sobre o peito balançava uma cadeia em forma de crescente, feita de presas brancas como neve, troféus do bosque.

O rapaz usava manto duas vezes mergulhado em púrpura ebália[38] e túnica brilhante bordada de ouro - única peça que a mãe tecera -, ajustada à cintura por faixa estreita. O peso de uma espada enorme o oprimia; deixara cair o escudo sobre o ombro esquerdo do cavalo. A fivela de ouro do cinturão que pendia ao lado armado agradava-lhe pelo fecho polido; alegrava-se em ouvir o ruído da bainha e das correntes que desciam atrás da crista. Às vezes sacudia alegremente a plumagem fluente e o elmo cintilante de pedras preciosas.

Quando o capacete ofegante se aquecia no combate, ele libertava a cabeça da cobertura e aparecia descoberto. Então brilhavam suavemente os cabelos e o rosto, todo vibrante aos raios do sol, e as faces que ele próprio lamentava demorarem a cobrir-se da primeira barba. Não encontrava prazer nos elogios à própria beleza, mas assumia severidade áspera; ainda assim, a ira lhe assentava bem e preservava a formosura da fronte.

Os guerreiros tebanos cediam-lhe espontaneamente lugar, lembrando-se dos próprios filhos, e afrouxavam os arcos retesados. Mas ele, apesar da compaixão, perseguia-os e os atacava com lanças implacáveis. Até as ninfas sidônias, nas cristas do Teumeso, louvavam-no enquanto combatia; a poeira e o suor lhe favoreciam a beleza, e elas, suspirando, pronunciavam preces silenciosas.

[712] Uma dor delicada penetrou o coração de Diana ao contemplar a cena. Com as faces manchadas de lágrimas, ela disse: "Que fuga da morte próxima tua deusa fiel poderá encontrar para ti? Foi para batalhas como esta que te apressaste, jovem feroz e desventurado? Ai! teu espírito impetuoso e inexperiente te arrastou, e o amor da fama que conduz a uma morte gloriosa.

"Pouco demais, sem dúvida, era para teus anos impacientes o bosque do Mênalo e os caminhos por entre covis de feras, apenas seguros para ti, criança, na companhia da mãe, pois tua força ainda não igualava o arco e as lanças silvestres dela.

"E agora ela se queixa amargamente diante de meus altares, fatiga portas e umbrais que não ouvem; tu, porém, te alegras com as clarinadas queridas e com o clamor da batalha - feliz és tu, e morrerás tornando infeliz somente tua mãe."[39]

Para não lhe negar a última honra quando morresse, Diana avançou para o meio das fileiras, cercada de névoa escura. Primeiro retirou das costas do jovem ousado as flechas leves e encheu-lhe a aljava com setas celestes, das quais nenhuma cairia sem sangue. Depois aspergiu-lhe os membros com licor de ambrosia, e também o cavalo, para que nenhum ferimento profanasse seus corpos antes da morte. Murmurou fórmulas sagradas e encantamentos conscientes, que ela mesma ensina às jovens da Cólquida durante a noite em cavernas secretas, mostrando-lhes ervas cruéis quando as procuram.

[736] Então, enfim, abrindo o arco, Partenopeu correu como fogo pelo campo. Já não o continha a prudência; esquecido da pátria, da mãe e de si mesmo, usava sem medida as armas celestes. Assim um leão, cuja mãe getula lhe traz desde a infância alimento ensanguentado, logo que sente o pescoço engrossar de músculos e contempla ferozmente as novas garras, despreza ser alimentado, rompe finalmente para a liberdade, ama as planícies abertas e já não consegue voltar à caverna.

Quem matas agora, jovem impiedoso, com teu arco parrácio? Coroebo de Tânagra caiu sob a primeira flecha, que percorreu o estreito caminho entre a borda inferior do elmo e a parte mais alta do escudo. O sangue subiu à garganta, e o rosto tornou-se vermelho com o ardente veneno sagrado. Eurítion caiu de

modo ainda mais cruel: a ponta engenhosa, armada com três farpas, enterrou-se no globo do olho esquerdo.

Arrancando a flecha, que trouxe consigo o olho desfeito, ele lançou-se contra o agressor. Mas o que não podem as armas valentes dos deuses? Um segundo golpe no outro olho completou-lhe as trevas. Mesmo assim, não cedeu e perseguiu o inimigo guiado pela memória, até tropeçar e cair sobre Idas estendido. Ali jazia miseravelmente, arfando entre as vítimas do combate cruel, e suplicava a amigos e inimigos que o matassem.

A estes acrescentou os filhos de Abas, Argo de belos cabelos e Cídon, amado criminosamente pela irmã infeliz. Atravessou-lhe as duas têmporas com flecha lançada de lado: de uma delas saía a ponta; na outra, as penas haviam interrompido o voo; de ambas corria sangue. Suas flechas iradas não poupavam ninguém da morte: a beleza não protegeu Lamo, nem a faixa sagrada salvou Ligdo, nem a juventude nascente, Éolo.

Lamo foi atravessado no rosto; Ligdo lamentou a virilha ferida; tu, Éolo, choraste a seta que transfixou a fronte branca como neve. A rochosa Eubeia te gerara; a luminosa Tisbe enviara o segundo; a verde Eritras jamais receberia novamente o terceiro. Nenhum golpe falhava; nenhum projétil voava sem o favor do céu. A mão direita não descansava, e o som da flecha seguinte acompanhava imediatamente a anterior.

Quem acreditaria que um só arco e um só braço distribuíam tantas mortes? Ora atirava para a frente; ora mudava de lado em confusa alternância de ataque; ora fugia quando o perseguiam, voltando contra os inimigos apenas o arco.

[776] Os descendentes de Lábdaco já se reuniam, admirados e indignados. Primeiro falou Anfíon, da célebre linhagem de Jove, ainda ignorando quantas mortes o jovem espalhava pelo campo: "Até quando lucrarás com o adiamento da morte, menino que serás perda dolorosa para teus nobres pais? Mesmo agora teu espírito se eleva e tua temeridade cresce, porque ninguém se digna enfrentar teu ataque e tua força demasiado fraca, e és poupado por nossa cólera.

"Vai, volta à Arcádia e, misturado aos teus iguais, enquanto o feroz Marte esgota aqui a fúria na verdadeira poeira da guerra, brinca em casa de ser soldado. Mas, se te atrai a triste glória do túmulo, concederemos que morras como herói."

O feroz filho de Atalanta já o atacava com insultos ainda mais amargos e, antes que o outro terminasse, respondeu: "Cheguei tarde para guerrear contra Tebas, se este é todo o vosso exército! Que menino seria tão delicado a ponto de recusar combate com homens assim? Não vês aqui descendência tebana, mas a raça guerreira da Arcádia. Nenhuma mãe tíade, escrava do equiônida Lieus, me gerou no silêncio da noite; nunca cobrimos a cabeça com turbantes vergonhosos nem agitamos lanças indignas.

"Desde a infância aprendi a rastejar sobre rios congelados e a entrar nos covis terríveis dos monstros. Mas por que dizer mais? Minha mãe empunha sempre espada e arco; vossos pais batem tambores ocos!"

Anfíon não suportou. Enquanto Partenopeu falava, lançou-lhe ao rosto uma lança enorme; mas o cavalo, aterrorizado pelo brilho terrível do ferro, girou com o cavaleiro para o lado, e o desvio fez a lança ávida passar longe do alvo.

Anfíon já atacava o jovem com a espada desembainhada e com fúria ainda maior, quando a Latônia[40] saltou para o centro da planície e se mostrou claramente aos olhos de todos.

[808] Dorceu do Mênalo, ligado ao rapaz por casto afeto, mantinha-se perto dele. A rainha lhe confiara a juventude temerária do filho, os próprios temores e todos os acasos da guerra.

A deusa assumiu-lhe as feições[41] e dirigiu-se ao jovem: "Basta, Partenopeu, teres posto em fuga até aqui as fileiras ogígias. Basta: poupa agora tua mãe infeliz e os deuses que te favorecem."

Ele respondeu sem temor: "Permite-me, infiel Dorceu - nada mais pedirei -, matar este homem que traz armas semelhantes às minhas e se vangloria com roupas iguais e rédeas ruidosas. Eu próprio manejarei essas rédeas; o traje ficará pendurado na porta elevada de Trívia, e a aljava capturada será presente para minha mãe." A Latônia ouviu e sorriu entre lágrimas.

[821] De uma região distante do céu, Vênus havia muito a observava nos braços de Marte. Enquanto recomendava ansiosamente a Tebas, Cadmo e a descendência de sua querida Harmonia ao senhor da guerra, despertou com palavras oportunas a dor escondida no peito silencioso dele:

"Não vês, Gradivo, aquela donzela insolente que vai e vem entre as tropas de guerreiros? Com que audácia ordena as fileiras e os estandartes de Marte! Eis que oferece à matança todos estes homens de nossa própria raça. Possui ela, então, a coragem e a fúria da batalha? Nada te resta senão caçar os cervos dos bosques!"

Movido por essas justas queixas, o senhor da guerra lançou-se ao combate. Enquanto atravessava as veredas do ar, somente a Ira o acompanhou; as outras Loucuras estavam ocupadas no suor da guerra.

Sem demora, colocou-se junto da triste filha de Latona e a repreendeu duramente: "O Pai dos deuses não te permite batalhas como estas. Abandona imediatamente o campo das armas, desavergonhada, ou aprenderás que nem mesmo Palas pode enfrentar esta mão direita." Que poderia ela contra ele? De um lado ameaçava a lança de Mavorte; do outro, jovem, estava teu fuso já completo e, além dele, o semblante severo de Jove. Diana retirou-se, vencida apenas pela reverência.

[841] O pai Mavorte percorreu com o olhar as fileiras ogígias e despertou o terrível Drías, que tinha o turbulento Órion como origem de seu sangue e herdara o ódio pelos seguidores de Diana; daí vinha seu furor.[42] Com a espada na mão, lançou-se contra os arcádios abatidos e despojou o chefe de seus soldados. Em longas fileiras caíram os habitantes de Cilene e da sombria Tegeia, os comandantes epítios e as coortes de Telfusa.

Confiava em matar o próprio príncipe, embora o braço estivesse cansado, e não poupava as forças. Partenopeu, já fatigado, conduzia os esquadrões de um

lado para outro; mil pressentimentos do fim o cercavam, e nuvens negras de morte flutuavam diante dos olhos.

O jovem infeliz via agora poucos companheiros e o verdadeiro Dorceu;[43] sentia a força diminuir pouco a pouco e o ombro tornar-se mais leve à medida que faltavam flechas. Suportava cada vez menos as armas e até a si mesmo parecia novamente apenas um menino quando Drías surgiu terrível diante dele, com o escudo brilhando ferozmente. Um tremor súbito sacudiu-lhe o rosto e o corpo. Como um cisne branco, ao ver sobre si a ave que carrega o raio irado, deseja que se abra a margem do Estrimão e recolhe as asas trêmulas contra o peito, assim o jovem, percebendo a massa enorme do selvagem Drías, já não sentiu cólera, mas o calafrio que anuncia a morte.

Ainda assim, preparou as armas, pálido e suplicando em vão a Trívia e aos deuses; armou o arco que não haveria de responder.

Já estava prestes a disparar; com ambos os cotovelos afastados, tocava o arco com a ponta da flecha e o peito com a corda. Então a lança do chefe aônio, girada com enorme força, voou diretamente contra ele e cortou as fixações oblíquas da corda sonora. O tiro perdeu-se; as mãos relaxaram, e a seta caiu inútil do arco cujas extremidades recuaram.[44]

Confuso e aflito, soltou rédeas e armas, sem se importar com a ferida que atravessara a correia e a pele macia do ombro direito. Outra lança veio em seguida e deteve a fuga do cavalo, cortando-lhe os tendões da perna. Então o próprio Drías caiu - prodígio! - sem jamais saber quem o ferira; um dia seriam revelados o autor do golpe e sua causa.[45]

[877] O jovem foi levado do campo nos braços dos companheiros - ai, idade tão tenra! Enquanto morria, lamentava o cavalo caído. Libertada do elmo, a cabeça tombou para trás; uma beleza doentia pairava sobre os olhos trêmulos. Três e quatro vezes, agarrando-lhe os cabelos, os companheiros sacudiram o pescoço que já não conseguia permanecer erguido;[46] e - espetáculo que faria a própria Tebas chorar - o sangue púrpura jorrava do peito branco como neve.

Por fim, ele falou, com a voz cortada por soluços: "Morro, Dorceu. Vai, consola minha pobre mãe. Se a angústia traz presságios verdadeiros, ela já viu esta calamidade em sonho ou em algum sinal.

"Com artifício leal, mantém por algum tempo seus temores suspensos e engana-a longamente. Não apareças de súbito diante dela, nem quando estiver com uma arma nas mãos. Quando enfim fores obrigado a confessar a verdade, diz-lhe isto: 'Mãe, confesso minha culpa; exige de mim o castigo que não desejas. Corri para as armas embora fosse apenas um menino; mesmo quando me detiveste, não quis permanecer quieto e, começada a guerra, apesar de tua angústia, não te poupei até o fim.'

"Vive, portanto, e dirige tua cólera contra meu espírito impetuoso; abandona agora os temores. Em vão olhas ansiosamente do alto do Liceu, esperando que o ruído ou a poeira de minha cavalaria chegue de longe pelo ar. Eu jazo frio sobre a terra nua, e tu não estás perto para sustentar meu rosto e recolher meu último sopro.

"Recebe, contudo, esta mecha, mãe despojada." Com a própria mão, ofereceu os cabelos para serem cortados. "Recebe esta mecha em lugar de todo o meu corpo. Outrora costumavas penteá-la, apesar de meu desprezo inútil.[47] Dá-lhe sepultura e, durante os ritos, lembra-te de não permitir que mãos inexperientes embotem minhas armas ou conduzam novamente meus cães queridos aos campos de caça. Queima estas armas funestas de minha primeira guerra ou pendura-as como censura à ingrata Diana."[48]

NOTAS AO LIVRO IX

1. Gradivo é um epíteto de Marte, sobretudo em sua qualidade de deus que avança para a guerra. A repulsa do próprio Marte sublinha que o gesto de Tideu ultrapassou até a violência legítima do combate.

2. A frase significa que Polinices consumiu ou sacrificou a vida de Tideu em benefício de sua própria causa; nenhum novo auxílio poderia compensar perda tão grande.

3. A "primeira noite" é a chegada de Polinices e Tideu ao palácio de Adrasto, narrada no Livro I. A luta entre os dois desconhecidos tornou-se o início de uma amizade inseparável.

4. Os navios reconhecem de longe o rochedo porque conhecem o perigo que ele representa e alteram o curso. O adjetivo latino indica embarcações inquietas ou ameaçadas.

5. O "rei do Elísio" é Plutão. No início do Livro VIII, ele incumbira Tisífone de produzir novos crimes e prolongar a guerra.

6. A Fúria esconde os atributos que a denunciariam: a tocha, o açoite e as serpentes sibilantes. Assume a aparência de Hális, guerreiro argivo, para enganar Hipomedonte.

7. O contraste é entre Adrasto, ainda vivo, e os Manes de Tideu, isto é, seu cadáver ou sua sombra. Tisífone sugere que salvar o rei vale mais do que defender um morto.

8. O latim compara o movimento repentino do cavalo a um raio ou choque violento; as rédeas de Hipomedonte lhe parecem semelhantes às do antigo senhor.

9. O Centauro é descrito segundo sua dupla natureza: as florestas temem o tronco humano erguido; a planície, a parte equina que a faz tremer.

10. Estácio emprega um termo que pode significar "sombra" ou "reflexo". Aqui designa o brilho das armas refletido sobre as águas.

11. Não se trata de couraças metálicas, que impossibilitariam o nado, mas de armaduras de linho, conhecidas entre gregos e romanos e tornadas pesadas pela água.

12. A construção latina é ambígua, mas o sentido é que desde o início do fio de sua vida as Parcas haviam negado a Lino uma morte em terra.

13. É o cavalo de Tideu, agora montado por Hipomedonte. "Etólio" recorda a pátria do antigo senhor.

14. A violência do empinamento não derruba Hipomedonte; ele se preocupa mais com o cavalo ferido do que consigo mesmo.

15. Pânemo e Tespíades eram gêmeos. Deixando um deles vivo, Hipomedonte impede que os pais continuem confundindo os dois irmãos.

16. Creneu é filho da ninfa Ismênis e de Fauno. O uso do nome romano Fauno em cenário grego aproxima-o de Pã ou de uma divindade rústica local.

17. O estrangeiro de Antédon é Glauco, pescador transformado em divindade marinha, representado humano da cintura para cima e pisciforme da cintura para baixo.

18. Palêmon, antes chamado Melicertes, era filho de Ino-Leucótea. Mãe e filho foram divinizados depois de se lançarem ao mar e recebiam culto no istmo de Corinto.

19. A jovem sidônia é Europa, raptada por Júpiter sob a forma de touro branco. A cena figurava no escudo de Creneu.

20. A cor azulada ou verde das águas do Ismeno prolonga visualmente o mar representado no escudo e faz o touro parecer realmente avançar pelas ondas.

21. Leucótea era Ino, filha de Cadmo. Antes de tornar-se deusa marinha, lamentou o filho Melicertes, depois chamado Palêmon, afogado junto com ela.

22. Ismeno alude a três amores de Júpiter: Europa, seduzida sob a forma de touro; Alcmena, para quem o deus prolongou a noite, impedindo a Lua de concluir seu curso; e Sêmele, que recebeu como "dote" a chama do raio.

23. O Tiríntio é Hércules, filho de Alcmena; Brômio é Baco, filho de Sêmele. Ismeno afirma ter servido à infância dos dois filhos de Júpiter.

24. O Hidaspes, rio da Índia, recorda as conquistas orientais de Baco. A pergunta é irônica: teria sido tão fácil vencê-lo que o deus precisa buscar nova guerra em Tebas?

25. A poesia antiga imagina que os rios se comunicam por canais subterrâneos. Assim o Asopo pode transferir secretamente suas águas para o Ismeno.

26. Órion e as Plêiades desaparecem do céu no período das tempestades de novembro. Estácio descreve o mar como se espremesse das Plêiades sua chuva e lançasse Órion contra os navios.

27. A cena imita o combate de Aquiles com o rio Escamandro no canto XXI da Ilíada. Ali também uma árvore arrancada cai sobre a corrente e lhe forma uma ponte ou barragem.

28. Teseu permitiu aos inimigos sepultar os mortos depois de uma batalha em território ateniense. No Livro XII, ele obrigará Creonte a conceder aos argivos o mesmo direito.

29. Hipomedonte é um dos Sete contra Tebas. Sua morte junto às águas e o despojo do cadáver fazem parte da tradição trágica já conhecida por Ésquilo.

30. A mãe é Atalanta, caçadora arcádia e mãe de Partenopeu. Estácio acentua sua severidade, castidade e fidelidade a Diana.

31. O verbo latino sugere que o brilho do aço fica entrelaçado ou enredado na folhagem verde do carvalho sagrado.

32. Lieus é Baco. As Mênades, suas seguidoras, são inimigas naturais de Atalanta, devota de Diana e avessa aos ritos báquicos.

33. Atalanta afirma nunca ter participado de cortejos e festas noturnas de Baco. O contraste opõe sua castidade guerreira ao êxtase das bacantes.

34. Dictina e Trívia são epítetos de Diana. Dictina relaciona-se à rede de caça; Trívia, à deusa das encruzilhadas e ao aspecto lunar identificado com Hécate.

35. Diferentes regiões do céu eram atribuídas a diferentes ordens de seres sobrenaturais. O "caminho interior" é uma rota mais elevada, reservada aos deuses.

36. A união dos raios de Apolo e Diana pode sugerir um eclipse ou, de modo mais geral, a extraordinária luminosidade do encontro entre Sol e Lua.

37. Latônia significa filha de Latona. Diana e Apolo haviam exterminado os filhos de Níobe, que se vangloriara de sua fecundidade diante da mãe dos dois deuses.

38. "Ebália" significa lacônica ou espartana. A púrpura era produzida com moluscos e representava luxo e distinção.

39. A expressão quer dizer que Partenopeu morrerá de modo tão belo e glorioso que somente a mãe, para quem a perda supera a fama, poderá lamentá-lo.

40. A Latônia é Diana, filha de Latona, que intervém pessoalmente para proteger Partenopeu.

41. Diana assume a figura de Dorceu. Mais adiante, quando o jovem encontra o "verdadeiro Dorceu", percebe-se que a primeira aparição era a deusa disfarçada.

42. Drías descende de Órion e herda o ódio contra Diana e seus seguidores. Segundo uma tradição, Órion foi morto por um escorpião enviado pela deusa.

43. A menção ao "verdadeiro Dorceu" distingue o companheiro real da forma que Diana assumira pouco antes.

44. A lança corta a corda do arco; livres da tensão, as duas extremidades recurvadas saltam para trás e fazem a flecha cair sem efeito.

45. A morte de Drías permanece deliberadamente misteriosa. O verso promete que em outro momento se saberão o autor e a causa, mas a tradição textual não oferece solução inteiramente segura.

46. Os companheiros agarram-lhe os cabelos e tentam manter erguida a cabeça que a fraqueza já deixa tombar. O gesto intensifica a juventude e a fragilidade do moribundo.

47. Partenopeu entrega uma mecha como substituto ritual do corpo que a mãe não receberá. A leitura também pode significar que Atalanta costumava penteá-la em vão, porque o filho desprezava o cuidado feminino.

48. As armas da primeira guerra tornaram-se funestas porque a estreia militar terminou em morte. Pendurar o armamento no templo serviria não como oferenda de gratidão, mas como acusação contra Diana, incapaz de salvá-lo.

LIVRO X

[1] A Noite orvalhada, apressada pelas ordens de Jove, envolveu Febo no umbral do Ocidente. O deus não se compadecia nem do acampamento pelásgio[1] nem das tropas tírias[2]; condoía-se, porém, de que, ao lado dos guerreiros, tantos inocentes tombassem à espada. A planície estendia-se ao longe, vasto e disforme mar de sangue; ali jaziam as armas abandonadas, os cavalos em que pouco antes os homens cavalgavam soberbos, os cadáveres privados da pira e os membros sem sepultura.

Em fileiras exaustas, cortejo miserável sob insígnias rasgadas, os exércitos recuavam. As portas, estreitas quando todos se comprimiam para o combate, pareciam agora largas demais para os que regressavam. Ambas as partes sofriam igualmente; Tebas, contudo, encontrava consolo em ver quatro contingentes dânaos errando sem chefe, semelhantes a embarcações de amieiro sobre o mar revolto, privadas do timoneiro e guiadas apenas pela divindade, pelo Acaso e por todas as tempestades.

Por isso, os tírios ousaram deixar de vigiar o próprio acampamento para observar antes a retirada inimiga, temendo que os gregos buscassem regressar às pressas a Micenas. A senha convocou as sentinelas, distribuíram-se os postos, e Meges, escolhido pela sorte, e Lico, por vontade própria, assumiram o comando da empresa noturna.

[19] Já avançavam em ordem, levando armas, alimento e fogo. O rei animou-os na partida: "Vencedores dos dânaos - pois a aurora de amanhã está próxima, e as trevas que salvaram os covardes não durarão para sempre -, erguei os ânimos e mostrai corações dignos do favor do céu.

Toda a glória de Lerna[3], toda a sua força principal, jaz abatida. Tideu desceu ao Tártaro vingador; a Morte espanta-se ao contemplar a sombra repentina do negro adivinho[4]; o Ismeno incha com os despojos de Hipomedonte; quanto ao árcade[5], envergonha-nos contá-lo entre os troféus da guerra.

A recompensa está em nossas mãos. Desapareceram os orgulhosos condutores do exército, e já não brilham, ao longo das sete hostes, as cristas dos príncipes. Terrível ameaça, sem dúvida, a velhice de Adrasto; mais ainda, a virilidade covarde de meu irmão e as armas delirantes de Capaneu! Avançai,

pois, e acendei fogueiras vigilantes em torno do acampamento sitiado. Não temais o inimigo: vigiais apenas uma presa e riquezas que enfim vos pertencem."

[35] Assim acumulava palavras de estímulo aos ferozes descendentes de Lábdaco. Eles se alegravam em renovar os trabalhos já suportados. Tal como estavam, com poeira, suor e sangue endurecidos nos membros, voltaram-se para partir, quase sem atender às despedidas que pretendiam retê-los; desvencilharam-se dos braços que os apertavam e das mãos dos amigos. Dividindo entre si a frente, a retaguarda e os flancos curvos, cercaram a fortificação com um anel de fogo inimigo.

Assim, ao cair da noite, reúne-se uma matilha de lobos vorazes, a quem a fome, mãe da audácia temerária, exauriu por longa privação em toda a região. Já estão junto aos próprios currais; a esperança ainda frustrada, os débeis balidos e o aroma suculento dos apriscos torturam-lhes as gargantas. Por fim, quebram as garras contra as estacas cruéis, contundem os corpos e embotam nos portões os dentes ainda sem carne.

[49] Longe dali, um cortejo suplicante de mulheres pelópidas, prostradas diante dos altares pátrios e no limiar do templo argivo, implorava o auxílio de Juno portadora do cetro e o retorno dos seres amados. Apertavam o rosto contra as pedras frias e as portas pintadas, e ensinavam os filhos pequenos a ajoelhar-se. O dia inteiro já se consumira em súplicas; veio a noite e acrescentou novos cuidados, enquanto os altares velavam sob fogos amontoados.

Traziam também, num cesto, uma oferenda: um manto de textura admirável, que nenhuma esposa estéril nem mulher separada do marido tecera, veste inteiramente digna da deusa casta. Havia nele abundante púrpura, bordados de múltiplas figuras e ouro entrelaçado que resplandecia.

A própria Juno estava ali representada, prometida em casamento ao grande Tonante, mas ainda não esposa, e afastando timidamente a condição de irmã. De olhos baixos, beijava o jovem Júpiter como donzela simples, ainda não ofendida pelos amores secretos do marido.

Com esse manto, as matronas argivas cobriram então a sagrada imagem de marfim e, entre lágrimas e súplicas, rezaram: "Olha para as torres sacrílegas da prostituta cadmeia[6], rainha do polo estrelado; derruba aquela colina rebelde e lança - pois podes - outro raio contra Tebas." Que poderia Juno fazer? Sabia que os Fados eram adversos a seus gregos e que o favor de Jove se desviara deles; desejava, contudo, que tais preces e presentes não fossem desperdiçados. Logo uma ocasião favorável lhe ofereceu oportunidade de poderoso auxílio.

Do alto céu, viu fechadas as portas da cidade e a muralha guardada por sentinelas sem sono. Os aguilhões da cólera percorreram-lhe o corpo,

eriçaram-lhe os cabelos e fizeram tremer o terrível diadema. Nem sequer se enfurecera com maior violência quando, sozinha no céu, sentiu ira contra Alcmena por causa do filho e do duplo adultério do Tonante[7].

Decidiu, portanto, entregar à morte os aônios, mergulhados na felicidade sem medida do sono. Ordenou à própria Íris que se cingisse com os arcos costumeiros e confiou-lhe toda a tarefa. Obediente ao comando, a deusa luminosa deixou o polo e desceu à terra ao longo de seu arco imenso.

[84] Para além dos aposentos cobertos de nuvens do crepúsculo ocidental e do outro reino da Etiópia[8], há um bosque imóvel, que nenhuma estrela consegue penetrar. Sob ele, as cavidades de uma gruta profunda e rochosa avançam muito para dentro da montanha. Ali a lenta mão da Natureza estabeleceu os palácios do indolente Sono e sua morada imperturbada. O limiar é guardado pela sombria Quietude, pelo obtuso Esquecimento e pela entorpecida Preguiça, todos de semblante sonolento.

O Repouso e o Silêncio, de asas recolhidas, permanecem mudos no vestíbulo. Afastam do teto os ventos ruidosos, impedem os ramos de balançar e retiram das aves o canto.

Não se ouve ali o estrondo do mar, embora todas as praias ressoem, nem o do próprio céu. Até a torrente que desce pelo vale profundo junto à caverna corre silenciosa entre rochedos e pedras. Em suas margens, rebanhos negros e ovelhas repousam todos sobre o chão; os brotos recentes murcham, e um sopro vindo da terra faz as ervas inclinar-se e morrer.

No interior, o ardente Mulcíber esculpira mil imagens do deus: aqui o Prazer coroado abraça-lhe o lado; ali o Trabalho, inclinado para o repouso, acompanha-o; aqui compartilha o leito com Baco, acolá com o Amor, filho de Marte. Mais dentro, nos recessos secretos do palácio, deita-se também com a Morte; mas ninguém contempla aquela imagem terrível.

Essas são apenas figuras. O próprio Sono repousa sob grutas úmidas, em cobertas amontoadas de flores soporíferas. Suas vestes exalam umidade, as almofadas estão mornas sob o corpo pesado, e acima do leito sobe um vapor escuro de sua boca que respira.

Uma das mãos sustenta os cabelos que caem da têmpora esquerda; da outra pende o chifre negligenciado[9]. Sonhos vagos, de formas incontáveis, rodeiam-no: verdadeiros misturados aos falsos, lisonjeiros aos tristes, prole obscura da Noite. Agarram-se às vigas e aos batentes, ou jazem pelo chão. A luz da câmara é fraca e vacilante; lânguidos clarões, que convidam aos primeiros sonos, desaparecem enquanto as lâmpadas tremulam e se extinguem.

[118] Ali chegou do céu azul, em voo equilibrado, a donzela de muitas cores. Os bosques brilharam, os vales sombrios sorriram para a deusa, e o palácio, atingido pelos círculos luminosos, despertou de seu sono. O deus, porém, não se moveu nem diante do brilho intenso nem diante da voz ou do ruído da visitante. Permaneceu imóvel como sempre, até que a filha de Taumante[10] lançou sobre ele todas as suas luzes e penetrou profundamente na visão adormecida.

Então falou a dourada criadora de nuvens[11]: "Sono, o mais brando dos deuses, Juno te ordena prender firmemente os chefes sidônios e o povo do implacável Cadmo, que agora, ensoberbecidos pelo resultado da luta, vigiam sem descanso a fortificação aqueia e recusam teu domínio.

Atende a pedido tão solene. Raramente se oferece ocasião de conquistar o favor de Jove tendo Juno a teu lado." Disse isso e, com a mão, bateu no peito lânguido do deus; repetiu muitas vezes a ordem, para que a mensagem não se perdesse. Ele, com o próprio rosto sempre inclinado[12], assentiu à determinação da deusa. Pesada pela escuridão da caverna, Íris saiu e recompôs os raios, enfraquecidos por uma chuva de orvalho.

[137] O próprio Sono pôs em movimento o passo veloz e as têmporas agitadas pelo vento[13]. Encheu as dobras do manto com o ar frio e escuro, atravessou o céu em curso silencioso e, ainda de longe, precipitou-se com força sobre os campos aônios.

O vento de sua chegada prostrava no chão aves, feras e rebanhos; por qualquer região do mundo em que passasse, as ondas deslizavam languidamente das rochas, as nuvens aderiam ao céu com maior indolência, os bosques curvavam os cumes, e muitas estrelas caíam da abóbada afrouxada.

A planície sentiu primeiro a presença do deus pela súbita chegada de uma névoa; calaram-se as incontáveis vozes e os gritos dos homens. Quando ele pairou com asas orvalhadas e entrou no acampamento, impalpável como sombra de pez, os olhos vacilaram, as cabeças penderam e as palavras ficaram interrompidas no meio da fala. Depois, os escudos brilhantes e as lanças cruéis caíram das mãos, e os rostos cansados desabaram sobre o peito.

Reinou então silêncio universal. Até os cavalos de cascos córneos recusavam-se a permanecer em pé; até as fogueiras apagaram-se de repente sob a cinza.

[156] O sono, porém, não atraía os gregos inquietos ao mesmo repouso. A divindade persuasiva que vagueia à noite mantinha suas névoas longe do acampamento vizinho. De todos os lados, os aqueus permaneciam armados, indignados com as trevas odiosas e com as sentinelas orgulhosas do inimigo. De súbito, uma loucura enviada pelo céu apoderou-se de Tiodamas e, em terrível

agitação, obrigou-o a revelar os destinos: talvez Saturnia lhe tivesse[14] inspirado o propósito, talvez o benévolo Apolo instigasse o novo servidor.

Ele precipitou-se para o centro, terrível à vista e ao ouvido, incapaz de conter o deus que sua mente frágil recebera. As dores o oprimiam; uma loucura rígida dominava-lhe o semblante. O sangue incerto ora inchava, ora se retirava das faces trêmulas; o olhar corria em todas as direções, e ele sacudia sobre os ombros as coroas entrelaçadas nos cabelos.

Assim a Mãe do Ida[15] convoca do santuário terrível o frígio coberto de sangue e o torna insensível aos braços cortados pela faca. Ele golpeia o peito com os ramos sagrados de pinheiro, sacode os cabelos ensanguentados e, correndo, torna insensíveis as feridas. Toda a região, e até a árvore votiva salpicada de sangue, sente terror; os leões assustados erguem alto o carro.

[176] Tiodamas já alcançara a câmara interna do conselho e a venerável morada das insígnias. Ali Adrasto, há muito abatido pelos desastres, procurava em vão uma decisão para a situação desesperada. Ao redor estavam os chefes recém-nomeados, sucessores imediatos dos mortos; contemplavam os lugares vazios dos grandes príncipes e sentiam não alegria, mas pesar por terem sido elevados tão alto.

Assim, quando um navio perde o piloto e para em plena viagem, o vigia dos flancos ou da proa que enfrenta as ondas assume o governo do leme viúvo. A própria embarcação se assusta, os cabos demoram a obedecer à ordem, e ela mal suporta a proteção de um senhor menor.

Com palavras vigorosas, o profeta despertou os corações abatidos dos aqueus: "Príncipes, trago-vos as ordens supremas e os terríveis conselhos dos deuses. Estas palavras não nascem de meu próprio peito. Profere o oráculo aquele a quem vossa palavra solene, com o consentimento dele, obrigou-me a servir e cujas faixas assumi. O presságio divino revela uma noite fértil em feitos, adequada à astúcia que conquista glória. A Coragem vem ao nosso encontro e nos chama; a Fortuna implora nossas armas.

As legiões aônias estão submersas no encantamento do sono. Agora é o momento de vingar a morte de nossos príncipes e aquele dia infeliz. Tomai as armas e atravessai as portas que nos impedem! Isto acenderá as piras de nossos companheiros; isto lhes dará sepultura. Eu já o vira durante a batalha diurna, quando nossas armas foram abatidas e fugimos vencidos para a retaguarda - juro pelos trípodes e pelo estranho destino de meu mestre perdido -, eu o vi, e as aves ao meu redor cantaram um sinal favorável.

Agora minha certeza é plena. Há pouco, sob a noite silenciosa, ele próprio - ele, Anfiarau! - tornou a erguer-se da fenda da terra, tal como era; apenas as

sombras haviam tocado sua parelha. Veio em minha direção. Não vos falo de fantasma vão da noite nem de visão nascida do sono.

'Permitirás', gritou ele, 'que os indolentes filhos de Ínaco percam noite tão favorável? Devolve, então, essas coroas do Parnaso; entrega-me de volta meus deuses! Foi assim, degenerado, que te ensinei todos os segredos do céu e o voo errante das aves? Vai! Ao menos por mim toma vingança com a espada.' Falou e pareceu levantar a lança e, com todo o ímpeto do carro, impelir-me até estas portas.

Erguei-vos, portanto, e aproveitai o favor celeste. Não vos espera um combate corpo a corpo: os inimigos jazem prostrados, e podeis vingar-vos. Quem se apresentará, pronto a elevar-se a uma glória imensa enquanto os Fados o permitem? Vede! Outra vez as aves da noite são propícias. Eu as sigo; ainda que as tropas de meus companheiros permaneçam imóveis, irei sozinho. Sim, e ele também vem ali, sacudindo as rédeas!"

[219] Com tais gritos perturbou a noite. Os chefes avançaram, inflamados como se o mesmo deus tivesse inspirado o coração de todos; desejavam acompanhá-lo e partilhar-lhe a fortuna. Por ordem, ele próprio escolheu trinta homens[16], a flor de todo o exército. O restante da juventude perguntava em clamor indignado por que deveria permanecer no acampamento, sem glória e em repouso. Alguns invocavam a nobreza do nascimento, outros os feitos dos parentes, outros os próprios feitos; outros ainda exigiam a sorte, e todos repetiam o mesmo brado.

Adrasto exultava com a resistência deles, e seus ânimos se ergueram.

Assim, no alto do Fóloe, alegra-se um criador de corredores velozes quando a estação fecunda da primavera renova a manada e ele contempla alguns esforçando-se nas trilhas íngremes da montanha, outros atravessando o rio a nado, outros disputando com os próprios pais. Em pensamento ocioso, pondera qual domará para suportar um jugo dócil, qual será bom sob o cavaleiro, qual nasceu para as trombetas e as armas, qual está mais apto a conquistar a palma de Élis. Assim se sentia o velho chefe do exército aqueu.

Ele não faltou à empresa: "De onde vem, tão tarde e tão de repente, este favor do céu? Quem sois, deuses que retornastes a Argos em sua aflição? É este o valor nascido da desgraça? Sobrevive ainda a força de nossa raça, e permanecem sementes de coragem apesar da adversidade? Sim, eu vos louvo, jovens heroicos, e me alegro com o glorioso motim de meus guerreiros. Mas planejamos um engano e uma investida oculta; nossos movimentos precisam permanecer secretos. Uma multidão não convém a um ardil silencioso.

Alimentai, pois, a ira. A aurora trará a vingança contra os inimigos; então o combate será aberto, e todos entrarão no campo." Essas palavras enfim

contiveram e abrandaram o ardor. Assim o pai Éolo, quando a caverna se agita e os ventos já anseiam pelo mar, colocaria severamente outra rocha diante da porta e fecharia por completo a passagem.

[249] Além dos demais, o adivinho levou consigo Agileu, filho de Hércules, e Áctor. Áctor era persuasivo na fala; o outro vangloriava-se de uma força igual à do pai. Cada um seguia acompanhado por dez homens, tropa que os aônios temeriam até em combate aberto. O próprio Tiodamas, pois ia enfrentar guerra incomum e um estratagema bélico, retirou as folhas sagradas, emblemas de Febo, confiou a glória da fronte ao peito do velho rei e vestiu elmo e couraça, presente bem-vindo de Polinices.

O feroz Capaneu prendeu em Áctor a pesada espada, não se dignando ele próprio a avançar furtivamente contra o inimigo nem a seguir por onde o céu conduzia. Agileu tomou emprestadas as armas do truculento Nômio; que utilidade teriam o arco e as flechas de Hércules numa luta entre sombras enganadoras?

[262] Para que os gonzos de bronze não gemessem alto demais, saltaram da muralha íngreme da fortaleza. Não demorou, e eis que a presa jazia vasta sobre a terra, como se já estivesse sem vida e abatida por muitas espadas.

"Avançai, amigos, para onde vos levar o desejo ainda insatisfeito de carnificina; tende forças para a obra, eu vos peço, pois o céu se mostra favorável!" Assim os exortava em voz alta o adivinho. "Vedes as coortes mergulhadas em torpor vergonhoso? Que vergonha! Foram esses os homens que ousaram sitiar as portas de Argos e vigiar heróis?" Falou, desembainhou a espada reluzente e, com mão veloz, atravessou as fileiras condenadas.

Quem poderia contar a matança ou dar nome a toda a multidão de cadáveres? Ao acaso, ele passava sobre costas e peitos; deixava atrás de si gemidos abafados dentro dos elmos e confundia todas as vítimas num turbilhão de sangue. Um jazia negligentemente sobre o leito; outro, cambaleando, escorregava tarde demais sobre o escudo e procurava as armas às apalpadelas; outros estavam amontoados entre vinho e armas; outros, apoiados nos escudos - cada qual exatamente como o sono funesto e a noite derradeira o haviam prendido e lançado por terra.

Não lhes faltava o poder divino. Juno armada libertava-lhes a mão direita e, agitando uma tocha acesa no fogo da Lua[17], abria o caminho, fortalecia a coragem e mostrava os corpos. Tiodamas sentia a presença dela, mas escondia em silêncio a alegria. A mão já se tornava lenta, a lâmina enfraquecia, e o furor se apagava por excesso de sucesso.

Não de outro modo uma tigresa do Cáspio, em meio à vasta matança de novilhos, quando o furor saciado por torrentes de sangue cansa-lhe as mandíbulas e mancha as listras com a corrupção espessa e imunda, contempla a própria obra e lamenta que o apetite lhe falte. Assim o adivinho, exausto, vagueava entre os cadáveres aônios. Desejava agora cem braços e cem mãos para lutar; já lhe pesava desperdiçar ameaças em vão, e ele gostaria que o inimigo se levantasse contra ele.

[296] Aqui o filho do poderoso Hércules, ali Áctor, destruíam os sidônios entorpecidos, cada um seguido por sua tropa ao longo de uma estrada de morte. A relva estava negra e imóvel sob o sangue; as tendas vacilavam e balançavam em rios de sangue; a terra exalava vapores; a respiração do sono misturava-se aos arquejos da morte. Nenhum adormecido erguia a cabeça ou voltava os olhos, tão profunda era a sombra com que o deus alado pairava sobre os infelizes; seus olhos só se abriam no instante da morte.

Iálmeno passara sua última noite em alegria sem sono e ao som da lira, sem jamais contemplar a aurora seguinte. Cantava um peã sidônio; sob a influência do deus, o pescoço lânguido inclinou-se para a esquerda, e a lira serviu de travesseiro à cabeça pendente. Agileu cravou-lhe a espada no peito e atravessou também a mão direita que apertava a carapaça da tartaruga, enquanto os dedos tremiam entre as cordas conhecidas.

As mesas inundaram-se sob a corrente terrível. Sangue e água corriam misturados, e o vinho retornava às taças e aos grandes crateres. O feroz Áctor surpreendeu Tâmires nos braços do irmão; Tago apunhalou pelas costas Equetlo ainda coroado; Dânao cortou a cabeça de Hebro. Sem perceber, ai dele, este encontrou a morte, e sua vida alegre passou às sombras, poupada das dores do fim cruel.

Calpeto dormia no chão frio sob as rodas do carro fiel. Com a respiração pesada, assustava os cavalos aônios enquanto eles pastavam a relva natal. A boca transbordava de vinho, e o sono inflamado pela bebida se agitava. Eis que o profeta ináquio lhe atravessa a garganta enquanto jaz: o vinho é expulso numa grande torrente de sangue, e os murmúrios desaparecem na corrente. Talvez o sono lhe anunciasse o destino, e em sonho ele visse, aterrorizado, Tiodamas e uma ruína negra que era Tebas.

[327] Restava a quarta vigília[18] da noite sonolenta, quando as nuvens já derramaram o orvalho e nem todas as estrelas brilham, e Boieiro foge diante do sopro de uma constelação mais poderosa.

Já a própria tarefa começava a faltar-lhes, quando o prudente Áctor chamou Tiodamas: "Basta aos pelásgios este triunfo inesperado. Creio que quase ninguém de tão grande multidão escapou à morte cruel, exceto os covardes que a torrente

ensanguentada encobre, contaminados, mas vivos. Impõe um limite ao sucesso: a terrível Tebas também possui deuses.

Talvez percamos aqueles que há pouco nos favoreceram." Tiodamas concordou e, erguendo para as estrelas as mãos gotejantes, disse: "Estes despojos, Febo, estes troféus da noite que revelaste, eu te apresento - eu, defensor audaz de teus trípodes e sacerdote fiel, ainda não purificado pela água, pois este é o meu sacrifício. Se não desonrei tuas ordens e suportei tua urgência, vem muitas vezes a mim; digna-te muitas vezes de tomar posse de minha mente.

Rude é agora tua recompensa: membros mutilados e sangue humano. Mas, se algum dia, Peã, me devolveres a pátria e os templos que desejo, deus da Lícia, não te esqueças de meu voto: exige para teus portais sagrados outros tantos presentes magníficos e igual número de touros." Falou e chamou os companheiros de volta da alegre obra das armas.

[347] Entre aqueles homens, pela vontade do Destino, haviam vindo Hopleu da Calidônia e Dimas da Menália, ambos favoritos e companheiros íntimos de seus príncipes. Depois da morte deles, lamentavam e desprezavam a própria vida.

Hopleu foi o primeiro a incitar o árcade: "Ilustre Dimas, não tens cuidado por teu infeliz príncipe, agora morto, embora talvez já pertença às aves e aos cães tebanos? Que levareis de volta à pátria, vós, ainda árcades? Vê! A mãe severa vem ao vosso encontro na volta e pergunta: 'Onde está o corpo?' Quanto a mim, Tideu insepulto não me deixa repousar, embora tivesse membros mais resistentes e fosse menos digno de lamento por uma morte prematura.

Gostaria de ir e procurar por toda parte, no alto e embaixo, através da planície cruel, ou mesmo de penetrar no centro de Tebas." Dimas respondeu: "Juro por estas estrelas em movimento e pela sombra errante de meu chefe, que para mim é poder divino: a dor inspira minha decisão. Há muito minha mente abatida procurava um companheiro; agora eu próprio guiarei o caminho." E logo partiu. Voltando o rosto triste para o céu, falou: "Cíntia, rainha dos mistérios da noite, se, como dizem, apresentas em tríplice forma o aspecto da divindade e, sob figura diversa, desces aos bosques, é ele quem há pouco era teu companheiro, o glorioso filho adotivo de tuas florestas; é teu próprio menino, Diana - ao menos agora olha para nós! -, é ele quem procuramos." A deusa inclinou os chifres, fez brilhar a estrela benigna e iluminou o campo de batalha com o carro que se aproximava.

A planície apareceu, e Tebas, e o alto Citéron. Assim, quando o cruel Júpiter rasga o céu noturno com o trovão, as nuvens se dividem, o clarão revela as estrelas, e o mundo é subitamente mostrado aos olhos vigilantes.

Dimas recolheu os raios, e sob a mesma luz penetrante Hopleu viu Tideu. De longe, através da escuridão, acenaram um para o outro com alegria. Cada um ergueu sobre os ombros curvados o fardo amado, como se o corpo houvesse voltado à vida e sido resgatado da morte cruel. Não disseram palavra, nem por longo tempo ousaram chorar. O dia inimigo se aproximava, e a aurora ameaçava traí-los. Mudos, avançavam a largos passos pelo silêncio triste e lamentavam que a escuridão exausta empalidecesse diante da manhã.

[384] O Destino inveja as almas dedicadas, e a boa sorte raramente acompanha grandes empreendimentos. Já viam o acampamento e, em pensamento, estavam junto às portas; o fardo lhes parecia mais leve, quando surgiu de repente uma nuvem de poeira e um ruído às costas.

Era o ousado Anfíon à frente da tropa, enviado pelo chefe para explorar a noite e o acampamento guardado. Foi o primeiro a perceber, ao longe, na planície sem caminhos - a luz ainda não dispersara todas as sombras -, algo que se movia, indeciso aos olhos, corpos que avançavam. De súbito descobriu o ardil e gritou: "Parai, quem quer que sejais!" Era evidente que eram inimigos. Os infelizes continuaram, receosos não por si mesmos. Então Anfíon ameaçou de morte o par inquieto e lançou a lança; mas, errando de propósito, enviou-a alta e muito além deles.

Ela caiu diante dos olhos de Dimas, que por acaso ia à frente. Ele parou. Épito, porém, orgulhoso de espírito, recusou-se a perder o arremesso e atravessou as costas de Hopleu, roçando também o ombro de Tideu, que pendia. Hopleu caiu sem esquecer o chefe incomparável e morreu ainda agarrado a ele - feliz, se ignorasse que o cadáver seria perdido. Assim desceu às sombras cruéis.

[405] Dimas voltou-se, viu e compreendeu que o combate começara. Hesitou entre usar armas ou súplicas contra o inimigo que se aproximava. A cólera o impelia às armas; a fortuna ordenava-lhe tentar uma oração sem esperança. Nenhum recurso lhe trazia confiança.

A ira proibiu a súplica. Colocou diante dos pés o corpo infeliz, lançou sobre o braço esquerdo a pesada pele de tigre que por acaso carregava nas costas e, com a espada nua estendida, permaneceu de guarda, voltando-se contra todos os dardos, pronto tanto para matar quanto para morrer. Assim uma leoa recém-parida, cercada por caçadores númidas na toca selvagem, permanece sobre os filhotes, erguida, mas hesitante no espírito, e solta um rugido feroz e lamentoso. Poderia dispersar a formação dos homens e quebrar as armas nas mandíbulas; o amor pela prole, porém, domina a ferocidade do coração, e do centro da própria raiva ela olha para os filhotes.

A mão esquerda do herói já fora cortada, embora Anfíon ordenasse que não o ferissem; o menino era arrastado pelos cabelos, com o rosto voltado para cima.

[422] Então, por fim, suplicante tarde demais, Dimas deixou cair a espada e implorou: "Conduzi-o com menor violência, eu vos peço, pelo berço de Baco nascido do raio, pela fuga de Ino e pelos tenros anos de vosso próprio Palêmon[20]. Se algum de vós conhece em casa a alegria dos filhos, se há aqui algum pai, concedei ao jovem alguns punhados de terra e um pouco de fogo. Vede! Ele vos implora com o semblante mudo. É melhor que eu sacie as aves amaldiçoadas; lançai-me às feras. Fui eu quem o fez ousar a batalha."

"Se tão grande é teu desejo de sepultar o príncipe", respondeu Anfíon, "revela-nos qual é o plano de guerra dos pelásgios amedrontados, que propósito alimentam em sua condição abatida e sem coragem. Fala depressa; nós te deixaremos partir vivo e dar sepultura a teu senhor." O árcade estremeceu e, no mesmo instante, cravou a espada no próprio peito até o punho.

"Era isto o que faltava", gritou, "para coroar nossas desgraças: que eu desonrasse e traísse Argos em sua hora extrema? A pira seria comprada por preço demasiado alto, e ele próprio não a desejaria a tal custo." Falando assim, abriu no peito uma ferida imensa e, lançando-se sobre o jovem, murmurou no último sopro: "Recebe, ao menos por enquanto, esta sepultura comigo!" Assim, nos abraços desejados de seus chefes, os dois homens de espírito nobre - o famoso etólio e o ilustre árcade - exalaram as almas incomparáveis e provaram a morte.

Também vós sois consagrados, embora meu canto se eleve sob lira menos alta, e atravessareis os anos que não esquecem. Talvez Euríalo não despreze[19] as sombras companheiras, e a glória do frígio Niso não vos negue acolhida.

[449] O feroz Anfíon enviou em triunfo mensageiros para contar ao rei os feitos, informar sobre a investida astuciosa e devolver os corpos capturados. Ele próprio avançou para insultar os pelásgios sitiados e exibir as cabeças cortadas dos companheiros deles. Enquanto isso, do alto das muralhas, os gregos perceberam o retorno de Tiodamas e já não ocultaram as explosões de alegria.

Quando viram as espadas nuas e os braços vermelhos da matança recente, novo clamor subiu ao vasto céu. Multidões ansiosas penderam do alto da fortificação, e cada homem procurava o seu. Assim uma ninhada, vendo de longe a mãe regressar pelo ar, deseja ir-lhe ao encontro e se inclina, de bico aberto, na borda do ninho; já estaria caindo, se ela não abrisse todo o peito materno para salvá-la e não a repreendesse com asas carinhosas.

Enquanto narravam os feitos ocultos e a obra veloz da guerra silenciosa, e apertavam os amigos num abraço demorado, procuravam Hopleu e reclamavam da demora de Dimas. Eis que Anfíon, comandante da tropa tebana, aproximou-se depressa. Pouco durou o prazer do sangue recém-derramado quando viu o chão transformado em monte de cadáveres incontáveis e toda uma raça agonizando numa única ruína universal.

O tremor que invade os atingidos pelo raio arrancado do céu dominou o guerreiro. Num só espasmo, voz, visão e sangue o abandonaram; ainda tentava soltar um gemido quando o cavalo, sem ordem, deu meia-volta. Em turbilhão de poeira, a tropa fugiu para trás.

[474] Eles ainda não haviam entrado pelas portas fechadas de Tebas quando o contingente argivo, exaltado pelo triunfo noturno, lançou-se à planície. Homens e cavalos de cascos córneos corriam sobre armas, corpos prostrados, terra manchada por montes de mortos e sangue ainda quente de vida. O casco pesado esmagava os membros; uma chuva de sangue banhava e obstruía os eixos. Era doce para os heróis avançar por tal caminho, como se pisoteassem com orgulho as casas sidônias e a própria Tebas ensanguentada.

Capaneu animou-os: "Por tempo bastante, pelásgios, nosso valor permaneceu oculto. Agora, agora a vitória parece bela aos meus olhos, sob a plena luz do dia! Avançai, homens, comigo ao combate aberto! Erguei a poeira e soltai o grito de guerra! Seguro é o presságio de minha mão direita, terrível o furor de minha espada desembainhada!" Assim falou. Adrasto e o príncipe argivo inflamaram com entusiasmo a ira; o adivinho seguiu em estado mais sombrio.

Já estavam próximos das muralhas - e Anfíon ainda narrava o novo desastre - e teriam entrado diretamente na cidade infeliz, se Megareu, do alto de uma torre de vigia, não tivesse gritado às pressas: "Fechai todas as portas, sentinelas! O inimigo se aproxima."

[493] Às vezes o medo dominador concede força. Todas as portas fecharam-se rapidamente. Apenas enquanto Equíon demorava a barrar a Ogígia, valentes guerreiros espartanos irromperam por ela e tombaram mortos no limiar: Panopeu, habitante do Taígeto; Ébalo, nadador do áspero Eurotas; e também tu, Alcidamante, que demonstraste valor em todas as palestras e há pouco conquistaste a vitória na poeira nemeia, tu a quem o próprio filho de Tíndaro prendeu as primeiras luvas. Ao morrer, olhaste para a abóbada onde teu mestre brilha; imediatamente o deus afundou, desviando a estrela.

Por ti lamentarão o bosque ebálio e a margem enganadora do rio da donzela lacônia[21], e a corrente diante da qual cantou o cisne fingido; chorarão por ti as ninfas amicleias de Trívia, e tua mãe, que te ensinou as leis e as valentes regras da guerra, lamentará teres sido aluno hábil demais. Assim Mavorte exerce o furor no limiar da cidade de Equíon.

[509] Por fim, Ácron, empurrando com os ombros, e o Ialmenida, inclinando todo o peso do corpo, forçaram as portas revestidas de bronze. Com força semelhante, bois gemendo lado a lado rasgam os campos de Pangeu há muito

não arados. O prejuízo, porém, igualou o ganho do esforço: haviam mantido o inimigo do lado de dentro e excluído os próprios compatriotas.

Ormeno, o grego, morreu dentro das muralhas. Enquanto Amíntor estendia os braços suplicantes e derramava preces, a cabeça foi cortada; palavras e rosto caíram juntos sobre a terra, e ao golpe um elegante colar desprendeu-se do pescoço e caiu no pó inimigo.

Enquanto isso, a muralha foi rompida, as primeiras linhas recuaram, e tropas de infantaria já alcançavam os muros. Os cavalos, porém, temiam saltar as largas trincheiras e recuavam assustados; apavorados diante do abismo enorme, espantavam-se de ser impelidos adiante. Ora avançavam da borda, ora recuavam espontaneamente sobre as rédeas.

Alguns arrancavam do chão as estacas fincadas; outros golpeavam as defesas das portas e suavam para retirar as barras de ferro. Com traves e bronze ressonante, deslocavam pedras de suas posições. Uns lançavam tochas em direção aos telhados e exultavam quando elas se prendiam; outros atacavam os fundamentos e, sob a tartaruga cega, minavam a base das torres ocas.

[531] Os tírios, porém - era seu único meio de salvação -, coroavam o alto das ameias. Lançavam contra o inimigo estacas carbonizadas, dardos de aço reluzente, pedras arrancadas das próprias muralhas e projéteis que se incendiavam ao atravessar o vazio do ar. Um dilúvio feroz corria dos telhados, e as janelas barradas vomitavam lanças sibilantes.

Assim, quando as tempestades permanecem imóveis nas nuvens sobre Maleia ou sobre o alto monte Ceráunio e se ordenam em torno das colinas escurecidas, depois se precipitam de repente sobre as velas abaixo. Desse modo o exército argivo era esmagado pelas armas agênorias. A chuva implacável, contudo, não desviava rosto nem peito; os guerreiros mantinham os olhos fixos nos muros, esquecidos da morte e sem ver nada além das próprias armas.

Enquanto Anteu conduzia o carro armado de foices ao redor das muralhas tebanas, o golpe violento de uma lança ogígia o atingiu do alto. As rédeas foram arrancadas de suas mãos; quase sem vida, ele foi lançado para trás, de costas, mas ficou preso pelas grevas. Espetáculo estranho e destino horrível da guerra! Os braços eram arrastados; as rodas fumegantes e a lança, abrindo um terceiro sulco, lavravam o solo. Sacudida de um lado para o outro, a cabeça seguia por uma longa esteira de poeira, onde se desenhava claramente a larga marca dos cabelos espalhados.

[552] O clangor da trombeta feriu então a cidade com terror, e o som áspero penetrou as portas barricadas. Os acessos foram divididos, e em cada porta permanecia um feroz porta-estandarte, erguendo alto para todos verem os

sofrimentos ou as esperanças de seu grupo[22]. Terrível era a visão no interior; nem o próprio Marte se alegraria em contemplá-la. A Dor, o Furor, o Pânico e a Fuga, envolta em escuridão cegante, despedaçavam a cidade delirante e aterrorizada com discórdia de muitas vozes.

Dir-se-ia que a batalha ocorria dentro dos muros. Homens corriam de um lado para o outro em torno da cidadela; as ruas estavam cheias de clamor. Em toda parte imaginavam espada e fogo, em toda parte correntes cruéis. O medo antecipava o futuro. As casas e os templos já estavam repletos, e os santuários ingratos eram cercados de lamentações.

Velhos e jovens eram dominados por um terror universal. Os anciãos pediam a morte; os jovens ora se inflamavam de ardor, ora empalideciam. As casas tremiam sob o grito do pranto feminino. As crianças choravam sem conhecer a causa e, espantadas, estremeciam diante dos soluços das mães.

O amor as obrigava, e a necessidade extrema não permitia pudor. Com as próprias mãos, as mulheres entregavam armas aos homens; com as próprias vozes, inflamavam-nos à ira e ao valor. Exortavam-nos, corriam com eles para a batalha e, mesmo entre lágrimas, não cessavam de mostrar-lhes as casas ancestrais e os filhos indefesos.

Assim, quando um camponês desejoso de saque desperta as abelhas armadas da caverna rochosa, o enxame indignado se agita e incita uns aos outros com forte zumbido; todos voam contra o rosto do inimigo. Logo, porém, com as asas cansadas, abraçam a casa de cera, lamentam o tesouro de mel roubado e apertam contra o peito os favos produzidos com trabalho.

[580] A multidão encheu-se de disputa entre vozes contrárias e espalhou paixões discordantes. Alguns, não em murmúrio, mas em aberto tumulto, exigiam que o irmão devolvesse o reino. Na aflição, desaparecera todo respeito pelo príncipe: "Que ele venha e complete aqui a conta do ano contratado; que saúda, infeliz exilado, o lar cadmeu e a cegueira do pai. Por que meu sangue deve expiar a fraude e o crime traiçoeiro do rei perverso?" Outros respondiam: "Agora é tarde para a boa-fé; ele prefere conquistar." Outros ainda, em cortejo suplicante e lacrimoso, imploravam a Tirésias e pediam - único consolo na adversidade - conhecer o futuro.

O adivinho, porém, retinha e escondia os destinos do céu: "Acaso é porque nosso rei confiou tanto em meus conselhos de advertência, quando proibi esta guerra pérfida? Contudo, infeliz Tebas", clamou, "ainda que estejas condenada à destruição, se eu me calar não suportarei ouvir miseravelmente tua queda nem beber com estes olhos vazios as chamas argivas.

Que eu ceda, ó Piedade![23] Vamos, filha, prepara os altares; consultemos os deuses do alto." Manto obedeceu. Observando com atenção, informou-o sobre pontas de chama cor de sangue e um fogo duplo sobre o altar, enquanto a chama do meio subia alta e límpida. Depois ensinou ao pai hesitante que a chama vermelha se enrolava e tomava, em duas voltas, a imagem espectral de uma serpente[24], iluminando a escuridão do cego.

Ele imediatamente estendeu os braços ao redor do fogo coroado e absorveu os vapores proféticos com o rosto ardente. Os cabelos se levantaram de horror e espanto; as mechas grisalhas ergueram em loucura as faixas que as cobriam. Pareceria que os olhos estavam abertos e que o brilho perdido havia retornado às faces. Por fim, deu vazão em palavras ao dilúvio do delírio: "Ouvi, filhos culpados de Lábdaco, e escutai o último sacrifício de todos! Uma salvação benigna se aproxima, mas por caminho difícil.

A serpente de Marte exige uma vítima e uma oferta cruel. O mais jovem da raça nascida do dragão deve cair; apenas por esse preço virá a vitória. Feliz aquele cuja morte conquistará recompensa tão grande!"

[616] Creonte, triste no coração e até então lamentando apenas a pátria e o destino comum, permanecia junto ao altar severo do profeta. Quando ouviu, como se o choque de uma lança arremessada lhe atravessasse o peito, ficou quase morto de horror e compreendeu que Meneceu era exigido. O medo indicou a verdade e não permitiu dúvida. Ele se entorpeceu de angústia; um pavor gelado atacou-lhe o coração paterno. Assim a costa trinácria[25] suporta o mar lançado de volta pelo impulso líbio.

Então, abraçando humildemente os joelhos do adivinho, que cheio de Febo lhe ordenava pressa, e tocando os lábios que cantavam o oráculo, implorou-lhe em vão que se calasse. O rumor já havia tomado a palavra e voava; Tebas inteira proclamava a profecia.

[628] Vem agora, Clio que não esqueces[26], e narra quem inflamou no jovem a alegria por uma morte nobre - pois jamais sem auxílio do céu tal espírito é concedido aos homens. Começa tu, porque as eras estão sob tua guarda e todos os anais celebrados do passado.

[632] A deusa Virtude, companheira próxima do trono de Jove, de onde raramente costuma ser concedida ao mundo e abençoar a terra - quer o Pai onipotente a tivesse enviado, quer ela própria escolhesse habitar homens dignos -, com que alegria saltou então das moradas celestes! As estrelas brilhantes abriram-lhe caminho, assim como os fogos que ela mesma fixara no céu[27]. Já caminhava sobre a terra, embora o rosto ainda não estivesse muito distante do firmamento. Preferiu, porém, mudar de aparência: tornou-se a prudente

Manto[29], para que suas palavras recebessem plena confiança, e por meio do engano abandonou o semblante anterior.

Desapareceram a expressão terrível e a severidade; restou algo de encanto e uma beleza mais suave. A espada foi deixada de lado, e em lugar dela tomou a vara profética. A veste caiu até os pés; na fronte austera, a lã substituiu o louro. Ainda assim, o aspecto grave e os passos maiores que os de uma mortal denunciavam a deusa.

Assim a senhora lídia[28] riu do filho de Anfitrião quando ele, despojando-se da pele eriçada, deformou com os vastos ombros as vestes sidônias, embaraçou a roca e despedaçou os tamborins com a mão.

[650] A deusa não te encontrou, Meneceu, vítima indigna nem incapaz de receber ordem tão solene. Estavas diante da torre dirceia; a grande porta estava aberta, e matavas dânaos, enquanto o marcial Hemão[30] fazia o mesmo.

Embora tivésseis o mesmo sangue e fôsseis irmãos em tudo, tu ocupavas o primeiro lugar. Montes de mortos se acumulavam ao redor; todo dardo encontrava o alvo; nenhum golpe deixava de derrubar uma vítima - e ainda a Virtude não viera em teu auxílio. Nem mente nem mão permaneciam ociosas; as armas impacientes nunca cessavam. Até a Esfinge, guardiã do elmo, parecia enfurecida; a imagem, animada pela visão do sangue, lançava clarões, e o bronze salpicado reluzia. Então a deusa deteve sobre o punho da espada a mão do guerreiro: "Jovem magnânimo, nenhum outro Marte reconheceu com maior certeza como descendente da raça guerreira de Cadmo. Abandona estas lutas pequenas; não é este o valor que te está reservado. As estrelas te chamam; enviarás a alma ao céu. Concebe um destino mais nobre! É isto que inspira o delírio de meu pai junto aos altares alegres; isto exigem as chamas e as entranhas; isto Apolo ordena. Pedem, em favor da vida comum de nossa pátria, alguém nascido da terra[31].

O rumor repete o conselho, e o povo de Cadmo, certo de que serás tu, já se alegra. Guarda no coração a palavra dos deuses e apodera-te de um destino glorioso. Vai, eu te peço, e apressa-te, para que Hemão, ao teu lado, não te preceda." Falando assim, confirmou a mente vacilante com o toque silencioso da mão poderosa e deixou-se a si mesma dentro do coração dele.

Não mais depressa um cipreste atingido pelo raio absorve a chama mortal da raiz ao cume do que o jovem, possuído pela grande divindade, ergueu o espírito e se apaixonou imediatamente pela morte. Quando, porém, percebeu-lhe a marcha e a aparência ao afastar-se, e viu Manto erguer-se de repente da terra às nuvens, ficou espantado.

"Eu te sigo", gritou, "quem quer que sejas entre os deuses que me chamaram; não tardarei em obedecer." Ainda ao retirar-se, atravessou com a lança Agreu de Pilos, que ameaçava a fortificação. Os escudeiros receberam-no, cansado da batalha. Enquanto avançava, a multidão o saudava alegremente como portador da paz, salvador e deus, acendendo nele uma chama nobre.

[686] Já se dirigia à cidade em pressa ardente, feliz por ter evitado os pais infelizes, quando encontrou o pai. Ambos pararam, com as palavras interrompidas e os olhos baixos. Por fim, Creonte começou: "Que novo acaso te retirou de uma batalha há pouco iniciada? Que plano alimentas, mais importante que a guerra? Diz-me, meu filho, eu te suplico: por que teu olhar é tão feroz? Por que essa palidez colérica no rosto? Por que teus olhos não encontram os do pai? É evidente: ouviste o oráculo.

Por tua idade e pela minha, meu filho, e pelo peito de tua mãe infeliz, eu te peço, menino: não escutes o adivinho! Dignam-se os deuses inspirar um velho ímpio, de rosto sem visão e olhos destruídos, castigado como o terrível Édipo? E se o rei estiver empregando traição e fraude enganadora, temendo, em sua situação desesperada, nosso sangue nobre e teu valor celebrado acima dos chefes? Talvez sejam palavras dele, que julgamos divinas; é ele quem dá o conselho! Não permitas que o sangue ardente te arraste. Espera um breve espaço; a paixão é sempre guia ruim. Concede esta graça, eu te imploro, a teu pai.

Assim teus cabelos sejam marcados pelo branco da velhice, e tu próprio te tornes pai e, jovem precipitado, venhas a temer como eu. Não deixes minha casa deserta. Comovem-te outros pais e filhos estranhos? Se tens algum pudor, compadece-te primeiro dos teus. Isto é dever, isto é verdadeira honra; do outro lado há apenas glória vazia, fama levada pelo vento e um nome que a morte apagará.

Não é o medo de pai que me faz insistir. Vai, entra na luta; força passagem pelas linhas dânaas onde as espadas são mais densas. Não te retenho. Deixa-me apenas lavar tuas feridas palpitantes, estancar com minhas lágrimas o sangue que corre e enviar-te de novo, muitas vezes, ao combate cruel. É isto que Tebas prefere."

[718] Assim falou, envolvendo o pescoço do filho num abraço apertado. O jovem, porém, já consagrado aos deuses, não se deixou mover pelas lágrimas nem pelas palavras; ao contrário, por causa delas enfrentou o pai com uma fraude secreta e desviou-lhe o temor: "Bom pai, estás enganado; teus receios são vãos.

Nenhuma advertência ou discurso de adivinhos delirantes me perturba ou me aflige com terrores vazios. Que o astuto Tirésias guarde os cantos para si e para a própria filha. Eu nada temeria, ainda que o próprio Apolo abrisse o santuário e viesse ao meu encontro com seus delírios.

É a grave ferida de meu amado irmão que me leva espontaneamente de volta à cidade. Meu Hemão geme sob o golpe de uma lança ináquia. Mal o retiraram da poeira da batalha, entre as fileiras - os argivos já o haviam tomado. Mas perco tempo. Vai, consola-lhe a dor e ordena aos carregadores que o poupem e o transportem suavemente. Eu vou buscar Eécion[32], hábil em unir feridas e fazer retornar a corrente da vida." Interrompeu-se e partiu depressa. No peito do pai reinavam a confusão e uma nuvem escura de dor; ele oscilava entre o amor devotado e temores duros e discordantes. O Destino, porém, impeliu-o a acreditar.

[738] Enquanto isso, o impetuoso Capaneu conduzia através da planície as tropas que saíam pelas portas rompidas: ora esquadrões de cavalaria, ora fileiras de infantaria, ora carros que pisoteavam os cadáveres dos próprios aurigas. Era ele quem rasgava as torres altas com pedras e muitos dardos sibilantes; ele punha as coortes em fuga e exalava sangue.

Ora girava o projétil alado e espalhava por toda parte feridas estranhas; ora erguia o braço e enviava o dardo voando. Nunca uma lança alcançava o alto de um telhado sem derrubar um homem e retornar banhada em sangue. A falange pelópida já não acreditava mortos o Enida, Hipomedonte, o adivinho ou o árcade; julgava antes que as almas de todos os companheiros se haviam reunido num único corpo, tão completamente ele ocupava o campo de batalha.

Nem idade, veste ou beleza o comoviam. Derramava o mesmo furor sobre os que lutavam e os que suplicavam. Ninguém ousava resistir ou tentar o acaso da guerra; de longe, enquanto ele se enfurecia, tremiam diante das armas, da crista terrível e da frente do elmo.

[756] Meneceu, já consagrado, permaneceu numa parte escolhida da muralha. Era sagrado à vista e mais majestoso que de costume, como se houvesse descido subitamente do céu à terra, sem elmo e visível a todos. Olhou de cima para as linhas de guerreiros, conteve os clamores do campo e ordenou silêncio à guerra: "Deuses da batalha, e tu, Febo, que me concedes morte tão gloriosa, dai a Tebas as alegrias que negociei e comprei com todo o sangue generosamente derramado.

Fazei recuar a maré da guerra e lançai contra Lerna cativa os restos desprezíveis. Que o pai Ínaco desvie o rosto dos filhos desonrados, enquanto eles tratam a ferida de lança nas costas.

Restituí, porém, aos tírios, por meio de minha morte, os templos, os campos e os lares, os filhos e as esposas. Se eu, vítima escolhida, vos agradei; se ouvi o oráculo do profeta sem ouvido aterrorizado e o acolhi no coração antes de Tebas acreditar, recompensai em meu lugar a cidade de Anfíon e reconciliai comigo, eu vos peço, o pai que enganei." Assim falou. Com a lâmina reluzente, rasgou a

nobre alma, que havia muito desprezava o corpo e se afligia de permanecer presa; procurou a vida e arrancou-a com um só golpe.

Depois aspergiu as torres com o próprio sangue e purificou as muralhas. Ainda segurando a espada, lançou-se no meio das linhas e tentou cair sobre os ferozes aqueus. A Piedade e a Virtude[33], porém, abraçaram-no e conduziram o corpo suavemente à terra, pois o espírito já estava junto ao trono de Jove e exigia para si uma coroa entre as estrelas mais altas.

[783] Com alegria, os tebanos levaram o herói para dentro dos muros, recuperando-lhe o corpo sem esforço. O exército tantálida[34] recuou espontaneamente em reverência. Ele foi carregado sobre os ombros dos jovens numa longa procissão, aclamado por todo o povo como protetor da cidade, acima de Cadmo e Anfion. Cobriram os membros sem vida com coroas e toda a honra da primavera e colocaram o corpo venerado no sepulcro dos antepassados.

Quando terminaram os louvores, retomaram a luta. O pai, com a cólera apaziguada, derramou lágrimas e juntou-se ao lamento; a mãe enfim pôde chorar plenamente: "Foi para expiar e consagrar tua vida à cruel Tebas que te alimentei, jovem ilustre, como se eu fosse uma mãe sem valor? Que crime cometi? Que deus me odiou tanto? Não gerei filho incestuoso em união contra a natureza, nem dei descendência ímpia a meu próprio filho.

De que serve? Jocasta possui os filhos e os contempla como chefes e reis. Nós, porém, devemos pagar a expiação cruel da guerra, para que os irmãos, filhos de Édipo, troquem entre si os diademas. Isto te agrada, autor do golpe[35]? Mas por que me queixo dos homens e dos deuses? Tu, cruel Meneceu, tu antes de todos te apressaste a matar tua mãe infeliz! De onde veio esse amor pela morte? Que loucura amaldiçoada dominou tua mente? O que concebi, que filho mal nascido gerei, tão diferente de mim? É certamente a serpente de Marte e o solo que fez nascer nossos pais armados; de lá vem esse valor desesperado, esse amor invencível pela guerra. Nada vem da mãe.

Vê! Morto por tua própria vontade e prazer, até contra a vontade do Destino, forças a entrada nas sombras tenebrosas. Eu temia os dânaos e as lanças de Capaneu; era esta mão, esta tua mão que eu deveria ter temido, e a espada que eu própria te entreguei em minha insensatez. Vede como a lâmina está inteiramente enterrada na garganta! Nenhum dânao poderia ter golpeado mais fundo."

[815] A mulher infeliz ainda estaria falando e espalhando a dor por todos os lados, mas as companheiras e servas a levaram, apesar do ódio que sentia por quem tentava consolá-la, e a mantiveram em seu aposento. Ali ficou sentada, as faces profundamente sulcadas pelas unhas, sem olhar para a luz, sem ouvir súplicas, sem erguer o rosto sempre fixo no chão - perdida a voz, perdida a razão.

Assim uma tigresa feroz, privada dos filhotes, jaz desolada na toca cita e lambe os vestígios sobre a pedra ainda morna. O furor desapareceu; abrandaram-se a ferocidade e a fome das mandíbulas vorazes. Rebanhos e manadas passam sem cuidado. Ela os vê e permanece imóvel: onde estão aqueles para quem deveria alimentar as tetas ou, depois de longa espera, amontoar abundante presa?

[827] Até aqui cantei armas e trombetas, espadas e feridas. Agora Capaneu deve ser erguido ao alto para combater a abóbada carregada de estrelas. Já não me é permitido cantar conforme o costume dos poetas; é necessário convocar dos bosques aônios um furor maior.

Ousai comigo, todas as deusas. Talvez a loucura dele viesse da noite mais profunda, e as irmãs estígias acompanhassem o estandarte de Capaneu e o forçassem ao ataque contra Jove; talvez fosse um valor incapaz de suportar limites, ou um amor precipitado de glória, ou o destino marcado para uma destruição imensa[36], ou o sucesso que precede o desastre e o céu que, em sua ira, atrai o homem à ruína.

[837] As batalhas terrenas já pareciam pequenas aos olhos do herói. Ele estava cansado da matança interminável; há muito se haviam esgotado suas armas e as dos gregos. O braço direito se fatigava, e ele levantou o olhar para o céu. Com semblante fechado, mediu as altas ameias e encontrou um caminho de incontáveis degraus[37] voltado ao firmamento, guardado de ambos os lados por uma árvore. De longe agitava terrivelmente uma tocha acesa de feixes de carvalho. As armas brilhavam vermelhas, e o escudo se revestia de fogo.

"Por este caminho", gritou, "por este caminho meu elevado valor me ordena chegar a Tebas, onde aquela torre está escorregadia com o sangue de Meneceu. Verei quanto vale o sacrifício e se Apolo mente." Falou e começou a subir, alternando os passos, exultante contra o muro conquistado. Assim a abóbada do céu contemplou os Alóadas[38] entre as nuvens, quando a terra ímpia se ergueu tanto que quase olhava os deuses de cima. O poderoso Pélion ainda não fora acrescentado; Ossa já tocava o Tonante aterrorizado.

[853] Então, aterrorizados no limite extremo do destino, como se a última destruição se aproximasse ou Belona, com o archote ensanguentado, viesse reduzir as torres ao chão, os tebanos lançaram de todos os telhados, em pressa rival, pedras enormes e estacas. Giravam o forte couro da funda balear[39] - que esperança havia nos dardos e no voo incerto das flechas? Empregaram avidamente as máquinas e empurraram contra ele grandes rochedos.

Capaneu, porém, imóvel diante dos projéteis que o atacavam pela frente e por trás, pairava no ar vazio, seguro como se firmasse os passos em terra plana. Avançava e se aproximava diante da destruição cruel. Assim um rio,

pressionando as madeiras de uma ponte antiga, ataca-a com águas incessantes; as pedras já se abrem e as vigas se soltam. Com violência tanto maior - pois percebe a fraqueza - e com onda mais poderosa, sacode e arrasta a massa que cede, até que a corrente rápida rompe todas as amarras, respira de novo em triunfo e prossegue em curso livre.

Quando alcançou o alto do cume tantas vezes tentado e, erguendo-se enorme, olhou de cima para a cidade trêmula e aterrorizou Tebas com a sombra gigantesca, insultou o povo espantado: "São estas as pequenas torres de Anfíon? Que vergonha! São estas as muralhas obedientes que seguiram um canto sem guerra? É esta a antiga mentira de Tebas? Que glória existe em derrubar uma fortaleza construída por uma lira fraca?"

Ao mesmo tempo, lançou pés e mãos sobre a construção e destruiu ferozmente as junções e o pavimento que o sustentavam. As pontes de ligação caíram, as bordas de pedra do teto cederam. Ele tornou a usar os fragmentos arrancados, lançando pedaços de rocha sobre templos e casas; agora destruía a cidade com as próprias muralhas da fortaleza.

[883] Enquanto isso, ao redor do trono de Jove, as divindades argivas e tírias clamavam em facções contrárias. O pai imparcial via a ira arder ao redor e observava como a continha.

Sob os olhos da madrasta[40], Líber olhou de lado para o pai e lamentou: "Onde está agora aquela mão implacável? Onde, ai de mim, está o berço de fogo, o raio - sim, onde está o raio?" Apolo também lamentava[41] as moradas que outrora sua ordem determinara. O Tiríntio pesava Lerna contra Tebas e hesitava, com o arco já tenso. O dânao alado lamentava Argos, terra de sua mãe. Vênus chorava pelo povo de Harmonia e, temendo o marido, mantinha-se afastada, olhando Gradivo em silêncio irado.

A ousada Tritônia censurava os deuses tírios, enquanto uma cólera sem palavras torturava o coração da silenciosa Juno. A paz de Jove, contudo, permanecia imperturbada. Eis que as disputas cessaram quando, no meio do céu, ouviu-se Capaneu: "Não há entre vós nenhum deus", gritava ele, "que defenda Tebas apavorada? Onde estão os filhos indolentes desta terra amaldiçoada, Baco e Alcides? Tenho vergonha de desafiar alguém de nome menor.

Vem antes tu - que adversário seria mais digno? Vê! As cinzas e o túmulo de Sêmele estão em meu poder. Vem e luta contra mim com todas as tuas chamas, Júpiter! Ou és mais corajoso para aterrorizar donzelas tímidas com o trovão e destruir as torres de Cadmo, teu sogro[45]?"

[907] Elevou-se alto o clamor indignado dos deuses. O próprio Jove riu do insensato e, sacudindo a massa espessa dos cabelos sagrados, disse: "Que

esperança resta ao homem depois do ataque arrogante de Flegra[42]? Também tu precisas ser abatido?" Enquanto hesitava, os deuses se aglomeraram ao redor, rangendo os dentes e pedindo as armas vingadoras. Nem sequer a consorte inquieta ousou continuar resistindo aos Fados.

O próprio palácio celeste trovejou sem que ordem alguma fosse dada. As nuvens se reuniram, e as tempestades se formaram sem sopro de vento. Pareceria que Jápeto rompera[43] as correntes estígias e que a aprisionada Inárime ou o Etna havia sido erguido às alturas. Os habitantes do céu envergonhavam-se de temer tais coisas; mas, quando viram o herói permanecer no meio do ar vertiginoso e convocá-los para combate insano, maravilharam-se em silêncio e empalideceram, duvidando do poder do raio.

[921] Acima do cume da torre ogígia, a abóbada começou a bramir de modo estranho, e o céu desapareceu sob a escuridão. Capaneu ainda agarrava as ameias que já não podia ver. Sempre que os relâmpagos atravessavam as nuvens rasgadas da tempestade, ele gritava: "Sim, aqui! Aqui enfim estão os fogos que é justo empregar contra Tebas! Neles posso renovar minha tocha e despertar o feixe de carvalho que ainda fumega."

Enquanto falava, o raio o atingiu, lançado com toda a força de Jove. Primeiro a crista desapareceu dentro das nuvens; o centro enegrecido do escudo derreteu, e todos os membros do herói se iluminaram.

Os dois exércitos recuaram, aterrorizados com o lugar onde cairia e com as fileiras que o corpo em chamas poderia atingir. Ele sentiu o fogo sibilar dentro de si, o elmo e os cabelos arderem. Tentando afastar com a mão a couraça que o queimava, tocou o aço incandescente sob o peito.

Ainda assim permaneceu em pé. Voltado para o céu, expirou e apoiou o peito fumegante nas ameias odiadas, para não cair. O corpo terreno abandonou o herói e libertou-lhe o espírito. Se os membros houvessem demorado um pouco mais a consumir-se, ele poderia ter esperado um segundo raio[44].

NOTAS AO LIVRO X

1. Pelásgios, dânaos, aqueus e argivos são denominações poéticas empregadas para os gregos, segundo ancestrais, regiões ou tradições diversas.

2. Tírios, sidônios, cadmeus e aônios designam os tebanos. Cadmo, fundador mítico de Tebas, teria vindo da Fenícia.

3. Lerna representa aqui Argos e seu exército. A região argiva era associada ao pântano de Lerna e à Hidra vencida por Hércules.

4. O "negro adivinho" é Anfiarau, engolido vivo pela terra no Livro VII. A passagem imagina sua sombra chegando subitamente ao mundo inferior.

5. O árcade é Partenopeu, jovem herói da Arcádia morto no Livro IX; Etéocles o despreza como troféu por causa de sua pouca idade.

6. A "prostituta cadmeia" é Sêmele, princesa tebana e mãe de Baco por Júpiter. A expressão traduz a hostilidade de Juno contra a rival mortal.

7. O "duplo adultério" recorda a noite prolongada por Júpiter para unir-se a Alcmena e conceber Hércules, bem como o nascimento do próprio herói.

8. A outra Etiópia é a região mítica do extremo Ocidente; os antigos também situavam etíopes no Oriente ou no Sul.

9. O chifre do Sono derramava o líquido ou o vapor soporífero. Estácio alude ao objeto também nos Livros II e VI.

10. Íris é filha de Taumante e, por isso, chamada taumântia. Seu arco multicolorido é o arco-íris.

11. A expressão apresenta Íris como aquela que reveste as nuvens de brilho dourado ao atravessá-las.

12. O assentimento do Sono é dado por um rosto que já se inclina naturalmente, como ocorre com quem cochila.

13. O Sono era por vezes representado com pequenas asas nas têmporas; o vento agita essas asas durante o voo.

14. Saturnia é Juno, filha de Saturno. Sua intervenção protege os argivos contra a vigilância tebana.

15. A Mãe do Ida é Cibele. Seus sacerdotes frígios entregavam-se a ritos extáticos e mutilações; o pinheiro era árvore sagrada da deusa.

16. A escolha de trinta guerreiros reforça a natureza seletiva e secreta da expedição noturna, que não comportava uma multidão.

17. A "tocha da Lua" parece ser um facho aceso com fogo ou claridade lunar, adequado à ação conduzida nas trevas.

18. A quarta vigília corresponde às horas finais da noite. Boieiro é a constelação de Boötes, próxima da Ursa Maior.

19. Hopleu e Dimas são comparados a Niso e Euríalo, companheiros da Eneida que também realizam uma incursão noturna e morrem juntos.

20. Palêmon é o nome divino de Melicertes, filho de Ino, lançado ao mar com a mãe e transformado em divindade marítima.

21. O rio é o Eurotas, na Lacônia. Júpiter, disfarçado de cisne, uniu-se a Leda em suas margens; o canto do cisne era proverbial.

22. Cada estandarte manifestava a sorte do grupo que o seguia: vitória e esperança para uns, feridas e morte para outros.

23. Piedade traduz pietas, ideia romana que reúne dever para com os deuses, a pátria, a família e os companheiros.

24. A chama em forma de serpente recorda o dragão de Marte morto por Cadmo e os guerreiros nascidos dos dentes semeados.

25. Trinácria é a Sicília, assim chamada por seus três promontórios. A comparação evoca o choque entre mares em torno da ilha.

26. Clio é a Musa da história e da memória poética; Estácio a invoca para preservar a glória do sacrifício de Meneceu.

27. As estrelas eram concebidas como morada das almas heroicas divinizadas, ou como as próprias almas transformadas em astros.

28. A senhora lídia é Ônfale. Hércules serviu-a vestido de mulher, enquanto ela usava a pele do leão e os atributos do herói.

29. A deusa Virtude assume a aparência de Manto, filha de Tirésias, para tornar a exortação mais digna de crédito.

30. Hemão é irmão de Meneceu e filho de Creonte. Na tradição trágica, torna-se noivo de Antígona.

31. Os tebanos descendem simbolicamente dos Espartos, guerreiros que nasceram da terra depois que Cadmo semeou os dentes do dragão.

32. Eécion é apresentado como médico capaz de suturar feridas e conter a perda de sangue; Meneceu inventa o pretexto para afastar o pai.

33. A Piedade e a Virtude recebem o corpo de Meneceu como personificações das forças que orientaram seu sacrifício.

34. "Exército tantálida" significa o exército argivo, por sua ligação genealógica com Tântalo e os Pelópidas.

35. O "autor do golpe" é provavelmente Júpiter, origem última do raio e das decisões fatais que conduzem a guerra.

36. O texto latino deste trecho é incerto. A ideia geral é que a glória, o êxito ou o destino previamente marcado conduzem Capaneu à grande morte.

37. Estácio descreve de modo incomum uma escada ou estrutura de assalto apoiada entre árvores ou traves laterais.

38. Os Alóadas, Oto e Efialtes, empilharam montanhas para alcançar o céu: Ossa sobre Olimpo e Pélion sobre Ossa.

39. As Ilhas Baleares eram célebres pelos fundeiros, treinados desde a infância no manejo da funda.

40. Juno é madrasta de Baco, filho de Júpiter e Sêmele, e por isso o observa com hostilidade.

41. Apolo favorecia Tebas por seu antigo oráculo a Cadmo; Hércules hesita entre Tebas, sua terra natal, e Argos, cenário de seus trabalhos; o dânao alado é Perseu.

42. Flegra é o campo da luta entre os deuses olímpicos e os Gigantes. Jove compara a arrogância de Capaneu à antiga Gigantomaquia.

43. Jápeto é um Titã aprisionado no mundo inferior. Inárime e o Etna eram imaginados como prisões de gigantes ou Titãs soterrados.

44. A observação final intensifica a soberba de Capaneu: consumido mais lentamente, teria permanecido de pé esperando outro raio.

45. Cadmo é chamado sogro de Júpiter porque sua filha Sêmele foi amada pelo deus e deu à luz Baco.

LIVRO XI

[1] Depois que o magnânimo Capaneu consumiu o furor de sua bravura sacrílega e exalou o fogo do raio que lhe ardia dentro do peito, e depois que o longo sulco da chama vingadora, marcando-lhe a queda, gravou nas muralhas o seu vestígio, Jove vitorioso recompôs com a destra a abóbada abalada e, com o semblante, restituiu ao céu a claridade. Os deuses acolheram-no como se voltasse sem fôlego e exausto do combate de Flegra, ou como se acabasse de amontoar o Etna fumegante sobre Encélado.[1]

Agarrado a um fragmento de torre despedaçada, jaz o herói, ainda com o cenho carregado, deixando feitos para o mundo inteiro narrar, feitos que o próprio Tonante poderia louvar. Tão vasto quanto Tício[2] se estende no Averno - o violador da mãe de Apolo, diante do qual até as aves recuam horrorizadas quando emergem de seu peito cavernoso e contemplam os membros imensos, enquanto as fibras miseráveis renascem para alimentá-las -, assim Capaneu pesa sobre a terra, derrubado, sulca os campos inimigos e oprime a planície ainda ofegante do enxofre celeste.

Tebas torna enfim a respirar. Os suplicantes curvados erguem-se nos templos; cessam os votos desesperados e os lamentos, e as mães ousam depor os filhos pequenos.

[21] Os aqueus, porém, são varridos pela planície numa fuga dispersa, cega e sem direção. Já não temem as esquadras inimigas nem o ferro dos mortais: todos conservam diante dos olhos a cólera de Jove; em seu terror, todos veem as próprias armaduras em chamas e escutam o trovão retumbar dentro dos elmos. Parecia que o próprio Jove os perseguia e opunha seus fogos à fuga.

Os guerreiros de Agenor[3] apertam-lhes o encalço e se aproveitam do tumulto do céu. Assim, nos campos massílios,[4] depois que o leão esmagou entre as poderosas mandíbulas os indomados soberanos do rebanho e se retirou com a fome saciada, aproximam-se ursos rosnando e lobos vorazes, que, já sem fúria, lambem covardemente o sangue de uma presa alheia.

Aqui Eurimedonte[5] persegue, revestido de armas rústicas e desajeitadas, levando na mão instrumentos agrestes e possuindo o talento inato de espalhar terrores súbitos: seu pai era Pã. Ali avança Alatreu, jovem demais para tamanha empresa e, embora ainda menino, igual ao pai em pleno vigor. Felizes ambos,

mas mais feliz o que se alegra em tal descendência. Nem é fácil distinguir quais armas ressoam mais alto, nem de que braço a lança parte com maior violência.

[39] As fortificações enchem-se de uma multidão compacta de fugitivos. Que reviravoltas provocas, Gradivo! Há pouco os pelásgios escalavam as muralhas de Cadmo; agora defendem as próprias. Assim retornam as nuvens; assim, quando sopram os austros, campo após campo é varrido pelo vendaval; assim a vaga ora descobre, ora recobre com espuma branca a areia sedenta.

Por toda parte perecem os soldados tiríntios, que imitam os despojos do deus nascido em sua terra.[6] Do alto dos astros, o severo filho de Anfitrião lamenta ver as peles nemeias, as clavas e as aljavas semelhantes às suas, todas encharcadas de sangue.

Sobre o cume revestido de ferro da torre argiva estava Enieu,[7] o primeiro a animar com a trombeta a batalha próspera; agora, porém, dava aos aflitos o sinal de acolhida e os exortava a fugir, retirando-se em segurança para o acampamento. De súbito, um golpe oblíquo veio pelo ar; enquanto ele prolongava o som, a mão ficou pregada, tal como estava, à orelha esquerda. Já o espírito lhe escapa pela brisa vazia, já os lábios gelados se calam: a trombeta, sozinha, concluiu o chamado.

[57] Tisífone, tendo realizado seus crimes e já cansada do sangue de dois povos, procura encerrar a guerra no combate dos irmãos. Nem confia nas próprias forças para luta tão nefanda, a menos que desperte de sua morada infernal a companheira Megera[8] e conduza à batalha as serpentes de sua irmã.

Retirou-se, portanto, para um vale deserto e afastado, cravou no solo a espada estígia e murmurou contra a terra o nome da ausente. Como sinal inequívoco para o reino dos mortos, ergueu dentre os cabelos, com longos silvos, uma serpente de chifres, soberana de suas madeixas azul-escuras. Ao ouvi-la, estremeceram imediatamente a terra, o mar e o céu, e o Pai voltou os olhos para os fogos do Etna.[9]

A outra ouviu o chamado. Por acaso, estava junto de seu pai, enquanto Capaneu era celebrado por toda a comitiva de Dis e refrescava nas águas do Estige sua sombra gloriosa. Imediatamente rompeu a massa da terra e surgiu sob os astros. As almas exultam: à medida que as trevas inferiores se tornam menos densas, diminui também a luz do mundo superior.

[75] A irmã cruel recebe-a, aperta-lhe a mão e fala: "Até aqui, irmã, pude sustentar sozinha os terríveis mandamentos de nosso pai estígio e o delírio que me foi imposto, exposta na terra a um mundo hostil, enquanto vós, no Elísio, constrangeis sombras incapazes de resistir.

Não é pequena a recompensa de meus sofrimentos, nem foram inúteis os trabalhos: este campo profundamente embebido, estas águas fumegantes de sangue, os enxames incontáveis que alegram as margens do Letes – eis as provas de meu poder, eis as insígnias de meu triunfo.

Mas que me importam tais coisas? Marte que as desfrute; Ênio[10] que se vanglorie e divulgue a fama. Tu viste – pois certamente ele se mostrou entre as sombras estígias – aquele chefe cujas mandíbulas se cobriram de sangue e cujo rosto gotejava negra corrupção. Insaciável, devorou a cabeça do inimigo infeliz que eu mesma lhe entreguei.[11]

Há pouco – não foi assim? – o estrondo de um tumulto terrível desceu até vós desde os astros. Contra mim se desencadeou aquela tempestade medonha; fui eu quem, misturada às armas do herói enlouquecido, riu dos deuses em guerra e da cólera imensa do raio. Agora, porém, confesso: o longo esforço esgotou meu espírito, e meu braço se tornou lento. O teixo infernal[12] definha no ar do céu, e a influência excessiva dos astros entorpece minhas serpentes desacostumadas.

Tu, que ainda possuis toda a tua raiva, cujas madeixas ainda se agitam, recém-saídas da fonte do Cócito, une tuas forças às minhas. Não preparamos uma luta vulgar nem uma batalha de Marte, mas irmãos. Embora a benigna Fé e a Piedade resistam, serão vencidas. Sim, irmãos desembainharão a espada num combate corpo a corpo. Obra magnífica! Cinjamo-nos de ódio mortal e de discórdia armada. Hesitas? Escolhe antes qual estandarte desejas levar.

Ambos são dóceis e farão nossa vontade; a multidão, porém, é instável, e receio as palavras da mãe e a língua persuasiva de Antígona, para que não atrasem em alguma medida o nosso plano. Até aquele que costuma cansar-nos com súplicas e chamar as Fúrias para vingarem seus olhos já sente a paternidade. Dizem que chora sozinho, longe da morada dos homens. Em verdade, não me agrada invadir Tebas e a casa que conheço tão bem sem teu auxílio.

Assume o comando do exilado ímpio, impele o argivo ao crime. Cuida para que o brando Adrasto não prevaleça, nem o exército de Lerna te detenha. Vai e retorna à luta mútua – minha adversária!"

[113] Assim distribuídas as tarefas, as irmãs seguiram por caminhos diferentes, como dos dois polos do mundo fazem guerra o Austro e o Bóreas, um nutrido nas neves rifeias,[13] o outro nas areias da Líbia. Rios, mares, nuvens e bosques ressoam; logo se veem os estragos, e os lavradores lamentam as perdas, mas ainda se compadecem dos marinheiros submersos no oceano.

Quando, do alto do Olimpo, o Pai excelso as viu contaminar o ar e percebeu o disco assustado de Hipérion manchado e obscurecido, começou com voz severa: "Deuses celestes, vimos o furor armado ser conduzido ao limite extremo

do que é permitido e uma guerra que ainda podia ser chamada legítima, embora um homem se lançasse ao combate sacrílego e ousasse cair por minha mão direita.

Agora, porém, aproxima-se um duelo indizível, combate ainda desconhecido da terra miserável. Não o contempleis! Nenhum deus favoreça tamanho crime; que ele se esconda até de Jove. Basta-me ter visto o banquete mortal de Tântalo, os altares culpados de Licaão e Micenas precipitar sobre o céu a marcha das estrelas.[14]

Mais uma vez o dia deve perturbar-se. Recebe, ó Terra, estas nuvens funestas, e cubra-se o firmamento. Quero poupar o céu e as divindades que me pertencem. Ao menos a estrela da donzela benigna[15] não contemple tais feitos, nem os irmãos filhos de Leda." Assim falou o Pai onipotente, desviou os olhos dos campos culpados e privou a terra de sua alegre e serena claridade.

[136] Enquanto isso, a filha de Érebo apressa-se pelos contingentes argivos no rastro de Polinices e o encontra junto ao próprio portão, incerto entre escapar de tantos horrores pela morte ou pela fuga.

Presságios também haviam atormentado seu espírito hesitante. Errando junto à fortificação durante as horas noturnas, aflito e mergulhado em profundo desespero, vira o fantasma da esposa Argia, com os cabelos arrancados e uma tocha fúnebre na mão – sinal vindo do céu! Sim, aquela era sua intenção, aquelas seriam as tochas que levaria ao marido.[16] Quando ele perguntou por que viera, qual era sua dor e o que significavam os emblemas de luto, ela apenas chorou e ocultou a chama em silêncio.

Ele sabia que não passava de visão funesta produzida pelo espírito: como poderia a esposa ter vindo de Micenas e aproximar-se das muralhas sem que ninguém o percebesse? Ainda assim, reconhecia a advertência do Destino e a proximidade da morte, e temia reconhecê-las. Mas, quando a Fúria do Aqueronte escancarado golpeou três vezes o chicote contra sua couraça, ele se inflamou sem medida; já não desejava sentar-se no trono, mas praticar o crime, derramar sangue e expirar no sangue do parente abatido. De súbito, dirigiu-se a Adrasto:

[155] "Embora tarde, ó pai, e em nossa hora extrema, enfim tomei uma resolução, eu, o último sobrevivente de meus companheiros e do povo de Argos. Quando o sangue aqueu ainda não fora derramado, então teria sido o momento de avançar com coragem e tentar o combate singular, sem expor a flor dos dânaos e as vidas sagradas dos príncipes, para coroar-me com uma glória que trouxe desgraça a cidades poderosas. Mas, já que passou a hora severa da virtude, permite ao menos agora que eu pague o que mereço.

Pois tu bem o sabes, pai, embora escondas profundamente as feridas e respeites a desgraça e a vergonha de teu genro: eu sou aquele que, enquanto governavas em paz e justiça - ah, miserável! antes tivesse outra cidade me acolhido! -, expulso da pátria e do trono...[17] Mas deixa para o fim o castigo contra mim. Desafio meu irmão - por que estremeces? Estou decidido - para um combate até a morte. Não me impeças; não conseguirás.

Mesmo que minha triste mãe e minhas infelizes irmãs se lançassem entre nossas armas; mesmo que meu pai se erguesse contra mim enquanto eu corresse ao combate e arremessasse sobre meu elmo as órbitas sem luz, eu não recuaria.

Devo beber todo o sangue de Ínaco que ainda resta e continuar tirando proveito de vossas mortes? Vi a terra abrir-se e escancarar-se por minha causa, e não fui ao socorro. Vi Tideo morto e fui responsável por seu crime. A indefesa Tégea[18] exige de mim seu príncipe, e a mãe desolada clama contra mim nas cavernas da Parrásia.[19] Não tive ânimo para subir às margens do Ismeno enquanto Hipomedonte manchava as águas de sangue, nem para escalar as torres tírias entre os trovões e unir meu furor ao teu, ó Capaneu.

Por que tamanho medo covarde pela própria vida? Mas darei a devida compensação. Reúnam-se todas as esposas e mães pelásgias, todos os pais idosos a quem roubei tantas alegrias e cujas casas deixei vazias. Combato meu irmão! Que mais resta fazer? Que contemplem e rezem pela vitória de Etéocles.

Agora, adeus, esposa minha, e adeus, doce Micenas! Tu, porém, pai amado - pois não sou o único culpado por estes males: o Destino e os deuses compartilham comigo a culpa -, sê benigno com minhas cinzas. Resgata meu corpo depois da luta, protege-o das aves e de meu irmão, leva minha urna de volta: é tudo o que peço. Quanto a tua filha, une-a a casamento mais digno."

[193] Todos romperam em lágrimas, como quando a primavera que retorna aquece as neves da Bistônia,[20] o imenso Hemo se dissolve e toda a Ródope se derrama em rios estreitados. O velho rei já começava a abrandar-lhe a fúria com palavras suaves, quando a cruel Fúria interrompeu o discurso com novos terrores. Assumindo a forma do ináquio Féreclo,[21] trouxe-lhe imediatamente o corcel veloz de pés alados e as armas fatais, e fechou-lhe os ouvidos aos conselhos fiéis com o capacete.

"Depressa!", gritou. "Não te demores! Dizem que ele também já marcha para os portões." Assim, vencido todo escrúpulo, agarra-o e coloca-o sobre o cavalo. Pálido como cinza, ele atravessa a planície aberta e volta os olhos para distinguir a sombra enorme da deusa.

[205] O chefe tírio oferecia em vão a Jove o sacrifício conquistado pelo golpe do raio, acreditando que os dânaos haviam perdido as armas. Nem o Pai celeste nem

qualquer outro deus, contudo, estavam junto aos altares. A funesta Tisífone, misturada aos ministros aterrorizados, aproximava-se e desviava as preces para o Tonante infernal.[22]

"Supremo dos deuses, a quem minha Tebas deve a origem - embora Argos maldita e Juno enfurecida sintam inveja -, desde que, como raptor, interrompeste as danças na praia sidônia, dignaste-te levar sobre o dorso uma donzela de nossa raça e soltaste falsos mugidos sobre o mar tranquilo! Não é em vão que acreditamos teres desfrutado pela segunda vez das núpcias cadmeias[23] e invadido as moradas tírias com poder irresistível. Enfim, enfim contemplas com gratidão teus parentes e as muralhas que amas, e envias o raio para vingá-las. Como se o próprio palácio celeste tivesse sido atacado, vimos-te acumular nuvem sobre nuvem em auxílio de nossas altas torres; reconhecemos com alegria tua marca benigna e os relâmpagos que nossos pais ouviram outrora.

Recebe agora nossos rebanhos, o incenso amontoado e o touro votivo. Recompensa digna não está ao alcance dos mortais; que nosso Baco e Alcides disputem o pagamento, pois para eles conservas estas muralhas."

[226] Falou. Uma chama turva saltou-lhe contra o rosto e as faces, agarrou o diadema nos cabelos e o queimou. Em seguida, antes mesmo de ser golpeado, o touro furioso salpicou o santuário com espuma ensanguentada e arremeteu loucamente contra a multidão que o cercava, carregando o altar nos chifres enlouquecidos. Os ministros se dispersam, e o adivinho procura consolar o rei. Com o coração abatido, ele ordena que o rito seja reiniciado e levado até o fim, e oculta os temores inquietos sob um semblante fingido.

Assim, quando o Tiríntio sentiu o fogo envolver-lhe os ossos e a veste do Eta aderir aos membros,[24] prosseguiu a oferenda já começada e derramou o incenso, ainda firme e resistindo ao tormento. Logo, porém, vencido pela dor, soltou um gemido, enquanto Nesso triunfante devastava-lhe as entranhas.

[239] Épito[25], ofegante e excitado pela pressa, abandona o posto do portão e corre para levar a notícia ao rei. Quase incompreensível, arquejando, diz ao príncipe angustiado: "Interrompe o culto piedoso e o sacrifício inoportuno, ó rei! Teu irmão cavalga ameaçador ao redor das muralhas; com lança e rédeas investe contra os portões que o impedem e, lançando desafios incontáveis, chama a ti, somente a ti, para o combate." Atrás dele, os companheiros aflitos choram, cada um reforçando as palavras com gemidos, enquanto o exército faz retinir as armas e se enfurece contra o inimigo.

O monarca suplica: "Agora era o momento,[26] ó Pai justíssimo dos deuses! Que mereceu Capaneu?" Um tremor de ódio profundo sacudiu o rei; ainda assim, ele se alegra em meio à cólera. Assim o touro que governa o rebanho, depois da tranquilidade proporcionada pelo exílio do rival, escuta com orelha

atenta o mugido do inimigo e reconhece o desafio. Permanece diante da manada consumido por ira imensa, exalando em espuma ardente a coragem; ora rasga ferozmente a terra com o casco, ora o ar com os chifres. Tremem os prados, e os vales assustados aguardam o combate.

[257] Os amigos não se mostram menos agitados: "Que golpeie em vão as muralhas!" "Com forças despedaçadas, ainda pode ousar tamanho atrevimento?" "A loucura leva os miseráveis a buscar o perigo, desprezar todo receio e odiar a segurança." "Permanece tranquilo no trono; nós repeliremos o inimigo. Ordena-nos a guerra!" Assim falam os que o cercam.

Eis, porém, que Creonte se aproxima, inflamado pela dor e exigindo para sua palavra o silêncio devido a um guerreiro. Meneceu[27] fere-lhe o coração e o conduz à ferocidade; o pai desconhece a paz. Procura-o, agarra-o, vê-o exalar do peito a corrente ensanguentada e cair incessantemente da torre cruel.

Quando viu Etéocles hesitante e recuando diante do combate, gritou: "Tu irás! Não, criminoso, já não suportaremos por mais tempo que permaneças impune, tu, irmão e príncipe, tornado poderoso pelas lágrimas e pelos sofrimentos de tua pátria, culpado diante das Fúrias celestes e desta guerra. Já expiamos por tempo suficiente teus perjúrios diante dos deuses indignados.

Esta cidade, outrora cheia de armas e riqueza, apinhada de cidadãos, tu a esvaziaste como peste enviada pelo céu ou flagelo nascido da terra; e ainda projetas tua alta sombra sobre seu deserto? Faltam homens para serem teus escravos. Uns jazem no chão sem a pira; outros já foram levados ao mar pelo rio natal. Uns procuram os próprios membros; outros cuidam de feridas inquietantes.

Vamos, devolve a nosso povo miserável os irmãos, os pais, os filhos; devolve os maridos a suas casas e lavouras! Onde está agora o poderoso Hipsêu? Onde o vizinho Drias? Onde estão as armas da Fócida ressonante e os chefes da Eubeia?[28] A eles, ao menos, matou o destino imparcial da guerra. Tu, porém, meu filho - ó vergonha! -, jazes como vítima, sim, vítima do trono, como animal mudo do rebanho, infeliz, aspergido com as primícias no altar de um rito profano e obrigado a morrer. E ele ainda hesita? Agora, quando é chamado, recusa o desafio? Ou o perverso Tirésias ordena que outro siga para o combate e inventa um segundo oráculo para trazer-me nova desgraça? Sim: por que Hemão[29] foi o único deixado a seu pai infeliz? Ordena-lhe que vá, e senta-te numa torre elevada para contemplar o espetáculo!

Por que te enfureces e olhas em volta para o séquito? Eles querem que vás e pagues a pena. Até tua mãe e tuas irmãs te odeiam. Teu irmão ameaça-te ardentemente com espada e morte, e destrói as severas barreiras dos portões. Não escutas?"

[297] Assim falou o pai, rangendo os dentes, arrebatado pela dor e pela raiva. O outro respondeu: "Não me enganas, nem é a morte gloriosa de teu filho que te move. Esse canto de luto e essas bravatas apenas convinham a um pai. Sob as lágrimas, porém, esconde-se a ambição: ambição e desejo secreto. Transformas a morte dele em máscara de esperanças delirantes e me pressionas como se fosses suceder-me no trono vazio.

A Fortuna ainda não abandonou por completo a cidade sidônia, a ponto de o cetro cair em tuas mãos, ó homem indigníssimo de filho tão valoroso! Nem seria difícil vingar-me agora mesmo. Mas primeiro: armas, armas, servos! Que os irmãos se encontrem na batalha. Creonte deseja algum alívio para a dor; aproveita minha cólera. Quando eu vencer, pagarás tudo." Assim adiou por algum tempo a disputa e recalcou a espada que a ira já lhe colocara na mão.

Como a serpente que, ferida ao acaso pelo pastor, ergue as espirais e reúne de toda a extensão do corpo o veneno na boca; mas, se o inimigo muda um pouco de caminho, as ameaças diminuem, o pescoço inutilmente inchado se abaixa e ela engole de volta o veneno da própria raiva.

[315] Quando a mãe soube da primeira notícia da calamidade, tomada por espanto - e não demorou a acreditar -, correu com o rosto e os cabelos dilacerados, o peito nu e ensanguentado, esquecida do sexo e da dignidade. Assim a mãe de Penteu[30] subiu as alturas da montanha em delírio para levar a feroz Lieo a cabeça prometida.

Nem as servas nem as filhas dedicadas conseguem acompanhá-la: tamanho vigor o desespero concede à mulher infeliz, e os anos enfraquecidos revivem sob a dor. O chefe já prendia à cabeça a glória do elmo, tomava os dardos afiados e observava o cavalo, que se alegrava com as trombetas e não temia o som da corneta, quando subitamente surgiu a mãe, terrível de contemplar. Ele e toda a comitiva empalideceram de medo, e o escudeiro recolheu a lança que lhe apresentava.

[329] "Que loucura é esta? De onde retornou o Espírito Maligno deste reino, novamente chamado à vida? Deveis então lutar um contra o outro no fim de tudo? Foi pouco conduzir exércitos rivais e dar o sinal para a matança? E depois, que lar aguardará o vencedor? Estes meus braços? Ó esposo terrível, doravante feliz em tua cegueira! Agora pagai a pena, olhos culpados! Devo ver este dia?

Para onde diriges, cruel, o olhar ameaçador? Por que rubor e palidez alternam-se em teu rosto, e os dentes cerrados sufocam murmúrios de ira? Ai de mim! Tu vencerás. Mas primeiro deves experimentar as armas dentro de casa: ficarei no umbral do portão, presságio funesto e imagem terrível da calamidade.

Estes cabelos brancos, estes seios deverão ser pisados por ti, maldito; sobre o ventre de tua mãe deverá passar este cavalo. Ah, poupa-me! Por que me afastas do caminho com escudo e espada? Não pronunciei contra ti maldições solenes aos deuses estígios, nem invoquei as Fúrias numa prece sem olhos. Escuta-me em minha aflição! É tua mãe, não teu pai, quem te suplica, cruel! Detém o crime e mede a extensão de tamanha loucura.

Mas teu irmão - dizes tu - golpeia as muralhas e ergue contra ti uma guerra sacrílega. Sim, pois nenhuma mãe, nenhuma irmã o impede; aqui, porém, todos te suplicam e todos lamentam. Lá, apenas Adrasto tenta dissuadi-lo - ou talvez o incite. Abandonarás o portão ancestral e os deuses, e sairás de meu próprio abraço para enfrentar teu irmão?"

[354] Em outra parte, Antígona atravessa furtivamente e em silêncio todo o tumulto - nem o pudor virginal a detém - e apressa-se, ardente, a subir ao cume da muralha ogígia. O velho Áctor[31] segue-a de perto, embora as forças não lhe permitam alcançar a altura da torre.

Por algum tempo hesitou diante do exército distante. Depois o reconheceu, infeliz, quando ele, entre provocações soberbas e golpes de lança, investia contra a cidade. Primeiro seus lamentos enchem o ar; em seguida, como se estivesse prestes a lançar-se da muralha, grita: "Depõe as armas e olha apenas um instante para esta torre, meu irmão. Volta para meus olhos essa crista eriçada! São inimigos que encontras? É assim que reclamamos a fidelidade e o pacto anual? É esta a justa queixa e a causa reta de um exilado inocente?

Pelo lar argivo, irmão - pois desprezas o lar tírio -, por qualquer alegria que tenhas ali, abranda-te! Vê: ambos os exércitos, ambos os povos te suplicam. Antígona, fiel aos sofrimentos de seus parentes, suspeita ao rei e irmã apenas tua, cruel, implora-te. Relaxa ao menos o cenho. Talvez pela última vez me seja permitido contemplar o rosto amado e ver se choras diante de meu lamento.

Neste momento nossa mãe o detém com lágrimas suplicantes e afasta, dizem, a espada desembainhada. Ainda permaneces inflexível comigo, comigo que noite e dia chorei teu exílio errante e tantas vezes abrandei a ira de nosso pai quando ela se erguia contra ti? Por que libertas teu irmão da culpa? Ele rompeu a fidelidade e a palavra jurada, ele é culpado e cruel contra os seus. Entretanto, vê: não comparece a teu desafio."

[382] Diante dessas palavras, a raiva de Polinices começou pouco a pouco a enfraquecer, apesar das censuras e da resistência da Fúria. Já relaxa o braço, já faz o cavalo girar com menos violência, já se cala. Gemidos escapam-lhe, o elmo confessa as lágrimas, a cólera se embota; sente vergonha tanto de partir como de ter vindo para o crime.

Subitamente, porém, o Monstro, empurrando a mãe para o lado, rompe o portão e arremessa Etéocles para fora, enquanto ele grita: "Aqui estou! Só me dói que tenhas sido o primeiro a desafiar. Não censures minha demora: minha mãe pendurou-se a meus braços e me reteve. Vamos, minha pátria, terra tão insegura de seus reis: agora, com certeza, pertencerás ao vencedor!"

O outro respondeu com igual ferocidade: "Enfim, criminoso, conservas a palavra e desces para um campo justo? Outra vez, depois de tantos dias, meu irmão, vem lutar! Nenhuma lei, nenhum tratado nos resta além deste." Assim falou, lançando ao parente um olhar de inimigo. No coração, irritava-o o séquito numeroso do outro, o elmo real, os arreios púrpura do cavalo e o ouro cintilante do escudo, embora ele próprio não estivesse pobremente armado e o manto brilhasse com esplendor incomum. Argia o confeccionara com arte meônia,[32] entretecendo com dedos hábeis fios de ouro na trama púrpura.

[403] Impelidos pelas Fúrias, avançam para a planície poeirenta, cada um aguilhoado e inspirado pela companheira.[33] Elas próprias conduzem as rédeas, ajustam os arreios e as armas reluzentes, e entrelaçam as serpentes às crinas dos cavalos. Estabelece-se então no campo o crime do sangue familiar, o combate terrível de um único ventre; sob os elmos, os rostos de dois irmãos se encontram como inimigos.

Tremem os estandartes, calam-se as trombetas, emudecem os cornos de Marte. Três vezes o soberano impaciente das regiões sombrias trovejou e sacudiu as profundezas da terra. Até os deuses da batalha fugiram: a ilustre Virtude não se mostrou em parte alguma; Belona apagou as tochas; Marte afastou o carro apavorado; a Donzela[34] recuou com a terrível cabeça da Górgona. Em lugar deles, vieram as irmãs estígias.

O povo miserável ocupa o alto dos telhados. Não há lugar que não esteja molhado de lágrimas, nem torre que não ressoe com lamentos. Aqui os velhos se queixam de terem vivido tanto; ali as mães, de seios nus, proíbem os filhos pequenos de olhar o combate. O próprio rei do Tártaro ordena que se abram as portas e que os mortos ogígios compareçam às monstruosidades de seus descendentes. Sentados nas colinas natais, eles contaminam o dia com a comitiva horrenda e alegram-se de ver seus próprios crimes superados.

[424] Quando Adrasto soube que os príncipes corriam para a luta perigosa trocando desafios em voz alta, e que a vergonha já não conseguia impedir o ato medonho, apressou-se até o lugar e conduziu pessoalmente o carro entre ambos, reverenciado tanto pela realeza como pelos anos.

Que poderia, porém, a autoridade de um estrangeiro entre homens que não respeitavam sequer os próprios seres amados? Ainda assim, suplica: "Filhos de Ínaco e de Tiro, devemos contemplar este horror? Pela justiça e pelos deuses,

pelas próprias leis da guerra, não persistais no furor! A ti, inimigo, eu suplico - embora, se tua raiva permitisse, não estivesses tão distante de mim pelo sangue. A ti, genro, também ordeno. Se é tão grande tua sede de reinar, abandono este manto real: vai e toma sozinho Lerna e Argos!"

Mas suas palavras não diminuem a cólera acesa nem detêm a decisão já tomada, assim como o Ponto Cita jamais impediria o choque das rochas Ciâneas,[35] mesmo que se erguesse em ondas arqueadas.

Quando vê as preces inúteis, as parelhas galopando para a batalha em duas nuvens de poeira e os príncipes enlouquecidos apalpando a correia dos dardos, foge, abandonando tudo - acampamento, exército, genro e Tebas - e impele Aríon,[36] embora o cavalo se volte sob o jugo e lhe dê um presságio fatal. Assim o guardião das sombras, terceiro herdeiro do universo,[37] depois da divisão cruel da sorte, saltou do carro e empalideceu, ao perceber que chegara ao Tártaro e perdera para sempre o céu.

[447] Ainda assim, a Fortuna não permitiu o combate; hesitou na abertura do crime e o atrasou por algum tempo. Duas vezes os ataques foram inúteis; duas vezes um acaso benigno desviou os cavalos em plena carga, e os dardos lançados caíram ao lado, puros do sangue contrário à natureza.

Eles puxam as rédeas[38] e, com aguilhões ferozes, excitam as parelhas inocentes. Então também um presságio terrível do céu perturba os exércitos, e de ambos os lados murmúrios percorrem as fileiras inquietas. Muitas vezes os guerreiros ardem por renovar a luta, avançar e colocar toda a formação no caminho dos miseráveis.

[457] Havia muito tempo a Piedade,[39] ofendida tanto pela terra quanto pela assembleia dos deuses, permanecia sentada numa região remota do céu, com vestes incomuns, semblante perturbado e as fitas arrancadas dos cabelos. Chorava a discórdia fraterna como irmã infeliz ou mãe ansiosa dos combatentes. Censurando em voz alta o cruel Jove e os Fados culpados, declarava que abandonaria o céu e a luz do dia para descer ao Érebo, pois já preferia as moradas do Estige.

"Por que, soberana Natureza, criaste-me para resistir às paixões dos seres vivos e, tantas vezes, dos próprios deuses? Já não sou nada entre os homens, em parte alguma sou reverenciada.

Ah, que fúria! Ai da humanidade! Ai da terrível arte de Prometeu![40] Quão feliz era o vazio da terra e do mar depois do tempo de Pirra! Eis a raça dos mortais!" Falou e, observando uma ocasião para o auxílio, exclamou: "Deixa-me ao menos tentar, ainda que seja inútil." Saltou do polo; sob as nuvens

escurecidas, um rastro branco como neve acompanhou os passos da deusa, embora ela estivesse triste.

Mal tocara a planície, uma paz repentina acalmou o furor dos guerreiros, e eles tomaram consciência do crime. Lágrimas umedeceram os rostos e os peitos, e um horror silencioso penetrou os irmãos. Revestida também de armas fingidas e de muitas aparências, ela grita ora a estes, ora àqueles: "Avançai! Movimentai-vos! Impedi-os! Vós que tendes em casa filhos, irmãos ou pessoas tão queridas!

Até aqui - não está claro? - os deuses se compadecem sem terem sido invocados. As armas caem, os cavalos hesitam, e o próprio Acaso resiste."

[482] Ela já conseguira agitar as fileiras hesitantes, quando a sombria Tisífone percebeu o engano e, mais veloz que o fogo celeste, lançou-se a seu lado, repreendendo-a: "Por que deténs os feitos audaciosos da guerra, divindade indolente e dedicada à paz? Retira-te, desavergonhada! Este campo e este dia pertencem a mim. Defendes tarde demais a Tebas culpada.

Onde estavas quando Baco declarou guerra e as orgias levaram as matronas às armas e à loucura? Onde permanecias ociosa enquanto a serpente de Marte bebia a corrente sacrílega, enquanto Cadmo arava, enquanto a Esfinge caía vencida, enquanto Édipo era interrogado pelo próprio pai na encruzilhada,[41] enquanto, à luz de minha tocha, Jocasta entrava no leito nupcial?"

Assim a censura e ameaça com hidras sibilantes e a tocha erguida. A outra recua diante de seu olhar e afasta para longe o rosto envergonhado; cobre os olhos com o manto e foge para apresentar sua queixa ao poderoso Tonante.

[497] Então os irmãos se inflamam com raiva ainda mais ardente. A batalha agrada, e os exércitos, novamente transformados, consentem em contemplá-la. Eles recomeçam a obra selvagem. O monarca ímpio aponta o dardo e é o primeiro a experimentar a sorte da lança mortal; mas, buscando passagem pelo centro do escudo, o ferro não penetra e é repelido pelo ouro maciço.

O exilado avança e pronuncia em voz alta uma prece funesta: "Deuses que o cego Édipo não invocou em vão para soprar a chama do crime, não vos faço um pedido injusto. Com este mesmo ferro expiarei meu ato e rasgarei o próprio peito, contanto que meu rival morra, deixe-me com o cetro na mão e, meu súdito entre as sombras, leve consigo esse sofrimento ao sepulcro."

A lança veloz passa entre a coxa do cavaleiro e o flanco do cavalo, desejando matar ambos. O golpe foi evitado pelo joelho curvado do homem; a ponta, frustrada em seu voto, encontrou de lado uma ferida nas costelas do animal.

Desprezando a rédea apertada, o cavalo dispara de cabeça e traça um arco de sangue no campo avermelhado. O outro exulta, pensando tratar-se do sangue do irmão; e o próprio Etéocles, assustado, pensa o mesmo. Polinices solta então todas as rédeas e se lança com impulso cego contra o cavalo ferido. Armas, freios e dardos confundem-se; ambos os animais perdem o apoio e são lançados ao chão.

Assim, durante a noite, duas embarcações que o Austro nublado prendeu uma à outra quebram os remos, emaranham os cabos e, lutando entre si e contra a tempestade ao longo das trevas, afundam juntas até o fundo. Tal era a aparência do combate.

[524] Sem técnica nem ordem, apenas com raiva e furor, eles se enfrentam. Através dos elmos veem as chamas do ódio e procuram com olhar ardente o rosto um do outro. Nenhum espaço os separa: as espadas se enredam, os braços se entrelaçam, e cada um recebe o grito do adversário como chamado de corneta ou trombeta.

Assim, quando a raiva precipita javalis rápidos como relâmpagos para a luta e levanta as cerdas em suas costas, o fogo treme nos olhos e as presas curvas como crescente retinem; de uma altura próxima, o caçador inquieto observa o combate e manda que os cães se calem. Com igual sede de sangue atacam-se os irmãos. Ainda não produzem golpes mortais, mas o sangue já corre: o crime está consumado.

Já não há necessidade das Fúrias. Elas apenas observam, admiram e louvam, lamentando que a raiva humana supere a sua. Cada um procura, com desejo enlouquecido, o sangue vital do irmão, sem perceber que o próprio também corre. Por fim, o exilado avança e, invocando o braço direito, cuja cólera é mais valorosa e cuja causa possui maior justiça dentro do crime, enterra profundamente a espada no corpo do parente, onde a parte inferior da couraça protege mal a virilha com suas escamas metálicas.[42]

O outro, ainda sem sentir dor, mas assustado pelo primeiro frio do ferro, recolhe os membros abalados atrás do escudo. Logo, cada vez mais consciente da ferida, ofega e luta para respirar. O adversário não o poupa enquanto recua, mas o insulta: "Para onde foges, irmão? Eis a languidez sonolenta, o sono exausto dos reis! Eis os longos anos de governo protegido! Aqui, porém, contemplas membros endurecidos pela privação e pelo exílio. Aprende a exercitar-te nas armas e deixa de confiar na Fortuna!"

[552] Assim lutam os infelizes. Restava ainda alguma vida, embora fraca, no rei criminoso, e as últimas gotas de sangue. Durante algum tempo poderia permanecer erguido, mas cai deliberadamente e, até no momento da morte, prepara o último engano. Um clamor assusta o Citerão,[43] e o irmão, acreditando

ter vencido, ergue as mãos ao céu: "Está bem! Meu voto foi atendido. Seus olhos estão pesados, e o rosto flutua na morte.

Alguém venha depressa! Retirai o cetro e o ornamento dos cabelos enquanto ele ainda consegue ver." Falando assim, aproximou-se e desejou tomar também as armas, como se fosse levá-las para adornar os santuários da pátria vitoriosa. Mas a vida do outro ainda não se extinguira, e ele conservava respiração suficiente para executar a ira vingadora. Quando percebeu que o irmão estava em pé sobre ele e se curvava para o corpo, ergueu a arma sem ser notado e chamou o ódio para fortalecer os débeis restos da vida. Agora feliz por morrer, deixou a espada cravada no coração do irmão.

Polinices disse: "Ainda vives? Tua malícia sobrevive, traiçoeiro, tu que jamais merecerás morada de paz? Vem comigo por este caminho para as sombras! Também ali exigirei meus direitos, se ainda permanece em pé a urna de Cnossos do juiz agenórida,[44] pela qual os reis podem ser castigados." Nada mais falou; caiu e esmagou o irmão sob todo o peso do corpo armado.

[574] Ide, almas selvagens, contaminai com vossa morte o Tártaro funesto e esgotai todos os castigos do Érebo! E vós, deusas estígias, poupai agora os sofrimentos da humanidade. Em todas as terras e ao longo de todas as eras, que apenas este dia tenha contemplado crime tão terrível. Que a posteridade esqueça o horror infame e que somente os reis contem esse combate.

[580] Quando soube que o ato medonho estava consumado, o pai rompeu a escuridão profunda e exibiu no portão terrível seu cadáver vivo. Os cabelos brancos e a barba estavam imundos e endurecidos pelo sangue antigo; madeixas coladas pelo sangue cobriam-lhe a cabeça perseguida pelas Fúrias. As faces e as órbitas eram profundas, e repulsivos os vestígios de onde arrancara a visão. A donzela[45] sustenta-lhe o braço esquerdo, que nela deposita todo o peso; a direita apoia-se num bastão.

Parecia que o sulcador do lento Averno,[46] tomado de repugnância pelas sombras, abandonara a barca e subira ao mundo dos vivos, assustando o sol e as estrelas pálidas, embora ele próprio não pudesse suportar por muito tempo o ar celeste. Enquanto o barqueiro se demora, cresce a fila interminável e, ao longo das margens, gerações inteiras aguardam.

Assim Édipo avança pela planície e diz à companheira em meio à dor absoluta: "Conduze-me a meus filhos, eu te peço, e coloca o pai sobre os corpos recém-abatidos." A jovem hesita, sem saber qual é sua intenção. Armas, homens e carros bloqueiam-lhes a passagem, enredam-nos e atrasam-nos. Os passos do velho vacilam sobre a carnificina amontoada, e sua guia infeliz luta com grande dificuldade.

Quando o grito da virgem denunciou os corpos procurados durante tanto tempo, ele se lançou de corpo inteiro sobre os membros frios. O velho não disse palavra: permaneceu ali, gemendo sobre as feridas ensanguentadas, e as palavras tantas vezes tentadas não vieram. Por fim, enquanto apalpava e procurava sob os elmos os rostos escondidos, o pai encontrou voz para a dor longamente calada:

[605] "Tão tarde, depois de tanto tempo, vens tu, afeição, dominar meu coração? A misericórdia habita este peito humano? Ah, venceste, Natureza, venceste este pai miserável! Vê, eu choro, e minhas lágrimas escorrem sobre estas feridas secas. Esta mão culpada acompanha-as, golpeando meu peito como a mão de uma mulher.

Recebei estas exéquias adequadas a vossas mortes profanas, ó cruéis, filhos verdadeiramente meus! Não consigo reconhecer meus filhos nem dirigir a cada qual as palavras certas. Dize-me, filha, eu imploro: qual deles estou abraçando? Com que honras pode alguém tão cruel quanto eu celebrar agora vossos ritos? Ah, se meus olhos me fossem devolvidos para que eu os arrancasse outra vez! Se eu pudesse descarregar a raiva sobre meu rosto como fiz outrora!

Ai de mim! Malditas preces e maldições de um pai, atendidas com fidelidade excessiva! Que deus estava ao meu lado quando rezei, recolheu minhas palavras e as levou aos Fados? Foram a loucura, a Fúria, meu pai, minha mãe, meu reino e meus olhos caídos que causaram estes males - não eu! Juro por Dis, pelas trevas que amei e por esta guia inocente: assim eu possa descer ao Tártaro por uma morte digna e a sombra de Laio não se afaste de mim com cólera!

Ai, que abraços fraternos são estes? Que feridas são estas que toco? Soltai as mãos, eu vos suplico, relaxai enfim os laços mortais. Agora, ao menos, permiti que vosso pai se coloque entre vós." Entre tais lamentos, pouco a pouco preparara o espírito para a morte e, em segredo, para que a filha não o impedisse, procurava uma arma. Mas a prudente Antígona retirara de seu alcance as espadas.

Então o velho exclamou com ira: "Onde estão as armas da morte? Ai, Fúrias! A lâmina desapareceu inteira dentro dos corpos?" A débil companheira o ergue enquanto ele fala e esconde a própria dor silenciosa, alegrando-se de que a tristeza finalmente tenha tocado o pai selvagem.

[634] A rainha, porém, aterrorizada pelo clamor que anunciava o início do duelo, retirara então de seu aposento a célebre espada, despojo lamentável do rei Laio.[47] Depois de muitas queixas contra os deuses superiores, o leito funesto, a loucura dos filhos e a sombra do primeiro marido, tentou ferir-se com a mão direita. Apenas com dificuldade, inclinando o corpo para a frente, conseguiu fazer o ferro entrar no peito. A ferida rompeu as veias envelhecidas, e o sangue purificou o leito condenado.

Enquanto a lâmina rangia contra o peito descarnado, Ismene caiu sobre ela e procurou estancar a ferida com os cabelos e as lágrimas. Assim, no bosque de Maratona, a dolorosa Erígone[48] chorou longamente o pai assassinado e, já soltando o cinto fatal, decidida a morrer, prendia-o aos galhos robustos.

[648] A Fortuna, alegre por ter frustrado as esperanças de ambos os príncipes, transferira com mão rancorosa o cetro do reino de Anfíon para outro senhor: Creonte possuía agora o poder de Cadmo. Que fim miserável para a guerra! Foi por ele que os irmãos combateram. A descendência de Marte[49] o proclama, e Meneceu, há pouco oferecido para salvar a cidade, torna-o querido ao povo.

Ele sobe ao trono da Aônia aflita, trono que leva os tiranos à morte. Ah, poder lisonjeiro! Ambição que aconselha o mal! Os novos governantes jamais aprenderão com o exemplo dos antigos? Vê: ele se alegra em ocupar o lugar amaldiçoado e exercer um domínio sangrento. De que serves agora, Fortuna mais benigna? Já começa a embotar os sentimentos de pai e, uma vez no trono, a apagar Meneceu do coração.

Primeiro, impregnado pelos costumes selvagens do palácio e desejando oferecer prova e amostra de seu governo, ordena que os dânaos sejam privados do fogo funerário. Deixa o exército infeliz sob a abóbada nua do céu e as sombras tristes sem repouso.[50]

Depois, ao encontrar Édipo que regressava junto à entrada do portão ogígio, por um instante recuou e reconheceu em silêncio a própria inferioridade, contendo a ira pronta. Logo, porém, reassume o rei e censura com maior audácia o inimigo cego: "Retira-te, presságio odioso para os vencedores! Leva para longe tuas Fúrias e purifica com a partida as muralhas tebanas. Cumpriu-se a esperança que sustentaste por tanto tempo: vai, teus filhos estão mortos. Que desejos te restam?"

[673] Um tremor de delírio sacudiu Édipo; as faces miseráveis estremeceram como se ele visse, e a velhice abandonou-lhe o corpo. Repelindo a filha e o bastão, sustentado apenas pela cólera, soltou um grito de indignação:

"Já encontraste tempo para ser cruel, Creonte? Há pouco chegaste por artifício ao meu trono e ao posto que ocupava, miserável, e já te é permitido pisotear a ruína dos reis? Já impedes os vencidos de receber sepultura e expulsas nossos parentes da própria cidade? Muito bem! És capaz de defender dignamente o cetro de Tebas. Este é teu primeiro dia de poder; por que limitas com tanta insensatez a nova autoridade? Por que distribuis com avareza um cargo tão vasto?

Ameaças-me com o exílio. Isso é apenas crueldade tímida num monarca. Por que não ensopas imediatamente a espada voraz? Tens o poder, acredita em mim!

Algum servo apareceria desejoso de obedecer e cortaria sem medo meu pescoço que não oferece resistência.

Começa, pois! Ou esperas que eu me prostre e, com mão suplicante, procure os pés de meu senhor severo? Mas, ainda que eu tentasse, tu permitirias? Podes ameaçar-me com algum castigo? Julgas que ainda me resta algum terror? Ordenas que eu abandone o palácio? Céu e terra abandonei por vontade própria; sem ser constrangido, voltei contra meus olhos a mão vingadora. Que ordem tua poderia igualar-se a isso, rei malicioso?

Fujo e deixo uma terra profana. Que importa para onde levarei minha cegueira e minha morte prolongada? Devo temer que algum povo se recuse a conceder-me o espaço de terra suficiente para cobrir meu cadáver miserável? Mas Tebas é doce! Sim, aqui meu nascimento é mais célebre; aqui astros mais benignos alegram minha visão; aqui estão minha mãe e meus filhos!

Conserva Tebas e governa-a, com a fortuna de Cadmo, de Laio e a minha. Casa-te assim e gera filhos fiéis! Falte-te coragem para escapar com a própria mão aos golpes da Fortuna e, quando estiveres preso nas redes, ama então a vida. Pronto: já te desejei bênçãos em demasia![51] Vem, filha, conduz-me para longe. Mas por que te faço compartilhar meus sofrimentos? Dá-me um guia, grande soberano!"

[708] A infeliz Antígona teme ser deixada para trás e suplica de outro modo: "Por teu trono abençoado pelo céu, venerável Creonte, e pela sombra sagrada de Meneceu, perdoa-o em sua aflição e desculpa as palavras orgulhosas. O longo sofrimento deu-lhe essa maneira de falar. Não é apenas contigo que se mostra tão áspero; da mesma forma se dirige aos deuses e ao Destino. A desgraça endureceu-o, e até comigo muitas vezes é grosseiro. Há muito tempo habitam em seu coração indomável uma liberdade sufocada e o desejo selvagem de uma morte impiedosa.

Agora, vê: em sua astúcia, desperta tua cólera e deseja que o castigues. Tu, porém, eu te imploro, desfruta os bens maiores de teu reino; do alto de tua posição, não olhes para os que caíram e respeita as grandes ruínas dos antigos reis. Ele também esteve outrora elevado num trono e cercado de armas, e, imparcial para com poderosos e humildes, oferecia auxílio e justiça aos miseráveis. Agora, de todos os exércitos, possui apenas uma jovem companheira; ainda não conheceu o exílio.

Pode ele ameaçar tua felicidade? Avanças contra ele com ódio e com toda a força do reino? Expulsas de tua casa para que não gema alto demais à porta e te encontre com súplicas importunas? Não temas: longe de teu palácio ele lamentará. Eu dominarei seu espírito orgulhoso e lhe ensinarei submissão; afastá-lo-ei das reuniões dos homens e o esconderei num lugar solitário.

Será um proscrito. Mesmo que vagueie, que muralhas estrangeiras se abrirão para ele? Desejas que vá a Argos e se arraste como mendigo até Micenas inimiga? Que narre a matança dos aônios diante dos portões de Adrasto vencido e peça algum resto de auxílio para um rei tebano? Agrada-te que conte os crimes de nossa raça infeliz e exponha toda a vergonha de sua condição?

Esconde-nos, eu te suplico, seja o que for que somos. Não é favor demorado, ó Creonte: tem piedade da velhice e permite-me aqui, sim, aqui, eu imploro, dar repouso ao espírito infeliz de meu pai. Certamente até os tebanos podem receber sepultura!"

[739] Assim suplica, prostrada no chão. O pai a conduz para longe entre palavras furiosas, desprezando o perdão. Assim o leão diante do qual, em sua juventude, tremiam bosques e montanhas, agora jaz indolente sob alta rocha, desarmado pela idade. Mesmo velho, porém, conserva aspecto terrível e não permite aproximação. Se o rumor dos mugidos chega aos ouvidos cansados, ele se ergue, recorda o que era e geme porque a força se quebrou e outros leões governam as planícies.

[748] O monarca comove-se com a súplica, mas não concede tudo às lágrimas; restringe uma parte do favor: "Não serás mantido longe das fronteiras de tua terra, contanto que não profanes com tua presença seus santuários e casas sagradas.

Que os bosques selvagens do Citerão te abriguem. Eis uma morada adequada para tua escuridão: o lugar em que se travou o combate e duas raças jazem em sangue." Assim falou e, tomado de orgulho, entre os aplausos fingidos da comitiva e o pranto do povo, dirigiu-se aos portões do palácio.

[757] Enquanto isso, os pelásgios derrotados retiram-se furtivamente do acampamento fatal. Ninguém possui os próprios estandartes nem chefe para seguir. Caminham em silêncio, dispersos em fuga; em lugar de uma morte gloriosa, conservam uma vida sem honra e um regresso vergonhoso. A Noite favorece os fugitivos e os envolve numa escuridão bem-vinda.

NOTAS AO LIVRO XI

1. Flegra é o campo mítico da Gigantomaquia. Encélado, um dos Gigantes, teria sido soterrado sob o Etna por Júpiter ou Atena; as erupções eram atribuídas a seus movimentos.

2. Tício tentou violentar Latona, mãe de Apolo e Diana. No mundo inferior, seu corpo gigantesco era continuamente devorado por aves, enquanto o fígado ou as entranhas renasciam.

3. Os "guerreiros de Agenor" são os tebanos. Agenor, rei fenício, era pai de Europa e ancestral de Cadmo, fundador de Tebas.

4. A Massília antiga correspondia a uma região da Numídia e da Mauritânia, no norte da África, célebre na poesia por leões e outros animais selvagens.

5. Eurimedonte é apresentado por Estácio como filho de Pã, explicação mítica de suas armas pastorais e de sua habilidade para espalhar pânico, palavra também associada ao nome do deus.

6. Tirinto era ligada a Hércules, filho de Anfitrião em sua genealogia humana. Seus soldados imitam a pele do leão de Nemeia, a clava e a aljava do herói.

7. Enieu é o trombeteiro argivo. A imagem da trombeta que termina sozinha o toque, depois da morte do músico, prolonga de modo macabro o sinal de retirada.

8. Megera e Tisífone são duas das três Erínias ou Fúrias; a terceira é Alecto. Estácio divide entre as duas irmãs a preparação do duelo fratricida.

9. Jove volta os olhos aos "fogos do Etna", isto é, aos raios. O chamado de Tisífone parece ameaçar outro ataque contra o céu, como o de Capaneu.

10. Ênio é uma divindade grega da guerra, frequentemente identificada ou associada à romana Belona.

11. O chefe é Tideo, que, no Livro VIII, devora a cabeça de Melanipo. Tisífone considera essa antropofagia uma de suas realizações mais gloriosas.

12. O teixo, árvore de madeira escura e venenosa, era associado ao mundo dos mortos. A tocha da Fúria teria sido feita com essa madeira infernal.

13. Os montes Rifeus eram uma cordilheira imaginária situada no extremo norte do mundo, morada das neves e origem do vento Bóreas.

14. Tântalo serviu aos deuses a carne do filho Pélops; Licaão ofereceu carne humana a Júpiter. Em Micenas, o Sol desviou o curso quando Atreu apresentou a Tiestes a carne dos próprios filhos.

15. A "donzela benigna" é Astreia, frequentemente identificada com a Justiça e transformada na constelação de Virgem. Os irmãos de Leda são os Dióscuros, Castor e Pólux.

16. A visão antecipa o Livro XII: Argia chegará de noite ao campo de batalha com Antígona, levando fogo para os funerais de Polinices.

17. A frase de Polinices fica deliberadamente interrompida. A quebra sintática exprime a excitação e a vergonha com que recorda a chegada como exilado à corte de Adrasto.

18. Tégea representa a Arcádia e reclama Partenopeu, seu jovem príncipe, morto no Livro IX.

19. A Parrásia é uma região da Arcádia. A mãe de Partenopeu é Atalanta, caçadora que vivia nas montanhas e cavernas arcádias.

20. Bistônia, Hemo e Ródope pertencem à Trácia. O derretimento das neves oferece uma imagem da abundância repentina das lágrimas.

21. Féreclo é um guerreiro argivo cuja aparência Megera assume para armar Polinices e afastá-lo dos conselhos pacificadores de Adrasto.

22. O "Tonante infernal" é Plutão ou Dis. Tisífone desvia para ele um sacrifício que Etéocles acredita oferecer a Júpiter celeste.

23. As primeiras núpcias referidas são as de Júpiter com Europa, filha de Agenor. As "núpcias cadmeias" são a união do deus com Sêmele, filha de Cadmo e mãe de Baco.

24. Hércules morreu no monte Eta depois de vestir a túnica impregnada com o sangue envenenado do centauro Nesso, enviada por Dejanira como suposto filtro amoroso.

25. Épito é o vigia tebano que anuncia a Etéocles a chegada e o desafio de Polinices.

26. Etéocles sugere ironicamente que Júpiter deveria ter guardado o raio para Polinices: diante do irmão, a impiedade de Capaneu lhe parece pequena.

27. Meneceu, filho de Creonte, sacrificou-se no Livro X para salvar Tebas. A recente morte transforma a dor do pai em acusação contra Etéocles.

28. Hipsêu, Drias, os fócios e os chefes eubeus são combatentes tebanos mortos durante a guerra. Creonte contrasta a morte honrosa deles com o sacrifício imposto a Meneceu.

29. Hemão é o outro filho de Creonte e, na tradição trágica, noivo de Antígona. Creonte acusa Etéocles de poupar Hemão enquanto expõe todos os demais cidadãos.

30. Agave, mãe de Penteu, despedaçou o próprio filho durante o delírio báquico e levou-lhe a cabeça, acreditando carregar a de um animal. Lieo é um epíteto de Baco.

31. Áctor é o velho acompanhante de Antígona. Sua idade e fraqueza realçam a pressa e a resolução da princesa.

32. "Arte meônia" significa arte lídia. A Lídia, chamada também Meônia, era célebre pela tecelagem; Argia bordara pessoalmente o manto do marido.

33. Cada irmão é conduzido por uma Fúria: Megera acompanha Polinices e Tisífone, Etéocles.

34. A "Donzela" é Palas Atena. Até as divindades guerreiras abandonam o campo, pois o duelo viola as leis comuns da guerra.

35. As rochas Ciâneas ou Simplégades, na entrada do mar Negro, chocavam-se uma contra a outra até a passagem dos Argonautas.

36. Aríon é o cavalo divino de Adrasto, filho de Netuno e da deusa Deméter segundo uma tradição. Seus presságios e velocidade salvam o rei da ruína argiva.

37. Depois da divisão do universo entre os filhos de Saturno, Júpiter recebeu o céu, Netuno o mar e Plutão, o "terceiro herdeiro", o mundo inferior.

38. Os irmãos puxam as rédeas para impedir que os cavalos se desviem novamente e frustrem a investida.

39. Piedade traduz pietas, força que protege os deveres naturais e religiosos, sobretudo os vínculos entre pais, filhos e irmãos. Por isso ela apela à própria Natureza.

40. Prometeu moldou os primeiros homens. A deusa lamenta que sua arte tenha povoado novamente o mundo; Pirra e Deucalião repovoaram a terra depois do dilúvio.

41. Cadmo matou a serpente de Marte, que antes destruíra seus companheiros, e semeou-lhe os dentes na terra. Édipo encontrou e matou Laio, sem reconhecê-lo, numa encruzilhada.

42. O latim usa plumae, "penas", para as pequenas lâminas metálicas sobrepostas como escamas na couraça. A tradução explicita sua função defensiva.

43. O grito dos espectadores anuncia a suposta vitória de Polinices e faz ecoar o monte Citerão.

44. O juiz agenórida é Minos, filho de Europa e, portanto, descendente de Agenor. Reinava em Cnossos e julgava as almas no mundo inferior por meio de uma urna.

45. A donzela que guia Édipo é Antígona.

46. O "sulcador do Averno" é Caronte, barqueiro que atravessa as almas pelo rio infernal. A demora dele faria crescer a multidão à espera nas margens.

47. Jocasta utiliza a espada de Laio, morto por Édipo. A arma reúne simbolicamente o primeiro crime da família e a catástrofe final.

48. Erígone enforcou-se ao encontrar o corpo do pai Icário, assassinado por camponeses da Ática. A tradição liga o episódio ao território de Maratona.

49. A "descendência de Marte" são os tebanos nascidos, segundo o mito, dos Espartos, guerreiros brotados dos dentes do dragão de Marte semeados por Cadmo.

50. A proibição de sepultar os argivos prepara o conflito do Livro XII: Antígona e Argia desafiarão o decreto, e as mulheres de Argos buscarão auxílio em Atenas.

51. A fórmula de bênção é inteiramente irônica. Édipo deseja a Creonte a mesma fortuna desastrosa de Cadmo, Laio e dele próprio.

LIVRO XII

[1] A aurora vigilante ainda não expulsara do céu todas as estrelas, e a Lua contemplava com o chifre voltado a aproximação do dia, quando Titônia[1] dispersa em fuga apressada as nuvens e prepara a vasta abóbada celeste para o retorno de Febo. Já as tropas de Dirce saem errantes de suas moradas exíguas e se queixam da noite tardia. Embora somente então tivessem repousado e alcançado o primeiro sono depois da batalha, uma paz inquieta lhes proíbe o descanso, e a vitória ainda se recorda dos horrores da guerra.

Mal ousam, a princípio, avançar e destruir as obras de defesa; mal se atrevem a abrir inteiramente os portões. Ressurgem os antigos temores e o pavor da planície abandonada. Assim como, aos homens por muito tempo sacudidos no mar, a terra parece oscilar quando primeiro a pisam, eles ficam imóveis e espantados porque nada os ataca, e imaginam que os exércitos mortos tornam a erguer-se.

Assim, quando as aves idálias[2] veem uma serpente fulva subir pelo limiar de uma torre elevada, recolhem para dentro os filhotes e, com as garras, formam uma muralha diante da ninhada, agitando para o combate asas pouco guerreiras. Embora o réptil logo recue, o bando branco continua a temer o ar vazio; e, quando por fim se aventura a voar, estremece de terror e ainda olha para trás do meio da abóbada celeste.

[22] Saem em direção à multidão exangue e aos restos do exército abatido, para onde quer que os conduzam a dor e a indignação, guias manchadas de sangue. Uns contemplam as armas; outros, os corpos; outros apenas os rostos dos mortos, ao lado de membros estranhos. Alguns choram diante dos carros e dirigem a palavra - tudo o que lhes resta fazer - aos cavalos privados dos donos; outros imprimem beijos em feridas escancaradas e lamentam a bravura dos que morreram.

Separam os montes frios de cadáveres. Surgem mãos decepadas ainda agarradas a lanças e cabos de espadas, e flechas cravadas nos olhos. Muitos não encontram vestígio algum dos seus mortos e correm de um lado para outro, com a dor sempre pronta e à beira de irromper. Em torno dos corpos desfigurados nasce ainda uma disputa digna de compaixão: quem lhes prestará os ritos, quem celebrará o funeral? Muitas vezes também se enganam - enquanto a Fortuna

deles escarnece - e choram inimigos; não era fácil distinguir que carnificina deveriam evitar e qual poderiam pisar.

Aqueles cujas casas não sofreram perda e que foram poupados de toda angústia vagueiam pelas tendas abandonadas dos dânaos e lhes ateiam fogo; ou, tanto quanto podem depois da batalha, procuram onde jaz Tideo coberto de pó, se ainda está aberta a fenda que arrebatou o adivinho, onde tombou o inimigo dos deuses e se as brasas celestes ainda fumegam entre os membros de Capaneu.

A luz do dia já se apagara sobre suas lágrimas, e nem o Vésper tardio os afastou. Em sua miséria, amam o próprio lamento e alimentam-se da dor. Não regressam às casas, mas permanecem toda a noite sentados junto aos cadáveres e, chorando-os alternadamente, mantêm as feras afastadas com fogueiras e gemidos. Seus olhos não se fecham sob a doce influência dos astros, nem podem fechar-se por causa do pranto incessante.

Pela terceira vez Aurora disputou com o astro da manhã. Já as montanhas estão despojadas; chegaram os grandes troncos do Teumeso, glória dos bosques, e a madeira do Citerão, amiga da pira funerária. Sobre altos montes de lenha ardem os corpos da raça destruída. As sombras ogígias alegram-se com a homenagem derradeira; mas a multidão grega, privada de sepultura, levanta um lamento compassivo e, gemendo, esvoaça ao redor dos fogos proibidos.

Nem o espírito cruel do feroz Etéocles recebe as honras de príncipe. Por decreto, seu irmão continua sendo considerado argivo, e a sombra proscrita é repelida para longe.

[60] Meneceu, porém, não é permitido por Tebas nem por seu pai, o rei, arder numa pira vulgar. Nenhum amontoado comum de lenha forma o túmulo costumeiro; ergue-se uma fogueira guerreira de carros, escudos e todas as armas dos gregos. Sobre os troféus acumulados do inimigo, ele próprio é colocado como vencedor, os cabelos ornados de louro portador da paz e de faixas de lã: tal como o Tiríntio, chamado pelos astros, se deitou jubiloso sobre o Eta em chamas.[35]

Sobre a pira, o pai sacrifica vítimas ainda vivas, prisioneiros pelásgios e cavalos enfreados, consolação oferecida à sua bravura guerreira. Sobre eles tremulam as chamas elevadas, e por fim irrompem os gemidos paternos: "Ah, se não te houvesse possuído o desejo irresistível de nobre glória, meu filho, terias sido venerado ao meu lado e talvez governasses a cidade de Equíon. Agora, porém, amarguras minhas alegrias futuras e tornas ingrato o peso do reino.

Ainda que tua virtude infalível habite o céu entre as assembleias dos deuses - como verdadeiramente creio -, eu te chorarei para sempre, embora sejas uma

divindade. Que Tebas te erga altares e consagre templos elevados; permite que apenas teu pai te lamente.

E agora, ai de mim, que ritos dignos, que pompa funerária poderei prodigalizar sobre teu túmulo? Nem mesmo se eu pudesse misturar Argos funesta e Micenas abatida às tuas cinzas, e lançar-me sobre elas - eu, que alcancei a vida, ó horror, e o poder real pelo sangue de meu filho! Terão um só dia e uma mesma guerra sacrílega enviado ao Tártaro, juntos, a ti, menino, e àqueles irmãos terríveis? Estarão agora Édipo e eu igualados pela dor? Semelhantes, de fato, são as sombras que choramos, ó justo Jove!

Recebe, meu filho, novas oferendas para adornar teu triunfo; recebe este cetro soberano de minha destra e esta coroa altiva que me cinge a fronte, presentes que deste a teu pai - pequena alegria, de fato! Como rei, sim, como rei te contemple a sombra sombria de Etéocles!"

[92] Dizendo isso, despoja a cabeça e a mão de seus ornamentos e, inflamado pela ira, prossegue com violência maior: "Venham, pois, chamar-me feroz e desumano, se proíbo que os mortos de Lerna ardam contigo! Quisera eu devolver-lhes por algum tempo a vida, expulsar suas almas culpadas do céu e do Érebo, e eu mesmo, sim, eu mesmo, procurar feras selvagens e aves de bico recurvo e mostrar-lhes os membros malditos dos príncipes!

Ai de mim, porque a terra benigna e o passar do tempo os dissolverão onde jazem! Por isso repito, uma e outra vez, meu severo decreto: ninguém ouse conceder aos pelásgios o auxílio do fogo derradeiro, ou pagará o feito com a morte e completará a conta dos cadáveres. Pelos deuses do alto e pelo grande Meneceu, eu o juro!" Falou, e os companheiros o arrastaram dali e o conduziram ao palácio.

[105] Enquanto isso, um triste cortejo de mulheres ináquias, viúvas e privadas dos seus - atraídas, infelizes, pelas notícias funestas -, apressava-se como multidão cativa desde a desolada Argos. Cada uma trazia feridas próprias; todas tinham a mesma aparência, com os cabelos soltos sobre o peito e as vestes cingidas bem alto. Os rostos, lacerados pelas unhas cruéis, escorriam sangue, e os braços delicados estavam inchados pelos golpes.

À frente das irmãs abatidas, a desamparada Argia, rainha do cortejo vestido de negro, procura o caminho, apoiando-se nas criadas aflitas e, a cada momento, esforçando-se para tornar a ficar de pé. Não pensa no pai nem no palácio real. Uma única devoção enche-lhe o coração; um único nome, o do amado Polinices, ocupa-lhe os lábios. Desejaria esquecer Micenas e fazer de Dirce e da cidade funesta de Cadmo sua morada.

Em seguida, Deípile, tão ardente quanto a irmã, conduz mulheres calidônias misturadas ao cortejo de Lerna para as exéquias de Tideo. A infeliz soubera do crime do marido e de sua ímpia mordida; mas o amor, na aflição, tudo perdoa ao morto. Depois dela vem Nealce, de aparência feroz, embora desperte compassiva piedade, e chora Hipomedonte com a dor que lhe é devida. Então chega a esposa culpada do adivinho, condenada, ai dela, a construir uma pira vazia.

A companheira desolada da Diana menália conduz os últimos grupos de mulheres enlutadas, junto de Evadne, amarga de coração: a primeira lamenta com queixas as façanhas do filho audaz; a segunda, recordando o esposo gigantesco, chora furiosamente e se enfurece contra o alto céu.

Hécate as contemplou de seus bosques do Liceu e, chorando, acompanhou-lhes o caminho. Quando se aproximaram da costa dupla, a mãe tebana lamentou do túmulo ístmico; Eleusis[3], embora afligida por sua própria dor, chorou a multidão que caminhava de noite e mostrou-lhe os fogos místicos para guiar os passos errantes. A própria Saturnia[4] conduz a marcha, para que os seus não as encontrem e lhes impeçam a passagem, e para que não se perca a glória de tão grande empreendimento.

Além disso, Iris recebe ordem de conservar os cadáveres dos príncipes: lava-lhes os membros em decomposição com orvalhos misteriosos e líquidos de ambrosia, para que resistam por mais tempo e esperem a pira, sem perecer antes que as chamas os alcancem.[36]

[141] Eis que Ornito, com o rosto macilento e pálido por uma ferida aberta - perdera os companheiros e mal podia mover-se por causa de um golpe recente -, avança debilmente e em cautela temerosa por desertos sem caminhos, apoiado numa lança partida.

Quando, espantado, viu as solidões agitadas por tumulto estranho e o cortejo de mulheres, tudo o que restava vivo do exército de Lerna, não perguntou qual era a viagem nem sua causa - era evidente -, mas dirigiu-se a elas em tom lamentoso: "Para onde, infelizes, para onde vos dirigis? Esperais obter fogueiras funerárias para vossos heróis mortos? Um guarda dos cadáveres permanece ali sem dormir e, em nome do rei, conta os corpos insepultos.

Não há lugar para lágrimas; todos os que ousam aproximar-se são expulsos para longe. Apenas feras e aves recebem licença de chegar. Prestará o justo Creonte algum respeito à vossa dor? Mais facilmente alguém dobraria os altares impiedosos de Busíris, o estábulo voraz do trácio ou as divindades sicilianas.[5] Talvez ele vos capture como suplicantes, se conheço seu espírito; e não vos matará sobre os corpos de vossos esposos, mas longe das sombras que amais.

Fugi, portanto, enquanto o caminho está seguro. Voltai a Lerna e gravai - isto ainda podeis fazer - os nomes dos que perdestes em sepulcros vazios; chamai as almas ausentes para túmulos sem moradores.

Ou implorai o auxílio de Cécrope. Dizem que Teseu se aproxima, regressando em triunfo da vitória nas margens do Termodonte.[6] Somente pela força das armas Creonte aprenderá a ser humano." Assim falou. Em meio às lágrimas, elas ficaram horrorizadas; o grande entusiasmo da marcha foi ferido pelo pavor, e todos os rostos se enrijeceram numa mesma palidez.

Assim, quando o rugido faminto de uma tigresa hircânia chega pelo vento às novilhas mansas, o terror domina o campo inteiro ao som, e todas se enchem do mesmo medo: qual delas a agradará, quais ombros sentirão sobre si a fera devoradora?[7]

[173] Imediatamente as opiniões se dividem sob muitos impulsos discordantes. Algumas desejam suplicar a Tebas e ao soberbo Creonte; outras querem experimentar se a clemência do povo ático lhes concederá alguma coisa. Retornar parece covardia e é a última ideia que lhes ocorre.

Então Argia concebe de súbito uma paixão por coragem maior que a feminina e, esquecida do sexo, planeja uma empresa gigantesca. Decide - expectativa cruel de perigo sem igual! - enfrentar a lei do reino ímpio, aonde nenhuma donzela da Ródope, nenhuma filha da nevada Fásis, cercada de coortes virginais, ousaria ir.[8] Em seguida, imagina um ardil para separar-se do cortejo fiel e, desprezando a própria vida, na temeridade da dor irresistível, desafiar os deuses impiedosos e o rei cruel. A devoção e o amor casto a impelem.

O próprio Polinices surge diante de seus olhos, visível em cada gesto: ora como hóspede, infeliz jovem; ora oferecendo a destra nos primeiros ritos sagrados; ora como esposo bondoso; ora com o elmo sombrio, triste em seu abraço e voltando muitas vezes o olhar desde o limiar exterior do portão. Nenhuma imagem, porém, assombra-lhe mais frequentemente o espírito do que aquela que chega, despojada das armas, ensanguentada pelo campo de batalha aônio e suplicando sepultura.

Consumida por tamanho delírio, sua alma desfalece, e ela, em puríssima paixão, corteja o túmulo. Voltando-se então para as companheiras pelásgias, diz: "Vós, convocai os exércitos áticos e as armas maratonianas,[9] e que a Fortuna favoreça vosso piedoso esforço. Permiti que eu penetre as moradas ogígias, eu, que fui a única causa desta ruína, e suporte primeiro os terrores do monarca. Não baterei inutilmente às portas da cidade. Ali estão os pais e as irmãs de meu esposo; não entrarei em Tebas como estrangeira.

Apenas não me chameis de volta. Um desejo agudo me impele e me oferece bom presságio."

[204] Sem dizer mais, escolhe apenas Menetes - outrora guardião e conselheiro de sua modéstia virginal - e, embora não conheça a região, precipita-se em marcha veloz pelo caminho de onde Ornito viera.

Quando julgou ter deixado muito para trás as companheiras de infortúnio, exclamou: "Poderia eu aguardar a decisão do lento Teseu, enquanto tu - ai, dor! - te desfazes nos campos inimigos? Consentiriam seus chefes, consentiria seu astuto adivinho numa guerra? Enquanto isso, teu corpo apodrece.

Antes disso, não entregarei meus próprios membros às aves de garras recurvas? Agora mesmo, se conservas alguma consciência no mundo das sombras, tu te queixas, esposo fiel, às divindades do Estige: dizes que sou cruel e tardia em chegar.

Ai de mim, se ainda estás nu! Ai de mim, se por acaso já foste sepultado! Em ambos os casos, o crime é meu. Não tem poder a dor? Serão um sonho a morte e o feroz Creonte? Ornito, tu me animas no caminho!" Falando assim, apressa o passo pelos campos de Mégara. Aqueles que encontra indicam-lhe a estrada, tomados de reverência diante de sua miséria.

Com semblante terrível, avança, sem se assustar com som algum, embora o pânico lhe habite o íntimo, revestida de toda a confiança do desespero absoluto; inspira mais medo do que sente. Assim, quando durante a noite o Díndimo frígio ressoa em lamentos, a enlouquecida condutora do cortejo feminino corre para as águas do Símois coberto de pinheiros - aquela a quem a própria deusa entregou a faca, escolhendo-a para o derramamento de sangue e marcando-a com a coroa cingida de lã.[10]

[228] Já o pai Titã escondera o carro flamejante nas águas hespérias, para emergir novamente de outras ondas. Ela, porém, cuja dor enganava o cansaço, não percebe que o dia terminou. Nem a escuridão crescente dos campos a amedronta; sem se deter, atravessa rochedos sem trilhas, passa por ramos ameaçados de queda e por florestas misteriosas, negras mesmo em pleno dia sem nuvens, cruza terras lavradas cortadas por valas ocultas, mergulha sem cautela em rios e passa diante de feras adormecidas e antros perigosos de monstros temíveis.

Tamanha é a força do amor e da dor! Menetes envergonha-se do passo mais lento e admira o andar de sua frágil protegida.

Que morada de feras ou de homens não ecoou seu lamento doloroso? Quantas vezes perdeu a trilha? Quantas vezes o consolo da chama companheira abandonou-lhe os passos errantes, e a escuridão fria engoliu a luz da tocha? Já as encostas do monte de Penteu[11] margeiam o caminho fatigado e se alargam em

planície, quando Menetes, quase vencido e ofegante, começa a falar: "Não muito longe, Argia, se a esperança inspirada pelos trabalhos suportados não nos engana, encontram-se, creio, as moradas ogígias e os corpos privados de sepultura. De perto vêm ondas de ar pesadamente corrompido, e grandes aves retornam pelo vazio.

É, de fato, o campo de batalha cruel; a cidade não está distante. Vês como a planície prolonga a sombra imensa das muralhas e como fogos moribundos tremulam nas torres de vigia? A cidade está próxima. Há pouco a própria noite era mais silenciosa, e apenas as estrelas rompiam a escuridão profunda."

[255] Argia estremeceu e estendeu a destra em direção às muralhas: "Ó cidade de Tebas, outrora desejada, agora morada de nossos inimigos, mas ainda assim terra amada, se me devolveres intacto o esposo morto! Vês com que vestes e acompanhada de que cortejo eu, nora do grande Édipo, me aproximo pela primeira vez de teus portões? Não trago desejo sacrílego. Estrangeira, peço apenas uma pira, um cadáver e licença para chorar.

Devolve-me, suplico, aquele que foi exilado de seu reino e vencido no combate, aquele que julgaste indigno do trono paterno! E vem também tu, peço, se os espíritos possuem alguma forma e se as almas, libertas do corpo, podem vagar. Mostra-me o caminho; conduz-me tu mesmo ao teu cadáver, se assim mereci!" Falou e, entrando no abrigo pastoril de uma cabana vizinha, reanima com o sopro o tição moribundo; em seguida, precipita-se impetuosa para a terrível planície.

Assim a desolada Ceres acendeu a tocha e, das rochas do Etna, lançou o clarão oscilante da grande chama ora sobre a Sicília, ora sobre a Ausônia, enquanto seguia os vestígios do raptor sombrio e os profundos sulcos das rodas na poeira. O próprio Encélado[12] responde a seus gritos selvagens e ilumina-lhe o caminho com fogos que irrompem. "Perséfone!", clamam bosques e rios, mares e nuvens; apenas o palácio de seu senhor estígio não chama "Perséfone".

[278] O fiel companheiro adverte a senhora desvairada a lembrar-se de Creonte e a ocultar a tocha, mantendo-a baixa e escondida.

Aquela que pouco antes era temida como rainha por todas as cidades argivas, esperança ambicionada dos pretendentes e promessa sagrada de sua raça, avança sozinha por todos os terrores da noite, sem guia e diante do inimigo, sobre obstáculos de armas e ervas escorregadias de sangue. Não treme diante da escuridão, nem das multidões de espíritos que pairam ao redor, nem dos fantasmas que choram os próprios membros. Muitas vezes pisa às cegas em espadas e armas, mas não se importa; esforça-se apenas para não calcar os mortos e julga que cada cadáver é aquele que procura. Perscruta os abatidos com olhar

penetrante, inclina-se e vira os corpos de costas, queixando-se aos astros porque não lhe oferecem luz suficiente.

[291] Por acaso, Juno, escapando do abraço de seu grande esposo, atravessava a escuridão sonolenta do céu em direção às muralhas de Teseu, para mover Palas a consentir e Atenas a oferecer acolhida benigna às suplicantes piedosas. Quando, do alto do firmamento, viu a inocente Argia exausta por vagar inutilmente pela planície, compadeceu-se. Encontrando o carro lunar, colocou-se diante dele e falou com voz serena: "Concede-me pequeno favor, ó Cíntia, se Juno pode inspirar respeito. É verdade que, obedecendo a Jove, tu, desavergonhada, prolongaste aquela noite tríplice em que nasceu Hércules - mas deixarei de lado as antigas disputas. Agora podes prestar-me um serviço.

Argia, filha de Ínaco, minha devota predileta - vês em que noite vagueia? -, já sem forças, não consegue encontrar o esposo em meio às densas trevas. Teus raios também estão fracos, velados pelo vapor. Mostra teus chifres, suplico, e aproxima tua órbita da terra mais do que de costume.

E este Sono, que inclinado para a frente governa por ti as rédeas úmidas do carro, envia-o contra as sentinelas aônias." Mal terminara de falar, quando a deusa fendeu as nuvens e revelou o grande disco. As sombras recuaram aterrorizadas, e as estrelas perderam o brilho; a própria Saturnia quase não suportou a claridade.

[312] Primeiro, pela luz que inunda a planície, Argia reconhece o manto do marido, obra meônia de suas próprias mãos, infeliz! Embora o tecido esteja oculto e a púrpura pareça lamentar estar embebida em sangue.[32] Enquanto invoca os deuses e pensa que isso é tudo o que resta do corpo amado, avista o próprio Polinices, quase pisoteado contra o pó.

O ânimo lhe desfalece; a visão e a fala a abandonam, e a dor reprime-lhe as lágrimas. Então cai prostrada sobre o rosto do morto, procura com beijos a alma que partiu e, espremendo o sangue dos cabelos e das vestes, recolhe-o para guardá-lo.[13] Por fim, quando a voz retorna, exclama: "Meu esposo, é este aquele que outrora marchou como comandante da guerra para o reino que lhe era devido? É o genro do poderoso Adrasto que agora contemplo? É assim que venho ao encontro de teu triunfo? Ergue para mim o rosto e os olhos sem luz. Argia chegou à tua Tebas; conduz-me, pois, à tua cidade, mostra-me os palácios de teu pai e recebe-me agora como hóspede.

Ai de mim, que faço? Jazes sobre a terra nua, e isto é tudo o que possuis da pátria. Que significavam aquelas disputas? Certamente teu irmão já não governa aqui.

Não comoveste ninguém dos teus? Onde está tua mãe? Onde está a célebre Antígona? Na verdade, é por mim que jazes morto; somente por mim sofreste a derrota! Perguntei-te: para onde marchas? Por que reclamas o cetro que te negaram? Tens Argos e reinarás no palácio de meu pai; longas honras te aguardam, e um poder indiviso. Mas por que me queixo? Eu mesma te dei a guerra e, com meus próprios lábios, pedi-a a meu pai aflito - para agora poder estreitar-te assim em meus braços.

Mas está bem, ó deuses; agradeço-te, Fortuna. Cumpriu-se a esperança distante de minha jornada: encontrei inteiro o seu corpo.

Ah, que ferida profunda e escancarada! Foi obra de teu irmão? Onde jaz, suplico, aquele ladrão infame? Eu superaria as aves, se pudesse aproximar-me dele, e afastaria as feras! Terá também o criminoso recebido fogo? Quanto a ti, tua terra não te verá privado das chamas. Arderás, e lágrimas proibidas de chorar reis cairão sobre ti; meu amor desolado sobreviverá e cuidará para sempre de teu sepulcro. Teu filho será testemunha de minha dor; um pequeno Polinices guardará para mim teu leito."

[349] Eis que, com outra tocha e outros sons de lamento, a infeliz Antígona se aproximava do morto, tendo mal conseguido a fuga que desejava da cidade. Guardas a vigiam sem cessar, e o próprio rei ordena que seja mantida presa; os turnos de vigilância são mais curtos, e as fogueiras se acendem com maior frequência.[14] Por isso pede desculpas aos deuses e ao irmão pela demora e, enlouquecida, assim que as ásperas sentinelas relaxaram um pouco a atenção, irrompeu para fora das muralhas. Com grito semelhante, a jovem leoa aterroriza o campo, quando sua fúria enfim é libertada e, pela primeira vez, a mãe não participa de sua raiva.

Não se demora, pois conhece a planície cruel e o lugar onde o irmão jaz no pó. Menetes, parado sem nada fazer, percebe que ela se aproxima e silencia os gemidos de sua querida protegida. Quando o último soluço chegou aos ouvidos erguidos da jovem[15], e quando ela viu, pelos raios dos astros e pela luz das duas tochas, as vestes de luto, os cabelos desgrenhados e o rosto todo manchado de sangue coagulado, gritou: "Que corpo procuras nesta noite que é minha? Quem és, mulher audaciosa?"

[367] A outra não respondeu por longo tempo, mas lançou a veste sobre o rosto do esposo e também sobre o próprio, dominada por medo súbito e por algum tempo esquecida da dor. Antígona, censurando o silêncio suspeito, insiste com maior força e exorta a desconhecida e a si mesma; mas ambas permanecem perdidas em completo silêncio.

Por fim, Argia descobriu o rosto e falou, ainda abraçada ao cadáver: "Se vens procurar comigo alguma coisa neste sangue envelhecido da batalha, se também temes as severas ordens de Creonte, posso revelar-me a ti sem receio.

Se és infeliz - e certamente vejo lágrimas e sinais de dor -, vem unir-te a mim em amizade. Sou da linhagem real de Adrasto - ai, haverá alguém por perto? - e estou junto à pira de meu amado Polinices, embora os reinos o proíbam..." A donzela cadmeia estremeceu de espanto, interrompendo-a: "É de mim, então, que tens medo? Como é cego o acaso! De mim, companheira de tua dor? São meus os membros que abraças, meu o cadáver que choras.

Toma-o: ele é teu! Ah, vergonha! Ah, covarde devoção de uma irmã! Ela chegou antes de mim!"

[385] Lado a lado caem e, abraçando juntas o mesmo corpo, misturam avidamente lágrimas e cabelos. Dividem entre si os membros e depois retornam, num lamento unido, ao rosto, saciando-se alternadamente sobre o peito amado.

Enquanto uma recorda o irmão e a outra o esposo, e cada qual narra à outra a história de Argos e de Tebas, Argia, em discurso mais longo, traz à memória sua própria dor: "Pela sagrada comunhão deste pranto furtivo, por nosso morto comum e pelos astros testemunhas, eu te juro: não foi a coroa perdida, nem a terra natal, nem o peito da querida mãe que ele desejou durante o exílio errante, mas somente a ti. De ti, Antígona, falava noite e dia; eu era cuidado menor, facilmente abandonado.

Talvez, antes do feito horrendo, do alto de uma torre tu o tenhas visto erguido, oferecendo estandartes às tropas gregas; e talvez ele tenha olhado para ti desde a própria linha de batalha e te saudado com a espada e com a crista ondulante do elmo. Eu, porém, estava longe.

Que deus os impeliu ao extremo da ira? Nada puderam tuas súplicas? O outro recusou teus próprios pedidos?" Antígona começara a expor as causas e a crueldade do destino, mas o companheiro fiel as advertiu: "Terminai antes a tarefa! Já as estrelas empalidecem e fogem diante do dia que se aproxima. Completai o esforço; haverá tempo para lágrimas. Acendei o fogo e depois chorai quanto quiserdes."

[409] Não muito distante, um rumor denunciava o leito do Ismeno, que ainda corria turvo e profanado pelo sangue. Para lá, com esforço conjunto, levam debilmente os membros mutilados, enquanto o companheiro, tão fraco quanto elas, acrescenta os braços aos seus.

Assim as irmãs de Faetonte lavaram no Pó aquecido o filho fumegante de Hipérion. Mal foi sepultado, e um bosque choroso ergueu-se à margem do rio.[16] Depois que a imundície foi purificada na corrente e o corpo tornou a ficar belo

na morte, as infelizes mulheres, após os últimos beijos, procuraram fogo. Mas as cinzas nos fossos em ruína estavam mortas e frias, e todas as piras permaneciam silenciosas.

Restava ainda uma única fogueira funerária, destinada, por acaso ou por vontade do céu, a queimar os membros do feroz Etéocles - fosse porque a Fortuna oferecia outra ocasião para prodígios, fosse porque a Fúria reservara as chamas para uma luta mútua.

Ambas viram, ávidas, um brilho fraco ainda vivo entre as madeiras enegrecidas e choraram juntas de alegria. Ainda não sabiam de quem era a pira, mas suplicaram, quem quer que fosse, que o morto lhes fosse favorável e recebesse benignamente um companheiro em suas últimas cinzas, unindo as sombras.

[429] Contemplai novamente os irmãos: assim que o fogo devorador tocou o corpo, a pira tremeu e ergueu-se com duas cabeças, cada uma lançando línguas de luz cintilante. Como se o pálido Orco houvesse posto em conflito as tochas das Eumênides, cada massa de fogo ameaça a outra e luta para elevar-se mais; as próprias madeiras, apesar de todo o peso, movem-se e abrem espaço entre si.[41] A donzela grita de terror: "Estamos perdidas! Nós mesmas despertamos sua ira depois da morte.

Era a pira do irmão. Quem mais seria tão cruel a ponto de rejeitar a aproximação de uma sombra estrangeira? Eis que reconheço o escudo partido e o cinturão queimado da espada. Sim, era seu irmão! Vês como a chama recua e, contudo, investe para o combate? Vivo, sim, vivo está aquele ódio ímpio. A guerra foi inútil: enquanto disputais assim, infelizes, Creonte afinal venceu! O reino desapareceu; por que ainda tamanho furor? Por quem vos enfureceis? Abrandai a cólera.

E tu, exilado em toda parte, sempre privado da justiça, cede enfim. Esta é a súplica de tua esposa e de tua irmã; do contrário, nós mesmas saltaremos no fogo feroz para vos separar."

[447] Mal terminara, quando um tremor súbito abalou a planície e os altos telhados e aumentou a fenda da pira discordante. As sentinelas, cujo próprio sono formava imagens de sofrimento, despertaram sobressaltadas. Imediatamente os soldados saem correndo e, formando um círculo de armas, vasculham toda a região.

Quando se aproximam, apenas o velho sente medo. As mulheres, porém, diante da pira, confessam abertamente ter desprezado a ordem do feroz Creonte e, com grande clamor, admitem o feito secreto, indiferentes, pois veem que todo o corpo já foi consumido.

Ambicionam uma destruição cruel, e uma esperança altiva de morte lhes arde no peito. Disputam entre si qual roubou os membros: uma, do esposo; outra, do parente; e demonstram alternadamente a própria culpa: "Eu trouxe o corpo." "Mas fui eu que trouxe o fogo." "A mim conduziu a devoção." "A mim, o amor." Alegram-se ao pedir castigo cruel e estendem voluntariamente os braços para as correntes.

Desapareceu o respeito que há pouco marcava as palavras de cada uma. Poder-se-ia julgar que falam por ira e ódio, tamanha a força dos gritos discordantes de ambos os lados. Elas próprias arrastam os captores diante do rei.

[464] Muito longe dali, Juno conduz as desvairadas mulheres de Foroneu - ela própria não menos desvairada - às muralhas de Atenas. Tendo enfim conquistado o favor de Palas, segue à frente no caminho. Torna o cortejo das enlutadas agradável aos olhos do povo e inspira reverência por suas lágrimas. Com a própria mão, entrega-lhes ramos de oliveira e faixas de suplicantes, ensina-as a ocultar o rosto nas vestes e a carregar diante de si urnas vazias, privadas dos mortos.

Uma multidão de todas as idades irrompe das casas de Erecteu e enche os telhados e as ruas. De onde vem este enxame? De onde tantas mulheres enlutadas ao mesmo tempo? Ainda não conhecem a causa da aflição, e já choram. A deusa mistura-se aos dois grupos e lhes conta tudo: de que raça descendem, que mortes lamentam e o que pedem. Elas próprias, em conversas diversas, levantam por toda parte grande clamor contra as leis ogígias e contra o desumano Creonte.

Não é mais prolongado o lamento das aves géticas[17] sobre telhados estrangeiros, em fala mutilada, quando denunciam a traição do leito nupcial e o crime cruel de Tereu.

[481] Havia no centro da cidade um altar que não pertencia a nenhuma divindade poderosa. Ali tinha sede a branda Clemência, e os infelizes tornaram sagrado o lugar.[37] Nunca lhe faltava um novo suplicante; ela não condenava ninguém nem recusava preces. Todos os que pediam eram ouvidos; noite e dia era permitido aproximar-se e comover o coração da deusa apenas com queixas.

Não recebe ritos dispendiosos. Não aceita chamas de incenso nem sangue jorrando profundamente. Lágrimas correm sobre o altar; como oferendas tristes, pendem cabelos cortados e vestes deixadas quando a Fortuna mudou. Ao redor há um bosque de árvores benignas, marcado pelo culto venerável: louros entrelaçados de lã e oliveiras dos suplicantes. Não existe estátua; a forma divina não foi confiada a metal algum. A deusa prefere habitar nos corações e nas mentes.

Os aflitos permanecem sempre junto dela; o recinto está continuamente cheio dos necessitados. Apenas aos prósperos seu santuário é desconhecido.

A Fama diz que os filhos de Hércules, salvos em batalha depois da morte do pai divino, ergueram o altar. Mas a Fama fica aquém da verdade. É justo crer que os próprios seres celestes, para os quais Atenas sempre foi terra acolhedora, assim como outrora lhe deram leis, um homem novo, ritos sagrados e as sementes que ali desceram sobre a terra vazia,[18] também consagraram nesse lugar um refúgio comum para almas errantes. Dali deveriam permanecer distantes a ira e as ameaças dos monarcas, e a Fortuna deveria afastar-se de um santuário de justiça.

Já inúmeros povos conheciam aqueles altares. Para lá acorriam os vencidos na guerra, os expulsos da pátria, reis que perderam o reino e homens culpados de crimes graves, todos em busca de paz. Mais tarde, essa morada de bondade dominou a ira de Édipo, acolheu o assassínio de Olinto[38] e defendeu o infeliz Orestes contra a mãe. Guiado pelo povo, o cortejo aflito de Lerna chega ao lugar, e a multidão dos suplicantes anteriores abre-lhe espaço.

Mal chegaram, e os sofrimentos se acalmaram e os corações encontraram repouso. Assim, grous perseguidos sobre o mar pelo Bóreas de sua terra, quando avistam Faros, espalham-se em fileira mais compacta pelo céu e levantam um clamor alegre. Sob o firmamento sereno, regozijam-se por desprezar as neves e libertar-se do domínio do inverno junto às margens do Nilo.

[519] Já Teseu se aproximava da pátria no carro coroado de louros, depois da batalha feroz contra o povo cita. Sua chegada era anunciada por aplausos jubilosos, pelo grito do povo lançado ao céu e pela trombeta alegre de uma guerra terminada.

À frente do chefe são carregados os despojos e os carros das virgens[19], que recordam o sombrio deus da guerra; seguem veículos empilhados de penachos, cavalos abatidos e machados partidos, com os quais o inimigo costumava fender os bosques e o Meótis congelado. Levam também leves aljavas, talabartes flamejantes de pedras preciosas e escudos manchados pelo sangue das guerreiras. Elas próprias, ainda sem medo, não admitem pensamento de fraqueza feminina; recusam-se a suplicar ou emitir lamentos servis e procuram apenas o templo da virgem Minerva.

A primeira paixão do povo é contemplar o vencedor, levado por quatro cavalos brancos como a neve. Hipólita também atrai todos os olhares, agora amistosa no semblante e paciente com o vínculo conjugal. Em murmúrios abafados e olhares oblíquos, as mulheres áticas admiram que ela tenha rompido as austeras leis da pátria, que seus cabelos estejam arrumados, que todo o peito permaneça oculto sob a veste e que, embora bárbara, se misture à poderosa Atenas e venha dar um filho ao senhor que foi seu inimigo.

[540] As dolorosas filhas de Pélops afastaram-se por um pequeno espaço dos altares onde estavam sentadas, admirando o triunfo e o cortejo de despojos. Seus próprios esposos vencidos voltaram a ocupar-lhes o pensamento.

Quando o vencedor deteve os carros e, do alto do veículo soberbo, perguntou que causas as haviam trazido e, com atenção benigna, ordenou que expusessem o pedido, a esposa de Capaneu[39] ousou falar antes das demais: "Guerreiro filho de Egeu, para quem a Fortuna abre, graças à nossa ruína, vastos campos de glória inesperada, não somos estrangeiras por raça nem culpadas de crime hediondo. Nossa pátria era Argos; nossos esposos, príncipes - antes não tivessem sido também valentes! Que necessidade houve de levantar um exército de sete chefes e punir a cidade de Agenor? Não nos queixamos de terem morrido; mas os que tombaram em combate não eram monstros surgidos dos antros sicilianos nem criaturas biformes do Ossa.[20]

Não falo de sua raça nem de seus pais famosos. Eram homens, ilustre Teseu, filhos de homens, nascidos sob os mesmos astros, sujeitos à mesma condição humana, ao mesmo alimento e à mesma bebida que vós. Creonte, porém, nega-lhes o fogo e, como o pai das Fúrias ou o barqueiro do rio do Letes, impede-lhes a porta estígia e os conserva pairando, incertos, entre o céu e o inferno.

Ai, Natureza soberana! Onde estão os deuses? Onde está o lançador do raio que pune a injustiça? Onde estás, Atenas? Já a sétima aurora, com os cavalos assustados, recua diante de seus cadáveres. O polo estrelado estremece com todos os brilhos e retira os raios. Já as próprias aves e as feras errantes abominam a carniça horrenda e o campo de batalha, que exala corrupção e contamina pesadamente os ventos e o ar.

Que resta ainda? Que ele me permita ao menos recolher ossos nus e sangue apodrecido! Apressai-vos, dignos filhos de Cécrope! Tal vingança vos convém, antes que os emátios e os trácios sofram, e todo povo humano que deseja arder em piras e receber os últimos ritos da morte. Que limite será imposto à sua fúria? Fizemos guerra, reconheço; mas o ódio se abranda, e a morte encerrou a cólera sombria.

Tu também - pois assim nos ensinou a Fama acerca de teus nobres feitos - não entregaste Sinis e o indizível Cercíon a monstros cruéis e consentiste que o feroz Círon fosse queimado. Creio ainda que o Tânais fumegou com as piras das amazonas, de onde trouxeste este exército. Julga, portanto, este triunfo também digno de ti. Consagra uma façanha igualmente à terra, ao céu e ao inferno, se libertaste tua Maratona natal do medo e os palácios de Creta, e se a velha que te recebeu[21] não derramou lágrimas em vão.

Assim, que Palas nunca falte a teus combates; que o Tiríntio divino não inveje feitos iguais aos seus; que tua mãe sempre te contemple triunfante no carro; que Atenas não conheça derrota e jamais tenha de pronunciar uma prece como a minha!"

[587] Falou. Todas, com as mãos estendidas, repetem ruidosamente suas palavras. O herói netúnio[22] enrubesceu, profundamente comovido pelas lágrimas; logo, inflamado por ira justa, exclamou: "Que Fúria inspirou esta conduta estranha, indigna de um rei? Não era assim o espírito dos gregos quando parti em direção à Cítia e às neves do Ponto. De onde veio esta nova loucura? Pensaste que Teseu estava vencido, cruel Creonte? Estou perto. Não me julgues cansado de sangue; ainda agora minha lança tem sede de morte justa.

Não permitirei demora. Volta imediatamente teu cavalo veloz, fidelíssimo Fegeu;[40] corre às torres tírias e proclama: ou os dânaos serão queimados, ou Tebas lutará." Assim fala, esquecido dos trabalhos da guerra e da marcha. Encoraja os homens e inspira novamente suas forças exaustas. Assim, quando um touro recuperou há pouco as fêmeas e a pastagem e cessou o combate, se por acaso outra clareira ressoa com o mugido de um rival, embora pescoço e peito ainda destilem chuva de sangue, prepara-se outra vez para a luta; escavando o chão, esconde o gemido e cobre de poeira as feridas.

A própria Tritônia golpeou no escudo o terror líbio,[23] a Medusa que lhe guarda o peito. Imediatamente todas as serpentes se ergueram juntas e, em massa, voltaram os olhos para Tebas. Os guerreiros áticos ainda não tinham iniciado a marcha, e a infeliz Dirce já tremia ao som das trombetas.

[611] Não se inflamaram para a guerra apenas os que regressavam da vitória caucásia. Toda a região despertou seus filhos inexperientes para o combate. Reúnem-se e, por vontade própria, seguem o estandarte do príncipe: homens que não poupam a fria Bráuron, os campos de Muníquia, o Pireu, solo firme para marinheiros assustados, e Maratona, ainda não famosa pelo triunfo oriental.

As casas de Icário e de Céleo, que receberam os deuses nativos,[24] enviam tropas à batalha; também a verde Melene, o Egaleu rico em bosques, o Parnes amigo das vinhas e o Licabeto, ainda mais rico na oliveira sumarenta.

Chega o violento Aleu e o lavrador do perfumado Himeto; também tu, Acarnas, que vestiste de hera as varas nuas.[25] Fica para trás o Súnio, avistado de longe pelas proas orientais, de onde Egeu caiu,[26] enganado pelas velas mentirosas da embarcação cretense, e deu nome ao mar errante.

Uns são enviados de Salamina; outros, de Eleusis, cidade de Ceres, deixam os arados suspensos e marcham para a luta terrível; vêm ainda aqueles que Calírroe envolve em suas nove correntes errantes e os do Ilisso, que, cúmplice do rapto de

Oritia, ocultou sob as margens o amante trácio.[27] Também se esvazia para a guerra o monte onde os deuses disputaram poderosamente, até que uma árvore nova se ergueu das rochas indecisas e lançou longa sombra sobre o mar que recuava.[28] Hipólita também teria conduzido suas tropas do Norte às muralhas cadmeias; mas a esperança já segura do ventre que cresce a retém, e o esposo lhe suplica que abandone os pensamentos de combate e consagre, no quarto nupcial, a aljava gasta pela guerra.[29]

[639] Quando o chefe percebe os homens em disposição guerreira, ardendo sob o aço jubiloso, e vê como dão beijos apressados e breves abraços aos filhos queridos, fala do alto do carro: "Soldados, que comigo defendereis as leis das nações e os pactos do céu, assumi coragem digna de nossa empresa! Conosco, é evidente, está o favor de todos os deuses e homens; conduzem-nos a Natureza e as multidões silenciosas do Averno. Contra eles estão as tropas das Fúrias, que Tebas reuniu, e as Irmãs de cabelos de serpente levantam seus estandartes.

Avançai com espírito guerreiro e confiai, suplico, numa causa tão nobre!" Falou e, lançando a lança, precipitou-se pela estrada. Assim, quando Júpiter pousa os passos cobertos de nuvens sobre o polo hiperbóreo e faz as estrelas tremerem diante da chegada do inverno, Eólia[30] é rasgada, e a tempestade, indignada com a longa inatividade, recupera a coragem, enquanto o Norte assobia com o furacão. Rugem então montanhas e ondas; nuvens combatem na escuridão cega; trovões e relâmpagos enlouquecidos exultam.

[656] A terra golpeada geme; os cascos pesados transformam a aparência das planícies verdes, e os campos esmagados expiram sob incontáveis tropas de cavalaria e infantaria. O brilho das armas não se perde na poeira espessa; lampeja muito alto no ar, e as lanças ardem entre as nuvens.

Acrescentam também a noite e as sombras tranquilas ao esforço. Os guerreiros disputam vigorosamente quem poderá acelerar a marcha do exército, quem anunciará primeiro, do alto de uma colina, a visão de Tebas, que lança será a primeira a permanecer fincada na fortificação ogígia.

De longe, porém, Teseu, filho de Netuno, avulta sobre as fileiras com o enorme escudo. No centro carrega as cem cidades e as cem muralhas de Creta, prelúdio da própria glória;[31] e a si mesmo, nos meandros da caverna monstruosa, torcendo o pescoço peludo do touro que se debate, prendendo-o com os braços fortes e com o aperto das duas mãos, enquanto recua a cabeça para evitar os chifres.

Os povos se aterrorizam quando ele marcha para a batalha sob a proteção daquela imagem sombria, contemplando Teseu em forma dupla e suas mãos duas vezes banhadas em sangue. Ele próprio recorda os antigos feitos, o grupo de

companheiros, a entrada antes temida e o rosto pálido da jovem de Cnossos enquanto acompanhava o fio.

[677] Enquanto isso, o implacável Creonte conduz à morte Antígona e a filha viúva de Adrasto, com as mãos amarradas atrás das costas. Ambas estão alegres e altivamente desejosas de morrer; estendem o pescoço às espadas e enfrentam o rei cruel, quando de súbito surge Fegeu, portando a mensagem de Teseu.

Traz pacificamente o ramo inocente da oliveira, mas sua intenção é a guerra, e ele ameaça guerra em voz alta e irada. Lembrando com exatidão as ordens do senhor, repete que o próprio Teseu logo estará perto, logo cobrirá a região ao passar com todas as coortes. O tebano hesita entre cuidados tumultuosos; sua ira vacila, e o primeiro furor esfria.

Depois, endurecendo o coração, com sorriso falso e sombrio, responde: "Então demos prova muito pequena da ruína de Micenas? Eis que chegam outros para atormentar nossas muralhas! Que venham! Aceitamos o desafio! Mas não se lamentem quando forem vencidos: uma só lei aguarda os derrotados." Fala, mas vê a luz do dia desaparecer na poeira crescente e os contornos agudos dos montes tírios se apagarem. Ainda assim, pálido de ansiedade, ordena ao povo que se arme e marche à guerra; e de súbito contempla, no salão do palácio, as Fúrias, Meneceu chorando e os pelásgios exultantes sobre as piras.

Ai, dia fatal, em que a paz alcançada por Tebas a tamanho preço de sangue se perde novamente! Arrancam as armas há pouco penduradas nos templos da pátria; cobrem o corpo com escudos perfurados, vestem elmos mutilados e tomam lanças cobertas de sangue coagulado. Ninguém se alegra com a aljava ou a espada; ninguém avança glorioso sobre o cavalo. Não há confiança na paliçada; as muralhas estão abertas por toda parte, os portões clamam por defesa, o inimigo anterior ainda os ocupa; as ameias desapareceram, Capaneu as derrubou. Sem vigor e desfalecidos, os guerreiros já não dão os últimos beijos às esposas e aos filhos, nem os pais atônitos pronunciam prece alguma.

[709] Enquanto isso, o chefe ático, vendo os raios romperem as nuvens com esplendor crescente e o sol cintilar primeiro sobre as armas, desce para a planície onde, junto às muralhas, os mortos ainda jazem sem sepultura. Respirando sob o elmo empoeirado os vapores terríveis do ar contaminado, geme e se inflama de ira justa para a guerra.

Ao menos esta honra o chefe tebano prestou aos infelizes dânaos: não reuniu os exércitos numa segunda batalha sobre os próprios corpos dos mortos. Ou será que, para sua paixão ímpia não perder nada da carnificina mutilada,[33] escolhe um campo virgem para beber novos rios de sangue? Já Belona convoca os exércitos ao combate mútuo de maneira muito desigual. Aqui somente se ouve o grito de guerra, aqui somente a trombeta; ali estão guerreiros frágeis, com

espadas caídas e inúteis e fundas frouxas. Recuam e, afastando as armaduras, revelam antigas feridas ainda sangrando.

Já até os chefes cecrópidas perderam o ardor pela luta; a cólera enfraquece e a coragem confiante arde menos intensamente. Assim diminui a ira dos ventos quando floresta alguma se opõe às rajadas furiosas, e as ondas enfurecidas se calam onde não existe margem.

[730] Mas quando Teseu, nascido do mar, ergueu a lança de carvalho maratoniana, cuja sombra cruel, ao ser levantada, caiu sobre o inimigo, e a ponta lampejou de longe por todo o campo - como se o pai Mavorte conduzisse o carro edônio desde o cume do Hemo, com a Morte e o Pânico montados sobre o eixo veloz -, então um medo pálido impele os filhos de Agenor numa fuga aterrorizada. Teseu, porém, despreza combater os fugitivos; sua destra rejeita vítimas fáceis.

O restante do exército valente sacia a raiva numa matança comum. Assim cães e lobos covardes se alegram com a presa que se encolhe a seus pés, enquanto a ira é a força dos grandes leões. Ainda assim, Teseu mata Olênio e Lâmire, um quando retirava flechas da aljava, outro quando erguia uma pedra enorme, e os filhos de Alceto, confiantes na força tríplice, que ele atravessa de longe com igual número de lanças.

Fileu recebeu a ponta no peito; Helopo mordeu o ferro com os dentes; o projétil atravessou o ombro de Jápix. Depois avança contra Hemão, elevado no carro de quatro cavalos, e gira no braço o dardo terrível. O outro desviou os animais assustados, mas a lança, arremessada de longe, alcançou-os; perfurou dois e ainda teve sede de uma terceira ferida, mas a ponta foi detida pelo timão interposto.

[752] Apenas Creonte é o objeto de suas esperanças e preces. Somente a ele desafia terrivelmente entre todas as tropas do campo. Percebe-o de longe na primeira linha, exortando os homens e pronunciando em vão ameaças desesperadas.

Os companheiros de Creonte fogem; os de Teseu, porém, afastam-se a seu comando, confiantes nos deuses e na coragem do chefe. Creonte tenta deter os homens e chamá-los de volta, mas, vendo-se igualmente odiado por ambos os lados, arma-se para a última explosão de ira, inspirado agora pelo delírio da morte e encorajado pela destruição inevitável: "Não combates aqui contra jovens de escudo,[34] nem nossas mãos são de donzelas, fica certo. Aqui está o severo combate de homens que enviaram à morte o grande Tideo e o furioso Hipomedonte e precipitaram às sombras a massa gigantesca de Capaneu.

Que loucura impetuosa te conduziu à batalha, insensato? Não vês os cadáveres daqueles que desejas vingar?" Assim falou e lançou inutilmente o projétil contra a borda do escudo.

[768] O terrível filho de Egeu riu igualmente das palavras e do feito. Equilibrando a lança revestida de ferro para um golpe poderoso, primeiro clamou, soberbo, em voz semelhante ao trovão: "Sombras argivas, a quem ofereço esta vítima, abri amplamente o vazio do Tártaro; trazei as Fúrias vingadoras. Eis que Creonte chega!" Falou, e a lança vibrante rasgou o ar. Caiu onde finas correntes, tecidas com ferro, se unem para formar a couraça de muitas camadas; por mil malhas o sangue maldito jorrou para o alto. Creonte caiu com os olhos abertos no último espasmo da morte.

Teseu permanece sobre ele em ira severa e, arrancando-lhe as armas, declara: "Agrada-te agora conceder aos inimigos mortos o fogo que lhes é devido? Queres agora sepultar os vencidos? Vai prestar tua terrível conta; mas fica certo de que tu mesmo receberás sepultura."

[782] De ambos os lados, os estandartes se aproximam e se misturam num tumulto amistoso. No próprio campo de guerra firma-se um tratado, e Teseu já é hóspede bem-vindo. Suplicam-lhe que se aproxime das muralhas e julgue suas casas dignas de sua presença. O vencedor não despreza pisar as moradas dos inimigos. As mulheres e donzelas ogígias alegram-se: assim o Ganges, vencido pelo tirso guerreiro,[42] já embriagado aplaudiu os cortejos femininos.

Eis que, nas alturas sombreadas de Dirce, um grito de mulheres sacode a abóbada, e as matronas pelásgias descem correndo. Parecem Tíades enlouquecidas, convocadas para as guerras de Baco, como se exigissem ou já tivessem realizado algum feito horrendo. O lamento é de alegria; novas lágrimas jorram. Correm ora para cá, ora para lá, sem saber se devem procurar primeiro o magnânimo Teseu, Creonte ou seus próprios parentes. A dor viúva conduz-as aos mortos.

[797] Eu não poderia, ainda que algum deus concedesse ao meu coração cem vozes, narrar em versos dignos funeral tão vasto de chefes e homens comuns, tantos lamentos reunidos: como a intrépida Evadne, com salto impetuoso, saciou-se das chamas amadas e procurou o raio naquele peito gigantesco; como a infeliz esposa de Tideo, deitada sobre ele e cobrindo de beijos sua forma terrível, tentou desculpar o crime do marido; como Argia contou à irmã a história das sentinelas cruéis; com que lamento a mãe erimântia chorou o árcade, o árcade que conserva a beleza embora todo o sangue tenha sido derramado, o árcade por quem ambos os exércitos choraram.

Nem nova inspiração nem a presença de Apolo bastariam para sustentar a tarefa. Minha pequena embarcação navegou para longe e merece o porto.

[810] Resistirás ao tempo futuro, ó minha Tebaida, objeto de doze anos de trabalho vigilante? Sobreviverás ao teu autor e serás lida? Na verdade, a Fama presente já te abriu caminho favorável e começou, embora ainda jovem, a elevar-te às eras vindouras. Já o magnânimo César se digna conhecer-te, e a juventude da Itália aprende e recita avidamente teus versos. Vive, eu te suplico! Não rivalizes com a divina Eneida; segue-a de longe e venera sempre suas pegadas.[43]

Em breve, se alguma inveja ainda te obscurece, ela desaparecerá; e, depois que eu partir, as honras que conquistaste serão enfim devidamente pagas.

NOTAS AO LIVRO XII

1. Titônia é Aurora, deusa da aurora e esposa de Titono. O epíteto marca a transição da noite para o dia que abre o canto final.

2. As "aves idálias" são pombas, consagradas a Vênus, cujo principal centro de culto cipriota ficava em Idálio.

3. Eleusis é personificada como centro do culto de Deméter ou Ceres, que lamentava o rapto de Perséfone. Os "fogos místicos" aludem aos Mistérios Eleusinos.

4. Saturnia é Juno, filha de Saturno. A deusa protege as mulheres argivas e conduz secretamente seu cortejo.

5. Busíris, rei do Egito, sacrificava estrangeiros; os cavalos do trácio Diomedes devoravam homens; as divindades sicilianas são provavelmente as Sereias, que atraíam e matavam navegantes.

6. A vitória nas margens do Termodonte é a campanha de Teseu contra as amazonas, povo guerreiro associado ao rio da Ásia Menor.

7. O latim substantiva a fome da tigresa, como se a própria voracidade fosse uma fera pousada sobre as vítimas.

8. A "donzela da Ródope" é uma amazona; a "filha da nevada Fásis" é Medeia. Argia ousa uma empresa que nem as mais temíveis mulheres da tradição empreenderiam.

9. Maratona representa a Ática e as forças de Teseu. O herói teria matado o touro de Maratona antes de partir para Creta.

10. A comparação evoca as sacerdotisas de Cibele, que em êxtase ritual se feriam com facas e portavam coroas ou faixas de lã.

11. O "monte de Penteu" é o Citerão, cenário da morte de Penteu e de numerosos episódios do ciclo tebano.

12. Encélado é um dos Gigantes soterrados sob o Etna. Suas convulsões explicavam miticamente o fogo e os tremores do vulcão.

13. Como a alma está ausente do corpo, Argia recolhe o sangue do marido como relíquia material do morto.

14. Creonte reduz os intervalos dos turnos de guarda e manda alimentar com maior frequência as fogueiras de vigilância para impedir o sepultamento.

15. A "jovem" cujos ouvidos captam o soluço é Antígona.

16. As irmãs de Faetonte, as Helíades, foram transformadas em álamos enquanto choravam o irmão às margens do rio Pó; suas lágrimas tornaram-se âmbar.

17. As "aves géticas" são rouxinóis. O mito refere-se a Procne e Filomela: Tereu violentou Filomela e cortou-lhe a língua; as irmãs foram depois transformadas em aves.

18. O trecho reúne tradições civilizadoras de Atenas: Triptolemo, instruído por Deméter, divulgou a agricultura e instituiu ritos; a cidade também se apresentava como refúgio dos perseguidos.

19. São os carros das amazonas vencidas. O Meótis é o mar de Azov, associado no imaginário antigo às terras setentrionais e citas.

20. As criaturas "biformes do Ossa" são centauros; os monstros sicilianos podem evocar gigantes ou ciclopes. Evadne insiste na humanidade dos mortos argivos.

21. A velha é Hécale, que recebeu Teseu quando ele partiu para matar o touro de Maratona e a quem o herói prometeu honras.

22. Segundo uma tradição, Teseu era filho de Netuno, embora oficialmente fosse considerado filho de Egeu.

23. O "terror líbio" é a cabeça de Medusa, fixada na égide de Atena. As Górgonas eram situadas na Líbia por parte da tradição antiga.

24. Icário recebeu Baco e difundiu a vinha; Céleo recebeu Deméter em Eleusis. Por isso suas casas "hospedaram os deuses nativos".

25. Acarnas, povoado ático, era célebre pela hera usada para enfeitar os tirsos dos cortejos báquicos.

26. Egeu lançou-se do promontório de Súnio ao ver no navio de Teseu as velas negras que indicariam sua morte; o mar Egeu recebeu dele o nome.

27. Bóreas, o vento norte trácio, raptou Oritia junto ao Ilisso. O rio é chamado cúmplice porque ocultou o encontro sob suas margens.

28. A colina é a Acrópole. Atena e Posêidon disputaram a posse da Ática; venceu Atena ao fazer nascer a oliveira, enquanto o mar de Posêidon recuava.

29. Guerreiros dispensados costumavam consagrar as armas nos templos. Teseu pede que Hipólita abandone a vida militar e dedique a aljava no quarto nupcial.

30. Eólia é a morada de Éolo e dos ventos. Ao abrir-se, liberta a tempestade que serve de comparação à marcha ateniense.

31. O escudo mostra o labirinto de Creta e a morte do Minotauro, façanha que foi prelúdio da fama posterior de Teseu.

32. "Arte meônia" significa arte lídia. A Lídia ou Meônia era famosa pelos tecidos; Argia havia tecido pessoalmente o manto de Polinices.

33. Creonte escolhe um campo ainda não coberto de cadáveres para que a nova batalha produza carnificina adicional.

34. As "jovens de escudo" são as amazonas recém-vencidas por Teseu. Creonte contrapõe a guerra tebana, entre homens, à campanha anterior do herói.

35. Hércules, chamado Tiríntio, morreu sobre uma pira no monte Eta e foi recebido entre os deuses. A comparação engrandece o sacrifício voluntário de Meneceu.

36. Iris preserva miraculosamente os cadáveres com ambrosia para que Argia, Antígona e as mulheres argivas ainda possam reconhecê-los e sepultá-los.

37. O altar da Clemência representa a fama de Atenas como cidade protetora de suplicantes. Estácio ressalta que a deusa não possui estátua: habita a consciência humana.

38. Olinto é personagem obscuro, não identificado com segurança pelas fontes conservadas. Estácio o inclui entre os perseguidos acolhidos em Atenas.

39. A oradora é Evadne, esposa de Capaneu. Sua súplica fundamenta o desfecho do poema na lei natural, na piedade e no direito universal à sepultura.

40. Fegeu é o mensageiro enviado por Teseu a Creonte. O ramo de oliveira anuncia uma embaixada formal, embora a mensagem contenha ameaça de guerra.

41. A divisão sobrenatural da chama exprime a sobrevivência do ódio entre Etéocles e Polinices depois da morte, motivo famoso também na tradição trágica.

42. O "tirso guerreiro" alude às conquistas orientais de Baco, que a tradição fazia chegar até a Índia e o rio Ganges.

43. No epílogo, Estácio dirige-se à própria Tebaida, recorda os doze anos de composição e lhe recomenda não competir com a Eneida, mas seguir reverentemente suas pegadas.